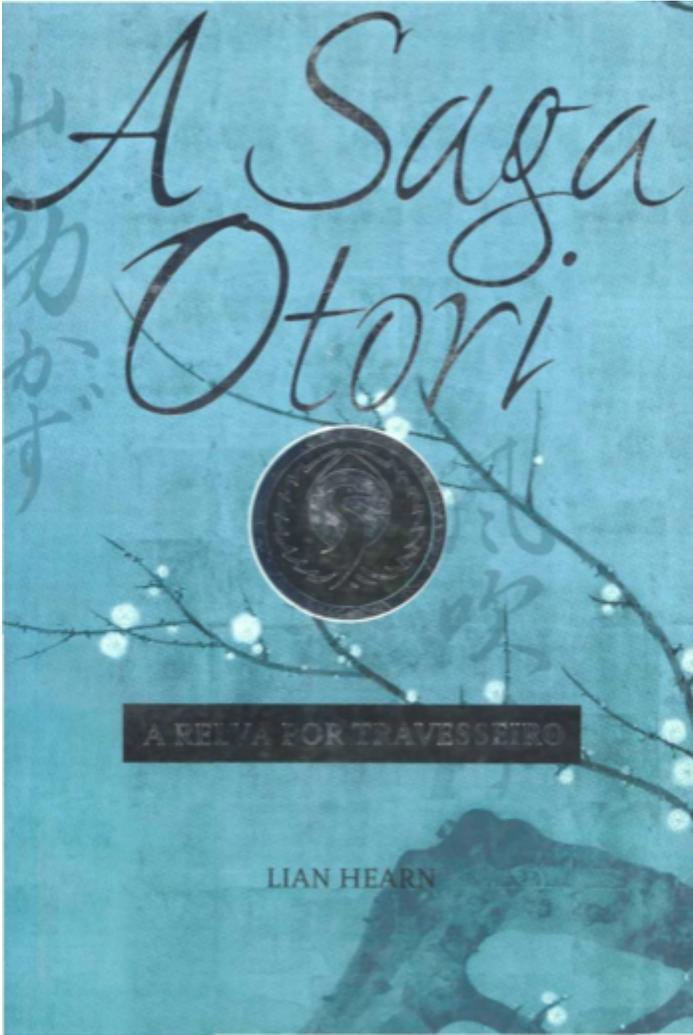


A Saga Otori



A RELVA POR TRAVESSEIRO

LIAN HEARN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Prefácio

Estes acontecimentos ocorreram no ano seguinte ao da morte de Otori Shigeru, no reduto dos Tohan, em Inuyama. O chefe do clã dos Tohan, Iida Sadamu, foi morto em represália pelo filho adotivo de Shigeru, Otori Takeo, ou era isso que todos acreditavam, e os Tohan foram derrubados por Arai Daiichi, do clã dos Seishuu de Kumamoto, que se aproveitou do caos que se seguiu à queda de Inuyama para assumir o controle dos Três Países. Arai tinha esperança de se aliar a Takeo e promover seu casamento com Shirakawa Kaede, agora herdeira dos domínios de Maruyama e Shirakawa.

No entanto, dividido entre as últimas instruções de Shigeru e as solicitações da família de seu pai verdadeiro, o Kikuta da Tribo, Takeo renunciou à sua herança e ao casamento com Kaede, por quem estava profundamente apaixonado, para juntar-se à Tribo, sentindo-se ligado ao grupo por laços de sangue e juramento.

Otori Shigeru foi enterrado em Terayama, um templo remoto de uma montanha no coração do País Central. Depois das batalhas de Inuyama e Kushimoto, Arai foi ao templo para prestar suas homenagens ao aliado que fora derrubado e confirmar as novas alianças. Foi então que Takeo e Kaede se viram pela última vez.

A SAGA OTORI

Personagens

OS CLÃS

Otori

(País Central; cidade fortificada: Hagi)

Otori Shigeru.....herdeiro legítimo do clã (1)

Otori Takeshi.....seu irmão mais novo, assassinado pelo clã Tohan (m.)

Otori Takeo.....(nascido Tomasu) seu filho adotivo (1)

Otori Shigemori ...pai de Shigeru, morto na batalha de Yaegahara (m.)

Otori Ichiro.....parente distante, professor de Shigeru e Takeo (1)

Chiyo Haruka.....criados da casa (1)

Shiro..... um carpinteiro

Otori Shoichi.....tio de Shigeru, agora senhor do clã (1)

Otori Masahiro.....seu irmão mais novo (1)

Otori Yoshitomi..... filho de Masahiro (1)

Miyoshi Kahei Miyoshi Gembairmãos, amigos de Takeo (1)

Miyoshi Satoru..... pai deles: capitão da guarda do castelo de Hagi (3)

Endo Chikara.....um velho vassalo (3)

Terada Fumifusa..... um pirata (3)

Terada Fumio seu filho, amigo de Takeo (1)

(3) Ryoma.....um pescador, filho ilegítimo de Masahiro

Tohan (País de leste; cidade fortificada: Inuyama)

Iida Sadamu..... senhor do clã (1)

Iida Nariaki..... seu primo (3)

Ando Abehomens de Iida (1)

Senhor Noguchi.....um aliado (1)

Senhora Noguchi.... sua mulher (1)

Junko..... um criado do castelo Noguchi (1)

Seishuu (Coalizão de várias famílias antigas. País do Oeste;
principais cidades fortificadas: Kumamoto e Maruyama)

Arai Daiichi..... um senhor da guerra (1)

Niwa Satoru..... um dos homens de Arai (2)

Akita Tsutomu..... um dos homens de Arai (2)

Sonoda Mitsuru..... sobrinho de Akita (2)

Maruyama Naomi chefe domínio de Maruyama, amante de
Shigeru (1)

Mariko.....sua filha (1)

Sachie..... sua criada (1)

Sugita Haruki..... um de seus homens (1)

Sugita Hiroshi.....seu sobrinho (3)

Sakai Masaki..... primo de Hiroshi (3)

Senhor Shirakawa (1)

Kaede..... sua filha mais velha, prima da Senhora Maruyama (1)

Ai e Hanaoutras filhas dele (2)

Ayame..... criadas da casa (2)

Manami(2)

Akane(3)

Amano Tenzo.....um dos homens de Shirakawa (1)

Shoji Kiyoshi.....velho vassalo do Senhor Shirakawa (1)

A TRIBO *Família Muto*

Muto Kenji..... professor de Takeo, o Mestre **(1)**

Muto Shizuka..... sobrinha de Kenji, amante de Arai e acompanhante de Kaede (1)

Zenko Taku.....filhos dela (3)

Muto Seiko.....esposa de Kenji (2)

Muto Yuki..... filha deles (1)

Muto Yuzuru.....um primo (2)

Kana Miyabicriadas (3)

Família Kikuta

Kikuta Isamu..... pai verdadeiro de Takeo (m.)

Kikuta Kotaro..... seu primo, o Mestre (1)

Kikuta Gosaburo.... irmão mais jovem de Kotaro (2)

Kikuta Akio..... seu sobrinho (1)

Kikuta Hajime..... um lutador (2)

Sadako..... uma criada (2)

Família Kuroda

Kuroda Shintaro..... assassino famoso (1)

Kondo Koichi (2)

Imai Kazuo (2) Kudo Keiko (2)

OUTROS **Senhor Fujiwara**.. nobre exilado da capital (2)

Mamoru..... seu protegido e acompanhante (2)

Ono Rieko..... seu primo (3)

Murita.....um de seus homens (3)

Matsuda Shingen.. abade de Terayama (2)

Kubo Makoto.....um monge, amigo íntimo de Takeo (1)

Jin-emon.....um bandido (3)

Jiro.....filho de um labrador (3)

Jo-An..... um pária (1)

CAVALOS

Raku..... cinzento com crina e rabo pretos.
Primeiro cavalo de Takeo, que o deu a Kaede

Kyu..... preto, cavalo de Shigeru, desaparecido
em Inuyama

Aoi..... preto, meio-irmão de Kyu

Ki..... castanho de Amano

Shun..... baio de Takeo; cavalo muito inteligente

Negrito: personagens principais

(1, 2, 3): parte em que o personagem aparece pela primeira vez (m.): personagem morto antes do início da primeira parte

1.

Shirakawa Kaede dormia profundamente, naquele estado próximo à inconsciência que os Kikuta conseguem provocar com o olhar. A noite chegava ao fim, com a aproximação da aurora as estrelas empalideciam, os sons do templo se elevavam e pairavam à sua volta, mas ela não se abalava. Não ouvia sua acompanhante, Shizuka, chamá-la ansiosamente, de tempos em tempos, tentando despertá-la. Não sentia a mão de Shizuka em sua testa. Não ouvia os homens do Senhor Arai Daiichi chegar à varanda cada vez mais impacientes, dizendo que o capitão estava esperando para falar com a Senhorita Shirakawa. Sua respiração era serena e calma, suas feições imóveis como uma máscara.

Ao entardecer, seu sono pareceu alterar-se. Suas pálpebras tremiam e seus lábios pareciam sorrir. Seus dedos, até então ligeiramente fechados, se abriram.

"Tenha paciência. Ele virá ao seu encontro."

Kaede estava sonhando que se transformara em gelo. As palavras ecoavam-lhe nitidamente no cérebro. No sonho não havia medo, só a sensação de estar sendo sustentada por alguma coisa fria e branca, num mundo silencioso, congelado e encantado.

Seus olhos se abriram.

Ainda estava claro. As sombras lhe diziam que era o entardecer. Um sininho movido pelo vento tocou uma vez e depois o ar se imobilizou. O dia, do qual não tinha nenhuma lembrança, decerto fora quente. Sua pele estava úmida sob os cabelos. Pássaros chilreavam nos beirais, e ela ouvia as bicadas das andorinhas que ciscavam os últimos insetos do dia. Logo elas voariam para o sul. Já era outono.

O som dos pássaros lembrou-lhe a pintura que Takeo lhe dera, pouco mais de um mês antes, naquele mesmo lugar, a imagem de um pássaro da floresta que a tinha feito pensar na liberdade. Kaede perdera a pintura, com todas as outras coisas que possuía, seu vestido de casamento, todas as suas roupas, no incêndio do castelo de Inuyama. Agora estava sem nada. Shizuka arranjara umas roupas velhas para ela na casa em que ficaram e pedira emprestados pentes e outras coisas. Kaede nunca estivera num lugar como aquele, uma loja, cheirando a soja fermentada, cheia de gente, de quem ela tentava manter-se afastada, embora volta e meia as criadas viessem espiá-la pelas frestas.

Ela achava que todos queriam ver o que lhe havia acontecido depois daquela noite em que o castelo fora arrasado. Tinha matado um homem, deitado com outro e lutado a seu lado empunhando a espada do morto. Ela mesma não acreditava que tivesse feito tudo aquilo. Às vezes achava que estivesse enfeitiçada, como as pessoas diziam. Diziam que todo homem que a desejava morria, e era verdade. Alguns tinham morrido. Mas não Takeo.

Desde que fora atacada pelo guarda no castelo Noguchi, temia todos os homens. O pavor que tinha de Iida a levava a defender-se dele; mas nunca tivera medo de Takeo. Seu único desejo sempre fora tê-lo mais perto. Desde o primeiro encontro que tiveram em Tsuwano, seu corpo ansiara pelo corpo dele. Queria que ele a tocasse, queria sentir a pele de Takeo na sua. Agora, ao lembrar

aquela noite, ela entendia com maior clareza que não poderia se casar com ninguém que não fosse ele. "Vou ter paciência", prometeu. Mas de onde teriam vindo aquelas palavras?

Virou a cabeça e viu a silhueta de Shizuka, na beira da varanda. Por trás da moça erguiam-se as velhas árvores do santuário. O ar cheirava a cedro e poeira. O sino do templo bateu a hora do entardecer. Kaede não dizia nada. Não queria falar com ninguém nem ouvir voz nenhuma. Queria voltar àquele lugar gelado em que estivera dormindo.

Então, para além dos grãos de poeira que flutuavam nos últimos raios de sol, ela viu alguma coisa: um espírito, pensou, embora não fosse apenas um espírito, pois tinha substância; estava ali, incontestável e real, cintilando como neve recém-caída. Resplandecia, meio rósea, mas, no momento em que Kaede a reconheceu, a Deusa Branca se foi, ela que era toda piedade e generosidade.

- O que foi? - Shizuka ouviu o movimento e correu para seu lado.

Kaede olhou para Shizuka e notou sua expressão de profunda preocupação. Percebeu o quanto aquela mulher se tornara preciosa para ela, sua mais íntima, sua única amiga.

- Nada. Uma espécie de sonho.

- A senhorita está bem? Como está se sentindo?

- Não sei. Estou sentindo... - a voz de Kaede esmaeceu. Ficou olhando para Shizuka por alguns instantes. - Dormi o dia todo? O que aconteceu comigo?

- Ele não devia ter feito isso com a senhorita - disse Shizuka, com a voz áspera de preocupação e aborrecimento.

- Foi Takeo?

Shizuka meneou a cabeça, confirmando: - Eu não sabia que ele tinha essa habilidade. É uma característica da família Kikuta.

- A última coisa de que me lembro é de seus olhos. Olhamos um para o outro e adormeci.

Shizuka viu-a franzir o cenho. Depois de uma pausa, Kaede continuou:

- Ele foi embora, não é?

- Muto Kenji, meu tio, e Kotaro, o mestre Kikuta, vieram buscá-lo ontem à noite - respondeu Shizuka.

- E nunca mais o verei?

Kaede relembrou seu desespero na noite anterior, antes do sono longo e profundo. Havia implorado a Takeo que não fosse embora. Tinha pavor do futuro sem ele; estava zangada e magoada por ele rejeitá-la. Mas toda aquela turbulência se acalmara.

- A senhorita precisa esquecê-lo - disse Shizuka, tomando a mão de Kaede nas suas e afagando-a suavemente. - De agora em diante a vida dele e a sua não podem se tocar.

Kaede sorriu levemente. "Não posso esquecê-lo", ela pensava. "Ele nunca poderá ser tirado de mim. Eu dormi no gelo. Eu vi a Deusa Branca."

Sob a luz que se extinguia Shizuka tinha a impressão de que o rosto de Kaede flutuava e vacilava como se estivesse se dissolvendo e mudando de forma.

- A senhorita está bem? - Shizuka voltou a perguntar, ansiosa.
- Não são muitas as pessoas que sobrevivem ao sono Kikuta. Não sei que efeito ele teve no seu caso.

- Não me prejudicou. Mas, de certo modo, me alterou. Sinto como se eu não soubesse nada. Como se tivesse que aprender tudo de novo.

Shizuka ajoelhou-se diante dela, confusa, seus olhos perscrutando o semblante de Kaede.

- O que vai fazer agora? Para onde vai? Pretende voltar a Inuyama com Arai?

- Acho que deveria ir para a casa de meus pais. Preciso ver minha mãe. Receio que ela tenha morrido enquanto permanecemos em Inuyama durante todo aquele tempo. Vou embora de manhã. Acho que você deveria informar ao Senhor Arai.

- Compreendo sua ansiedade - respondeu Shizuka -, mas Arai decerto irá relutar em deixá-la ir.

- Então terei que convencê-lo - disse Kaede, calmamente. - Primeiro preciso comer. Poderia pedir-lhes que me preparem alguma coisa? E traga-me chá, por favor.

- Senhorita - Shizuka fez uma reverência e saiu pela varanda.

Enquanto Shizuka se afastava, Kaede ouviu o som queixoso de uma flauta, que vinha do jardim atrás do templo. Pensou conhecer a pessoa que tocava, um dos jovens monges, mas não se lembrava de seu nome. Ele lhes mostrara as famosas pinturas de Sesshu quando visitaram o templo pela primeira vez. A música lhe dizia que sofrimento e perda eram inevitáveis. As árvores se agitavam com o vento e corujas começaram a piar na montanha.

Shizuka voltou com o chá e o serviu a Kaede. A moça bebeu como se estivesse experimentando chá pela primeira vez, sentindo na língua o sabor distinto de cada gota fumegante. E, quando a velha que cuidava dos hóspedes trouxe arroz e legumes cozidos com coalhada de soja, era como se nunca tivesse comido aquilo antes. Deliciou-se em silêncio com as novas energias que haviam sido despertadas em seu interior.

- O Senhor Arai quer lhe falar antes do fim do dia -disse Shizuka. - Disse-lhe que a senhorita não estava bem, mas ele insistiu. Se não estiver disposta a encontrá-lo agora, poderei voltar a falar com ele.

- Creio que não podemos tratar o Senhor Arai dessa maneira - disse Kaede. - Se ele ordenou, devo ir.

- Está muito zangado - disse Shizuka, em voz baixa. - Está ofendido e injuriado com o desaparecimento de Takeo. Vê nisso a perda de duas alianças importantes. Está quase certo de que agora deverá lutar contra os Otori, uma vez que Takeo não está do seu lado. Esperava um rápido casamento entre vocês...

- Não fale nisso - interrompeu Kaede. Terminou de comer o arroz, pôs os pauzinhos na bandeja e se inclinou, agradecendo a comida.

Shizuka suspirou. - Arai não conhece realmente a Tribo, a maneira como funciona, as exigências que se fazem aos que lhe pertencem.

- Ele nunca soube que você pertence à Tribo?

- Ele sabia que eu tinha meios de saber das coisas, de passar mensagens. Ficou satisfeito em usar minhas habilidades para aliar-se ao Senhor Shigeru e à Senhora Maruyama. Tinha ouvido falar da Tribo, porém, como a maioria das pessoas, imaginou que fosse pouco mais do que uma associação. Ao saber que estavam envolvidos na morte de Iida, ficou profundamente chocado, apesar de ter tirado proveito disso - ela fez uma pausa e depois disse, baixinho: - Ele perdeu toda a confiança em mim. Tenho a impressão de que se pergunta como dormiu tantas vezes comigo e não foi assassinado. Bem, certamente nunca mais vamos dormir juntos. Acabou-se.

- Tem medo dele? Ele a maltratou?

- Está furioso comigo - respondeu Shizuka. - Pensa que o traí, pior do que isso, que o fiz de bobo. Acho que nunca vai me perdoar - havia uma nota de amargura em sua voz. - Fui sua mais íntima confidente, sua amante, sua amiga, quando eu era pouco mais do que uma criança.

Dei-lhe dois filhos. Se não fosse pela presença da senhorita, ele teria me matado num instante.

- Se algum homem tentar fazer mal a você, eu o matarei - disse Kaede.

Shizuka sorriu. - A senhorita parece uma fera ao falar assim!

- Os homens morrem facilmente - disse Kaede, com voz insípida. - Basta a picada de uma agulha, o golpe de um punhal. Foi você quem me ensinou isso.

- Mas a senhorita ainda não usou essa tática, espero

- replicou Shizuka. - Embora tenha lutado bem em Inuyama.
Takeo lhe deve a vida.

Kaede ficou em silêncio por um momento. Depois disse em voz baixa: - Fiz mais do que lutar com a espada. Você não sabe da história toda.

Shizuka a encarou, espantada.

- O que está me dizendo? Que foi a senhorita que matou Iida?
- ela sussurrou.

Kaede confirmou.

- Takeo pegou a cabeça, mas Iida já estava morto. Fiz o que você me ensinou. Ele ia me estuprar.

Shizuka tomou-lhe as mãos.

- Ninguém pode saber disso! Nenhum desses guerreiros, nem mesmo Arai a deixaria viva.

- Não sinto culpa nem remorso - disse Kaede. - Nunca fiz nada que fosse menos vergonhoso. Não só me protegi como, também, muitas mortes foram vingadas: a do Senhor Shigeru, a de minha parenta, Senhora Maruyama, a de sua filha, e as de todos os outros inocentes que Iida torturou e assassinou.

- Mesmo assim, se isso for do conhecimento geral, a senhorita será punida. Os homens pensariam que o mundo virou de ponta-cabeça, porque as mulheres começaram a pegar em armas e buscar vingança.

- Meu mundo já está de ponta-cabeça - disse Kaede.

- O fato é que preciso ir, para falar com o Senhor Arai. Mas ele insistiu. Se não estiver disposta a encontrá-lo agora, poderei voltar a falar com ele.

- Creio que não podemos tratar o Senhor Arai dessa maneira - disse Kaede. - Se ele ordenou, devo ir.

- Está muito zangado - disse Shizuka, em voz baixa. - Está ofendido e injuriado com o desaparecimento de Takeo. Vê nisso a perda de duas alianças importantes. Está quase certo de que agora deverá lutar contra os Otori, uma vez que Takeo não está do seu lado. Esperava um rápido casamento entre vocês...

- Não fale nisso - interrompeu Kaede. Terminou de comer o arroz, pousou os pauzinhos na bandeja e se inclinou, agradecendo a comida.

Shizuka suspirou. - Arai não conhece realmente a Tribo, a maneira como funciona, as exigências que se fazem aos que lhe pertencem.

- Ele nunca soube que você pertence à Tribo?

- Ele sabia que eu tinha meios de saber das coisas, de passar mensagens. Ficou satisfeito em usar minhas habilidades para aliar-se ao Senhor Shigeru e à Senhora Maruyama. Tinha ouvido falar da Tribo, porém, como a maioria das pessoas, imaginou que fosse pouco mais do que uma associação. Ao saber que estavam envolvidos na morte de Iida, ficou profundamente chocado, apesar de ter tirado proveito disso - ela fez uma pausa e depois disse, baixinho: - Ele perdeu toda a confiança em mim. Tenho a impressão de que se pergunta como dormiu tantas vezes comigo e não foi assassinado. Bem, certamente nunca mais vamos dormir juntos. Acabou-se.

- Tem medo dele? Ele a maltratou?

- Está furioso comigo - respondeu Shizuka. - Pensa que o traí, pior do que isso, que o fiz de bobo. Acho que nunca vai me perdoar - havia uma nota de amargura em sua voz. - Fui sua mais íntima confidente, sua amante, sua amiga, quando eu era pouco mais do que uma criança.

Dei-lhe dois filhos. Se não fosse pela presença da senhorita, ele teria me matado num instante.

- Se algum homem tentar fazer mal a você, eu o matarei - disse Kaede.

Shizuka sorriu. - A senhorita parece uma fera ao falar assim!

- Os homens morrem facilmente - disse Kaede, com voz insípida. - Basta a picada de uma agulha, o golpe de um punhal. Foi você quem me ensinou isso.

- Mas a senhorita ainda não usou essa tática, espero - replicou Shizuka. - Embora tenha lutado bem em Inuyama. Takeo lhe deve a vida.

Kaede ficou em silêncio por um momento. Depois disse em voz baixa: - Fiz mais do que lutar com a espada. Você não sabe da história toda.

Shizuka a encarou, espantada.

- O que está me dizendo? Que foi a senhorita que matou Iida?
- ela sussurrou.

Kaede confirmou.

- Takeo pegou a cabeça, mas Iida já estava morto. Fiz o que
você me ensinou. Ele ia me estuprar.

Shizuka tomou-lhe as mãos.

- Ninguém pode saber disso! Nenhum desses guerreiros, nem
mesmo Arai a deixaria viva.

- Não sinto culpa nem remorso - disse Kaede. - Nunca fiz nada
que fosse menos vergonhoso. Não só me protegi como, também,

muitas mortes foram vingadas: a do Senhor Shigeru, a de minha parenta, Senhora Maruyama, a de sua filha, e as de todos os outros inocentes que Iida torturou e assassinou.

- Mesmo assim, se isso for do conhecimento geral, a senhorita será punida. Os homens pensariam que o mundo virou de ponta-cabeça, porque as mulheres começaram a pegar em armas e buscar vingança.

- Meu mundo já está de ponta-cabeça - disse Kaede.

- O fato é que preciso ir, para falar com o Senhor Arai.

Traga-me... - ela se deteve e deu risada. - Eu ia dizer traga-me umas roupas, mas não tenho nenhuma. Não tenho nada!

- Tem um cavalo - replicou Shizuka. - Takeo deixou o cinza para a senhorita.

- Deixou Raku para mim? - Kaede deu um sorriso de verdade, que lhe iluminou o rosto. Fitou a distância, com seus olhos negros e pensativos.

- Senhorita? - Shizuka tocou-lhe o ombro.

- Penteie meu cabelo e mande dizer ao Senhor Arai que irei vê-lo pessoalmente.

A escuridão já era quase total quando elas deixaram o alojamento das mulheres dirigindo-se à sala de hóspedes, onde estavam Arai e seus homens. Luzes se irradiavam do templo e, mais ao longe, homens carregando tochas acesas rodeavam o túmulo do Senhor Shigeru. Até aquela hora chegava gente para visitá-lo, trazendo incenso e oferendas, colocando lanternas e velas no chão

em torno da lápide, buscando a ajuda do homem morto que, cada vez mais, ia se tornando um deus para aquelas pessoas.

"Ele dorme sob uma coberta de chamas", Kaede pensou, fazendo uma prece silenciosa, pedindo que o espírito de Shigeru a guiasse, enquanto ponderava sobre o que dizer a Arai. Era a herdeira de Shirakawa e Maruyama, sabia que Arai procurava uma forte aliança com ela, provavelmente um casamento que a comprometesse com o poder que ele vinha acumulando. Tinham conversado algumas vezes durante a permanência dela em Inuyama, e também durante a viagem, mas as preocupações principais de Arai eram a defesa das regiões interioranas e suas estratégias para o futuro. Isso ele não havia compartilhado com Kaede, limitando-se a expressar seu desejo de que o casamento com Otori se realizasse. Havia um tempo, que agora lhe parecia muito longínquo, em que ela quisera ser mais do que um brinquedo nas mãos dos cavalheiros que comandavam seu destino. Agora, com as novas forças que o sono gelado lhe tinha dado, resolveu retomar o controle de sua vida. "Preciso de tempo", pensou, "não posso fazer nada com precipitação. Preciso voltar para casa antes de tomar qualquer decisão."

Um dos homens de Arai - Kaede lembrava que seu nome era Niwa - cumprimentou-a da varanda e levou-a até a porta de entrada. Todas as janelas estavam abertas. Arai estava sentado no fundo da sala e três de seus homens postavam-se perto dele. Niwa anunciou a moça e o comandante levantou os olhos para ela. Por um

momento, eles se estudaram. Ela sustentou seu olhar e sentiu a energia vibrar em suas veias. Então ajoelhou-se e fez uma reverência, a contragosto mas sabendo que deveria aparentar submissão.

Ele retribuiu a reverência e ambos se sentaram ao mesmo tempo. Kaede sentia que Arai a olhava. Ergueu a cabeça e lançou-lhe o mesmo olhar inflexível. Ele não a faria ceder. O coração da moça batia forte sob o efeito de sua própria audácia. No passado, depositara estima e confiança no homem que tinha à sua frente. Agora percebia mudanças em seu rosto. As linhas que lhe marcavam o contorno da boca e dos olhos haviam se aprofundado. Antes ele era pragmático e flexível, agora estava tomado por um intenso desejo de poder.

Não muito longe da casa de seus pais, os Shirakawa percorriam imensas cavernas de calcário, em que a água formara colunas e estátuas. Quando criança, ela era levada todos os anos até lá, para cultuar a deusa que vivia numa daquelas colunas sob a montanha. A estátua tinha uma forma fluida e viva, como se o espírito que a habitava tentasse irromper da camada de calcário que a revestia. Agora Kaede pensava naquele revestimento de pedra.

Seria o poder um rio calcário que petrificasse os que ousassem nadar nele?

O tamanho e a força física de Arai fizeram-na fraquejar por dentro, lembrando-lhe o momento de impotência entre os braços de Iida, a força dos homens capazes de obrigar as mulheres a fazer o que eles quisessem. "Nunca os deixe usar essa força", pensou, e depois: "Esteja sempre armada." Sentiu na boca um sabor doce como caqui, forte como sangue, a consciência e o sabor do poder. Era aquilo que levava os homens a entrar sempre em luta uns contra os outros, a escravizar e destruir uns aos outros? Por que uma mulher não poderia ter aquilo também?

Ela localizou no corpo de Arai os lugares em que a agulha e o punhal tinham perfurado Iida, abrindo-o para o mundo que ele tentara dominar e deixando seu sangue vital se escoar. "Não posso esquecer-me disso", ela pensou. "Os homens também podem ser mortos pelas mulheres. Matei o cavaleiro mais poderoso dos Três Países."

Fora educada para respeitar os homens, para submeter-se à vontade deles e à sua maior inteligência. Seu coração batia com tanta força que ela achou que fosse desmaiar. Respirou fundo,

empregando as técnicas que Shizuka lhe ensinara, e sentiu o sangue serenar em suas veias.

- Senhor Arai, amanhã partirei para Shirakawa. Ficaria muito grata se o senhor pudesse providenciar alguns homens para me escoltar até em casa.

- Prefiro que permaneça no leste - ele disse, lentamente. - Mas não é sobre isso que desejo falar-lhe primeiro - e seus olhos se apertaram ao fitá-la. - O sumiço de Otori. Poderia esclarecer alguma coisa sobre esse acontecimento espantoso? Acredito ter confirmado meu direito ao poder. Já havia me aliado aos Shigeru. Como pôde o jovem Otori ignorar suas obrigações para comigo e com seu falecido pai? Como pôde desobedecer e ir embora? E para onde ele foi? Durante todo o dia meus homens vasculharam a região, até Yamagata. Ele se evaporou.

- Não sei onde ele está - ela respondeu.

- Disseram-me que ele falou com a senhorita ontem à noite, antes de partir.

- Falou - ela disse, com simplicidade.

- Deve pelo menos ter explicado...

- Estava comprometido com outras obrigações - Kaede sentiu-se invadir pela mágoa à medida que falava. -Ele não tinha intenção de insultá-lo.

Na verdade, ela não se lembrava de que Takeo tivesse mencionado Arai, mas não o disse.

- Obrigações com a tal Tribo? - até então Arai controlara sua cólera, porém agora ela irrompia em sua voz, em seus olhos. Moveu a cabeça lentamente e Kaede percebeu que ele estava olhando por sobre seus ombros, para Shizuka, ajoelhada na sombra da varanda.
- O que sabe sobre eles?

- Muito pouco - ela respondeu. - Foi com a ajuda deles que o Senhor Takeo chegou a Inuyama. Acho que todos nós lhes devemos gratidão por isso.

Ao pronunciar o nome de Takeo, ela estremeceu. Reviveu a sensação do corpo dele contra o dela, no momento em que ambos esperavam morrer. Seus olhos tornaram-se sombrios, sua expressão se suavizou. Arai o percebeu, sem no entanto saber o motivo da alteração, e, quando ele voltou a falar, Kaede ouviu mais do que raiva em sua voz.

- Pode-se arranjar outro casamento para a senhorita. Há outros rapazes entre os Otori, primos de Shigeru. Enviarei mensageiros a Hagi.

- Estou de luto pelo Senhor Shigeru - ela respondeu. - Não posso pensar em me casar com ninguém. Irei para casa recuperar-me do meu pesar.

"Será que alguém irá querer casar-se comigo, conhecendo minha reputação?", a moça indagou a si mesma, e não pôde deixar de dar continuidade a seu pensamento. "Takeo não morreu." Achou que Arai fosse discutir, mas depois de um momento ele concordou.

- Talvez então seja melhor ir até seus pais. Mandarei buscá-la quando eu voltar para Inuyama. Então falaremos sobre seu casamento.

- O senhor fará de Inuyama a sua sede?

- Sim, pretendo reconstruir o castelo - sob a luz tênue, sua expressão se fechou e ele parecia ensimesmado. Kaede não disse nada. De repente, Arai voltou a falar: - Mas para voltar à Tribo! Eu

não imaginava que a influência dessa gente fosse tão forte, a ponto de fazer Takeo abandonar um casamento como esse, uma herança como essa, e depois escondê-lo completamente. Para falar a verdade, eu não tinha idéia do que tinha diante de mim - e ele olhou de novo para o lado de Shizuka.

"Ele vai matá-la", Kaede pensou. "Não está apenas com raiva pela desobediência de Takeo. Sua auto-estima foi profundamente atingida. Deve estar suspeitando de que Shizuka o espionou durante anos." Ela se perguntava o que fora feito do amor e do desejo que um tinha pelo outro. Será que tudo se dissolvera da noite para o dia? Será que os anos de favores, a confiança e a lealdade, tudo se acabara?

- Vou fazer todo o possível para descobri-los - continuou, como se estivesse falando consigo mesmo. - Deve haver quem saiba, quem fale. Não posso deixar que uma organização como essa continue existindo. Eles vão minar meu poder como os cupins corroem a madeira.

Kaede disse:

- Creio que foi o senhor que enviou Muto Shizuka até mim, para me proteger. Devo a vida a essa proteção. E creio que cumpri a promessa que lhe fiz no castelo Noguchi. Entre nós existem laços fortes, que não devem se romper. Quem se casar comigo irá jurar lealdade ao senhor. Shizuka continuará me prestando serviços e me acompanhará à casa de meus pais.

Ele olhou para Kaede, e mais uma vez ela o encarou com gelo nos olhos.

- Há quase quinze meses matei um homem pela senhorita, que era então pouco mais que uma criança - ele disse. - A senhorita mudou muito...

- Tornei-me - ela replicou. Fez um esforço para não pensar em suas roupas emprestadas, sua absoluta falta de posses. "Sou herdeira de um grande domínio", ela disse a si mesma. Continuou sustentando seu olhar, até que, relutante, ele baixou a cabeça.

- Muito bem, mandarei alguns homens com a senhorita a Shirakawa, e pode levar a mulher Muto.

- Senhor Arai - só então ela baixou os olhos e fez uma reverência.

Arai chamou Niwa para tomar as providências para o dia seguinte, e Kaede lhe desejou boa noite, falando com muita deferência. Sentiu que tinha se saído bem do encontro; conseguira fingir que todo o poder estava com ele.

Voltou para os aposentos das mulheres com Shizuka, as duas em silêncio. A velha já tinha arrumado as camas. Então ajudou Shizuka a despir Kaede e trouxe-lhes trajes de dormir. Desejando-lhes boa noite, retirou-se para o quarto ao lado.

Shizuka estava pálida e Kaede nunca a tinha visto tão abatida. Ela tocou na mão de Kaede e sussurrou apenas: - Obrigada.

Quando as duas estavam deitadas sob os acolchoados de algodão, os mosquitos revoando em torno de suas cabeças e as traças batendo de encontro às lanternas, Kaede, sentindo o corpo rígido de Shizuka próximo ao seu, percebeu que ela estava mergulhada em pesar, embora não estivesse chorando.

Kaede envolveu Shizuka com seus braços, estreitando-a, sem falar nada. Ela compartilhava a mesma tristeza profunda, mas não tinha uma lágrima nos olhos. Não permitiria que nada enfraquecesse a energia que nascia dentro dela.

2.

Na manhã seguinte, liteiras e uma escolta haviam sido preparadas para as duas mulheres. Partiram assim que o sol surgiu. Lembrando a advertência de sua parenta, a Senhora Maruyama, Kaede entrou suavemente na liteira, como se fosse tão frágil e fraca quanto a maioria das mulheres, mas assegurou-se de que os cavaleiros haviam trazido do estábulo o cavalo de Takeo. E, assim que tomaram a estrada, abriu as portas de papel de modo que pudesse ver o que acontecia no exterior.

O fato de olhar para fora não evitou que ela tivesse náuseas. Não suportava o balanço da liteira e, na primeira parada que fizeram para descansar, ela estava tão tonta que quase não conseguia andar. Não agüentava olhar para a comida e, ao tomar um pouco de chá, vomitou na mesma hora. A fraqueza de seu corpo a enfureceu, pois era como se minasse sua recém-descoberta sensação de energia. Shizuka levou-a para um cômodo da estalagem, lavou-lhe o rosto

com água fria e a fez deitar-se um pouco. O mal-estar passou tão depressa quanto chegara, e ela conseguiu tomar um pouco de sopa de feijão-vermelho e uma tigela de chá.

No entanto, só de olhar a liteira, voltou a sentir-se enjoada.

- Tragam-me o cavalo. Vou cavalgando.

O cavaliço ajudou-a a subir em Raku e Shizuka montou na garupa, atrás dela. Assim, elas cavalgaram pelo resto da manhã, falando pouco, cada uma absorvida em seus próprios pensamentos, mas sentindo-se confortadas por estarem tão próximas.

Depois de deixarem Yamagata, a estrada tornou-se uma subida íngreme. Em alguns trechos, era pavimentada com imensas pedras achatadas. Já havia prenúncios do outono, apesar do céu claro e azul e do ar quente. As faias, as sumagreiras e os bordos já se tornavam dourados e vermelhos. Fileiras de gansos selvagens voavam alto. A floresta se adensava, silenciosa e abafada. O cavalo

andava suavemente, de cabeça baixa, buscando com cuidado onde pisar. Os homens iam em alerta e apreensivos. Desde a derrubada de Iida e dos Tohan, aquela região estava repleta de homens sem comando, de todas as categorias, que em vez de prestar juramento de lealdade a outros senhores desviavam-se para o banditismo.

O cavalo era forte e elegante. Apesar do calor e do esforço da subida, seu pêlo trazia poucas marcas de suor quando voltaram a parar numa pequena estalagem no topo da trilha. Era um pouco mais de meio-dia. Os cavalos foram entregues para que lhes dessem alimento e água, os homens buscaram as sombras das árvores em torno do poço. Uma velha mulher abriu colchões no chão de um quarto forrado de esteiras para que Kaede e Shizuka descansassem por uma ou duas horas.

Kaede se deitou, grata por poder repousar. A luz do quarto era pálida e esverdeada. Imensos cedros obstruíam grande parte da claridade. Ela ouvia a distância o suave respingar da fonte e vozes: os homens conversando tranqüilamente, de vez em quando uma risada, Shizuka conversando com alguém na cozinha. De início, Shizuka tagarelava com voz forte e Kaede ficou satisfeita, pois ela parecia estar recuperando o ânimo. Mas logo Shizuka baixou a voz e a pessoa com quem ela falava respondia no mesmo tom. Kaede já não conseguia distinguir o que diziam.

Depois de algum tempo, a conversa cessou. Shizuka entrou silenciosamente no quarto e deitou-se perto de Kaede.

- Com quem estava falando?

Shizuka se virou para falar no ouvido de Kaede:

- Tenho uma prima que trabalha aqui.

- Você tem primos em todo lugar.

- Na Tribo é assim.

Kaede ficou calada por um momento. Depois disse:

- Os outros não desconfiam de quem você é e não ficam querendo...

- Querendo o quê?

- Bem, livrar-se de você?

- Ninguém ousa - Shizuka riu. - Temos muito mais meios de nos livrar deles. E ninguém nunca sabe nada de nós, pode estar certa. Alguns têm suas suspeitas. Mas a senhorita deve ter notado que tanto meu tio Kenji como eu podemos adquirir muitas aparências diferentes. Os da Tribo são difíceis de reconhecer e, além disso, têm várias outras artes.

- Pode me falar mais a respeito deles? - Kaede estava fascinada por aquele mundo que havia por baixo do que ela conhecia.

- Posso falar um pouco, não tudo. Mais tarde, quando ninguém nos puder ouvir.

Um corvo passou voando, dando um grito estridente.

- Fiquei sabendo de duas coisas por minha prima -disse Shizuka. - A primeira é que Takeo não saiu de Yamagata. Arai tem grupos de busca atuando e guardas na estrada. Vão escondê-lo dentro da cidade.

O corvo gritou de novo. "Aah! Aah!"

"Talvez eu tenha passado por seu esconderijo hoje", pensou Kaede. Depois de um longo tempo, ela disse: -Qual é a segunda coisa?

- Um acidente poderá ocorrer na estrada.

- Que tipo de acidente?

- Comigo. Parece que Arai quer se livrar de mim, como a senhorita pode imaginar. Mas está planejando para acontecer como se fosse um acidente, um assalto de bandidos, algo assim. Ele não suporta que eu continue viva, porém não quer ofendê-la diretamente.

- Você precisa ir embora - a voz de Kaede se levantou diante da urgência. - Enquanto estiver comigo, ele saberá onde encontrá-la.

- Psss - Shizuka advertiu. - Só estou lhe contando para que não cometa nenhuma loucura.

- Que tipo de loucura?

- Usar seu punhal para tentar me defender.

- Isso eu faria, mesmo - disse Kaede.

- Eu sei. Mas precisa manter ocultas sua audácia e essas suas habilidades. Junto conosco está viajando alguém que vai me

proteger. Provavelmente mais de uma pessoa. Deixe a briga por conta delas.

- Quem são?

- Se a senhorita conseguir adivinhar, lhe darei um presente! - disse Shizuka, baixinho.

- O que aconteceu com seu coração despedaçado? -perguntou Kaede, curiosa.

- A raiva o recompôs - respondeu Shizuka. Então, falou mais seriamente: - Nunca mais vou amar um homem tanto assim. Porém não fiz nada de que me envergonhe.

Não fui eu que agi de maneira desonrosa. Antes, eu lhe devia obrigação, era refém dele. Afastando-me, ele me libertou.

- Você deveria me deixar, Shizuka - Kaede voltou a dizer.

- Como posso deixá-la agora? A senhorita precisa de mim mais do que nunca.

Kaede ficou perplexa.

- Por que agora mais do que nunca?

- A senhorita deve saber. Sua menstruação está atrasada, seu rosto está mais macio, seu cabelo mais denso. Os enjôos, seguidos de fome... - a voz de Shizuka era suave, cheia de compaixão.

O coração de Kaede se acelerou. No fundo ela sabia, mas não conseguia enfrentar.

- O que vou fazer?

- De quem é o filho? Não é de Iida?

- Matei Iida antes que ele conseguisse me estuprar. Se é verdade que há um filho, só pode ser de Takeo.

- Quando? - sussurrou Shizuka.

- Na noite em que Iida morreu. Takeo veio ao meu quarto. Nós dois achávamos que íamos morrer.

Shizuka suspirou.

- Às vezes penso que ele ficou louco.

- Louco, não. Talvez enfeitado - disse Kaede. - É como se estivéssemos sob o efeito de um encantamento, desde que nos encontramos em Tsuwano.

- Bem, meu tio e eu temos parte da culpa. Nunca deveríamos ter deixado que vocês se encontrassem.

- Nem vocês nem ninguém poderiam ter feito nada para evitá-lo - disse Kaede. Sem ela querer, uma serena sensação de alegria insinuava-se em seu íntimo.

- Se o filho fosse de Iida, eu saberia o que fazer - disse Shizuka. - Eu não hesitaria. Há coisas que eu poderia lhe dar para livrar-se dele. Mas um filho de Takeo é parente meu, é meu sangue.

Kaede não disse nada. "A criança vai herdar os dons de Takeo", ela pensava. "Esses dons é que o tornam valioso. Todos querem usá-los para um objetivo próprio. Mas eu o amo por ele. Nunca me desfarei desta criança. E nunca deixarei a Tribo tirá-la de mim. Mas será que Shizuka tentaria? Será que ela seria capaz de me trair?"

Kaede ficou tanto tempo em silêncio que Shizuka se sentou para ver se ela havia adormecido. Mas seus olhos estavam abertos, fitando a luz verde que entrava pelo vão da porta.

- Quanto tempo vão durar as náuseas?

- Não muito. E só vai dar para ver daqui a três ou quatro meses.

- Você entende dessas coisas. Disse que tem dois filhos?

- É, são de Arai.

- Onde eles estão?

- Com meus avós. Arai não sabe onde estão.

- Ele não os reconheceu?

- Só se interessou por eles até se casar e ter um filho com sua mulher legítima - disse Shizuka. - Desde então, meus filhos cresceram e ele passou a vê-los como uma ameaça à sua herança. Percebi suas idéias e levei-os embora, para uma aldeia escondida, da família Muto. Arai não pode saber onde eles estão.

Kaede tremia, apesar do calor. - Acha que ele poderia prejudicá-los?

- Não seria o primeiro senhor ou o primeiro guerreiro a fazer isso - Shizuka respondeu, com amargor.

- Tenho medo de meu pai - disse Kaede. - O que fará comigo?

- Suponhamos que o Senhor Shigeru, temendo as trapaças de Iida, tivesse insistido num casamento secreto em Terayama no dia em que fomos ao templo - Shizuka sussurrou. - Sua parenta, a Senhora Maruyama, e sua acompanhante, Sachie, foram as testemunhas, mas não sobreviveram.

- Não posso mentir assim para todo o mundo - Kaede começou.

- Não precisa dizer nada - Shizuka a interrompeu. - Foi tudo às escondidas. A senhorita está atendendo aos desejos de seu falecido marido. Darei um jeito de contar, como se tivesse deixado escapar inadvertidamente. Vai ver como esses homens não sabem guardar segredo.

- E os documentos, as provas?

- Perderam-se com a destruição de Inuyama, junto com todo o resto. O filho será de Shigeru. Se for menino, será herdeiro dos

Otori.

- É cedo demais para pensar nisso, pertence a um futuro muito distante - Kaede apressou-se em dizer. -Não vamos chamar o azar.

Veio-lhe à mente o verdadeiro filho de Shigeru que morrera silenciosamente dentro do corpo da mãe nas águas do rio, em Inuyama. Fez suas preces, pedindo para que seu espírito não tivesse inveja, para que seu filho vivesse.

Em menos de uma semana, os enjoos tinham diminuído um pouco. Os seios de Kaede inchavam, seus mamilos doíam, e ela sentia uma fome premente em momentos inesperados, mas fora isso começou a se sentir bem, melhor do que jamais se sentira na vida. Sua percepção se aguçava, como se a criança compartilhasse com ela os seus dons. Ela notou com espanto a que ponto a informação secreta de Shizuka se espalhara entre os homens quando, um por um, passaram a chamá-la de Senhora Otori, em voz baixa e desviando o olhar. A farsa lhe desagradava, mas ela a manteve, pois não via outra saída.

Estudava os homens atentamente, tentando identificar qual deles era o membro da Tribo que protegeria

Shizuka quando chegasse a hora. Shizuka recuperara o bom humor, rindo e brincando com todos igualmente. E todos correspondiam, com diferentes emoções, que iam da estima ao desejo, porém nenhum parecia especialmente vigilante.

Como era raro olharem diretamente para Kaede, eles ficariam surpresos se soubessem o quanto ela os conhecia bem. Distinguiam-no no escuro, pela maneira de andar ou pela voz, às vezes até pelo cheiro. Ela lhes atribuía apelidos: Cicatriz, Vesgo, Quietos, Braço Longo.

Braço Longo cheirava ao óleo quente picante que os homens usavam para temperar o arroz. Sua voz era baixa, um pouco rouca. Tinha um jeito que Kaede achava meio insolente, uma espécie de ironia que a incomodava. Era de estatura média, tinha a testa alta e olhos meio saltados, tão pretos que pareciam não ter pupila. Tinha o hábito de revirá-los e depois fungar, sacudindo a cabeça. Seus braços eram excepcionalmente longos e suas mãos eram grandes.

Kaede achava que, se alguém fosse assassinar uma mulher, seria ele.

Na segunda semana, uma súbita tempestade os deteve num pequeno povoado. Confinada pela chuva a um quarto estreito e desconfortável, Kaede estava inquieta. Atormentava-se pensando na mãe. Quando a procurava mentalmente, só via escuridão. Tentava relembrar seu rosto, mas não conseguia. Também não conseguia imaginar a fisionomia das irmãs. A mais nova deveria estar com quase nove anos. Se a mãe estivesse morta, conforme receava, seria obrigada a substituí-la, teria de ser uma mãe para suas irmãs, dirigir a casa - supervisionar a cozinha, a limpeza, tecer e costurar, tarefas perpétuas das mulheres, que eram ensinadas às meninas pelas mães, tias e avós. Ela não sabia fazer nada daquilo. Nos seus tempos de refém, tinha sido negligenciada pela família Noguchi, que lhe ensinara muito pouco. Só tinha aprendido a sobreviver por conta própria no castelo, correndo de um lado para outro como criada, servindo aos homens de armas. Pois bem, ela deveria ter aprendido essas tarefas. Aquele filho despertava nela sentimentos e instintos que até então desconhecia: o instinto de cuidar de sua gente. Pensou nos homens de Shirakawa, como Shoji Kiyoshi e Amano Tenzo, que foram com o pai visitá-la no castelo Noguchi, e as criadas da casa, como Ayame, de quem sentira quase tanta falta quanto da mãe, ao ser levada de casa aos sete anos de idade. Será que Ayame ainda estava viva? Será que ainda se lembrava da menina de quem havia cuidado? Para todos os efeitos, Kaede estava de volta depois de ter casado e enviuvado - mais um homem morto por sua causa -, e grávida. Como seria recebida em casa dos pais?

A demora também irritava os homens. Ela percebia que estavam ansiosos por encerrar aquela missão cansativa, impacientes por voltarem às batalhas que eram seu verdadeiro trabalho, sua vida. Queriam participar das vitórias de Arai sobre os Tohan no leste, e não ficar ali no oeste, tão longe das ações, cuidando de mulheres.

"Arai era apenas um deles", ela pensava, abismada. Como pudera tornar-se de repente tão poderoso? O que ele tinha para fazer com que aqueles homens, todos eles adultos e fisicamente vigorosos, desejassem segui-lo e obedecer-lhe? Relembrou sua presteza implacável ao cortar a garganta do guarda que a atacara no castelo Noguchi. Ele não hesitaria em matar qualquer um daqueles homens da mesma maneira. No entanto, não era por medo que lhe prestavam obediência. Seria uma espécie de confiança naquela crueldade, naquela capacidade de agir imediatamente, quer a ação fosse correta ou não? Será que confiariam numa mulher da mesma maneira? Será que ela seria capaz de comandar homens assim? Será que guerreiros como Shoji obedeceriam a ela?

A chuva cessou e eles continuaram viagem. A tempestade dissolvera o resto da umidade e os dias eram fulgurantes, o céu pairava imenso e azul sobre os cumes das montanhas, onde a cada dia os bordos apareciam mais vermelhos. As noites eram mais frescas, já prenunciando as geadas.

A viagem se desenrolava, os dias eram longos e cansativos. Finalmente, certa manhã Shizuka disse: - Este é o último desfiladeiro. Amanhã estaremos em Shirakawa.

Eles desciam um caminho íngreme, coberto com uma camada tão densa de agulhas de pinheiros que as patas dos cavalos não faziam nenhum ruído. Shizuka andava ao lado de Raku, Kaede ia montada nele. Sob os pinheiros e cedros era escuro, mas um pouco adiante deles o sol se esgueirava através de um bosque de bambus, emitindo manchas de luz esverdeada.

- Já passou por esta estrada antes? - Kaede perguntou.

- Várias vezes. A primeira vez foi há muitos anos. Fui mandada para Kumamoto, para trabalhar com a família Arai, quando era mais jovem do que a senhorita é agora. O velho senhor ainda era vivo. Era muito rígido com os filhos, porém o mais velho, Daiichi, ainda assim encontrava meios de levar as criadas para a cama. Resisti a ele por muito tempo; isso não é fácil, a senhorita sabe, para as

garotas que vivem nos castelos. Eu estava determinada a que ele não me esquecesse tão depressa quanto esquecia a maioria das outras. E, naturalmente, também estava sob as ordens de minha família, os Muto.

- Então você o espionava o tempo todo - Kaede murmurou.

- Certas pessoas estavam interessadas em aliar-se aos Arai. Especialmente a Daiichi, antes de sua ida para os Noguchi.

- Certas pessoas significa Iida?

- Claro. Fazia parte do acordo com o clã Seishuu, depois de Yaegahara. Arai relutava em servir aos Noguchi.

Não gostava de Iida e achava Noguchi um traidor, no entanto foi obrigado a obedecer.

- Você trabalhava para Iida?

- A senhorita sabe para quem eu trabalho - disse Shizuka, em voz baixa. - Sempre, em primeiro lugar, para a família Muto, para a Tribo. Naquele tempo, Iida empregava muitos dos Muto.

- Nunca vou entender - disse Kaede. As alianças de sua classe já eram bastante complicadas, com novas que se formavam por casamento, antigas que se mantinham por meio de reféns, lealdades que se rompiam por injúrias ou rixas repentinas ou puro oportunismo. No entanto tudo isso parecia simples em comparação com as intrigas da Tribo. Voltou-lhe a idéia desagradável de que Shizuka só ficava com ela por ordem da família Muto. -Você está me espionando?

Shizuka fez um gesto com a mão para que ela se calasse.

Kaede ponderou que os homens cavalgavam muito à frente ou atrás, de modo que não poderiam ouvir. - Está? - repetiu.

Shizuka pousou a mão na espádua do cavalo. Kaede baixou os olhos e viu a nuca branca de Shizuka sob os cabelos pretos. Ela virara a cabeça, de modo que Kaede não via seu rosto. Shizuka acompanhava as passadas do cavalo, descendo a encosta, balançando as ancas para manter o equilíbrio. Kaede inclinou-se para a frente, tentando falar baixo: - Responda.

Então o cavalo se assustou e tropeçou. Com um movimento brusco, Kaede mergulhou para a frente.

"Vou cair", ela pensou, espantada. O chão veio a seu encontro, e ela e Shizuka caíram juntas.

O cavalo pulou para o lado, tentando não pisar nelas. Kaede sabia que acontecera algo que ia além e era mais perigoso do que uma simples queda de cavalo.

- Shizuka! - ela gritou.

- Abaixese - a moça respondeu, empurrando-a para o chão, mas Kaede queria ver.

No meio do caminho estavam postados dois homens, com aparência de bandidos violentos, as espadas desembainhadas. Ela fez um gesto procurando o punhal, desejou ter uma espada ou pelo menos um bastão, lembrou-se de sua promessa, tudo em uma fração de segundo antes de ouvir o estalo da corda de um arco. Uma flecha voou rente às orelhas do cavalo, que saltou e refugou de novo.

Houve um grito breve e um homem caiu a seus pés, com sangue jorrando pelo pescoço, do lugar em que tinha sido perfurado

pela flecha.

O segundo homem vacilou. O cavalo saltou para o lado, fazendo-o perder o equilíbrio. O homem brandiu a espada contra Shizuka, e imediatamente Braço Longo caiu por cima dele, detendo o golpe e cortando-lhe a garganta.

Os homens que iam à frente voltaram, os que vinham atrás avançaram. Shizuka tinha pego o cavalo pela rédea e o acalmava.

Braço Longo ajudou Kaede a se levantar.

- Não se preocupe, Senhora Otori - ele disse, com sua voz rouca e seu hálito de óleo apimentado. - Eram apenas bandidos.

"Apenas bandidos?", pensou Kaede. Deixaram-se matar muito facilmente, vertendo muito sangue. "Bandidos, talvez, mas a serviço de quem?"

Os homens pegaram suas armas, ficaram com várias delas e jogaram os corpos no mato. Era impossível dizer se algum deles tinha previsto o ataque ou estava decepcionado com seu fracasso. Pareciam mostrar maior respeito por Braço Longo, e Kaede percebeu que estavam impressionados com a presteza de sua reação e sua habilidade na luta. Quanto ao mais, no entanto, agiam como se fosse tudo uma ocorrência normal, um acidente de viagem. Um ou dois brincaram com Shizuka, dizendo que os bandidos a queriam como esposa, e ela respondeu no mesmo tom, replicando que a floresta estava cheia de homens desesperados, mas que até um bandido teria mais chances do que os membros da escolta.

- Eu nunca o identificaria como seu defensor - disse Kaede, mais tarde. - Na verdade, muito pelo contrário. Era um dos que eu suspeitava que poderiam matá-la, com aquelas mãos enormes.

Shizuka riu:

- É um sujeito inteligente, e lutador implacável. É fácil julgá-lo erroneamente ou subestimá-lo. A senhorita não é a única a ter se surpreendido com ele. Sentiu medo, na hora?

Kaede tentou lembrar.

- Não, principalmente porque não houve tempo. Desejei ter uma espada - ela falou.

- A senhorita tem o dom da coragem - disse Shizuka.

- Não é verdade, muitas vezes tenho medo.

- Ninguém diria - murmurou Shizuka. Tinham chegado a uma estalagem numa cidadezinha nos limites do domínio de Shirakawa. Kaede pôde tomar um banho quente e agora estava com trajes de noite, esperando que trouxessem o jantar. A recepção que lhe deram na estalagem tinha sido precária, e a situação da aldeia a incomodava. Parecia haver escassez de alimentos, e as pessoas eram sombrias e desalentadas. Ela tinha se machucado na queda e temia por seu filho. Também estava tensa por causa do encontro com o pai. Será que ele acreditaria que ela tinha se casado? Não conseguia nem imaginar o quanto ficaria furioso se descobrisse a verdade.

- Não estou me sentindo muito corajosa neste momento - ela confessou.

- Parece exausta - Shizuka disse. - Vou massagear-lhe a cabeça.

No entanto, apesar de estar deitada e desfrutando da sensação dos dedos da acompanhante em seu couro cabeludo, as apreensões de Kaede aumentavam. Relembrava o que tinham conversado sobre o momento do ataque.

- Amanhã estará em casa - disse Shizuka, sentindo sua tensão.
- A viagem está chegando ao fim.

- Shizuka, responda sinceramente. Qual a verdadeira razão por você estar comigo? É para me espionar? A serviço de quem estão os Muto agora?

- Neste momento não estamos a serviço de ninguém. A derrota de Iida lançou os Três Países na confusão. Arai diz que vai acabar com a Tribo. Ainda não sabemos se ele está falando sério ou se vai voltar à razão e trabalhar conosco. Enquanto isso meu tio, Kenji, que admira muito a Senhorita Shirakawa, quer manter-se informado sobre seu bem-estar e suas intenções.

"E sobre meu filho", Kaede pensou, mas não falou. Disse apenas: - Minhas intenções?

- A senhorita é herdeira de um dos mais ricos e poderosos domínios do oeste, Maruyama, além do próprio domínio de Shirakawa. Quem a desposar será uma peça-chave do futuro dos Três Países. No momento, todos supõem que manterá a aliança com Arai, fortalecendo a posição dele no oeste enquanto resolve a questão dos Otori. Seu destino está intimamente ligado ao clã Otori e ao País Central também.

- Não me casarei com ninguém - disse Kaede, como se falasse consigo mesma. "Nesse caso", pensou, "por que não posso, eu mesma, tornar-me uma peça-chave?"

3.

Os sons do templo em Terayama, o sino da meia-noite, o canto dos monges afastavam-se dos meus ouvidos, enquanto eu seguia os dois mestres, Kikuta Kotaro e Muto Kenji, descendo por um caminho íngreme e cheio de mato, ao longo do rio. Andávamos depressa e o ruído da água encobria o de nossos passos. Falávamos pouco e não víamos ninguém.

Chegamos a Yamagata quase ao amanhecer e os primeiros galos já cantavam. As ruas da cidade estavam desertas, embora o toque de recolher estivesse suspenso e já não houvesse os Tohan para patrulhá-las. Chegamos a uma loja no centro da cidade, não muito distante da estalagem onde tínhamos ficado durante o Festival em Memória dos Mortos. Eu conhecia a rua, de minha exploração noturna da cidade. Parecia ter acontecido havia muito tempo.

A filha de Kenji, Yuki, abriu o portão como se tivesse passado a noite esperando por nós, embora tenhamos chegado num silêncio tão grande que nem um cão latiu. Ela não disse nada, mas captei a intensidade do olhar que me lançou. Seu rosto, seus olhos vivos, seu corpo graciosamente musculoso trouxeram de volta com imensa clareza os terríveis acontecimentos de Inuyama na noite da morte de Shigeru. Eu quase esperava vê-la em Terayama, pois fora ela quem tinha viajado dia e noite para levar a cabeça de Shigeru até o templo e dar a notícia de sua morte. Havia muitas coisas sobre as quais eu gostaria de interrogá-la: sua viagem, a rebelião em Yamagata, a derrubada dos Tohan. Enquanto seu pai e o mestre Kikuta iam na frente, entrando pela casa, demorei-me um pouco para que ela e eu ficássemos juntos na varanda. Uma luz fraca ardia ao lado da porta.

- Não esperava voltar a vê-lo com vida - ela disse.

- Eu não esperava viver - e, lembrando sua habilidade e seu sangue-frio, acrescentei: - Estou em dívida com você. Jamais conseguirei pagá-la.

- Eu é que estava pagando dívidas minhas. Não me deve nada. Mas espero que sejamos amigos - Yuki sorriu.

A palavra parecia não ser suficientemente forte para descrever o que já éramos. Ela trouxera até mim a espada de Shigeru, Jato, e me ajudara a resgatá-lo e vingá-lo, os atos mais desesperados de minha vida. Eu sentia por ela um misto de gratidão e admiração.

Yuki desapareceu por um momento e voltou com água. Lavei os pés, ouvindo os dois mestres conversar dentro da casa. Planejavam descansar por algumas horas, depois eu seguiria viagem com Kotaro. Meneei a cabeça com enfado. Estava cansado de ouvir.

- Venha - ela disse, levando-me para o meio da casa, onde, como em Inuyama, havia um quarto secreto, estreito como uma cama de enguia.

- Estou prisioneiro de novo? - eu disse, olhando as paredes sem janelas, à minha volta.

- Não, é apenas para você descansar em segurança, por algumas horas. Depois vai seguir viagem.

- Eu sei. Eu ouvi.

- Claro - ela disse -, esqueci que você ouve tudo.

- Demais - eu disse, sentando no colchão que já estava aberto no chão.

- É duro ter dons. Mas é melhor tê-los do que não os ter. Vou buscar alguma coisa para você comer. O chá já está pronto.

Ela voltou logo depois. Tomei o chá, mas não consegui nem olhar para a comida.

- Sinto muito, não há água quente para o banho -ela disse.

- Não tem importância, eu agüento.

Ela já me dera banho duas vezes. Uma vez ali, em Yamagata, quando eu não sabia quem ela era, havia me esfregado as costas e massageado as têmporas. Depois mais uma vez, em Inuyama, quando eu mal conseguia andar. A memória veio-me aos borbotões. Seu olhar encontrou o meu e eu sabia que estávamos pensando o mesmo. Então ela desviou os olhos e disse, baixinho:

- Vou deixá-lo dormir.

Coloquei meu punhal perto do colchão e me enfiei sob o acolchoado, sem me dar ao trabalho de tirar a roupa. Pensei no que Yuki dissera a respeito dos dons. Pensei que nunca voltaria a ser tão feliz quanto fora em Mino, o povoado em que eu nascera. Em Mino, porém, eu era criança, e agora o povoado estava destruído e toda a minha família, morta. Eu não deveria repisar o passado. Tinha aceito entrar na Tribo. Eles me queriam tanto por causa dos meus dons, e só com a Tribo eu aprenderia a desenvolver e controlar as faculdades que me foram dadas.

Pensei em Kaede, que eu deixara adormecida em Terayama. Fui tomado pela desesperança, depois pela resignação. Nunca mais a veria. Tentaria esquecê-la. Lentamente, a cidade começou a despertar à minha volta. Finalmente, quando a luz brilhou do outro lado da porta, adormeci.

Fui despertado de repente pelo ruído de homens e cavalos na rua, além dos muros da casa. A luz no quarto se modificara, como se o sol tivesse passado para o outro lado, por cima do telhado, mas eu não tinha idéia de quanto tempo havia dormido. Um homem gritou, uma mulher respondeu reclamando, zangada. Captei o significado das palavras. Os homens eram de Arai e procuravam por mim de casa em casa.

Afastei o acolchoado e, tateando, procurei pelo punhal. Quando o alcancei, a porta de correr se abriu e Kenji entrou no quarto, em silêncio. A parede falsa voltou a se fechar atrás dele. Kenji olhou para mim brevemente, meneou a cabeça e se sentou no chão, de pernas cruzadas, no espaço minúsculo entre o colchão e a parede.

Reconheci as vozes: aqueles homens tinham estado em Terayama com Arai. Ouvi Yuki acalmando a mulher que tinha se zangado, oferecendo uma bebida aos homens.

- Agora estamos todos do mesmo lado - ela disse, rindo. - Acham que se Otori Takeo estivesse aqui iríamos escondê-lo?

Os homens beberam depressa e se foram. Quando o ruído de passos se extinguiu, Kenji respirou fundo e me lançou um olhar desdenhoso.

- Ninguém pode dizer que não ouviu falar em você em Yamagata - ele disse. - A morte de Shigeru transformou-o num deus, a morte de Iida transformou você num herói. É uma história que arrebatou as pessoas - ele fungou e continuou: - Não deixe que ela lhe suba à cabeça. É extremamente incômodo. Agora Arai acionou uma busca em larga escala para pegá-lo. Tomou seu desaparecimento como um insulto pessoal. Felizmente sua fisionomia não é muito conhecida por aqui, mas vamos ter que disfarçá-lo - e ele examinava minhas feições, de cenho franzido. - Esse jeito Otori... terá que dissimulá-lo.

Foi interrompido por um barulho que vinha de fora, e mais uma vez a parede falsa deslizou. Kikuta Kotaro entrou, seguido por Akio, um dos que me capturaram em Inuyama. Yuki veio atrás deles, trazendo chá.

O mestre Kikuta me cumprimentou com a cabeça quando lhe fiz uma reverência.

- Akio esteve na cidade e ouviu as novidades.

Akio ajoelhou-se diante de Kenji e inclinou levemente a cabeça para mim. Respondi da mesma maneira. Quando ele e os outros membros da Tribo me raptaram em Inuyama, fizeram o possível para me imobilizar sem me machucar. Eu lutara seriamente, querendo matá-lo. Tinha cortado suas mãos. Via agora que ainda tinha na mão direita um ferimento vermelho e inflamado, não totalmente cicatrizado. Mal tínhamos conversado até então. Ele me repreendera pelas más maneiras e me acusara de quebrar todas as regras da Tribo. Não houvera muita simpatia entre nós. Agora, quando nossos olhares se cruzaram, senti sua profunda hostilidade.

- Parece que o Senhor Arai está furioso por esta pessoa ter partido sem permissão, recusando um casamento que ele desejava. O Senhor Arai expediu ordens para que esta pessoa seja presa e pretende investigar a organização conhecida como a Tribo, que ele considera ilegal e indesejável - fez mais uma reverência para Kotaro e disse, asperamente: - Sinto muito, mas não sei qual deve ser o nome desta pessoa.

O mestre inclinou a cabeça e coçou o queixo, sem dizer nada. Tínhamos conversado anteriormente sobre nomes e ele me dissera

para continuar usando Takeo, embora, segundo ele, nunca tivesse sido um nome da Tribo. Será que agora eu tomaria o nome da família Kikuta? E qual seria meu primeiro nome? Não queria deixar de lado o nome Takeo, que me fora dado por Shigeru, mas, se eu deixasse de ser um Otori, que direito teria a ele?

- Arai está oferecendo recompensa por informações - disse Yuki, colocando uma tigela de chá diante de cada um de nós, sobre a esteira.

- Ninguém em Yamagata ousará dar informações voluntariamente - disse Akio. - Só o farão se forem aliciados!

- Era isso que eu temia - Kotaro disse a Kenji. - Arai nunca negociou de fato conosco, e agora teme nosso poder.

- Devemos eliminá-lo? - disse Akio, com avidez. - Nós...

Kotaro fez um gesto com a mão, o jovem inclinou-se mais uma vez e se calou.

- Depois que Iida se foi, ainda há uma falta de estabilidade. Se Arai morrer também, quem sabe o tamanho da anarquia que poderá irromper?

- Não considero Arai um grande perigo - disse Kenji.

- Ameaças e alarde, talvez, mas nada mais do que isso, a longo prazo. Tal como as coisas estão agora, nele está nossa maior esperança de paz - ele me olhou. - É o que desejamos acima de tudo. Precisamos de uma certa paz para que nosso trabalho se desenvolva.

- Arai voltará a Inuyama e lá estabelecerá sua capital - disse Yuki. - É mais fácil de defender e mais central do que Kumamoto, e ele reivindicou todas as terras de Iida por direito de conquista.

- Hum - Kotaro resmungou, e voltou-se para mim. -Meus planos eram de que você voltasse a Inuyama junto comigo. Tenho assuntos a tratar lá nas próximas semanas, e você poderia então começar seu treinamento. Mas talvez seja melhor você ficar aqui por alguns dias. Depois vamos levá-lo para o norte, além do País Central, para outra casa dos Kikuta, onde ninguém ouviu falar em Otori Takeo e onde começará uma vida nova. Sabe fazer malabarismos?

Neguei, meneando a cabeça.

- Tem uma semana para aprender. Akio vai lhe ensinar. Yuki e alguns outros atores o acompanharão. Encontro-o em Matsue.

Fiz uma reverência, sem dizer nada. Olhei por baixo das pálpebras para Akio. Estava cabisbaixo, de cenho franzido, um traço profundamente marcado entre os olhos. Era só três ou quatro anos mais velho do que eu, mas naquele momento dava para ver como ele seria quando ficasse velho. Então ele era malabarista! Senti ter ferido suas mãos ágeis de malabarista, mas achava que meu ato fora perfeitamente justificável. A luta ainda pairava entre nós, ao lado de outros sentimentos, não resolvida, inflamada.

- Kenji, sua associação ao Senhor Shigeru colocou-o em evidência neste caso - disse Kotaro. - Muita gente sabe que este é seu principal local de residência. Arai certamente o pegará se ficar aqui.

- Vou para as montanhas por um tempo - Kenji respondeu. - Visitar os velhos, ficar um pouco com as crianças - ele sorriu, voltando a se assemelhar ao meu velho e ingênuo professor.

- Desculpe, mas como deve se chamar esta pessoa? - perguntou Akio.

- Por enquanto, pode assumir um nome como ator -disse Kotaro. - Quanto ao nome da Tribo, depende...

Suas palavras escondiam algum sentido que não consegui entender, mas Akio compreendeu muito bem.

- Seu pai renunciou à Tribo - ele irrompeu. - Virou as costas para nós.

- Mas o filho voltou, com todos os dons dos Kikuta -replicou o mestre. - Seja como for, por enquanto você é seu superior em tudo. Takeo, você deverá se subordinar a Akio e aprender com ele.

Um sorriso brincava em seus lábios. Decerto sabia o quanto seria difícil para mim. A expressão de Kenji era triste, como se também estivesse prevendo problemas.

- Akio tem muitas habilidades - continuou Kotaro. -Você deverá dominá-las.

Ele esperou meu assentimento, depois pediu que Akio e Yuki se retirassem. Yuki voltou a encher as tigelas de chá antes de sair, e os dois homens mais velhos beberam ruidosamente. Eu sentia o cheiro de comida cozinhando. Tinha a sensação de ter passado muitos dias sem comer. Estava arrependido por não ter aceito a comida que Yuki oferecera na noite anterior. Estava desmaiando de fome.

- Eu lhe disse que era primo-irmão de seu pai - falou Kotaro. - Mas não lhe contei que ele era mais velho do que eu e teria se tornado mestre com a morte de nosso avô. Akio é meu sobrinho e herdeiro. O fato de você ter retornado suscita questões de herança e hierarquia. A solução delas depende do seu comportamento nos próximos meses.

Levei um tempo para entender o que ele queria dizer.

- Akio foi trazido para a Tribo - eu disse, lentamente. - Ele sabe tudo o que eu não sei. Deve haver outros assim. Não quero tomar o lugar dele nem de ninguém.

- Há muitos - Kotaro replicou -, e todos mais obedientes, mais bem treinados e com mais mérito do que você. No entanto, nenhum deles tem a argúcia de audição dos Kikuta na extensão em que você tem e nenhum outro poderia ter entrado sozinho no castelo de Yamagata, como você fez.

Aquele episódio me parecia de uma vida passada. Mal conseguia me lembrar do impulso que me levava a escalar até o castelo e a levar o alívio da morte aos Ocultos engaiolados em cestas e pendurados nas muralhas: a primeira vez que eu tinha matado. Desejei nunca ter feito aquilo. Se eu não tivesse chamado tanto a atenção da Tribo, talvez não me tivessem pego antes... antes... que eu vacilasse. Não adiantava tentar eternamente desenredar os fios que teceram a morte de Shigeru.

- Seja como for, agora que eu disse isso - Kotaro prosseguiu -, você deve saber que não posso dar-lhe tratamento diferente do que dispenso aos outros de sua geração. Não posso ter favoritos. Sejam quais forem suas habilidades, para nós elas só serão úteis se também tivermos sua obediência. Não preciso lembrá-lo de que você já me prometeu isso. Vai ficar aqui por uma semana. Não deve sair nem deixar que as pessoas saibam que está aqui. Nessa semana deverá aprender o suficiente para se fazer passar por malabarista. Irei encontrá-lo em Matsue antes do inverno. Cabe a você passar pelo treinamento em completa obediência.

- Quem sabe quando o encontrarei de novo? - disse Kenji, olhando-me com sua habitual mescla de afeto e exasperação. - Meu trabalho com você está feito - prosseguiu. - Eu o encontrei, dei-lhe ensinamentos, de certa forma mantive-o vivo e trouxe-o de volta à Tribo. Vai achar Akio mais rígido do que eu era - ele sorriu, mostrando seus dentes separados. - Mas Yuki vai cuidar de você.

Alguma coisa na sua maneira de dizer tudo aquilo me fez corar. Não tínhamos feito nada, nem sequer nos tínhamos tocado, mas entre nós havia alguma coisa, e Kenji sabia disso.

Os dois mestres sorriam ao se levantar e me abraçar. Kenji me deu um tapinha na cabeça.

- Faça o que mandarem - ele disse. - E aprenda a fazer malabarismos.

Gostaria de poder falar a sós com ele. Ainda havia muita coisa não resolvida entre nós. Apesar disso, talvez fosse melhor ele se despedir de mim como um terno professor que eu tivesse superado. Além disso, conforme eu iria aprender, a Tribo não perde tempo com o passado e não gosta de ser confrontada com ele.

Depois que eles saíram, o quarto pareceu mais escuro do que nunca. Eu ouvia pela casa os sons de sua partida. Não houve para eles os preparativos complicados, as longas despedidas da maioria dos viajantes. Kenji e Kotaro apenas saíram pela porta, carregando nas mãos tudo de que precisariam na estrada: trouxas simples envolvidas em pano, um par de sandálias de reserva, alguns bolos de arroz com ameixas salgadas. Pensei neles, nas estradas que tiveram que percorrer, trilhando seu caminho através dos Três Países, e mais além, tanto que eu soubesse, seguindo a ampla rede da Tribo, de um povoado para outro, de uma cidade para outra.

Aonde quer que chegassem, encontrariam conhecidos; nunca lhes faltariam abrigo e proteção.

Ouvi Yuki dizer que caminharia com eles até a ponte, e ouvi a mulher que se zangara com os soldados responder.

- Cuidem-se - a mulher gritou para eles. E o ruído de passos se extinguiu rua abaixo.

O quarto me pareceu mais depressivo e solitário. Não conseguia imaginar-me confinado a ele por uma semana. Quase sem perceber o que fazia, já estava planejando sair de lá. Não fugir, pois já me resignara a ficar com a Tribo. Só sair. Em parte para rever Yamagata à noite, em parte para ver se eu conseguiria.

Não muito depois, ouvi alguém se aproximar. A porta correu e uma mulher entrou, trazendo uma bandeja de comida: arroz, picles, um pedacinho de peixe seco, uma tigela de sopa. Ela se ajoelhou, colocando a bandeja no chão.

- Aqui está. Coma, deve estar com fome.

Eu estava esfomeado. O cheiro de comida me deixou zozzo e avancei nela como um lobo. A mulher me olhava enquanto eu comia.

- Então é você que andou causando tantos problemas ao meu pobre e velho marido - ela comentou, enquanto eu limpava os últimos grãos de arroz da tigela.

Era a mulher de Kenji. Olhei para ela e dei com seus olhos fixos em mim. Seu rosto era macilento, pálido como o dele, com aquela semelhança que há entre muitos casais depois de uma longa união. Seus cabelos ainda eram densos e negros, com apenas alguns fios brancos aparecendo no centro do crânio. Era robusta e vigorosa, uma verdadeira mulher de aldeia, com mãos quadradas, hábeis e de dedos curtos. A única coisa que me lembrava de ter ouvido Kenji dizer sobre ela era que cozinhava muito bem, e de fato a comida estava deliciosa.

Disse isso a ela, e quando seu sorriso se deslocou dos lábios para os olhos vi, no mesmo instante, que se tratava da mãe de Yuki. Os olhos tinham a mesma forma e, quando sorria, a expressão era igual.

- Quem imaginava que você apareceria depois de todos esses anos - ela prosseguiu, tagarela e maternal. -Conheci bem seu pai, Isamu. E ninguém sabia nada de você até aquele incidente com Shintaro. Imagine você ouvir e derrotar o mais perigoso assassino dos Três Países! A família Kikuta ficou encantada ao descobrir que Isamu deixara um filho. Todos nós ficamos. Além do mais, um filho com tantos talentos!

Não respondi. Ela parecia uma velha senhora ingênua, no entanto em outros tempos Kenji também parecera um velho ingênuo. Senti em mim um leve eco da desconfiança que eu tivera ao ver Kenji pela primeira vez, na rua, em Hagi. Tentei estudá-la sem dar a perceber, e ela fixou os olhos em mim. Senti que, de certo modo, estava me desafiando, mas eu não tinha intenção de responder antes de saber mais sobre ela e seus dons.

- Quem matou meu pai? - perguntei.

- Ninguém conseguiu descobrir. Foi muito antes de sabermos com certeza que ele estava morto. Deve ter encontrado um lugar isolado para se esconder.

- Foi alguém da Tribo? Ela riu, e tive raiva.

- Kenji disse que você não confia em ninguém. Isso é bom, mas pode confiar em mim.

- Assim como pude confiar nele - murmurei.

- O esquema de Shigeru teria levado você à morte -ela disse, com brandura. - É importante para os Kikuta, para toda a Tribo, mantê-lo vivo. Hoje em dia é muito raro encontrar uma tal riqueza de talentos.

Resmunguei, tentando discernir algum significado oculto por trás de seus elogios. Ela serviu o chá, e eu o tomei de um só gole. Estava com dor de cabeça, por causa do abafamento do quarto.

- Você está tenso - ela disse, tornando-me a tigela das mãos e colocando-a na bandeja. Pôs a bandeja de lado e se aproximou. Ajoelhada atrás de mim, pôs-se a massagear-me o pescoço e os ombros. Seus dedos eram ao mesmo tempo fortes, maleáveis e sensíveis. Trabalhou minhas costas, depois disse: - Feche os olhos - e começou a me massagear a cabeça. A sensação era deliciosa. Quase gemi alto. Suas mãos pareciam ter vida própria. Entreguei-lhes minha cabeça, sentindo como se ela levantasse vôo do meu pescoço.

Então ouvi a porta correr. Meus olhos se abriram. Ainda sentia seus dedos no couro cabeludo, mas estava sozinho no quarto. Tive um calafrio na espinha. A mulher de Kenji parecia inocente, mas

seus poderes provavelmente eram tão grandes quanto os do marido ou os da filha.

Ela tinha levado meu punhal.

Recebi o nome de Minoru, mas dificilmente alguém me chamava assim. Quando estávamos sozinhos, Yuki ocasionalmente me chamava de Takeo, deixando a palavra formar-se na boca como se estivesse concedendo uma dádiva a si mesma. Akio quase só dizia "você", e sempre me dispensando o tratamento utilizado com inferiores. Ele tinha esse direito. Era superior a mim em idade, treino e conhecimento, e eu havia recebido ordens para me submeter a ele. Apesar disso, eu ainda me exasperava. Ainda não tinha percebido o quanto me acostumara a ser tratado com respeito como guerreiro Otori e herdeiro de Shigeru.

Meu treinamento começou aquela tarde. Eu não imaginara que os músculos da mão poderiam me doer tanto. Meu pulso direito ainda estava enfraquecido por minha primeira luta com Akio. No final do dia estava latejando de novo. Começamos com exercícios para tornar os dedos ágeis e flexíveis. Mesmo com as mãos machucadas, Akio era muito mais veloz e muito mais hábil do que eu. Sentamos

de frente um para o outro, e ele sempre conseguia bater-me nas mãos antes que as conseguisse mover.

Ele era muito rápido; eu não conseguia acreditar que não pudesse nem ver seu movimento. No princípio, ele dava apenas um tapinha leve, mas, à medida que a tarde caía e nós dois íamos ficando cansados e frustrados com minha falta de jeito, começou a me bater de verdade.

Yuki, que se juntara a nós no quarto, disse baixinho:

- Se contundir as mãos dele, vai demorar mais.

- Acho que eu deveria contundir a cabeça dele, isso sim - Akio resmungou.

E a vez seguinte, antes que eu conseguisse retirar as mãos, ele agarrou as duas com a mão direita e, com a esquerda, bateu-me na cara. Foi um soco de verdade, com força suficiente para me fazer lacrimejar.

- Não é tão corajoso quando está sem o punhal - ele disse, soltando-me as mãos e logo segurando a sua.

Yuki não disse nada. Eu sentia a raiva ferver dentro de mim. Achava ultrajante ele bater em um cavalheiro Otori. O quarto fechado, a humilhação deliberada, a indiferença de Yuki, tudo isso se juntava para me levar à perda de controle. Na vez seguinte, Akio fez o mesmo, invertendo as mãos. O tapa foi mais forte ainda, fazendo-me deslocar o pescoço para trás. Minha vista escureceu, depois se avermelhou. Senti a fúria explodir, como ocorrera com Kenji. Avancei para cima dele.

Já vão longe meus dezessete anos, quando a fúria tomou conta de mim e me fez perder o controle. Mas ainda me lembro do que senti ao me soltar, como se meu eu animal tivesse se desatrelado, e perdi a memória do que aconteceu depois; guardo apenas a lembrança do sentimento cego de não me importar em

viver ou morrer, de me recusar a continuar sendo oprimido ou maltratado.

Depois do primeiro momento de surpresa, quando me vi com as mãos em torno da garganta de Akio, os dois me dominaram facilmente. Yuki deu um golpe apertando-me o pescoço, e, quando comecei a apagar, ela me deu um soco no estômago, tão forte como jamais imaginei que fosse possível. Eu me dobrei, com ânsia de vômito. Akio saiu de baixo de mim e torceu-me os braços para trás das minhas costas.

Sentamos na esteira, próximos como amantes, respirando pesadamente. Todo o episódio não levou mais de um minuto. Não podia acreditar que Yuki me tivesse batido com tanta força. Eu tinha imaginado que ela iria ficar do meu lado. Encarei-a, com rancor no coração.

- É isso que você precisa aprender a controlar - ela disse, calmamente.

Akio soltou-me os braços e ajoelhou-se prontamente.

- Vamos começar de novo.

- Não me bata na cara - eu disse.

- Yuki tem razão, é melhor não contundir suas mãos - ele replicou. - Então, seja mais rápido.

Jurei intimamente que não o deixaria bater de novo em mim. Na vez seguinte, embora nem chegasse perto de bater nele, consegui afastar as mãos e a cabeça antes que ele conseguisse me tocar. Observando-o, comecei a sentir a mais leve insinuação de movimento. Finalmente, consegui roçar a superfície dos nós de seus dedos. Ele não disse nada, meneou a cabeça como se estivesse satisfeito, mas não o suficiente. E passamos a trabalhar fazendo malabarismo com bolas.

Assim as horas corriam: passando a bola de uma mão para outra, da mão para a esteira e para a mão. No fim do segundo dia eu conseguia trabalhar com três bolas, ao estilo antigo, e, no fim do terceiro, com quatro. Akio às vezes ainda conseguia me pegar desprevenido e me dar um tapa, mas quase sempre eu o evitava, numa dança complicada de bolas e mãos.

No final do quarto dia, eu enxergava bolas por trás das pálpebras, e estava indescritivelmente enfasiado e agitado. Algumas pessoas, e eu desconfiava que Akio fosse uma delas, trabalham persistentemente nessas habilidades porque são obcecadas por elas e pelo desejo de dominá-las. Logo percebi que não era meu caso. Não via nenhuma finalidade em fazer malabarismo. Era algo que não me interessava. Estava aprendendo com a maior dificuldade e pela pior das razões: seria espancado se não o fizesse. Submetia-me ao treinamento rígido de Akio porque era obrigado, mas eu o odiava, eu o odiava. Duas outras vezes suas instigações provocaram o mesmo ataque de fúria. No entanto, assim como eu estava aprendendo a prever suas reações, ele e Yuki identificaram os sinais e apressaram-se em me deter antes que alguém se ferisse.

Naquela quarta noite, quando a casa silenciou e todos adormeceram, resolvi sair para fazer umas explorações. Estava

entediado, não conseguia dormir, ansiava por respirar um pouco de ar puro, porém acima de tudo queria ver se era capaz. Pois, para que a obediência à Tribo tivesse sentido, eu tinha que saber se conseguiria ser desobediente. A obediência forçada parecia tão despropositada quanto fazer malabarismos. Do mesmo modo, eles poderiam me amarrar dia e noite, como a um cão, e eu rosnaria e morderia sob comando.

Conhecia a distribuição da casa. Eu a tinha mapeado enquanto minha única ocupação era ouvir. Sabia onde cada um dormia à noite. Yuki e sua mãe ficavam num cômodo nos fundos da casa, com duas outras mulheres, que eu não tinha visto, embora as tivesse ouvido. Uma servia na loja, brincando com os fregueses em voz alta, com sotaque local. Yuki a chamava de "titia". A outra era mais uma criada. Fazia limpeza e a maior parte do serviço da cozinha, sempre a primeira a se levantar de manhã e a última a se deitar, à noite. Falava pouco, em voz baixa, com sotaque do norte. Seu nome era Sadako. Todos na casa caçoavam e se aproveitavam dela; suas respostas eram sempre calmas e respeitosas. Eu sentia que conhecia aquelas duas mulheres, apesar de nunca as ter visto.

Akio e os outros homens, três deles, dormiam no sótão, sobre a loja. À noite, revezavam-se para montar guarda nos fundos da casa. Akio ficara na noite anterior, e eu sofrera as conseqüências, pois a falta de sono aumentara seu nível de irritabilidade. Antes de a criada ir para a cama, enquanto as luzes ainda estavam acesas, ouvi um ou outro dos homens ajudá-la a fechar a casa, arrastando as

portas de madeira, dando trancos que invariavelmente provocavam os latidos dos cães.

Havia três cães, cada um com uma voz distinta. O mesmo homem os alimentava todas as noites, assobiando para eles através dos dentes, de um modo especial, que eu ensaiava quando estava sozinho, grato por ninguém mais ter a audição dos Kikuta.

As portas da frente eram fechadas com travas à noite, os portões de trás tinham guardas, mas havia uma porta menor que ficava destravada. Ela dava num corredor estreito entre a casa e o muro externo, no fundo do qual ficava a privada. Eu ia escoltado até lá, três ou quatro vezes por dia. Em duas ocasiões eu tinha saído, só depois de escurecer, para tomar banho no pequeno banheiro que ficava no pátio de trás, entre o fundo da casa e os portões. Mantinham-me escondido, como dizia Yuki, para minha própria segurança. Tanto que eu pudesse perceber, ninguém esperava seriamente que eu tentasse escapar: não estava sob vigilância.

Fiquei deitado durante um bom tempo, ouvindo os sons da casa. Ouvia a respiração das mulheres no quarto do andar de baixo, dos homens no sótão. Além dos muros, aos poucos a cidade silenciava. Eu tinha entrado num estado que já reconhecia. Não

conseguia explicá-lo, mas era-me tão familiar quanto minha pele. Não sentia medo nem ansiedade. Meu cérebro se desligava. Eu era todo instinto, instinto e ouvidos. O tempo se alterou e se tornou mais lento. Não importava o quanto demorasse para abrir a porta do quarto oculto. Eu sabia que acabaria por fazê-lo, e o faria sem um ruído. Chegaria à porta de fora silenciosamente.

Fiquei parado perto dessa porta externa, atento para todos os barulhos à minha volta, quando ouvi passos. A mulher de Kenji se levantou, atravessou o quarto em que dormia e caminhou para o quarto oculto. A porta correu, alguns segundos se passaram. Ela saiu do quarto e, com uma lanterna na mão, caminhou rapidamente, mas não com ansiedade, ao meu encontro. Por um instante pensei em me tornar invisível, no entanto sabia que não adiantaria. Era quase certo que ela seria capaz de me distinguir, e, se não conseguisse, despertaria toda a casa.

Sem dizer nada, virei a cabeça na direção da porta que levava à privada e voltei ao quarto oculto. Ao passar por ela, percebi o olhar pousado em mim. Ela também não disse nada, só meneou a cabeça, mas senti que sabia que eu estava tentando sair.

O quarto estava mais abafado do que nunca. Dormir agora parecia impossível. Ainda estava profundamente mergulhado em meu estado de instinto silencioso. Tentei distinguir sua respiração, porém não consegui ouvi-la. Finalmente me convenci de que ela tinha voltado a adormecer. Levantei-me, abri a porta lentamente e saí do quarto. A lanterna ainda ardia. A mulher de Kenji estava ali, sentada perto dela. Estava de olhos fechados, mas abriu-os e me viu em pé na sua frente.

- Vai mijar de novo? - ela disse, com voz grave.

- Não consigo dormir.

- Sente-se. Vou fazer um chá.

Levantou-se prontamente, pois apesar da idade e do tamanho era ágil como uma garota. Pôs a mão no meu ombro e me empurrou suavemente para sentar-me na esteira.

- Não vá fugir! - avisou, em tom de zombaria. Sentei, mas na verdade não estava pensando. Ainda estava propenso a sair. Ouvi o chiar da chaleira quando ela assoprou as brasas, ouvi o tilintar do ferro e da louça. Ela voltou com o chá, ajoelhou-se para servi-lo, estendeu-me uma tigela e eu me adiantei para alcançá-la. A luz brilhava entre nós. Ao pegar a tigela, olhei dentro de seus olhos e vi neles diversão e zombaria, vi que antes ela apenas caçoara: na verdade não acreditava em meus talentos. Então suas pálpebras piscaram e se fecharam. Larguei a tigela, segurei-a quando ela cambaleou e a deitei, já profundamente adormecida, na esteira. À luz da lanterna, o chá derramado soltava um pouco de fumaça. Eu deveria estar aterrado, no entanto não estava. Sentia apenas a fria satisfação que as habilidades da Tribo acarretam. Lamentava não ter tido aquela idéia antes, mas nunca me ocorrera que eu pudesse ter algum poder sobre a mulher do mestre Muto. Estava principalmente aliviado, pois agora nada me impediria de sair.

Quando saí para o pátio, pela porta lateral, ouvi os cães se alvoroçarem. Assobiei para eles, um assobio agudo e silencioso, que só eles e eu poderíamos ouvir. Um chegou pé ante pé, para me investigar, abanando o rabo. Como todos os cães, gostou de mim. Ele deitou a cabeça na mão que lhe estendi. A lua estava baixa no céu, mas a luz era suficiente para dar a seu olho um brilho amarelo. Fitamo-nos por alguns segundos, então ele bocejou, mostrando os dentes grandes e brancos, deitou-se a meus pés e adormeceu.

Em minha mente insinuou-se o pensamento de que um cão é uma coisa, a mulher do mestre Muto é outra bem diferente, mas resolvi não lhe dar atenção. Agachei-me e golpeei a cabeça do cão algumas vezes, olhando para o muro.

Eu não tinha ferramentas nem armas, é claro. O muro era tão alto que, sem grampos, era impossível alcançar seu topo. No fim, subi no telhado do banheiro e atravessei com um pulo. Tornei-me invisível, arrastei-me ao longo do alto do muro, afastando-me do portão de trás e dos guardas, e pulei para a rua um pouco antes do canto. Fiquei encostado ao muro por alguns momentos, ouvindo. Ouvei as vozes murmuradas dos guardas. Os cães estavam em silêncio e a cidade toda parecia adormecida.

Como já fizera antes, na noite em que havia subido ao castelo Yamagata, caminhei de uma rua para outra, rumando em ziguezague para o rio. Os salgueiros ainda estavam ali, sob a lua que surgia. Seus galhos se moviam suavemente ao vento de outono, as folhas já estavam amarelas e uma ou outra caía, flutuando na água.

Agachei-me sob seu abrigo. Não tinha idéia de quem controlava a cidade agora: o senhor que Shigeru visitara, aliado de Iida, tinha sido derrubado com os Tohan, por ocasião da explosão da cidade diante da notícia da morte de Shigeru. No entanto Arai provavelmente havia instalado algum governante interino. Eu não ouvia nenhum ruído de patrulhas. Fiquei olhando para o castelo, incapaz de constatar se as cabeças dos Ocultos que eu aliviara das torturas ajudando-os a morrer tinham sido removidas ou não. Mal conseguia acreditar em minha memória. Era como se tivesse sonhado ou se alguém tivesse me contado a história de outra pessoa que tinha feito aquilo.

Estava pensando sobre aquela noite e lembrando como eu nadara sob a superfície do rio quando ouvi passos aproximando-se pela margem. Quem quer que fosse, estava bem perto. O chão fofo e úmido amortecia o barulho das passadas. Eu deveria ter ido embora, mas estava curioso para ver quem ia ao rio àquela hora da noite e sabia que a pessoa não me veria.

Era um homem mais baixo do que a média e muito franzino: na escuridão, não pude constatar mais nada. Olhou ao redor furtivamente e ajoelhou-se à beira da água, como se estivesse fazendo suas preces. O vento soprava do rio, trazendo um cheiro forte de água e lodo e, junto, o do próprio homem.

Era, de certo modo, um cheiro familiar. Farejei o ar como um cão, tentando identificá-lo. Depois de um ou dois instantes, identifiquei: cheiro de curtume. Aquele homem decerto trabalhava com couro, era um tanoeiro, portanto um pária. Então soube quem era: o homem que falara comigo depois da minha subida ao castelo. Seu irmão era um dos Ocultos torturados a quem eu trouxera o alívio da morte. Havia utilizado meu segundo eu na margem do rio, e o homem, pensando ter visto um anjo, espalhara o boato do Anjo de Yamagata. Eu já sabia por que ele estava ali, fazendo suas preces. Certamente era dos Ocultos e esperava ver o anjo de novo. Lembrei que em nosso primeiro encontro eu pensara em matá-lo, mas não fora capaz de fazê-lo. Olhava-o agora com a confusa afeição que temos por alguém cuja vida nós poupamos.

Senti também algo mais, uma angústia de perda e saudade das certezas da infância, das palavras e rituais que então me confortavam, que pareciam tão eternos quanto a alternância das estações e o caminhar da lua e das estrelas pelo céu. Eu fora arrancado da vida entre os Ocultos quando Shigeru me salvara em Mino. Desde então, havia escondido minhas origens, nunca falara delas a ninguém, nunca fizera minhas preces abertamente. Mas à noite, às vezes, eu ainda as fazia de acordo com a fé em que crescera, para o Deus Secreto que minha mãe cultuava, e agora sentia um desejo intenso de falar com ele.

Como um cavalheiro Otori, até como membro da Tribo, eu deveria me abster de falar com tanoeiros, pois eles abatiam animais e eram considerados párias. Os Ocultos, no entanto, acreditam que todos os homens são criados iguais pelo Deus Secreto, e eu recebera esse ensinamento de minha mãe. Ainda assim algum resquício de cautela fazia-me continuar escondido embaixo do salgueiro. Apesar disso, ao ouvir sua prece sussurrada, dei com minha língua repetindo as palavras dele.

Teria ficado nisso, pois eu não era louco, embora aquela noite estivesse me comportando como se fosse. Acontece que captei o ruído de homens que chegavam pela ponte mais próxima. Era alguma patrulha, provavelmente os homens de Arai, mas eu não tinha como confirmar. Com certeza tinham parado em cima da ponte e estavam observando o rio.

- É aquele maluco - ouvi um deles dizer. - Fico incomodado em vê-lo ali, todas as noites.

Ele tinha um sotaque local, mas o homem que falou em seguida parecia vir do oeste.

- Dêem-lhe uma surra, quem sabe ele desiste. -Já fizemos isso, não adianta.

- Está querendo mais, não é mesmo?

- Vamos trancafiá-lo por algumas noites.

- Vamos simplesmente jogá-lo no rio.

- Eles riram. Ouvi o barulho de seus passos aumentar, quando começaram a correr, e depois diminuir, quando passaram por trás de uma fileira de casas. Ainda estavam a uma certa distância; o homem da margem do rio não tinha ouvido nada. Eu não podia ficar ali, parado, vendo os guardas jogar meu homem no rio. Meu homem: de fato, ele já me pertencia.

Saí sorrateiramente de baixo dos galhos do salgueiro e corri até ele. Bati-lhe no ombro e, quando ele se virou, fiz sinal para se calar.

- Venha, esconda-se depressa!

Ele me reconheceu imediatamente e, sufocando um grito de espanto, jogou-se aos meus pés, dizendo uma prece incoerente. Eu ouvia a patrulha se aproximar pelo caminho que margeava o rio. Sacudi o homem, levantei-lhe a cabeça, pus o dedo no lábio e, tentando me lembrar de não o olhar nos olhos, puxei-o para baixo dos salgueiros.

"Deveria deixá-lo aqui", pensei. "Posso me tornar invisível e evitar a patrulha." Porém ouvi seus passos dobrando a curva e percebi que era tarde demais.

A brisa encapelava a água e fazia tremular as folhas do salgueiro. Um galo cantou ao longe, o sino de um templo soou.

- Foi-se! - exclamou uma voz, a menos de dez passos de nós.

Outro homem xingou:

- Párias imundos!

- Quem é pior, me diga, párias ou Ocultos?

- Alguns são as duas coisas, o pior é isso!

Ouvi o ruído cortante de uma espada sendo desembainhada. Um dos soldados desferiu um golpe numa moita de juncos e depois no salgueiro. O homem a meu lado ficou tenso. Estava tremendo, mas não fez nenhum ruído. O cheiro de couro curtido era tão forte em minhas narinas que eu tive certeza de que os guardas o sentiriam, mas o odor repulsivo do rio certamente o encobria.

Estava pensando em atrair a atenção deles para longe do pária, dividindo meu eu e de algum modo fazendo-os se afastar, quando dois patos que dormiam entre os juncos levantaram vôo de repente, grasnando alto, roçando a superfície da água e rompendo o silêncio da noite. Os homens gritaram surpresos, depois caçoaram uns dos outros. Zombaram e reclamaram um pouco mais, atiraram pedras nos patos e saíram andando em sentido oposto ao da chegada. O eco de seus passos pela cidade foi se reduzindo, até que não consegui ouvir mais nada. Então comecei a ralar com o homem.

- O que está fazendo aqui a esta hora da noite? Eles iam jogar você na água, se o encontrassem.

Novamente ele inclinou a cabeça até meus pés.

- Levante! - ordenei. - Fale comigo.

Ele se sentou, lançou um breve olhar para meu rosto e baixou os olhos.

- Venho sempre que posso - murmurou. - Pedi a Deus para ver o senhor mais uma vez. Nunca vou esquecer o que fez por meu irmão e pelos outros - calou-se por um momento, depois sussurrou: - Pensei que fosse um anjo. Mas andam dizendo que é o filho do Senhor Otori. Para vingar a morte dele, matou o Senhor Iida. Agora temos um novo senhor, Arai Daiichi, de Kumamoto. Seus homens andaram vasculhando a cidade à sua procura. Pensei que deviam saber onde o senhor estava. Por isso vim esta noite de novo, para vê-lo. Seja qual for a forma que resolva assumir, para fazer o que fez o senhor só pode ser um anjo de Deus.

Foi um choque ouvir a história de minha vida repetida por aquele homem. Aquilo me fez lembrar o perigo que estava correndo.

- Vá para casa. Não diga a ninguém que me viu.

Preparei-me para ir embora. Ele pareceu não me ouvir. Estava num estado quase que de exaltação: seus olhos cintilavam, gotas de saliva afloravam em seus lábios.

- Fique, senhor - ele implorou. - Todas as noites lhe trago alimento e vinho. Vamos comer juntos, depois me abençoe e morrerei feliz.

Ele pegou uma trouxinha. Desembrulhou a comida, colocou-a no chão, entre nós, e começou a dizer a primeira prece dos Ocultos. Aquelas palavras familiares fizeram meu pescoço formigar e, quando ele terminou, respondi baixinho com a segunda prece. Fizemos juntos o sinal sobre a comida e sobre nós mesmos, e comecei a comer.

Era uma refeição lastimavelmente parca, um pão de painço recheado com um nada de pele de peixe defumado, mas tinha todos os elementos dos rituais da minha infância. O pária pegou um pequeno frasco e despejou o que havia nele numa tigela de madeira. Era um licor feito em casa, muito mais grosseiro do que vinho, e só havia um trago para cada um, porém o cheiro me fez lembrar minha casa. Senti intensamente a presença de minha mãe, e minhas pálpebras arderam.

- É sacerdote? - sussurrei, perguntando-me como ele havia escapado da perseguição dos Tohan.

- Meu irmão era nosso sacerdote. Aquele que o senhor libertou por misericórdia. Desde sua morte, faço o que posso por nossa gente... pelos que restaram.

- Morreram muitos sob o governo de Iida?

- No leste, centenas. Meus pais fugiram para cá há muitos anos, e sob os Otori não havia perseguição. Porém, nos dez anos depois de Yaegahara, ninguém mais teve segurança. Agora temos outro governante, Arai. Ninguém sabe que rumo ele vai tomar. Dizem que seu interesse é outro, que nos deixará sossegados para se ocupar da Tribo - sua voz tornou-se um sussurro ao dizer essa última palavra, como se o simples fato de pronunciá-la acarretasse castigo. - E seria justo - ele prosseguiu -, pois são eles os matadores e assassinos. Nossa gente é inofensiva. Somos proibidos de matar - e ele me lançou um olhar de desculpas: - Claro, senhor, seu caso foi diferente.

Ele não tinha idéia do quanto fora diferente, ou do quanto eu me afastara dos ensinamentos de minha mãe. Cães latiam ao longe, galos anunciavam o amanhecer. Eu tinha que partir, embora a contragosto.

- O senhor não tem medo? - perguntei.

- Muitas vezes fico apavorado. Não tenho o dom da coragem. Minha vida, porém, está nas mãos de Deus. Ele tem planos para mim. Enviou-nos o senhor.

- Não sou um anjo - eu disse.

- De que outro modo um Otori poderia conhecer nossas preces? - ele replicou. - Quem, se não um anjo, compartilharia uma refeição com alguém como eu?

Sabia o risco que estava correndo, mesmo assim, falei:

- O Senhor Shigeru me resgatou de Iida em Mino. Não precisei dizer mais nada. Ele ficou calado por um momento, como que perplexo. Então murmurou:

- Mino? Pensávamos que ninguém de lá tivesse sobrevivido. Como são estranhos os caminhos de Deus. O senhor foi poupado por alguma razão grandiosa. Se não é um anjo, é marcado pelo Ser Secreto.

Balancei a cabeça.

- Sou o mais insignificante dos seres. Minha vida não me pertence. O destino, que me afastou do meu povo, agora me afastou dos Otori - eu não queria contar que me tornara membro da Tribo.

- Está precisando de ajuda? - ele perguntou. - Sempre o ajudaremos. Venha ter conosco, na ponte dos párias.

- Onde é isso?

- Onde curtimos os couros, entre Yamagata e Tsuwano. Pergunte por Jo-An - então ele disse a terceira prece, agradecendo a comida.

- Preciso ir - eu disse.

- Primeiro me dê sua bênção.

Pus a mão direita sobre sua cabeça e iniciei a prece que minha mãe dizia para mim. Senti-me pouco à vontade, sabendo que tinha pouco direito a pronunciar aquelas palavras, porém elas me vieram facilmente à boca. Jo-An pegou minha mão e fez meus dedos tocar sua testa e seus lábios. Dei-me conta, então, do quanto ele confiava em mim. Soltou-me a mão e inclinou a cabeça até o chão. Quando a levantou, eu estava do outro lado da rua. O céu clareava, o ar da aurora era fresco.

Fui me esgueirando de uma porta para outra. O sino do templo soou. A cidade começava a se agitar, as primeiras portas se abriam,

deixando o cheiro de fumaça das cozinhas flutuar pelas ruas. Eu ficara tempo demais com Jo-An. Não utilizara meu segundo eu durante toda a noite, mas sentia-me dividido ao meio, como se tivesse deixado meu eu verdadeiro para sempre com ele, debaixo do salgueiro. O eu que voltava para a Tribo estava vazio.

Quando cheguei à casa Muto, o pensamento sorrateiro que permanecera a noite toda no fundo de minha mente aflorou. Como faria para transpor o muro, vindo da rua? O gesso branco, os tijolos cinzentos brilhavam à luz da aurora, zombando de mim. Agachei-me ao abrigo da casa em frente, lamentando profundamente minha imprudência e estupidez. Tinha perdido a concentração. Minha audição continuava aguçada como sempre, mas a segurança interna se fora.

Não podia ficar onde estava. Ao longe, ouvi o ruído de passos e de cascos de cavalo. Um grupo de homens se aproximava. Suas vozes flutuavam até mim. Tive a impressão de reconhecer o sotaque do oeste que os identificaria como homens de Arai. Sabia que se me encontrassem minha vida com a Tribo estaria acabada. Aliás, minha vida provavelmente se acabaria por completo se Arai estava tão ofendido quanto se dizia.

Eu não tinha escolha. Teria que correr até o portão e gritar para que os guardas abrissem para mim. Estava prestes a atravessar a rua quando ouvi vozes do outro lado do muro. Akio chamava baixinho pelos guardas. Houve um rangido, um baque e o portão se destravou.

A patrulha virou a esquina e surgiu no final da rua. Tornei-me invisível, corri até o portão e me esgueirei para dentro.

Os guardas não me viram, mas Akio sim, do mesmo modo como me interceptara em Inuyama, na primeira vez em que a Tribo me alcançara. Ele se pôs na minha frente e torceu-me os dois braços. Preparei-me para os socos que certamente iria levar, porém ele não perdeu tempo. Puxou-me rápido para dentro da casa.

Os cavalos da patrulha agora andavam mais depressa, descendo a rua a trote. Tropecei no cão. Ele ganiu no sono. Os cavaleiros gritaram para os guardas do portão:

- Bom dia!

- O que vocês pegaram aí? - replicou um dos guardas.

- Não é da sua conta!

Quando Akio me empurrou para dentro da casa, olhei para trás. Pelo espaço estreito entre o banheiro e o muro, só consegui ver o portão aberto e a rua. Atrás dos cavalos, dois homens a pé arrastavam um prisioneiro entre eles. Não o via claramente, mas conseguia ouvir sua voz. Ouvia suas preces. Era meu pária, Jo-An.

Devo ter feito um movimento na direção do portão, pois Akio me puxou de volta com tamanha força que quase desloquei o ombro. Depois me deu um pescoção, silencioso mas eficaz. Fiquei tonto, minha cabeça girou. Ainda sem falar, ele me arrastou até a sala principal, onde a criada varria a esteira. Ela não nos notou.

Ele gritou para a cozinha, fez correr a parede falsa do quarto oculto e me empurrou para dentro. A mulher de Kenji entrou e Akio fechou a porta.

Ela estava pálida, com os olhos inchados, como se ainda estivesse sonolenta. Senti sua fúria antes mesmo que ela falasse. Deu-me duas bofetadas na cara.

- Canalha! Idiota! Como ousa fazer isso comigo!

Akio empurrou-me para o chão, sempre segurando-me os braços atrás das costas. Baixei a cabeça, submisso. Achei que não adiantaria nada dizer alguma coisa.

- Kenji me avisou que você tentaria fugir. Não acreditei. Por que fez isso?

Como não respondi, ela também se ajoelhou e levantou-me a cabeça, para me olhar no rosto. Desviei os olhos.

- Responda! Ficou louco?

- Foi só para ver se eu conseguia.

Ela suspirou, exasperada, parecendo o marido.

- Não gosto de ficar trancado - murmurei.

- É uma loucura - disse Akio, zangado. - Ele é um perigo para todos nós. Deveríamos...

Ela o interrompeu prontamente.

- Essa decisão só pode ser tomada pelo mestre Kikuta. Enquanto isso, nossa tarefa é tentar mantê-lo vivo e fora do alcance de Arai - ela me deu outro tapa, porém menos forte. - Quem o viu?

- Ninguém. Só um pária.

- Que pária?

- Um tanoeiro. Jo-An.

- Jo-An? O maluco? Aquele que viu o anjo? - ela respirou fundo. - Não me diga que ele o viu.

- Conversamos um pouco - admiti.

- Os homens de Arai já pegaram o pária - disse Akio.

- Espero que você se dê conta do quanto é louco -ela disse.

Baixei a cabeça de novo. Estava pensando em Jo-An, desejando tê-lo visto em casa - se é que ele tinha casa em Yamagata -, perguntando a mim mesmo se poderia resgatá-lo,

indagando em silêncio o que seu deus lhe reservava agora. "Muitas vezes fico apavorado", ele dissera. "Apavorado." Piedade e remorso apertavam-me o coração.

- Descubra as revelações do pária - a mulher de Kenji disse a Akio.

- Ele não vai me trair - eu disse.

- Sob tortura, todo o mundo trai - ele replicou, seco.

- Deveríamos antecipar sua viagem - ela prosseguiu. - Talvez seja melhor partir hoje mesmo.

Akio ainda estava ajoelhado atrás de mim, segurando-me pelos pulsos. Senti o movimento quando ele meneou a cabeça.

- Devemos puni-lo? - perguntou.

- Não, tem que estar em condições de viajar. Além do mais, como você já deve ter percebido, castigo físico não o impressiona. No entanto, faça com que ele saiba exatamente o que o pária está sofrendo. Sua cabeça pode ser dura, mas o coração é mole.

- Os mestres dizem que essa é sua principal fraqueza - observou Akio.

- É, se não fosse por isso poderíamos ter um novo Shintaro.

- Corações moles podem ser endurecidos - Akio murmurou.

- Bem, vocês Kikuta sabem melhor como fazer isso.

Continuei ajoelhado no chão enquanto eles discutiam friamente sobre mim, como se eu fosse uma mercadoria, um tonel de vinho, talvez, que pudesse se tornar primoroso ou se estragar e não valer nada.

- E agora? - disse Akio. - Deverá ser amarrado até nossa partida?

- Kenji disse que você escolheu ficar conosco - ela me disse. - Se isso é verdade, por que tenta fugir?

- Eu voltei.

- Vai tentar de novo?

- Não.

- Irá com os atores a Matsue, sem fazer nada que acarrete perigo a eles ou a você?

- Sim.

Ela pensou por um momento e ordenou que Akio me amarrasse, por via das dúvidas. Feito isso, deixaram-me e foram cuidar dos preparativos para nossa partida. A criada entrou, trazendo uma bandeja com comida e chá e, sem dizer uma palavra,

ajudou-me a comer e beber. Depois que ela levou as tigelas, ninguém mais se aproximou de mim. Eu ouvia os sons da casa e tive a impressão de distinguir toda a rigidez e crueldade subjacentes à sua melodia do dia-a-dia. Fui tomado por um imenso cansaço. Rastejei até o colchão, acomodei-me da maneira mais confortável possível, pensei desolado em Jo-An e na minha estupidez, e adormeci.

Acordei de repente, com o coração batendo forte e a garganta seca. Tinha sonhado com o pária, um sonho terrível em que, de muito longe, uma voz insistente, fininha como a de um pernilongo, sussurrava alguma coisa que só eu podia ouvir.

Akio certamente tinha apertado o rosto contra o muro externo. Descrevia todos os detalhes da tortura de Jo-An nas mãos dos homens de Arai. Falava, falava, devagar e em tom monótono, fazendo minha pele se arrepiar e meu estômago se revolver. De vez em quando se calava por um longo intervalo. Aliviado, eu pensava que tivesse terminado, mas então sua voz começava de novo.

Eu não podia nem tapar os ouvidos com as mãos. Não havia como escapar. A mulher de Kenji tinha razão: era o pior castigo que poderia ter concebido para mim. Desejei ter matado o pária na

primeira vez em que o vi à beira do rio. A piedade detivera minha mão, porém os resultados daquela piedade foram fatais. Eu teria dado a Jo-An uma morte rápida e misericordiosa. Agora, por minha causa ele estava sofrendo aquele tormento.

Quando finalmente a voz de Akio cessou, ouvi o andar de Yuki. Ela entrou no quarto carregando uma tigela, tesoura e barbeador. A criada, Sadako, entrou atrás, trazendo nos braços um monte de roupas. Colocou-as no chão e saiu em silêncio. Ouvi Sadako dizer a Akio que a refeição do meio-dia estava pronta e também o ouvi levantar-se e ir com ela até a cozinha. O cheiro de comida pairava pela casa, mas eu estava sem fome.

- Tenho que cortar seu cabelo - disse Yuki.

Por insistência de Ichiro, meu antigo professor na casa de Shigeru, eu tinha o cabelo ao estilo inconfundível dos guerreiros, raspado na frente e, atrás, preso num coque. Havia muitas semanas que não era aparado e que eu não fazia a barba, se bem que ela ainda fosse rala.

Yuki desamarrou-me as mãos e as pernas e me fez sentar à sua frente.

- Você é um idiota - ela disse, começando a cortar. Não respondi. Aquilo eu já sabia, e sabia também que provavelmente faria a mesma coisa de novo.

- Minha mãe ficou muito zangada. Não sei se ficou mais surpresa por você ter sido capaz de adormecê-la ou por ter ousado fazê-lo.

Chumaços de cabelo caíam à minha volta.

- Ao mesmo tempo ela estava enternecida e emocionada - Yuki prosseguiu. - Diz que você lembra Shintaro, quando tinha a sua idade.

- Ela o conheceu?

- Vou lhe contar um segredo: foi apaixonada por ele. Era para os dois se casarem, mas a Tribo não aceitou, e ela se casou com meu pai. Seja como for, acho que não suporta que alguém tenha esse poder sobre ela. Shintaro era um mestre do sono Kikuta: ninguém podia com ele.

Yuki estava animada, mais tagarela do que de costume. Eu sentia sua mão tremer ligeiramente ao tocar-me o pescoço, enquanto com a tesoura fria me cortava o cabelo. Lembrei-me das palavras de desdém ditas por Kenji a respeito de sua mulher, das garotas com quem ele dormira. Seu casamento era como a maioria, uma aliança arranjada entre duas famílias.

- Se minha mãe tivesse se casado com Shintaro, eu seria outra pessoa - Yuki disse, pensativa. - Acho que, no fundo do coração, ela nunca deixou de amá-lo.

- Apesar de ele ser um assassino?

- Ele não era assassino! Não mais do que você.

Alguma coisa na sua voz me dizia que a conversa estava tomando um rumo perigoso. Eu achava Yuki muito atraente. Sabia que tinha sentimentos intensos por mim. No entanto, não sentia por ela o mesmo que por Kaede e não queria falar de amor. Tentei mudar de assunto.

- Pensei que o dom de adormecer fosse coisa apenas dos Kikuta. Shintaro não era da família Kuroda?

- Por parte de pai. A mãe era Kikuta. Shintaro e seu pai eram primos.

Arrepiei-me ao pensar que o homem cuja morte eu havia causado, com quem todos diziam que eu me parecia, era um parente tão próximo.

- O que aconteceu, exatamente, na noite em que Shintaro morreu? - Yuki perguntou, curiosa.

- Ouvi alguém subindo na casa. Por causa do calor, a janela do primeiro andar estava aberta. O Senhor Shigeru queria pegá-lo vivo, mas quando o agarrou nós três caímos no jardim. O intruso bateu a cabeça numa pedra, porém achamos que ele também ingeriu veneno no momento da queda. Seja como for, morreu sem recuperar a consciência. Seu pai confirmou que se tratava de Kuroda Shintaro. Mais tarde ficamos sabendo que tinha sido contratado pelos tios de Shigeru, os Senhores Otori, para assassinar Shigeru.

- É extraordinário - disse Yuki - que você estivesse lá e ninguém soubesse quem você era.

Respondi com displicência, talvez desarmado pelas lembranças daquela noite:

- Não é tão extraordinário assim. Shigeru estava me procurando quando me resgatou em Mino. Já sabia da minha existência e sabia que meu pai tinha sido assassinado.

O Senhor Shigeru tinha me contado isso numa conversa em Tsuwano. Eu lhe perguntara se era esse o motivo pelo qual ele me procurava, e ele me respondera que era a razão principal mas não a única. Não consegui saber quais eram as outras razões e, doravante, nunca poderia saber.

As mãos de Yuki pararam.

- Meu pai não sabia disso.

- Não, ele tinha razões para acreditar que Shigeru agira por impulso, que tinha me salvado a vida e me levado para Hagi por mero acaso.

- Não pode estar falando sério.

Tarde demais, sua veemência despertou minhas suspeitas.

- Que importância isso tem agora?

- Como Shigeru ficou sabendo de uma coisa de que nem a Tribo suspeitava? O que mais ele lhe contou?

- Muita coisa - eu disse, com impaciência. - Ele e Ichiro me ensinaram quase tudo o que sei.

- É sobre a Tribo que estou falando.

Balancei a cabeça, como se não estivesse entendendo.

- Nada, não sei nada sobre a Tribo além do que seu pai me disse e do que fiquei sabendo aqui.

Yuki fixou o olhar em mim. Evitei encará-la.

- Você tem muito mais a aprender - ela disse, finalmente. - Vou poder ensinar-lhe a caminho - passou as mãos por meu cabelo tosado e se levantou, de um só movimento, como sua mãe. - Vista isso. Vou lhe trazer alguma coisa para comer.

- Não estou com fome - eu disse, esticando os braços para pegar as roupas. Já tinham sido coloridas, mas agora eram de um laranja e um marrom desbotados. Perguntei-me quem as teria usado e o que lhes teria acontecido ao longo da vida.

- Temos algumas horas de viagem pela frente - ela disse -, e hoje não vamos mais comer. Faça tudo o que Akio e eu mandarmos. Se mandarmos você fazer um chá com a poeira tirada de baixo de suas unhas e tomá-lo, faça-o. Se mandarmos você comer, coma. E não faça nada além disso. Aprendemos esse tipo de obediência quando crianças. Você terá de aprender agora.

Quis perguntar se ela fora obediente ao me trazer Jato, a espada de Shigeru, em Inuyama, porém achei mais prudente não dizer nada. Vesti os trajes de ator e, quando Yuki voltou com a comida, comi sem fazer perguntas.

Yuki me olhava em silêncio e, quando terminei, ela disse:

- O pária morreu.

Queriam endurecer-me o coração. Não olhei para ela nem respondi.

- Ele não disse nada sobre você - prosseguiu. - Não imaginei que um pária pudesse ter tanta coragem. Não levava veneno para encontrar alívio. Mesmo assim, não disse nada.

Agradei a Jo-An em meu coração, agradei aos Ocultos que levavam com eles seus segredos... Para onde? Para o Paraíso? Para outra vida? Para o fogo que silencia, para o túmulo silencioso? Queria fazer preces por ele, à maneira da nossa gente. Ou acender

velas e queimar incenso para ele, conforme Ichiro e Chiyo tinham me ensinado na casa de Shigeru, em Hagi. Pensei em Jo-An caminhando sozinho, à noite. O que faria sua gente sem ele?

- Você faz preces para alguém? - perguntei a Yuki.

- Claro - ela respondeu, surpresa.

- Para quem?

- Para o Iluminado, em todas as suas formas. Os deuses da montanha, da floresta, do rio. Todos os antigos. Hoje de manhã levei flores ao santuário da ponte para pedir bênçãos para nossa viagem. Estou contente por partirmos hoje. É um bom dia para viajar, todos os sinais são favoráveis - olhou para mim, como se estivesse fazendo um balanço, e meneou a cabeça. - Não me pergunte essas coisas. Faz você ficar diferente. Ninguém mais perguntaria isso.

- Ninguém mais viveu minha vida.

- Agora você é membro da Tribo. Tente comportar-se como tal.

Ela pegou uma sacola de dentro da manga e me entregou.

- Tome, Akio mandou lhe dar isto.

Abri-o, apalpei seu interior e despejei o seu conteúdo. Cinco bolas de malabarismo, macias e firmes, recheadas de grãos de arroz, caíram no chão. Por mais que eu detestasse malabarismos, era impossível deixar de pegá-las e manipulá-las. Com três delas na mão direita e duas na esquerda, levantei. O contato com as bolas, os trajes de ator de certo modo já tinham me transformado.

- Você é Minoru - disse Yuki. - Quem lhe deu essas bolas foi seu pai. Akio é seu irmão mais velho. Eu sou sua irmã.

- Não somos muito parecidos - eu disse, jogando as bolas para o alto.

- Vamos adquirir uma certa semelhança. Meu pai disse que você pode mudar um pouco suas feições.

- O que aconteceu com nosso pai? - as bolas iam e voltavam, o círculo, a fonte...

- Morreu.

- Cômodo.

Ela me ignorou.

- Vamos a Matsue para o festival de outono. A viagem vai levar cinco ou seis dias, dependendo do tempo. Arai ainda tem homens procurando por você, porém a busca principal, aqui, terminou. Ele já partiu para Inuyama. Vamos para a direção oposta. À noite ficaremos em casas seguras. Mas a estrada não pertence a ninguém. Se encontrarmos alguma patrulha, você terá de provar quem é.

Deixei cair uma das bolas e me abaixei para pegá-la.

- Não pode deixar que elas caiam - disse Yuki. - Ninguém na sua idade as deixa cair. Meu pai também disse que você sabe

interpretar bem. Não faça nenhum de nós correr perigo.

Partimos pela porta de trás. A mulher de Kenji saiu para se despedir. Ela me observou, examinou meu cabelo e minhas roupas.

- Espero que nos encontremos de novo - ela disse -, mas, conhecendo sua imprudência, não conto muito com isso.

Fiz uma reverência, sem dizer nada. Akio já estava no pátio com uma carrocinha-de-mão, igual àquela em que eu fora jogado em Inuyama. Segurou-me para que eu entrasse e eu me ajeitei entre os acessórios e fantasias. Yuki entregou-me meu punhal. Fiquei feliz em vê-lo de novo e o escondi entre minhas roupas.

Akio ergueu o varal da carroça e começou a empurrá-la. Fui chacoalhando pela cidade, na semi-escuridão, ouvindo seus sons e a conversa dos atores. Reconheci a voz da outra garota de Inuyama, Keiko. Também havia outro homem conosco. Eu ouvira sua voz na casa, mas não o tinha visto.

Quando estávamos a uma boa distância das últimas casas, Akio parou, abriu o lado da carroça e mandou que eu saísse. Era aproximadamente a segunda metade da hora da Cabra, e ainda fazia muito calor, embora o outono já tivesse começado. Akio brilhava de suor. Tinha tirado quase toda a roupa para puxar a carroça. Vi o quanto ele era forte. Era mais alto do que eu e muito mais musculoso. Foi beber água no rio que margeava a estrada, e molhou a cabeça e o rosto. Yuki, Keiko e o homem mais velho se acoraram à beira da estrada. Quase não os reconheci. Estavam completamente transformados numa trupe de atores, daquelas que vivem precariamente, de cidade em cidade, sobrevivendo de fazer graça ou de outros talentos e habilidades que possam ter ou fingir, sempre no limite da escassez ou do crime.

O homem me deu um sorriso desdentado. Seu rosto era descarnado, expressivo e ligeiramente sinistro. Keiko me ignorou. Tal como Akio, ela tinha nas mãos ferimentos meio cicatrizados, provocados por meu punhal.

Respirei fundo. Apesar do calor, o ar era infinitamente melhor do que o do quarto em que estivera trancado e o da carrocinha abafada. Atrás de nós via-se a cidade de Yamagata, o castelo branco contra as montanhas, que ainda estavam verdes e luxuriantes, com

manchas aqui e ali, provocadas pelas folhas cujas cores começavam a se alterar. Os campos de arroz também estavam se tornando dourados. Logo seria tempo de colheita. A sudoeste vi a encosta íngreme de Terayama, porém os telhados do templo se escondiam atrás dos cedros. Mais ao longe, desdobravam-se as sucessivas camadas de montanhas, que a distância se tornavam azuladas e tremeluziam através da névoa da tarde.

Akio me deu um soco nos ombros.

- Pare de sonhar como um imbecil - ele disse, com um sotaque e um dialeto grosseiros. - É sua vez de empurrar.

Naquele entardecer, eu sentia daquela carroça o mais profundo ódio de que jamais me imaginara capaz. Era pesada e desajeitada, enchendo-me as mãos de bolhas e estirando-me as costas. Puxá-la na subida era terrível, pois as rodas caíam nas valetas e sulcos e todos nós tínhamos que fazer força para tirá-las. Mas segurá-la na descida era um pesadelo. Minha vontade era soltá-la e deixá-la disparar para dentro da floresta. Pensava com saudade no meu cavalo, Raku.

O velho Kazuo andava a meu lado, ajudando-me a acertar meu sotaque e ensinando-me as palavras que eu precisava conhecer da gíria dos atores. Algumas Kenji já me ensinara, o jargão oculto da Tribo, outras eram novas para mim. Eu o imitava, como antes imitara Ichiro, num tipo de aprendizado muito diferente, e tentava me conceber transformado em Minoru.

No final do dia, quando a luz começou a empalidecer, descemos uma ladeira, que ia dar num povoado. A estrada se tornou plana e sua superfície mais uniforme. Um homem que voltava para casa nos cumprimentou.

Eu sentia cheiro de fumaça de lenha e de comida cozinhando. À minha volta levantaram-se os sons do povoado no fim do dia: a água do banho escorrendo, crianças brincando e brigando, mulheres tagarelando enquanto cozinhavam, o fogo crepitando, o machado rachando lenha, o sino do santuário, toda a trama da vida em que eu havia sido criado.

E captei mais uma coisa: o tinir de um arreio, o passo abafado das patas de um cavalo.

- Há uma patrulha ali adiante - eu disse a Kazuo. Ele levantou a mão, num sinal para nos determos, e chamou Akio, em voz baixa:

- Minoru diz que há uma patrulha.

Akio me olhou de viés, contra o sol poente.

- Você ouviu?

- Estou ouvindo cavalos. O que mais poderia ser? Ele meneou a cabeça e deu de ombros, como quem diz "tanto faz como tanto fez".

- Entre na carroça.

Fiz o que Akio mandou, e Kazuo começou a cantar uma canção cômica grotesca. Ele tinha uma boa voz, que ecoava no ar tranquilo do entardecer. Yuki pegou dentro da carroça um pequeno tambor e o jogou para Akio, que começou a bater o ritmo da canção. Yuki também pegou um instrumento de uma corda só, que ela tocava andando ao nosso lado. Keiko segurava piões, como aqueles que tinham chamado minha atenção em Inuyama.

Assim, fizemos a curva e chegamos à patrulha. Tinham instalado uma barreira de bambu logo antes das primeiras casas do povoado. Havia uns nove ou dez homens, todos sentados no chão, comendo. Traziam nas vestes o emblema do urso, de Arai. Os estandartes do pôr-do-sol dos Seishuu tinham sido fincados na margem. Quatro cavalos pastavam um pouco abaixo.

Um bando de crianças estava ali em volta e, quando nos viram, correram para nós, gritando e rindo. Kazuo interrompeu sua canção

para lhes dirigir umas charadas e, depois, gritou com descaramento para os soldados:

- O que está havendo, rapazes?

Seu comandante levantou e se aproximou de nós. Todos nos ajoelhamos na poeira imediatamente.

- Levantem-se - ele disse. - De onde estão vindo? Tinha o rosto quadrado, sobrancelhas cerradas, boca minúscula e queixo grande. Limpou o arroz dos lábios com o dorso da mão.

- Yamagata - Akio entregou o tambor para Yuki e pegou uma tábula. Nela estavam inscritos nossos nomes, o nome de nossa corporação e nossas licenças. O comandante a examinou longamente, decifrando nossos nomes, de vez em quando olhando alternadamente para cada um, investigando nossos rostos. Keiko girava os piões. Os homens a observavam com um interesse nada

indiferente. Para eles, atrizes eram o mesmo que prostitutas. Um deles lhe fez uma sugestão zombeteira; ela respondeu dando risada.

Encostei-me na carroça e enxuguei o suor do rosto.

- O que ele faz, esse Minoru? - perguntou o comandante, devolvendo a tábula para Akio.

- Meu irmão caçula? É malabarista. É a vocação da família.

- Deixe-me vê-lo - disse o comandante, com uma espécie de sorriso nos lábios minúsculos.

Akio não hesitou nem por um instante.

- Ei, irmãozinho. Mostre para o senhor.

Enxuguei as mãos na minha faixa, amarrei-a em torno da cabeça, tirei as bolas da sacola, sopesei-as e, assim, transformei-me em Minoru. Aquela era minha vida. Nunca havia conhecido outra: a estrada, o novo povoado, os olhares suspeitos e hostis. Esqueci o cansaço, a dor de cabeça e as bolhas das mãos. Eu era Minoru, e estava fazendo o que sempre fizera, desde que me vira capaz de ficar em pé.

As bolas voavam. Trabalhei primeiro com quatro, depois com cinco. Quando terminei a segunda seqüência da fonte, Akio me fez um sinal brusco com a cabeça, e joguei as bolas em sua direção. Ela as apanhou sem fazer o menor esforço, atirando a tábula para o ar, junto com elas. Então, jogou-as de volta para mim. A aresta cortante da tábula acertou-me as mãos cheias de bolhas. Fiquei com raiva, perguntando a mim mesmo qual seria sua intenção: queria me denunciar, me trair? Perdi o ritmo. A tábula e as bolas caíram na poeira.

O sorriso do comandante se desmanchou. Ele deu um passo à frente. Naquele momento um impulso insensato veio-me à mente: entregar-me a ele, pedir a clemência de Akio e escapar da Tribo antes que fosse tarde.

Akio parecia que ia voar em cima de mim.

- Idiota! - ele berrou, dando-me um tapa no ouvido. - Nosso pai deve estar se revirando no túmulo!

Assim que ele levantou a mão para mim, eu sabia que meu disfarce não se desfaria. Seria inconcebível um ator atacar um guerreiro Otori. O soco me fez voltar a ser Minoru, como nada mais seria capaz de fazer.

- Desculpe-me, irmão - eu disse, pegando as bolas e a tábua. Mantive-as rodopiando no ar até o comandante rir e nos fazer um gesto para continuarmos nosso caminho.

- Venham ver-nos à noite! - Keiko gritou para os soldados.

- Certo, hoje à noite - eles responderam.

Kazuo recomeçou a cantar, Yuki a bater tambor. Joguei a tábula para Akio e guardei as bolas, que estavam escuras de sangue. Ergui os varais da carroça. A barreira foi levantada e entramos no povoado.

O nome de nossa corporação e nossas licenças. O comandante a examinou longamente, decifrando nossos nomes, de vez em quando olhando alternadamente para cada um, investigando nossos rostos. Keiko girava os piões. Os homens a observavam com um interesse nada indiferente. Para eles, atrizes eram o mesmo que prostitutas. Um deles lhe fez uma sugestão zombeteira; ela respondeu dando risada.

Encostei-me na carroça e enxuguei o suor do rosto.

- O que ele faz, esse Minoru? - perguntou o comandante, devolvendo a tábula para Akio.

- Meu irmão caçula? É malabarista. É a vocação da família.

- Deixe-me vê-lo - disse o comandante, com uma espécie de sorriso nos lábios minúsculos.

Akio não hesitou nem por um instante.

- Ei, irmãozinho. Mostre para o senhor.

Enxuguei as mãos na minha faixa, amarrei-a em torno da cabeça, tirei as bolas da sacola, sopesei-as e, assim, transformei-me em Minoru. Aquela era minha vida. Nunca havia conhecido outra: a estrada, o novo povoado, os olhares suspeitos e hostis. Esqueci o cansaço, a dor de cabeça e as bolhas das mãos. Eu era Minoru, e estava fazendo o que sempre fizera, desde que me vira capaz de ficar em pé.

As bolas voavam. Trabalhei primeiro com quatro, depois com cinco. Quando terminei a segunda seqüência da fonte, Akio me fez um sinal brusco com a cabeça, e joguei as bolas em sua direção. Ela as apanhou sem fazer o menor esforço, atirando a tábula para o ar, junto com elas. Então, jogou-as de volta para mim. A aresta cortante da tábula acertou-me as mãos cheias de bolhas. Fiquei com raiva, perguntando a mim mesmo qual seria sua intenção: queria me denunciar, me trair? Perdi o ritmo. A tábula e as bolas caíram na poeira.

O sorriso do comandante se desmanchou. Ele deu um passo à frente. Naquele momento um impulso insensato veio-me à mente: entregar-me a ele, pedir a clemência de Akio e escapar da Tribo antes que fosse tarde.

Akio parecia que ia voar em cima de mim.

- Idiota! - ele berrou, dando-me um tapa no ouvido. - Nosso pai deve estar se revirando no túmulo!

Assim que ele levantou a mão para mim, eu sabia que meu disfarce não se desfaria. Seria inconcebível um ator atacar um guerreiro Otori. O soco me fez voltar a ser Minoru, como nada mais seria capaz de fazer.

- Desculpe-me, irmão - eu disse, pegando as bolas e a tábua. Mantive-as rodopiando no ar até o comandante rir e nos fazer um gesto para continuarmos nosso caminho.

- Venham ver-nos à noite! - Keiko gritou para os soldados.

- Certo, hoje à noite - eles responderam.

Kazuo recomeçou a cantar, Yuki a bater tambor. Joguei a tábula para Akio e guardei as bolas, que estavam escuras de sangue. Ergui os varais da carroça. A barreira foi levantada e entramos no povoado.

4.

Kaede iniciou seu último dia de viagem de volta para casa numa perfeita manhã de outono: céu azul-claro, ar fresco e leve como água da fonte. A névoa pairava no fundo dos vales e sobre o rio, prateando as teias das aranhas e as gavinhas das clematites silvestres. Porém, um pouco antes do meio-dia o tempo começou a mudar. Do noroeste, nuvens chegavam se arrastando pelo céu e o vento soprava forte. A luz parecia estar se apagando mais cedo e, antes do entardecer, começou a chover.

Os campos de arroz, as hortas e as árvores frutíferas estavam seriamente danificadas pelas tempestades. Os povoados pareciam meio vazios e as poucas pessoas que passavam olhavam para ela carrancudas, só fazendo reverência quando ameaçadas pelos guardas, e mesmo assim de má vontade. Kaede não sabia se a reconheciam ou não. Não queria se deter para falar com elas, porém não podia deixar de se perguntar por que os estragos não tinham

sido reparados, por que os homens não estavam trabalhando no campo para salvar o que pudessem da colheita.

Seu coração não sabia como se comportar. Às vezes se desacelerava, como que num mau presságio, dando-lhe a sensação de que ia desmaiar; depois se acelerava, batendo freneticamente, de ansiedade e medo. As milhas que ainda restavam pareciam intermináveis, embora o passo firme dos cavalos as vencesse rapidamente. Ela temia tudo o que a aguardava em casa.

Via paisagens que acreditava reconhecer e seu coração parecia prestes a saltar-lhe pela boca. No entanto, quando finalmente chegaram ao jardim murado e ao portão da casa de seus pais, ela não reconheceu nada. Será que era ali mesmo que tinha morado? Era tão pequeno, não era fortificado nem tinha guardas. Os portões estavam escancarados. Quando Raku passou por eles, Kaede não pôde deixar de sufocar um grito.

Shizuka tinha descido do cavalo. Ela ergueu os olhos.

- O que foi, senhora?

- O jardim! - Kaede exclamou. - O que houve com o jardim?

Por todo lado havia sinais da fúria das tempestades. Um pinheiro derrubado jazia atravessado sobre o riacho. Na queda, ele derrubara e arrebentara uma lanterna de pedra. Kaede teve um lampejo de memória; a lanterna, recém-colocada, uma luz ardendo dentro dela, à noite, talvez o Festival em Memória aos Mortos: uma luz flutuava rio abaixo e ela sentia a mão de sua mãe em seus cabelos.

Kaede olhava, sem compreender, o jardim arruinado. Era mais do que estrago das tempestades. Era evidente que havia meses que ninguém cuidava dos arbustos ou tirava o limo, que ninguém limpava os laguinhos ou podava as árvores. Era aquela sua casa, um dos principais domínios do oeste? O que acontecera com os Shirakawa, antes tão poderosos?

O cavalo baixou a cabeça, esfregando-a na pata dianteira. Relinchou, impaciente e cansado, esperando que, agora que tinham parado, alguém viesse desarreá-lo e dar-lhe de comer.

- Onde estão os guardas? - disse Kaede. - Onde estão todos?

O homem que ela chamava de Cicatriz, o capitão da escolta, cavalgou até a varanda, inclinou-se para a frente e gritou:

- Ei! Alguém está aí dentro?

- Não entre! - Kaede gritou. - Espere por mim. Vou entrar primeiro.

Braço Longo estava em pé ao lado da cabeça de Raku, segurando a rédea. Kaede desmontou, deslizando para os braços de Shizuka. A chuva transformara-se num leve chuvisco, que se acumulava em seus cabelos e roupas. O jardim cheirava a umidade e podridão, terra fermentada e folhas caídas. Kaede sentiu intensificar-se insuportavelmente a imagem da casa de sua infância, mantida intacta e brilhante em seu coração durante oito anos; depois, essa imagem desapareceu para sempre.

Braço Longo entregou a rédea para um dos soldados que estava a pé e, desembainhando a espada, avançou na frente de Kaede. Shizuka foi atrás deles.

Ao tirar as sandálias na varanda, o contato da madeira pareceu levemente familiar a seus pés. Mas não reconheceu o cheiro, era uma casa de estranhos.

Houve um súbito movimento no interior da casa, e Braço Longo saltou à frente, escondendo-se na sombra. Uma voz de menina gritou alarmada. O homem puxou-a para a varanda.

- Solte-a! - Kaede ordenou, furiosa. - Como ousa tocar nela?

- Ele está apenas protegendo a senhora - murmurou Shizuka, mas Kaede não ouvia. Foi ao encontro da menina, segurou-lhe as mãos e fitou-lhe o rosto. Era quase da mesma altura de Kaede, tinha o rosto suave e os olhos castanho-claros como os do pai.

- Ai? Sou sua irmã, Kaede. Lembra-se de mim?

A menina a olhou. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

- Irmã? É você, de verdade? Por um momento, contra a luz... Pensei que fosse nossa mãe.

Kaede abraçou a irmã, sentindo os olhos cheios de lágrimas.

- Ela morreu, não é?

- Mais de dois meses atrás. Suas últimas palavras foram sobre você. Ela ansiava por vê-la, mas a notícia de seu casamento lhe trouxe paz.

A voz de Ai vacilou e ela recuou, soltando-se do abraço de Kaede.

- Por que você veio? Onde está seu marido?

- Vocês não receberam notícias de Inuyama?

- Este ano fomos atingidos por furacões. Muita gente morreu e a colheita foi destruída. Recebemos poucas notícias, só rumores de guerra. Depois da última tempestade um exército passou por aqui, apressado, mas nem entendemos quem aqueles homens estavam combatendo e por quê.

- O exército de Arai?

- Eram Seishuu de Maruyama e mais do norte. Estavam indo ao encontro do Senhor Arai, para lutar contra os Tohan. Papai sentiu-se insultado, pois se considerava aliado do Senhor Iida. Tentou impedi-los de passar por aqui. Foi encontrá-los perto das Cavernas Sagradas. Eles tentaram conversar, mas papai os atacou.

- Papai os atacou? Ele morreu?

- Não, foi derrotado, é claro, e a maioria de seus homens morreu. Mas ele está vivo. Considera Arai um traidor e um impostor. Afinal, ele era leal aos Noguchi, quando você foi feita refém.

- Os Noguchi foram derrotados, já não sou sua refém e sou aliada de Arai - disse Kaede.

A irmã arregalou os olhos.

- Não entendo - murmurou. - Não estou entendendo nada.

Só então ela pareceu tomar conhecimento de Shizuka e dos homens que estavam lá fora. Fez um gesto de impotência.

- Desculpem-me, devem estar exaustos. Fizeram uma longa viagem. Os homens devem estar famintos - ela franziu o cenho, subitamente com ar de criança. - O que faço? - sussurrou. - Temos tão pouco para oferecer.

- Restou alguma criada?

- Mandei-as esconderem-se na floresta quando ouvimos os cavalos. Creio que voltarão antes de escurecer.

- Shizuka - disse Kaede. - Vá à cozinha e veja o que encontra. Dê de comer e de beber aos homens. Eles passarão a noite aqui. Preciso de pelo menos dez para ficarem comigo - ela apontou para Braço Longo. - Ele que os escolha. Os outros deverão voltar para Inuyama. Se alguém de minha gente ou algo que me pertença sofrer qualquer dano provocado por eles, pagarão com a vida.

Shizuka fez uma reverência:

- Senhora.

- Vou lhe mostrar onde fica - disse Ai, conduzindo Shizuka para os fundos da casa.

- Qual é seu nome? - Kaede perguntou a Braço Longo.

Ajoelhando-se diante dela, ele respondeu:

- Kondo, senhora.

- É um dos homens do Senhor Arai?

- Minha mãe era dos Seishuu. Meu pai, se me permite confiar-lhe meus segredos, era da Tribo. Lutei com os homens de Arai em Kushimoto, e fui chamado para me colocar a serviço dele.

Ela olhou-o de cima. Não era um homem jovem. Tinha os cabelos raiados de cinza, a pele do pescoço enrugada. Kaede perguntou-se qual teria sido seu passado, que trabalho teria feito para a Tribo, até que ponto poderia confiar nele. Mas precisava de um homem para lidar com os soldados e com os cavalos, para defender a casa. Kondo salvara Shizuka, era temido e respeitado pelos outros homens de Arai, tinha as habilidades de luta que ela necessitava.

- Acho que preciso de sua ajuda por algumas semanas - ela disse. - Posso contar com você?

Só então ele ergueu os olhos. Na escuridão ela não conseguia distinguir sua expressão. Ele sorriu, mostrando o brilho branco de seus dentes, e, quando falou, sua voz tinha um tom de sinceridade, até de devoção.

- A Senhora Otori pode contar comigo sempre que precisar.

- Então jure - ela disse, sentindo-se corar, ao fingir uma autoridade que não tinha certeza de possuir.

Os contornos de seus olhos franziram-se momentaneamente. Ele encostou a testa na esteira e jurou lealdade a ela e à sua família, porém ela teve a impressão de perceber uma nota de ironia em sua voz. "A Tribo sempre dissimula", pensou, com um calafrio.

- Selecione os homens em quem pode confiar - ela disse -, veja se há bastante comida para os cavalos e se estarão bem abrigados nas estrebarias.

- Senhora Otori - ele murmurou, e novamente ela teve a impressão de detectar uma certa ironia. Perguntava-se o quanto ele saberia, o que Shizuka lhe contara.

Depois de uns instantes, Ai voltou, tomou a mão de Kaede e disse, baixinho:

- Será que conto ao papai?

- Onde ele está? Qual é seu estado? Ele foi ferido?

- Foi ferido levemente. Mas não é o ferimento... A morte de nossa mãe, a perda de tantos homens... às vezes sua mente parece vagar e ele parece não saber onde está. Conversa com espíritos e fantasmas.

- Por que não se matou?

- A primeira vez que o trouxeram de volta, ele quis fazê-lo - a voz de Ai se deteve e ela começou a chorar. -Eu impedi. Estava muito fraca. Hana e eu nos agarramos a ele e pedimos que não nos deixasse. Tomei as armas dele - ela voltou para Kaede o rosto listrado de lágrimas. - Foi tudo culpa minha. Deveria ter tido mais coragem. Deveria tê-lo ajudado a morrer e depois ter matado Hana e a mim, como caberia a uma filha de guerreiro. Mas não podia. Não podia tirar a vida dela nem deixá-la sozinha. Assim, vivemos na vergonha, e isso está deixando papai louco.

Kaede pensou: "Eu também deveria ter me matado, logo que soube que o Senhor Shigeru fora traído. Mas não o fiz. Em vez disso, matei Iida." Ela tocou o rosto de Ai, sentindo-o molhado de lágrimas.

- Perdoe-me - Ai murmurou. - Fui muito fraca.

- Não. Por que você deveria morrer? - Kaede replicou. Sua irmã tinha apenas treze anos, não cometera nenhum crime. - Por que qualquer um de nós deveria escolher a morte? Nós vamos viver. Onde está Hana agora?

- Mande-a para a floresta com as mulheres.

Até então, raramente Kaede sentira compaixão. Agora esse sentimento despertava dentro dela, tão penoso quanto o luto. Lembrou-se da Deusa Branca que viera até ela. Misericordiosa, consolara-a, prometendo-lhe que Takeo voltaria para ela. Porém, junto com a promessa da deusa viera o apelo à compaixão, a exigência de que Kaede vivesse para cuidar das irmãs, de sua gente, de seu filho que estava por nascer. Lá de fora vinha a voz de Kondo dando ordens, os homens gritando em resposta. Um cavalo relinchou e outro respondeu. A chuva estava mais forte, marcando o ritmo de um som que lhe pareceu familiar. Ela suspirou.

- Preciso ver papai - disse. - Depois precisamos dar de comer aos homens. Será que alguém dos povoados poderá ajudar?

- Um pouco antes da morte de mamãe, os lavradores mandaram uma delegação. Vieram se queixar da taxa do arroz, das condições dos diques e dos campos, da perda da colheita. Papai ficou furioso. Recusou-se até a falar com eles. Ayame convenceu-os a nos deixar em paz, porque mamãe estava doente. Desde então, tudo foi confusão. Os aldeões têm medo do papai, dizem que ele está louco.

- E os vizinhos?

- Há o Senhor Fujiwara. De vez em quando ele visitava o papai.

- Não me lembro dele. Que tipo de homem ele é?

- É estranho. Bastante elegante e frio. Dizem que é de alta estirpe, e morava na capital.

- Inuyama?

- Não, na capital real, onde mora o imperador.

- Então é um nobre?

- Deve ser. Fala diferente das pessoas daqui. Mal consigo entendê-lo. Parece ser um homem muito erudito. Papai gostava de conversar com ele sobre história e sobre os clássicos.

- Bem, se ele vier visitar o papai de novo, talvez eu peça seus conselhos.

Kaede ficou em silêncio por um momento, lutando contra o cansaço. Estava com dor nas pernas e com a barriga pesada. Sua vontade era deitar e dormir. E em algum canto dentro de si mesma sentia-se culpada por não estar mais pesarosa. Não é que não estivesse sofrendo e angustiada com a morte da mãe e a humilhação do pai, mas não havia espaço em sua alma para mais tristeza e não tinha energia para despende com isso.

Olhou à sua volta. Até a meia-luz conseguia ver que a esteira estava velha, as paredes manchadas de umidade, os biombos rasgados. Ai seguiu seu olhar.

- Estou com vergonha - ela sussurrou. - Havia tanto a fazer. E tanta coisa que não sei como se faz.

- Acho que até lembro como era - Kaede disse. - Parecia que tinha um brilho.

- Mamãe é que fazia ser assim - disse Ai, reprimindo um soluço.

- Nós vamos fazer com que seja assim de novo - Kaede prometeu.

Da cozinha chegou de repente o som de alguém cantando. Kaede reconheceu a voz de Shizuka e a canção que ouvira a primeira vez que a encontrara, a balada de amor do povoado e da floresta de pinheiros.

"Como ela tem coragem de cantar agora?", pensou. Em seguida Shizuka entrou correndo, trazendo uma lanterna em cada mão.

- Encontrei isto na cozinha - ela disse -, e felizmente o fogo ainda estava aceso. Estou cozinhando arroz e cevada. Kondo mandou alguns homens ao povoado para comprar o que for possível. E as criadas voltaram.

- Nossa irmã deve estar com elas - disse Ai, suspirando aliviada.

- É, ela trouxe uma braçada de ervas e cogumelos e insiste em cozinhá-los.

Ai corou.

- Ela se tornou meio selvagem - começou a explicar.

- Quero vê-la - disse Kaede. - Depois leve-me até o papai.

Ai saiu, Kaede ouviu uma troca de palavras na cozinha e, alguns segundos depois, Ai voltou com uma menina de uns nove anos.

- Esta é Kaede, nossa irmã mais velha. Foi embora de casa quando você era bebê - Ai disse a Hana, e depois a repreendeu: - Cumprimente direito sua irmã mais velha.

- Seja bem-vinda - Hana sussurrou, ajoelhando-se e fazendo uma reverência. Kaede ajoelhou-se na frente dela, tomou-lhe as mãos e a fez levantar-se. Então, olhou-a no rosto.

- Quando saí de casa, eu era mais nova do que você - ela disse, examinando os olhos bonitos e a perfeita estrutura óssea sob as formas arredondadas de criança.

- Ela se parece com a senhora - disse Shizuka.

- Espero que seja mais feliz - replicou Kaede, aconchegando Hana num abraço. Sentiu o corpo frágil tremer e percebeu que a menina estava chorando.

- Mamãe! Eu quero a mamãe!

Os olhos de Kaede encheram-se de lágrimas.

- Ora, Hana, não chore, irmãzinha - Ai tentou acalmá-la. -
Desculpe - ela disse, voltando-se para Kaede. -Ela ainda está triste.
Não aprendeu a se comportar.

"Bem, vai ser obrigada a aprender", pensou Kaede, "como eu
fui. Vai aprender a não mostrar seus sentimentos, a aceitar que a
vida é feita de sofrimento e perda, a chorar às escondidas, se é que
vai chorar."

- Venha - disse Shizuka -, você tem que me ensinar a cozinhar
os cogumelos. Não conheço os daqui.

Seu olhar encontrou o de Kaede sobre a cabeça da menina, e
seu sorriso era caloroso e terno.

- Sua acompanhante é maravilhosa - disse Ai, depois que elas
saíram. - Há quanto tempo está com você?

- Há alguns meses, desde um pouco antes da minha partida do castelo Noguchi - Kaede respondeu. As duas irmãs ficaram ajoelhadas no chão, sem saber o que dizer uma à outra. A chuva caía pesada, escorrendo dos beirais como uma cortina de flechas de aço. Era quase noite. Kaede pensou: "Não posso contar para Ai que o Senhor Arai me enviou Shizuka como parte da conspiração para derrubar Iida, nem que Shizuka é da Tribo. Não posso lhe contar nada. Ela é muito jovem, nunca saiu de Shirakawa. Não sabe nada do mundo."

- Acho que devemos ver papai - ela disse.

Mas naquele momento ouviu-se a voz do pai chamar de uma parte distante da casa:

- Ai! Ayame! - seus passos se aproximavam. E ele se queixava baixinho: - Ah, elas foram embora e me deixaram. Essas mulheres são imprestáveis!

Ele entrou na sala e parou ao ver Kaede.

- Quem está aí? Temos visitas? Quem chegou a esta hora da noite, debaixo de chuva?

Ai levantou-se e foi até ele: - É Kaede, sua filha mais velha. Ela voltou. Está salva.

- Kaede? - e ele deu um passo em sua direção. Kaede não se levantou. Ficou onde estava, fez uma reverência profunda, encostando a testa no chão. Ai ajudou o pai a se abaixar. Ele se ajoelhou na frente de Kaede.

- Sente-se, sente-se - ele disse, impaciente. - Vamos nos olhar frente a frente.

- Papai? - ela indagou, ao levantar a cabeça.

- Sou um homem coberto de vergonha - ele disse. -Deveria ter morrido. Não morri. Agora estou vazio, só parcialmente vivo. Olhe para mim, filha.

Na verdade, ele sofrera mudanças terríveis. Sempre fora controlado e digno. Agora parecia uma casaca do que fora antes. Tinha um corte ainda meio aberto que ia da têmpora até a orelha esquerda. O cabelo fora raspado no lugar do ferimento. Estava descalço e com as roupas sujas. A barba por fazer escurecia-lhe o queixo.

- O que aconteceu? - ela disse, tentando não deixar a raiva transparecer em sua voz. Viera em busca de refúgio, esperando voltar ao lar da infância perdida. Passara oito anos de tristeza, e agora o encontrava quase destruído.

O pai fez um gesto de cansaço.

- O que importa? Tudo está perdido, arruinado. Sua volta é o golpe final. O que houve com seu casamento com o Senhor Otori? Não vá me dizer que ele morreu.

- Não por culpa minha - ela disse, amarga. - Iida o matou.

Seus lábios se apertaram e ele empalideceu.

- Aqui não ficamos sabendo de nada.

- Iida também morreu - ela prosseguiu. - As forças de Arai tomaram Inuyama. Os Tohan foram derrubados.

A menção ao nome de Arai o perturbou visivelmente.

- Aquele traidor - ele resmungou, fitando a escuridão como se estivesse vendo fantasmas. - Ele derrotou Iida? - e prosseguiu, depois de uma pausa: - Pelo visto, mais uma vez fiquei do lado vencido. Decerto alguma maldição caiu sobre minha família. Pela primeira vez estou feliz por não ter nenhum filho como herdeiro. Shirakawa pode sumir, que ninguém vai lamentar.

- O senhor tem três filhas! - Kaede retrucou, ofendida.

- E a minha mais velha também é amaldiçoada, provocando a morte de todos os homens que se ligam a ela!

- Iida matou o Senhor Otori! Foi uma conspiração, desde o início. Meu casamento foi planejado para atraí-lo para Inuyama e fazê-lo cair nas mãos de Iida.

A chuva batia forte no telhado, caindo em cascata pelos beirais. Shizuka entrou silenciosamente, trazendo mais lanternas. Colocou-as no chão e se ajoelhou atrás de Kaede.

"Preciso me controlar", Kaede pensava, "não posso contar nada."

O pai a olhava, com expressão confusa.

- Afinal, você se casou ou não?

O coração de Kaede disparou. Nunca tinha mentido para o pai. Achou que não fosse conseguir falar. Virou a cabeça, como que vencida pela tristeza.

- Posso falar, Senhor Shirakawa? - sussurrou Shizuka.

- Quem é ela? - ele perguntou a Kaede.

- É minha criada. Passou a me servir no castelo de Noguchi.

Ele meneou a cabeça, concordando que Shizuka falasse.

- O que tem a dizer?

- A Senhorita Shirakawa e o Senhor Otori casaram-se em segredo, em Terayama - Shizuka falou, em voz baixa. - Sua parenta foi testemunha, mas também morreu em Inuyama, assim como a filha.

- Maruyama Naomi morreu? As coisas estão cada vez piores. Agora o domínio se perderá para a família de sua enteada. E vamos ser obrigados a lhes entregar Shirakawa também.

- Eu sou a herdeira - disse Kaede. - Ela deixou tudo para mim.

Ele deu um risinho desconsolado.

- Eles disputaram o domínio durante anos. O marido é primo de Iida e tem o apoio de muitos dos Tohan e dos Seishuu. Você só

pode estar louca, achando que vão deixá-la herdar alguma coisa.

Kaede mais sentiu do que ouviu Shizuka se agitar ligeiramente, atrás dela. O pai era apenas o primeiro de muitos, de um clã inteiro, talvez até dos Três Países, que tentariam preveni-la.

- Mesmo assim, vou tentar.

- Vai ter que lutar muito - ele disse, com escárnio.

- Pois então vou lutar.

Naquele instante, tudo parecia irreal, aquele recinto escuro e, lá fora, o jardim encharcado de chuva.

- Restam-nos poucos homens - ele disse, com voz amarga. - Os Otori farão alguma coisa por você? Acho que vai ter que se casar de novo. Eles sugeriram alguém?

- É muito cedo para pensar nisso - disse Kaede. - Ainda estou de luto - e ela respirou tão fundo que decerto ele ouvira. - Acho que vou ter um filho.

Seus olhos voltaram-se para ela, tentando enxergar na escuridão.

- Shigeru lhe deu um filho?

Ela se inclinou confirmando, sem ousar falar.

- Bem, bem - ele disse, com súbita e inoportuna jovialidade. - Precisamos comemorar! Mais um homem morreu, mas sua semente está viva. Um feito notável! - até então estavam falando em voz baixa, mas de repente ele chamou, surpreendentemente alto: - Ayame!

Kaede deu um salto, sem querer. Percebeu o quanto a mente do pai estava perturbada, oscilando entre a lucidez e a demência. Estava assustada, porém tentou afastar o medo. Já que naquele momento ele estava lhe dando crédito, o que viesse depois ela enfrentaria à medida que acontecesse.

Ayame, a criada, entrou e se ajoelhou diante de Kaede.

- Senhora, seja bem-vinda. Desculpe-nos pela acolhida tão triste.

Kaede tomou-lhe as mãos e a fez levantar-se. Elas se abraçaram. A figura sólida e indômita de que Kaede se lembrava tornara-se uma mulher já quase velha. No entanto, teve a impressão de reconhecer seu cheiro, que lhe despertou súbitas lembranças da infância.

- Traga vinho - ordenou o pai de Kaede. - Quero beber pelo meu neto.

Kaede sentiu um leve tremor de apreensão, como se, dando ao filho uma falsa identidade, tivesse tornado falsa sua vida.

- Ainda é muito cedo para comemorar - ela disse, em voz baixa.

- Kaede! - exclamou Ayame, chamando-a pelo nome, como a uma criança. - Não diga isso, não chame o azar!

- Vá buscar vinho - seu pai levantou a voz. - E feche as portas e janelas. Por que temos que passar frio?

Quando Ayame saiu para a varanda, ouviram passos e a voz de Kondo chamou:

- Senhora Otori!

Shizuka foi até a porta falar com ele.

- Mande-o subir - disse Kaede.

Kondo subiu até o piso de madeira e se ajoelhou na entrada. Kaede percebeu o rápido olhar que ele lançou pela sala, captando num segundo a distribuição da casa, avaliando as pessoas que estavam ali. Resolveu dirigir-se a ela, não ao pai.

- Consegui alguns alimentos no povoado. Selecionei os homens que a senhora pediu. Um rapaz se destacou, Amano Tenzo. Vai se encarregar dos cavalos. Vou cuidar para que agora os homens comam alguma coisa e designar os guardas para a noite.

- Obrigada. Amanhã de manhã conversaremos. Kondo fez mais uma reverência e saiu em silêncio.

- Quem é esse sujeito? - indagou o pai. - Por que não se dirigiu a mim, para pedir minha opinião ou minha permissão?

- Ele trabalha para mim - Kaede replicou.

- Se é homem de Arai, não o quero nesta casa.

- Já disse que ele trabalha para mim - sua paciência estava se esgotando. - Agora somos aliados do Senhor Arai. Ele controla a maior parte dos Três Países. É nosso suserano. Precisa aceitar isso, papai. Iida morreu e tudo mudou.

- Isso quer dizer que agora as filhas podem falar assim com o pai?

- Ayame - disse Kaede -, leve meu pai para o quarto. Hoje ele vai comer lá.

O pai começou a esbravejar. Kaede levantou a voz para ele pela primeira vez na vida.

- Papai, estou cansada. Conversaremos amanhã. Ayame lançou-lhe um olhar que ela resolveu ignorar.

- Faça o que mandei - disse, friamente, e depois de um momento a velha criada obedeceu e levou seu pai embora.

- Precisa comer, senhora - disse Shizuka. - Sente-se, vou lhe trazer alguma coisa.

- Veja se todos estão alimentados - disse Kaede. - E feche a casa.

Mais tarde, ela se deitou e ficou ouvindo a chuva. Sua família e seus homens estavam protegidos, de certo modo alimentados, em segurança, desde que se pudesse confiar em Kondo. Em sua mente

corriam os acontecimentos do dia, os problemas com que teria que lidar: seu pai, Hana, o estado deteriorado de Shirakawa, o tão disputado domínio de Maruyama. Como faria para reivindicar e tomar posse do que lhe pertencia?

"Se pelo menos eu fosse homem", ela pensou. "Como seria fácil. O que meu pai não faria por mim se eu fosse seu filho?"

Ela sabia que tinha em si a dureza de um homem. Apunhalara o guarda, sem pensar, quando ainda era refém no castelo Noguchi. Iida, porém, ela matara deliberadamente. Seria capaz de matar de novo, se algum homem tentasse oprimi-la. Seu pensamento navegou até a Senhora Maruyama. "Gostaria de tê-la conhecido melhor", pensou. "Gostaria de ter aprendido mais com a senhora. Sinto o pesar que lhe causei. Se pelo menos tivéssemos podido conversar abertamente!" Teve a impressão de ver o belo rosto à sua frente e de ouvir sua voz. "Confio minhas terras e meu povo a você. Cuide bem deles."

"Vou cuidar", ela prometeu. "Vou aprender como fazê-lo." A insuficiência de sua educação a deprimia, mas poderia remediá-la. Decidiu que encontraria uma maneira de percorrer o território, falar com os lavradores, treinar homens e travar batalhas, tudo o que um

filho aprende a fazer desde que nasce. "Papai vai ter que me ensinar", ela pensou. "Assim terá que pensar em alguma coisa que não seja ele mesmo."

Sentiu uma pontada de emoção, medo ou vergonha, talvez uma mistura de ambos. No que estava se transformando? Será que não era normal? Teria sido vítima de algum feitiço ou maldição? Tinha certeza de que nunca mulher alguma tivera pensamentos. Com exceção da Senhora Maruyama. Agarrando-se ao salva-vidas da promessa que fizera à sua parenta, ela acabou adormecendo.

Na manhã seguinte, despediu-se dos homens de Arai, instando para que partissem o quanto antes. Eles estavam felizes por ir embora, ansiosos por voltar às campanhas no leste antes do início do inverno. Kaede também não via a hora de se livrar deles, temendo não dar conta de alimentá-los por mais uma noite que fosse. Em seguida organizou as criadas da casa para começarem a limpar a casa e a consertar os estragos do jardim. Constrangida, Ayame confidenciou-lhe que não havia com que pagar gente para trabalhar. A maior parte dos tesouros dos Shirakawa e todo o dinheiro tinham se acabado.

- Então temos que fazer sozinhas o que pudermos -disse Kaede. E, iniciado o trabalho, ela foi até os estábulos com Kondo.

Um rapaz a cumprimentou com uma deferência que não escondia o prazer. Era Amano Tenzo, que acompanhara seu pai ao castelo e que ela conhecera quando ambos eram crianças. Agora decerto estaria beirando os vinte anos.

- É um belo cavalo - ele disse, ao trazer Raku e arreá-lo. -Já tinha ouvido falar nos cavalos dos Otori. São conhecidos por seu vigor e sensibilidade. Dizem que adquirem essas qualidades nos pântanos e que o espírito dos rios os protege. Com sua permissão, colocaremos nossas éguas com ele e no próximo ano teremos seus potros.

Kaede gostava daquela sua maneira de dirigir-se diretamente a ela e falar-lhe daqueles assuntos. A área do estábulo estava em melhores condições do que a maior parte das dependências, limpa e bem conservada, embora, além de Raku, do garanhão castanho de Amano e dos quatro cavalos pertencentes a Kondo e seus homens, houvesse apenas três outros cavalos de guerra, todos velhos e um deles coxo. Havia caveiras de cavalos penduradas nos beirais e o vento gemia nos orifícios vazios dos olhos. Ela sabia que eram

colocadas ali para proteger e acalmar os cavalos, porém agora o número de mortos era maior do que o de vivos.

- É, precisamos ter mais cavalos - ela disse. - Quantas éguas nós temos?

- Agora, só duas ou três.

- Há algum modo de conseguirmos mais antes do inverno?

A expressão do rapaz se fechou.

- A guerra, a fome... Este ano foi desastroso para Shirakawa.

- Quero que me mostre os estragos - ela disse. -Vamos sair a cavalo.

Raku mantinha a cabeça erguida e as orelhas em pé. Parecia estar observando e ouvindo. Relinchou baixinho quando ela se aproximou, mas continuou olhando a distância.

- Está sentindo falta de alguém... Decerto é do dono - disse Amano. - Não se preocupe, ele vai acabar se adaptando a nós e se conformando.

Kaede afagou o pescoço cinza-claro do animal. "Também sinto falta dele", ela sussurrou, baixinho. "Será que algum de nós vai se conformar?" Sentiu estreitar-se o vínculo entre ela e o cavalo.

Kaede cavalgou a manhã toda, explorando seus domínios com Amano e Kondo. Alguns dias depois, um homem mais velho apareceu em sua porta e foi cumprimentado pelas criadas com lágrimas de alegria. Era Shoji Kiyoshi, o vassalo mais antigo de seu pai, que fora ferido e dado como morto. Tinha grande conhecimento do território, dos povoados e dos lavradores. Kaede logo percebeu que aquele homem poderia lhe revelar muito do que ela desejava saber. De início ele a tratou com indulgência, achando estranho e meio engraçado uma moça interessar-se por aqueles assuntos, mas surpreendeu-se com sua facilidade para entender os negócios e com sua memória. Começou a discutir os problemas com ela e, embora Kaede continuasse tendo a sensação de que a desaprovava, sentiu que podia confiar nele.

O pai pouco se interessava pela administração do dia-a-dia da propriedade e Kaede suspeitava de que ele tivesse sido negligente, até injusto, embora temesse estar sendo desleal ao pensar assim. Ele ocupava seus dias lendo e escrevendo em seus aposentos. Todas as tardes, Kaede ia lhe fazer companhia, sentava-se e o observava pacientemente. Ele passava horas sem dizer nada, contemplando o jardim, no qual Ayame e as criadas trabalhavam exaustivamente. Às vezes resmungava consigo mesmo, queixando-se de sua sorte.

Ela pedia-lhe que lhe ensinasse, suplicando: - Trate-me como se eu fosse seu filho -, mas o pai se recusava a levá-la a sério.

- Uma esposa deve ser obediente e, se possível, bonita. Os homens não gostam de mulheres que pensam como eles.

- Eles sempre terão com quem conversar - ela argumentava.

- Os homens não conversam com suas esposas, conversam uns com os outros - ele retrucava. - De qualquer modo, você não tem marido. Deveria empregar melhor seu tempo, pensando em se casar de novo.

- Não me casarei com ninguém - ela disse. - Por isso preciso aprender. Preciso fazer sozinha todas as coisas que um marido faria por mim.

- Claro que vai se casar - ele replicou, seco. - Faremos algum arranjo.

No entanto, para alívio de Kaede, o pai nada fez nesse sentido.

Ela ia ter com ele todos os dias, ajoelhando-se a seu lado, observando cada gesto seu enquanto ele preparava a tinta, a pedra e os pincéis. Ela sabia ler e escrever a escrita fluente usada pelas mulheres, mas o pai escrevia na linguagem dos homens, com as formas dos caracteres impenetráveis e sólidas como grades de prisão.

Ela observava pacientemente, até que um dia o pai lhe entregou o pincel, dizendo-lhe que escrevesse os caracteres que significavam homem, mulher e criança.

Como era canhota por natureza, ela segurou o pincel com a mão esquerda, porém, vendo o pai franzir o cenho, passou-o para a direita. Para Kaede, usar a mão direita sempre implicava maior

esforço. Escreveu com firmeza, imitando os movimentos de braço do pai. Ele observou longamente o resultado.

- Você escreve como homem - disse, finalmente.

- Faça de conta que sou homem, então - sentindo o peso de seu olhar, levantou os olhos para ele também. O pai a fitava como se não a conhecesse, como que ao mesmo tempo alarmado e fascinado, como se ela fosse algum animal exótico.

- Seria interessante ver se uma moça consegue aprender - ele disse -, uma vez que não tenho filho homem e, agora, já não poderei ter.

Sua voz se interrompeu e seus olhos fitaram a distância, sem enxergar. Foi o único momento em que fez alusão, embora indiretamente, à morte de sua mãe.

A partir de então o pai de Kaede passou a lhe ensinar tudo o que ela teria aprendido se tivesse nascido homem. Ayame desaprovava-o totalmente, assim como a maioria da família, das criadas e também dos homens, especialmente Shoji. Mas Kaede os ignorava. Aprendia rapidamente, embora muito do que ficava sabendo a enchesse de desespero.

- A única coisa que papai me diz é por que os homens governam o mundo - queixou-se para Shizuka.

Era noite, e as duas estavam deitadas, uma ao lado da outra, sussurrando. Ai, Hana e as outras mulheres dormiam no quarto ao lado. A noite era tranqüila, o ar estava frio.

- Não é todo o mundo que acha isso. Talvez haja outras comunidades onde se pensa de maneira diferente. Mesmo aqui há pessoas que ousam pensar de modo diferente. A Senhora Maruyama, por exemplo... - Kaede baixou a voz mais ainda. - Os Ocultos...

- O que sabe sobre os Ocultos? - disse Shizuka, rindo de mansinho.,

- Você me falou sobre eles há muito tempo, a primeira vez que me encontrou no castelo Noguchi. Disse que acreditavam que todos são criados iguais por seu deus. Lembro que achei que você e eles eram loucos. Mas agora, ao saber que até o Iluminado fala desfavoravelmente das mulheres, ou pelo menos seus sacerdotes e monges, pergunto-me por que isso acontece.

- O que esperava? - disse Shizuka. - São os homens que escrevem as histórias e os textos sagrados. Até os poemas. Não se pode mudar o mundo. É preciso aprender a viver nele.

- Há mulheres escritoras - disse Kaede. - Lembro-me de ouvir seus contos no castelo Noguchi. Mas papai diz que eu não deveria lê-los, pois irão corromper meu espírito.

Às vezes achava que o pai selecionava para ela apenas as obras que diziam coisas escabrosas sobre as mulheres, depois começou a pensar que talvez não houvesse outras. Não gostava em especial de Kung Tzu, a quem o pai admirava intensamente. Uma tarde, estava escrevendo os pensamentos do sábio, que o pai lhe ditava, quando apareceu um visitante.

O tempo havia virado durante a noite. O ar estava úmido e frio. Fumaça e neblina misturavam-se, pairando nos vales. No jardim, as cabeças pesadas dos últimos crisântemos pendiam sob a umidade. As mulheres tinham passado as últimas semanas preparando os trajes de inverno, e Kaede bendizia as roupas de baixo acolchoadas que vestia agora. Ficar sentada, escrevendo e lendo, congelava-lhe os pés e as mãos. Logo teria que providenciar braseiros. Temia a chegada do inverno, que ainda não tinham condições de enfrentar.

Ayame surgiu agitada e disse, com voz alarmada:

- O Senhor Fujiwara está aqui, senhor.

- Vou deixá-los - disse Kaede, pousando o pincel e se levantando.

- Não, fique. Ele vai gostar de encontrá-la. Decerto veio para ouvir as notícias que você traz do leste.

O pai saiu pela porta para dar as boas-vindas ao hóspede. Voltou, fez um gesto para Kaede e se ajoelhou.

O pátio encheu-se de homens a cavalo e outros criados. O Senhor Fujiwara descia da liteira pousada numa pedra enorme e chata, que fora transportada até o jardim com essa finalidade. Kaede lembrou-se daquele dia de sua infância. Admirou-se por um instante de que alguém pudesse escolher deslocar-se daquela maneira, e desejou, com dor na consciência, que os homens tivessem trazido sua própria comida. Então, ajoelhou-se, enquanto o cavalheiro tirava as sandálias e entrava na casa.

Deu um jeito de olhar para ele antes de baixar os olhos. Era alto e magro, tinha o rosto pálido e esculpido como uma máscara, a testa excepcionalmente alta. Seus trajes não eram muito coloridos, porém eram elegantes e feitos de tecido requintadíssimo. Exalava uma fragrância sedutora, que sugeria ousadia e originalidade. Retribuiu graciosamente a reverência do pai de Kaede e respondeu a seus cumprimentos em linguagem cortês e rebuscada.

Kaede permaneceu imóvel enquanto ele passava por ela para entrar na sala, e seu aroma invadiu-lhe as narinas.

- Minha filha mais velha - o pai disse, casualmente, ao entrar acompanhando o hóspede. - Otori Kaede.

- Senhora Otori - ela ouviu-o dizer. - Gostaria de vê-la.

- Entre, filha - o pai disse, impaciente, e ela entrou ajoelhada.

- Senhor Fujiwara - murmurou.

- É muito bonita - observou o cavalheiro -, deixe-me ver seu rosto.

Kaede levantou o rosto e ele a fitou.

- Maravilhosa.

Ela notou admiração, não desejo. Surpresa, deu um sorriso leve, mas franco. Ele parecia igualmente surpreso, e a linha rígida de seus lábios se atenuou.

- Devo estar incomodando - desculpou-se, ao ver os instrumentos e os rolos de papel. A curiosidade o venceu. Levantando uma sobrancelha, perguntou: - Uma aula?

- Não é nada - respondeu o pai, embaraçado. - Loucuras de menina. O senhor deve me achar um pai muito indulgente.

- Pelo contrário, estou fascinado - e pegou a página escrita por ela. - Posso?

- Por favor, por favor - disse o pai.

- Mão hábil! Ninguém diria que pertence a uma moça. Kaede sentiu-se corar. Mais uma vez, lembravam-lhe sua ousadia e falta de feminilidade por ousar aprender assuntos de homens.

- Gosta de Kung Tzu? - perguntou o Senhor Fujiwara, dirigindo-se diretamente a ela.

- Meus sentimentos com relação a ele são contraditórios - ela replicou. - Parece-me importar-se muito pouco comigo.

- Filha - o pai a repreendeu, no entanto mais uma vez os lábios de Fujiwara esboçaram uma espécie de sorriso.

- Não deve ter previsto um contato tão próximo - ele replicou, com suavidade. - Suponho que tenha chegado recentemente de Inuyama. Confesso que o motivo de minha visita é, em parte, saber notícias de lá.

- Cheguei há cerca de um mês. - Kaede explicou. - Não vim diretamente de Inuyama, vim de Terayama, onde o Senhor Shigeru foi sepultado.

- Seu marido? Não fiquei sabendo. Meus pêsames. Seu olhar percorreu as formas do corpo dela.

"Não deixa escapar nada", ela pensou. "Tem olhos de ave de rapina."

- Iida provocou sua morte - disse, baixinho. - E, por sua vez, foi morto pelos Otori.

Fujiwara prosseguiu, expressando sua simpatia, e ela falou um pouco de Arai e da situação de Inuyama. Contudo, sob aquela conversa formal e elegante, Kaede teve a impressão de distinguir uma vontade de saber mais. Aquilo a incomodava um pouco, mas ao mesmo tempo a tentava. Sentia que poderia lhe contar tudo, que

nada o chocaria, e estava lisonjeada com o interesse evidente que mostrava por ela.

- Esse é o Arai que jurou lealdade aos Noguchi - disse o pai, voltando com raiva a seu principal ressentimento. - Por causa de sua traição acabei tendo que lutar contra homens do clã Seishuu dentro de minhas próprias terras, alguns deles meus parentes. Fui traído e deixado para trás.

- Papai! - Kaede tentou silenciá-lo. Aquilo não era da conta do Senhor Fujiwara, e quanto menos se falasse em desgraça melhor seria.

O cavalheiro acolheu a revelação com uma leve reverência.

- Provavelmente o Senhor Shirakawa foi ferido.

- Muito de leve. Preferia ter sido morto. Queria me matar, mas minhas filhas me fizeram fraquejar.

Kaede não queria ouvir mais nada. Felizmente foram interrompidos por Ayame, que entrou trazendo chá e pedacinhos de doce de pasta de feijão. Kaede serviu os homens e depois pediu licença, deixando que continuassem a conversar sozinhos. Os olhos de Fujiwara a seguiram, e ela saiu desejando falar-lhe de novo, porém sem a presença do pai.

Era inconcebível para ela sugerir tal coisa, mas de vez em quando tentava pensar num modo de fazer o encontro acontecer. Alguns dias depois, o pai anunciou-lhe que chegara uma mensagem do cavaleiro convidando Kaede para visitá-lo e conhecer sua coleção de pinturas e outros tesouros.

- De certo modo, você despertou seu interesse - o pai disse, meio surpreso. - É melhor levar junto sua acompanhante, embora eu ache que nada tem a temer de Fujiwara, nesse sentido.

Satisfeita, embora um pouco apreensiva, Kaede pediu que Shizuka fosse ao estábulo dizer para Amano selar Raku e ir com ela até a residência de Fujiwara, que ficava a pouco mais de uma hora de cavalgada.

- Deve ir de liteira - Shizuka replicou, resoluta.

- Por quê?

- O Senhor Fujiwara pertence à corte. É um nobre. Não pode ir visitá-lo a cavalo, como um guerreiro - Shizuka começou muito séria, mas depois se desmanchou numa risadinha e acrescentou: - Se a senhora fosse um garoto que aparecesse montado em Raku, provavelmente nunca iria convidá-la! Tem que impressioná-lo como mulher, precisa apresentar-se com perfeição. Decerto vai achá-la muito alta - ela completou, lançando um olhar crítico para a moça.

- Ele já disse que eu era bonita - Kaede replicou, melindrada.

- Precisa vê-la sem defeitos, como uma peça de *céladon*, ou uma pintura de Sesshu. Então vai desejar incluí-la em sua coleção.

- Não quero fazer parte de sua coleção! - ela exclamou.

- Quer o quê, então? - Shizuka perguntou, muito séria. Kaede respondeu no mesmo tom:

- Quero recuperar minhas terras e reivindicar o que é meu. Quero ter o mesmo poder que os homens.

- Neste caso irá precisar de um aliado - replicou Shizuka. - Se quiser que seja o Senhor Fujiwara, terá que se mostrar perfeita para ele. Mande-lhe uma mensagem dizendo que teve um pesadelo esta noite e que hoje não parece um dia de bom agouro. Diga-lhe que irá ter com ele depois de amanhã, assim ganharemos tempo.

Depois de mandar a mensagem, Kaede entregou-se ao empenho de Shizuka, que lhe lavou a cabeça, tirou-lhe as sobrancelhas, esfregou a pele de seu rosto com farelo, massageou-a e esfregou de novo. Shizuka buscou entre todas as roupas da casa e escolheu para Kaede algumas de sua mãe. Não eram novas, mas eram feitas de material de alta qualidade, e as cores, cinza de asa de pomba e roxo de trevo silvestre, destacavam a pele marfim de Kaede e os tons azulados de seu cabelo.

- Está muito bonita e com certeza vai despertar o interesse dele - disse Shizuka. - Mas também é preciso deixá-lo intrigado. Não lhe fale muita coisa. Ele me parece um homem que gosta de segredos. Antes de lhe contar seus segredos, assegure-se de que receberá um pagamento justo por eles.

Com as primeiras geadas, as noites eram frias, porém os dias eram claros. As montanhas em torno da casa brilhavam com seus

bordos e sumagreiras, vermelhas como chamas contrastando com os cedros verde-escuros e o céu azul. Kaede estava com os sentidos aguçados por causa da gravidez, e, ao descer da liteira no jardim da residência dos Fujiwara, comoveu-se profundamente com a beleza do lugar. Era um período perfeito do outono, que logo desapareceria para sempre, levado pelos vendavais que chegariam uivando das montanhas.

A casa era maior e estava muito mais bem conservada do que a de Kaede. A água corria pelo jardim, sobre pedras antigas e laguinhos nos quais carpas douradas e vermelhas nadavam preguiçosamente. As montanhas pareciam erguer-se direto do jardim, e uma cascata distante evocava e espelhava o riacho. Duas grandes águias pairavam no céu sem nuvens.

Um jovem a cumprimentou na escada e a conduziu através de uma ampla varanda até a sala principal, onde o Senhor Fujiwara já se instalara. Kaede entrou e se ajoelhou, encostando a testa no chão. A esteira era fresca e nova, ainda de cor verde-pálida e cheiro penetrante.

Shizuka ficou fora, ajoelhada no chão de madeira. A sala estava em silêncio. Enquanto Kaede esperava que ele começasse a

falar, pois sabia que a estava estudando, tentava enxergar o mais que pudesse da sala, sem mover os olhos nem a cabeça. Foi um alívio quando, finalmente, o Senhor Fujiwara dirigiu-se a ela, pedindo-lhe que sentasse.

- Estou muito feliz em que tenha podido vir - ele disse. Trocaram formalidades, ela mantendo a voz suave e baixa, ele falando numa linguagem tão rebuscada que às vezes ela apenas adivinhava o sentido das palavras. Esperava que, se falasse o menos possível, ele a achasse enigmática, e não tola.

O jovem voltou com os utensílios e o próprio Fujiwara fez o chá, mexendo o pó verde dentro de uma infusão espumante. As tigelas eram rústicas, marrom-rosadas, agradáveis aos olhos e às mãos. Ela virou a sua, admirando-a.

- São de Hagi - ele explicou -, da terra natal do Senhor Otori. É meu aparelho de chã favorito - e, depois de um tempo, prosseguiu: - A senhora vai para lá?

"Claro que eu deveria", Kaede pensou rapidamente. "Se ele de fato fosse meu marido e eu estivesse esperando um filho dele, eu iria para sua casa, para sua família."

- Não posso - ela disse, simplesmente, levantando os olhos. Como sempre, a lembrança da morte de Shigeru e do papel que desempenhara nela e no ato de vingança levou-a quase às lágrimas, escurecendo-lhe os olhos e fazendo-os brilhar.

- Sempre há razões - ele falou, evasivo. - Veja minha situação, também. Meu filho, o túmulo de minha esposa estão na capital. Talvez a senhora não saiba, mas solicitaram-me que fosse embora. Meus escritos desagradavam ao governante. Depois de meu exílio, a cidade passou por dois fortes terremotos e uma série de incêndios. Acreditou-se que o céu estivesse expressando sua desaprovação ao tratamento injusto dispensado a um erudito inocente. Fizeram preces e pediram-me que voltasse, mas por enquanto estou gostando da vida que levo aqui e tenho razões para não obedecer imediatamente. No entanto, é claro, por fim serei obrigado a voltar.

- O Senhor Shigeru tornou-se um deus - ela disse. -Centenas de pessoas vão todos os dias fazer preces em seu túmulo, em Terayama.

- O Senhor Shigeru, infelizmente para todos nós, está morto, ao passo que eu ainda estou bem vivo. É muito cedo para tornar-me um deus.

Ele acabava de lhe contar algo sobre si mesmo, e Kaede sentia-se impelida a fazer o mesmo.

- Seus tios desejavam sua morte - disse. - Por isso não quero ir para junto deles.

- Sobre o clã dos Otori conheço muito pouco além da bela louça que eles produzem em Hagi. - ele disse. -Têm fama de ser esquivos. Parece que o lugar em que vivem é quase inacessível. E eles têm alguma remota ligação com a família imperial - sua voz era leve, quase zombeteira. No entanto, quando voltou a falar, mudou levemente de tom, retomando a intensidade de sentimentos que ela notara antes. - Desculpe, talvez esteja sendo indiscreto, mas como foi que o Senhor Shigeru morreu?

Kaede tivera tão pouca oportunidade de falar naqueles acontecimentos terríveis que sua vontade era desabafar com ele, porém, ao vê-lo inclinar-se em sua direção, voltou a senti-lo ávido, não por ela, mas por saber o que sofrera.

- Não posso falar nisso - disse, em voz baixa. Teria que fazê-lo pagar por seus segredos. - É muito doloroso.

- Ah.

Fujiwara baixou os olhos para a tigela que tinha nas mãos. Kaede permitiu-se estudá-lo, os ossos esculpados de seu rosto, a boca sensual, os dedos longos e delicados. Ele pousou a tigela na esteira e ergueu os olhos para a moça. Ela sustentou seu olhar, lágrimas vieram-lhe aos olhos, e então ela os desviou.

- Talvez algum dia... - disse, suavemente.

Por alguns momentos, mantiveram-se sentados, sem se mover nem falar.

- A senhora me intriga - ele disse, finalmente. - Muito poucas mulheres me intrigam. Se me permite, vou lhe mostrar meu lugar humilde, minha pequena coleção.

Ela pousou a tigela no chão e levantou-se graciosamente. Fujiwara observava todos os seus movimentos, mas sem o desejo voraz de outros homens. Kaede entendeu o que Shizuka quisera dizer. Se aquele cavalheiro a admirasse, iria acrescentá-la à sua coleção. Que preço pagaria por ela e o que ela poderia exigir?

Shizuka inclinou-se até o chão quando eles passaram, e o jovem criado surgiu das sombras. Era delgado e delicado como uma moça.

- Mamoru - disse Fujiwara -, a Senhora Otori teve a bondade de consentir em ver minhas peças patéticas. Venha conosco.

O rapaz fez uma reverência para ela, e Fujiwara disse:

- Você deveria aprender com ela, estudá-la. É um modelo perfeito.

Kaede seguiu-os ao centro da casa, onde havia um átrio e um tablado.

- Mamoru é ator - disse Fujiwara. - Interpreta papéis femininos. Gosto de encenar peças de teatro neste pequeno espaço.

Talvez não fosse grande, mas era maravilhoso. Colunas de madeira maciça sustentavam o teto adornado de entalhes, e no pano de fundo havia a pintura de um pinheiro retorcido.

- A senhora precisa vir assistir a uma apresentação -disse Fujiwara. - Estamos prestes a encenar *Atsumori*. Estamos apenas esperando a chegada de nosso flautista. Mas antes disso vamos apresentar *A pedra de pisoar*. Mamoru tem muito a aprender com a senhora e eu gostaria de ouvir sua opinião sobre essa encenação.

Como Kaede não respondesse, ele continuou:

- Conhece teatro?

- Assisti a algumas peças quando estava na casa do Senhor Noguchi - ela respondeu. - Mas sei muito pouco sobre teatro.

- Seu pai me contou que foi refém dos Noguchi.

- Desde os sete anos.

- Que vida estranha têm as mulheres - ele observou, e Kaede estremeceu.

Passaram do teatro a outra sala, que dava para um jardim menor, no qual se derramava a luz do sol. Kaede apreciou seu calor. No entanto o sol já baixava por trás das montanhas. Logo seus cumes o esconderiam e suas sombras angulosas cobririam o vale. Kaede não pôde deixar de estremeecer.

- Tragam um braseiro - ordenou Fujiwara. - A Senhora Otori está com frio.

Mamoru desapareceu por uns instantes e voltou com um criado mais velho, que trazia já aceso um pequeno braseiro de carvão.

- Sente-se aqui perto - disse Fujiwara. - Nesta época do ano é fácil apanhar um resfriado.

Mamoru voltou a sair do recinto, sempre sem falar, com movimentos silenciosos, cheios de graça e respeito. Voltou trazendo uma pequena arca de madeira de paulóvnia, colocando-a cuidadosamente no chão. Saiu da sala e voltou mais três vezes, sempre trazendo outra arca ou caixa. Cada uma era de madeira diferente - zelcova, cipreste e cerejeira -, polida de tal modo que a cor e a textura revelavam a antigüidade da árvore, a encosta em que crescera, as estações de calor e frio, chuva e vento que suportara.

Fujiwara abriu uma por uma. Dentro delas havia trouxas, que eram objetos envolvidos em várias camadas de pano. Os próprios tecidos das trouxas eram bonitos, embora evidentemente muito antigos: sedas finamente tecidas e de colorido sutil. No entanto, o que havia dentro superava tudo o que Kaede já vira. Ele desembulhava cada objeto, colocava-o no chão na frente dela e a convidava a pegá-lo, tocá-lo com os dedos, com os lábios, se desejasse, ou passá-lo nas sobrancelhas, dizendo que às vezes o tato e o cheiro eram tão importantes quanto a visão. Mostrou-lhe um a um, voltando a embrulhar cada objeto e a colocá-lo no lugar antes de mostrar o seguinte.

- Raramente os vejo - ele disse, com voz amorosa. -Olhares indignos os rebaixam. Desembrulhá-los já é, para mim, um ato erótico. Compartilhá-los com alguém cujo olhar os enaltece em vez de diminuí-los é um dos meus maiores prazeres, embora mais raros.

Kaede não dizia nada, pouco sabendo do valor ou da tradição dos objetos que estavam diante dela: o bule de chá de louça marrom-rosada, ao mesmo tempo frágil e rústica, a figura de *céladon* do Iluminado sentado no lótus, a caixa laqueada de ouro ao mesmo tempo simples e intrincada. Ela apenas olhava, e parecia-lhe que aquelas coisas bonitas também tinham olhos e a viam.

Mamoru não ficou para ver os objetos, mas, após o que parecia ser um longo tempo, pois para Kaede o tempo havia parado, ele voltou com uma caixa grande e chata. Fujiwara tirou uma pintura, uma paisagem de inverno com dois corvos pretos em primeiro plano, contrastando com a neve.

- Ah, Sesshu - ela sussurrou, rompendo seu silêncio.

- Na verdade não é Sesshu, mas um de seus mestres - ele corrigiu. - Dizem que o filho não pode ensinar o pai, porém no caso de Sesshu devemos admitir que o discípulo superou o mestre.

- Não há um ditado que diz que o azul do pigmento é mais escuro do que o azul da flor? - ela replicou.

- Espero que a senhora o aprove.

- Se nem o filho nem o discípulo jamais pudessem saber mais, nunca haveria nenhuma mudança.

- E a maioria dos homens ficaria muito contente!

- Só os que têm poder - disse Kaede. - Querem agarrar-se a seu poder e sua posição, e outros vêem esse mesmo poder e o desejam. Faz parte de todos os homens serem ambiciosos, e assim provocam as mudanças. O novo derruba o velho.

- E faz parte das mulheres serem ambiciosas?

- Ninguém se dá ao trabalho de lhes perguntar - seu olhar voltou-se para a pintura. - Dois corvos, o pato e a pata, o veado e a corça sempre são pintados juntos, sempre aos pares.

- É essa a intenção da natureza - disse Fujiwara. - Afinal, é uma das cinco relações de Kung Tzu.

- E a única aberta às mulheres. Ele nos vê apenas como esposas.

- E é isso que as mulheres são.

- Mas com certeza a mulher poderia ser governante ou amiga, não? - seu olhar encontrou o dele.

- É muito valente para ser uma moça - ele replicou. Kaede nunca o vira tão perto de dar uma risada. Ela corou e voltou a olhar a pintura.

- Terayama é famoso por seus Sesshus - disse Fujiwara. - A senhora os viu lá?

- Sim, o Senhor Shigeru queria que o Senhor Takeo os visse e copiasse.

- Um irmão mais novo?

- Seu filho adotivo.

A última coisa que Kaede desejava era falar com Fujiwara sobre Takeo. Tentou mudar de assunto, mas não conseguia ter outro pensamento que não fosse a lembrança da pintura que Takeo lhe dera, do pequeno pássaro da montanha.

- Foi ele que executou a vingança? Deve ser muito corajoso. Duvido que meu filho fizesse isso por mim.

- Era sempre muito calado - ela disse, ansiando por falar nele, apesar do temor. - Não parecia particularmente corajoso. Gostava de desenhar e pintar. No entanto, acabou mostrando-se destemido - ouviu sua própria voz e se deteve repentinamente, certa de que estava sendo transparente demais.

- Ah - disse Fujiwara, deixando seu olhar demorar-se na pintura. - Não quero me meter em seus assuntos - ele disse, afinal, voltando a olhar para ela. - No entanto, certamente irá casar-se com o filho do Senhor Shigeru.

- Há outras coisas a considerar - ela replicou, tentando demonstrar leveza. - Tenho terras aqui e em Maruyama, e preciso reivindicá-las. Se for me enfurnar com os Otori em Hagi, posso perder tudo isso.

- Sinto que tem segredos demais, para alguém que é tão jovem - ele murmurou. - Espero algum dia poder ouvi-los.

O sol descia por trás das montanhas. As sombras dos imensos cedros se alongavam, alcançando a casa.

- Está ficando tarde - ele disse. - Sinto perder sua companhia, mas acho que devo enviá-la de volta para casa. Logo a senhora virá outra vez - e Fujiwara voltou a embalar e guardar a pintura.

Kaede sentia a fragrância da madeira da caixa e das folhas de arruda colocadas dentro dela como proteção contra os insetos.

- Agradeço de coração - ela disse, ao se levantarem. Mamoru voltara silenciosamente à sala e fez uma profunda reverência

quando Kaede passou por ele.

- Observe-a, Mamoru - disse Fujiwara. - Veja como anda, como retribui sua reverência. Se conseguir captar isso, poderá considerar-se um ator.

Despediram-se, e o Senhor Fujiwara foi pessoalmente até a varanda para vê-la entrar na liteira e mandar seus cavaleiros acompanhá-la.

- Deu certo - Shizuka lhe falou, já em casa. - A senhora o deixou intrigado.

- Ele me despreza - disse Kaede. O encontro a deixara exausta.

- Ele despreza as mulheres, no entanto a considera algo diferente.

- Algo anormal.

- Talvez - Shizuka riu. - Ou algo único e raro, que ninguém mais possui.

5.

No dia seguinte, Fujiwara mandou presentes para Kaede, com um convite para assistir à encenação de uma peça por ocasião da lua cheia. Kaede desembalhou dois trajes: um antigo e sóbrio, lindamente bordado com faisões e vegetação outonal em dourado e verde, sobre seda de cor marfim; o outro parecia novo e mais vistoso, com peônias roxas e azuis sobre rosa-pálido.

Hana e Ai vieram admirá-los. O Senhor Fujiwara também mandara alimentos, codornas e peixe doce, caquis e bolinhos de feijão. Hana, como todos eles sempre à beira da fome, ficou muito impressionada.

- Não mexa - Kaede a repreendeu. - Suas mãos estão sujas.

As mãos de Hana estavam encardidas de colher castanhas, porém ela não suportava que a reprimissem. Escondeu-as atrás das costas e encarou, zangada, a irmã mais velha.

- Hana - chamou Kaede, tentando ser meiga. - Deixe Ayame lavar suas mãos, depois você pode ver.

Sua relação com a irmã caçula ainda era difícil. Intimamente, ela achava que Hana fora muito mimada por Ayame e Ai. Gostaria de convencer o pai a ensinar Hana também, pois sentia que a irmã precisava de disciplina e desafios na vida. Desejava ela mesma inculcar-lhe isso, mas não tinha tempo nem paciência e não tinha muita idéia de como educar crianças. Era mais uma coisa em que teria que pensar durante os longos meses de inverno. Hana saiu correndo para a cozinha, chorando.

- Vou falar com ela - disse Ai.

- É muito cheia de vontades - Kaede comentou com Shizuka. - O que vai ser dela, tão bonita e tão rebelde?

Shizuka lançou-lhe um olhar zombeteiro, mas não disse nada.

- O que foi? - perguntou Kaede. - O que está querendo dizer?

- Ela é como a senhora - murmurou Shizuka.

- Você já disse isso antes. No entanto, ela é mais feliz do que eu - e Kaede ficou em silêncio, pensando na diferença entre as duas. Quando tinha a idade de Hana, estava sozinha no castelo Noguchi havia mais de dois anos. Talvez fosse tão impaciente porque tinha ciúme da irmã. Mas a rebeldia de Hana, de fato, estava se tornando incontrolável.

Kaede suspirou, olhando aqueles trajes lindos, desejando sentir a maciez da seda em sua pele. Pediu que Shizuka trouxesse um espelho e aproximou do rosto o traje mais antigo para ver se as cores ficavam bem com seu cabelo. Os presentes a tinham impressionado mais do que ela demonstrava. O interesse do Senhor Fujiwara a lisonjeava. Ele tinha dito que Kaede o intrigava; e ele a intrigava também.

Ela vestiu o traje mais antigo, pois parecia mais adequado ao outono, quando foi com o pai, Shizuka e Ai à casa do Senhor Fujiwara para assistir à encenação. Passariam a noite lá, pois a peça terminaria tarde, quando a lua cheia estivesse alta. Hana, decepcionada por não ter sido convidada, ficou amuada quando eles se foram e nem apareceu para se despedir. Kaede desejava poder deixar seu pai em casa também. Seu comportamento imprevisível a preocupava, e temia que ele mesmo acabasse se envergonhando depois. Mas ele, imensamente lisonjeado com o convite, não se deixou dissuadir.

Muitos atores, entre eles Mamoru, trabalharam em *A pedra de pisoar*. Kaede ficou profundamente perturbada. Durante sua breve visita, Mamoru a estudara mais do que ela percebera. Agora via-se retratada diante de seus olhos, via seus movimentos, ouvia sua

própria voz suspirar: "O vento do outono fala do amor que se esfriou", quando a esposa enlouquecia lentamente, esperando pela volta do marido.

"Brilho da lua, toque do vento." As palavras do coro a penetravam como uma agulha em sua carne. "Gelo reluzindo em pálida luz resfria o coração quando a pedra bate e os ventos da noite gemem."

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Toda a solidão e a saudade da mulher que estava no palco, uma mulher a quem servira de modelo, pareciam de fato ser dela. Aquela semana tinha até ajudado Ayame a bater seus trajes de seda com a pedra de pisoar para amaciá-los e restaurá-los. O pai comentara que as batidas repetitivas da pedra eram um dos sons mais evocativos do outono. A peça fez cair suas defesas. Entregou-se à saudade de Takeo, completamente, dolorosamente. Se não pudesse tê-lo de volta, morreria. No entanto, embora com o coração aos pedaços, lembrou-se de que precisava viver pelo filho. E pareceu-lhe sentir o primeiro pequeno sinal de seu movimento dentro dela.

Sobre o palco, a lua fulgurante do décimo mês lançava seus raios frios. A fumaça dos braseiros de carvão subia rumo ao céu. O

rufar suave dos tambores caía no silêncio. O pequeno grupo de espectadores estava extasiado, tomado pela beleza da lua e pela força da emoção. Depois, Shizuka e Ai foram para seus aposentos. Para surpresa de Kaede, o Senhor Fujiwara convidou-a para permanecer na companhia dos homens, que tomavam vinho e comiam iguarias requintadas: cogumelos, caranguejos, castanhas em conserva, lulas minúsculas transportadas do litoral envolvidas em gelo e palha. Os atores juntaram-se a eles, deixando as máscaras de lado. O Senhor Fujiwara os elogiou e deu-lhes presentes. Mais tarde, depois que o vinho soltou as línguas e fez aumentar o volume do barulho, dirigiu-se a Kaede em voz baixa.

- Estou feliz por seu pai ter vindo. Ouvei dizer que não esteve bem.

- O senhor é muito bom para ele - ela replicou. - Sua compreensão e consideração têm sido muito importantes para nós.

Não achava conveniente discutir o estado mental do pai com o cavalheiro, mas Fujiwara insistia.

- São freqüentes seus estados de depressão?

- Ele é muito instável, de vez em quando... A morte de minha mãe, a guerra... - Kaede olhou para o pai, que estava falando entusiasmado com o ator mais velho. Seus olhos cintilavam e, na verdade, parecia um pouco louco.

- Espero que me procure, a qualquer momento, se precisar de ajuda.

Ela se inclinou em silêncio, reconhecendo a grande honra que ele lhe concedia e perturbada com sua atenção. Nunca se sentara assim, numa sala cheia de homens. Sentia que não deveria estar ali, mas não sabia ao certo como fazer para ir embora. Habilmente, ele mudou de assunto.

- O que achou de Mamoru? Tenho a impressão de que aprendeu bem com a senhora.

Kaede ficou um instante sem responder, voltando os olhos para o pai e depois para o jovem, que, embora despido do papel feminino, conservava seus vestígios, os vestígios dela.

- O que posso dizer? - ela disse, finalmente. - Achei-o brilhante.

- Mas...? - Fujiwara indagou.

- Vocês roubam tudo de nós - quis dizer isso com leveza, mas sua própria voz lhe soou amarga.

- Vocês? - ele repetiu, um tanto surpreso.

- Os homens. Vocês tiram tudo das mulheres. Até nosso sofrimento, o sofrimento que vocês nos causam. Vocês o tiram e o retratam como sendo seu.

Os olhos opacos de Fujiwara procuraram o rosto de Kaede.

- Nunca vi um retrato mais convincente ou comovente do que o de Mamoru - ele disse.

- Por que os papéis femininos não são interpretados por mulheres?

- Que idéia curiosa - ele replicou. - A senhora diz que uma mulher teria mais autenticidade por serem emoções familiares a

vocês. No entanto, é justo ao criar emoções que não pode conhecer intimamente que o ator dá mostras de seu talento.

- Vocês não deixam nada para nós - disse Kaede.

- Nós lhes damos nossos filhos. Não é uma troca justa?

Mais uma vez ela teve a impressão de ser transparente aos olhos dele. "Não gosto dele", pensou, "embora me intrigue. Não quero mais nada com ele, diga Shizuka o que disser."

- Eu a ofendi - ele disse, como se conseguisse ler seus pensamentos.

- Sou muito insignificante para que o Senhor Fujiwara se preocupe comigo - ela replicou. - Meus sentimentos não importam.

- Tenho muito interesse por seus sentimentos. São sempre originais e inesperados.

Kaede não respondeu. Depois de um instante, ele prosseguiu:

- Precisa assistir à nossa próxima peça. Deve ser *Atsumori*. Estamos apenas esperando nosso flautista. Deve chegar a qualquer momento. Conhece a história?

- Conheço - ela disse, recordando a tragédia. Continuou pensando nela mais tarde, deitada no quarto de hóspedes com Ai e Shizuka: o jovem tão bonito e dotado para a música, o guerreiro cruel que o matou e o decapitou e que, mais tarde, cheio de remorso, tornou-se monge, buscando a paz do Iluminado. Lembrou-se do fantasma de Atsumori, clamando das sombras: "Reze por mim. Deixe meu espírito se soltar."

A agitação pouco habitual, as emoções despertadas pela peça, a hora tardia, tudo isso a fez perder o sono. Pensando em Atsumori, no flautista, ela vagueava entre o sono e a vigília, parecendo ouvir as notas de uma flauta no jardim. Aquilo lhe lembrou alguma coisa. Estava mergulhando no sono, embalada pela música, quando lembrou.

Acordou imediatamente. Era a mesma música que ouvira em Terayama. O jovem monge que lhes mostrara as pinturas... com certeza tocara a mesma melodia, carregada de angústia e saudade.

Empurrou o acolchoado para o lado e se levantou em silêncio, fez correr a porta de papel e aguçou os ouvidos. Ouviu uma batida leve, o rangido da porta de madeira se abrindo. A voz de Mamoru, a voz do flautista. No fim do corredor, uma lanterna na mão de uma criada iluminou seus rostos por um breve instante. Kaede não estava sonhando. Era ele.

Shizuka sussurrou, por trás dela:

- Está tudo bem?

Kaede fechou o painel e foi ajoelhar-se ao lado dela.

- É um dos monges de Terayama.

- Aqui?

- É o flautista que eles estavam esperando.

- Makoto - disse Shizuka.

- Eu nunca soube seu nome. Será que vai se lembrar de mim?

- Como poderia ter esquecido? - replicou Shizuka. -Vamos partir cedo. Alegue alguma doença. Ele não pode vê-la inesperadamente. Tente dormir um pouco. Eu a acordarei assim que amanhecer.

Kaede se deitou mas o sono demorou a chegar. Finalmente cochilou um pouco e acordou com a luz do dia por trás das janelas e Shizuka ajoelhada a seu lado.

Imaginou se seria possível sair sem ser vista. Os criados já começavam a se agitar. Ouvia as janelas e portas sendo abertas. Seu pai sempre acordava cedo, ela não poderia ir embora sem pelo menos informá-lo.

- Vá até meu pai e diga que não estou bem e preciso ir para casa. Peça-lhe que me desculpe junto ao Senhor Fujiwara.

Shizuka voltou alguns minutos depois.

- O Senhor Shirakawa está relutante em deixá-la partir. Quer saber se a senhora está em condições de ir falar com ele.

- Onde ele está?

- No quarto que dá para o jardim. Pedi que lhe trouxessem chá, está muito abatida.

- Ajude-me a me vestir - disse Kaede. Na verdade, estava se sentindo fraca e indisposta. O chá a revigorou um pouco. Ai tinha

acordado, estava deitada debaixo do acolchoado, o rosto meigo com as bochechas rosadas e os olhos ainda obscurecidos pelo sono, parecendo uma boneca.

- O que foi, Kaede? O que está acontecendo?

- Não estou me sentindo bem. Preciso ir para casa.

- Vou com você - e Ai jogou o acolchoado para o lado.

- É melhor você ficar com papai - falou Kaede. - E peça desculpas por mim ao Senhor Fujiwara.

Ela se ajoelhou num impulso e pegou os cabelos da irmã.

- Seja minha substituta - ela implorou.

- Acho que o Senhor Fujiwara nunca notou minha existência - disse Ai. - Foi você que o fascinou.

Os pássaros engaiolados faziam uma barulheira no jardim. "Ele vai descobrir minha mentira e nunca mais vai querer me ver", Kaede pensou. Porém, não era a reação dele que Kaede temia. Era a reação do pai.

- As criadas me contaram que o Senhor Fujiwara dorme tarde - Shizuka sussurrou. - Vá falar com seu pai. Já pedi a liteira.

Kaede meneou a cabeça, sem dizer nada. Foi até a varanda. As tábuas do piso eram lindamente dispostas. Enquanto se dirigia ao

quarto do pai, cenas do jardim desfilavam diante de seus olhos: uma lanterna de pedra emoldurada pelas últimas folhas vermelhas de bordo, o sol cintilando nas águas tranqüilas de um laguinho, o lampejo de amarelo e preto dos pássaros de longas caudas em seus poleiros.

Seu pai estava sentado, olhando para o jardim. Kaede não podia deixar de sentir pena. A amizade do Senhor Fujiwara era muito importante para ele. No laguinho, uma garça esperava, imóvel como uma estátua.

Kaede se ajoelhou e esperou o pai falar.

- Que absurdo é esse, Kaede? Sua grosseria é inacreditável!

- Desculpe, não estou me sentindo bem - ela murmurou. Como ele não respondesse, levantou um pouco a voz: - Papai, não estou bem. Vou para casa agora.

Ele continuava sem dizer nada, como se ignorá-la fosse fazê-la desistir. A garça levantou vôo, com um súbito bater de asas. Dois rapazes andavam pelo jardim, observando os pássaros engaiolados.

Kaede olhou à sua volta, procurando um biombo ou algum lugar para se esconder, mas não havia nada.

- Bom dia! - disse o pai, jovialmente.

Os homens voltaram-se para retribuir o cumprimento. Mamoru a viu. Por um momento, Kaede imaginou que ele deixaria o jardim sem a abordar, mas o tratamento que o Senhor Fujiwara lhe dera na noite anterior, incluindo-a na reunião dos homens, o encorajara. Conduzindo o outro homem, iniciou as apresentações formais a seu pai. Ela fez uma profunda reverência, tentando esconder o rosto. Mamoru falou o nome do monge, Kuba Makoto, e o nome do templo de Terayama. Makoto também se inclinou.

- Senhor Shirakawa - disse Mamoru - e sua filha, Senhora Otori.

O jovem monge não pôde evitar uma reação. Empalideceu e seus olhos fitaram o rosto dela. Reconheceu-a e falou no mesmo instante:

- Senhora Otori? Afinal se casou com o Senhor Takeo? Ele está aqui com a senhora?

Houve um momento de silêncio. Então o pai de Kaede falou:

- O marido de minha filha era o Senhor Otori Shigeru.

Makoto abriu a boca como se fosse contestar, mas pensou um pouco e fez uma reverência, sem dizer nada. O pai de Kaede inclinou-se para a frente.

- O senhor é de Terayama? Não sabia que o casamento tinha se realizado lá?

Makoto não disse nada. O pai falou com ela, sem virar a cabeça.

- Deixe-nos sozinhos.

Ela sentiu orgulho da firmeza de sua voz ao falar:

- Vou para casa. Por favor, peça desculpas por mim ao Senhor Fujiwara.

O pai não respondeu. "Ele vai me matar", Kaede pensou. Fez uma reverência para os dois rapazes e notou-lhes o embaraço e o desconforto. Ao sair andando, forçando-se a não correr, a não mover a cabeça, uma onda de emoção começou a se formar em seu ventre. Sabia que seria sempre objeto de olhares embaraçados e de escárnio. A intensidade daquele sentimento e do desespero provocado por ele era tão grande que a fazia ofegar. "Prefiro morrer", pensava. "Mas e meu filho, o filho de Takeo? Terá que morrer comigo?"

No final da varanda, Shizuka a esperava.

- Podemos ir agora, senhora. Kondo virá conosco. Kaede aceitou que o homem a erguesse para entrar na liteira. Sentiu-se aliviada por estar lá dentro, na semi-escuridão em que ninguém

podia ver-lhe o rosto. "Meu pai nunca mais olhará para mim", ela pensava. "Desviará os olhos na hora de me matar."

Ao chegar em casa, tirou o traje que Fujiwara lhe dera e o dobrou com cuidado. Vestiu um traje velho de sua mãe, com uma roupa de baixo acolchoada. O frio penetrava-lhe nos ossos e ela não queria tremer.

- Você voltou! - Hana entrou correndo no quarto. -Onde está Ai?

- Ficou um pouco mais na casa do Senhor Fujiwara.

- Por que você voltou? - a menina perguntou.

- Estava me sentindo mal. Agora está tudo bem - e, num impulso, Kaede disse: - Vou lhe dar uma roupa, aquele traje do outono de que você tanto gostou. Guarde-o e cuide bem dele, até ter idade para vesti-lo.

- Você não quer mais aquele traje?

- Quero que você fique com ele e que, quando o usar, pense em mim e reze por mim.

Hana a fitou, com olhar penetrante.

- Aonde você vai? - e, como Kaede não respondesse, continuou: - Não vá embora de novo, minha irmã mais velha.

- Você nem vai se importar - disse Kaede, tentando brincar. - Não vai sentir falta de mim.

Para sua surpresa, Hana pôs-se a soluçar ruidosamente, e depois a gritar.

- Vou sentir sua falta! Não vá embora! Não me deixe! Ayame chegou correndo.

- O que foi agora, Hana? Não seja má com sua irmã. Shizuka entrou no quarto.

- Seu pai está chegando. Veio sozinho, a cavalo - ela disse.

- Ayame, leve Hana para passear. Leve-a até a floresta - disse Kaede. - E todas as criadas devem ir junto. Não quero ninguém em casa.

- Ora, Senhora Kaede, é cedo e ainda está fazendo muito frio.

- Por favor, faça o que eu disse - pediu Kaede. Hana chorou mais ainda quando Ayame a levou.

- É sua maneira de expressar tristeza - disse Shizuka.

- Infelizmente, vou lhe trazer mais tristeza ainda! - exclamou Kaede. - Mas não quero que ela esteja aqui.

Levantou-se e foi até a pequena arca em que guardava algumas coisas. Tirou dela o punhal, sopesou-o com a mão esquerda proibida. Logo ninguém mais se importaria em saber que mão ela estava usando.

- Onde é melhor, na garganta ou no coração?

- Não faça isso - disse Shizuka, baixinho. - Podemos fugir. A Tribo a esconderá. Pense na criança.

- Não posso correr! - a própria Kaede surpreendeu-se com o volume de sua voz.

- Então, deixe-me dar-lhe veneno. Vai ser rápido e indolor. A senhora vai adormecer e nunca mais...

Kaede a interrompeu.

- Sou filha de guerreiro. Não tenho medo de morrer. Você sabe melhor do que ninguém quantas vezes pensei em acabar com minha vida. Primeiro preciso pedir perdão a meu pai, depois é só enfiar o punhal em mim mesma. Minha única pergunta é: onde é melhor?

Shizuka se aproximou.

- O lugar é aqui, no lado do pescoço. Enfie-o enviesado e de baixo para cima. Assim arrebentará a artéria -sua voz, objetiva de início, falhou e Kaede viu que havia lágrimas em seus olhos. - Não faça isso - Shizuka sussurrou. - Não se desespere ainda.

Kaede passou o punhal para a mão direita. Ouviu os gritos do guarda e os passos do cavalo quando seu pai atravessou o portão. Ouviu Kondo cumprimentá-lo.

Ela olhou para o jardim. Veio-lhe num lampejo a lembrança de quando, ainda menina, corria pela varanda do pai até a mãe e voltava. "Nunca me lembrei disso antes", pensou, e sussurrou, sem soltar um som: "Mamãe, mamãe!"

O pai subiu à varanda. Quando ele entrou pela porta, Kaede e Shizuka se ajoelharam e encostaram a testa no chão.

- Filha - ele disse, com voz incerta e fraca. Kaede ergueu os olhos e viu o rosto do pai coberto de lágrimas, a boca trêmula. Ela, que temera sua raiva, agora via sua loucura e a temia mais ainda.

- Perdão - ela sussurrou.

- Tenho que me matar agora - sentou-se pesadamente na frente dela e, tirando a adaga da cinta, ficou um longo tempo olhando a lâmina.

- Mande chamar Shoji - ele disse, finalmente. - Ele precisa me ajudar. Peça a seus homens que peguem os cavalos para buscá-lo em sua casa.

Como a filha não respondesse, ele gritou: - Mande buscá-lo!

- Deixe que eu vou - Shizuka sussurrou, e foi até a varanda, arrastando-se de joelhos.

Kaede a ouviu falar com Kondo, mas não o ouviu sair. Em vez disso, Kondo subiu até a varanda e Kaede percebeu que ele estava esperando perto da porta.

O pai fez um gesto súbito para Kaede. Ela recuou, pensando que ele fosse espancá-la.

- Não houve casamento! - ele disse.

- Perdão - ela replicou. - Eu o envergonhei. Estou pronta para morrer.

- Mas há um filho? - o pai a fitava como se ela fosse uma víbora que daria o bote a qualquer momento.

- Sim, há um filho.

- Quem é o pai? Ou você não sabe? Foi um entre muitos?

- Agora não faz diferença - ela replicou. - A criança vai morrer comigo.

Ela pensou: "Enfie o punhal enviesado, de baixo para cima." Mas sentiu as mãos minúsculas do filho agarrarem seus músculos, como que avisando.

- Sim, sim, você terá que se matar - sua voz se levantou, com uma energia pungente. - Suas irmãs também têm que se matar. É a última ordem que lhes dou. Assim a família Shirakawa desaparecerá. Está mais do que na hora. Não vou esperar por Shoji. Vou agir sozinho. Será meu último ato de honra.

Ele soltou o cinto, abriu a túnica, puxando de lado a traje de baixo para expor sua carne.

- Não desvie os olhos - ele disse para Kaede. - Quero que veja. Foi você que me levou a isso.

Colocando a ponta da adaga contra a pele flácida e enrugada, ele respirou fundo. Kaede não acreditava que aquilo estivesse acontecendo. Viu seus dedos se apertarem em torno do cabo, viu seu rosto se contorcer. Ele deu um grito e a adaga caiu-lhe das mãos. Mas não havia sangue, não havia ferimento. Gritos muito mais cortantes saíam dele, dando lugar, depois, a soluços dilacerantes.

- Não consigo - ele chorava. - Minha coragem se foi. Você esgotou minhas forças, mulher anormal. Acabou com minha honra e minha virilidade. Você não é minha filha, é um demônio! Leva a morte a todos os homens, é uma maldição - e ele a agarrou, puxando-lhe as roupas e gritando: - Quero ver! Quero ver o que os outros homens desejam! Leve-me à morte como fez com os outros!

- Não! - ela berrou, lutando contra suas mãos, tentando afastá-lo. - Não, papai!

- Está me chamando de pai? Eu não sou seu pai. Só sou pai dos filhos que não tive, dos filhos cujo lugar foi tomado por você e suas malditas irmãs. Seus poderes demoníacos os mataram no ventre de sua mãe! - a loucura lhe dava força. Ela o sentiu puxar suas roupas dos ombros, suas mãos tocar sua pele. Não podia usar o punhal, não poderia escapar dele. Quando tentava se livrar das mãos do pai, a túnica escorregou-lhe até o peito, expondo-a. Seus cabelos se soltaram e caíram em torno dos ombros nus.

- Você é bonita, admito! - ele gritou. - Eu a desejei. Durante as aulas que lhe dava, eu a desejava ardentemente. Foi meu castigo por ter contrariado a natureza. Fui completamente corrompido por você. Agora me mate.

- Solte-me, papai! - ela gritou, tentando se acalmar e chamá-lo à razão. - Você está fora de si. Se temos que morrer, que seja com dignidade.

Mas suas palavras pareciam fracas e sem sentido diante do delírio do pai. Ele tinha os olhos úmidos e os lábios trêmulos. Pegou o punhal de Kaede e o jogou do outro lado do quarto, agarrou-a pelos pulsos com a mão esquerda e a puxou. Com a mão direita,

pegou-lhe os cabelos por baixo, afastou-os, inclinou-se sobre ela e pousou os lábios em sua nuca.

Kaede foi invadida por uma onda de terror e aversão, e depois de fúria. Fora preparada para morrer, de acordo com o código rigoroso de sua classe, para salvar a honra da família. Mas o pai, que a instruíra com tanta rigidez, que sempre lhe falara com tanta convicção sobre a superioridade de seu sexo, entregara-se à loucura, revelando o que havia por trás das regras de conduta tão severas da classe dos guerreiros: o desejo e o egoísmo dos homens. A fúria fez vir à tona o poder que ela sabia ter dentro de si, e Kaede lembrou-se de seu sono no gelo. Suplicou à Deusa Branca: "Ajude-me!"

Então ela ouviu sua própria voz:

- Ajude-me! Ajude-me!

Assim que ela gritou, o pai afrouxou os dedos. "Ele voltou a si", pensou, empurrando-o. Ela se recompôs, envolveu-se na túnica,

amarrou o cinto e, quase sem pensar, cambaleou até o outro lado do quarto. Kaede soluçava, chocada e cheia de raiva.

Virou-se e viu Kondo ajoelhado na frente de seu pai, que de início lhe pareceu estar meio sentado, apoiado por Shizuka. Depois percebeu que os olhos dele não enxergavam nada. Kondo como que mergulhou a mão na barriga de seu pai e talhou transversalmente. O corte fez um ruído repulsivo e abafado, e o sangue sibilou quando começou a jorrar.

Shizuka soltou o pescoço do homem e ele caiu para a frente. Kondo colocou o punhal em sua mão direita.

Kaede se dobrou e vomitou. Shizuka foi até ela, com o rosto inexpressivo, e disse:

- Acabou-se.

- O Senhor Shirakawa ficou fora de si e deu cabo da própria vida - falou Kondo. - Ele teve muitos episódios de loucura e com frequência falava em se matar. Morreu honrosamente e mostrando muita coragem.

Em pé, Kondo encarou Kaede. Houve um momento em que ela poderia ter chamado os guardas, denunciado os dois e mandado executá-los. Mas o momento passou e ela não fez nada. Sabia que nunca revelaria o assassino a ninguém.

Kondo deu um leve sorriso e prosseguiu:

- Senhora Otori, deve exigir voto de lealdade por parte de seus homens. A senhora precisa ser forte, senão qualquer um deles poderá usurpar seu domínio.

- Eu estava prestes a me matar - ela disse, lentamente. - Mas parece que agora já não é necessário.

- Não é necessário - ele concordou -, desde que a senhora se mantenha forte.

- Precisa viver por essa criança - Shizuka disse com veemência.
- Ninguém se importará em saber quem é o pai, se a senhora for bastante poderosa. No entanto, precisa agir já. Kondo, convoque os homens o mais depressa possível.

Kaede deixou que Shizuka a levasse aos aposentos das mulheres, para lavá-la e trocar seus trajes. Sua mente estava abalada com o choque, porém ela se apegava à consciência que tinha de seu poder. O pai morrera e ela estava viva. Ele desejara morrer. Não era difícil fingir que ele de fato dera cabo da própria vida e que morrera honrosamente, desejo que, aliás, ele havia expressado muitas vezes. "Na verdade", ela pensou amargamente, "estaria respeitando a vontade e protegendo o nome dele". No entanto, não iria obedecer às últimas ordens do pai. Não se mataria nem permitiria que suas irmãs se matassem.

Kondo reunira os guardas, e meninos foram enviados ao povoado para convocar os homens que moravam no campo. Em uma hora, a maioria dos vassallos de seu pai estava reunida. As mulheres vestiam seus trajes de luto, que tão recentemente tinham abandonado depois da morte de sua mãe, e o sacerdote já fora chamado. O sol já ia mais alto e derreteria o gelo. O ar cheirava a fumaça e a agulhas de pinheiro. O primeiro choque já tinha passado, e Kaede, agora, fora tomada por um sentimento que tinha dificuldade em entender, uma necessidade imensa de garantir o que era dela, de proteger as irmãs e a casa, de assegurar que nada do que lhe pertencia fosse perdido ou roubado. Qualquer um dos homens podia tomar o território dela, não hesitariam em fazê-lo, se ela mostrasse o menor sinal de fraqueza. Vira a enorme rudeza que havia por trás da pose de bom coração de Shizuka e da aparência irônica de Kondo. Aquela rudeza salvara-lhe a vida, e lhe responderia com a sua, que seria igual.

Recordou a determinação de Arai, que fazia com que os homens o seguissem e que levara a maior parte dos Três Países a passar para seu domínio. Agora ela precisava mostrar a mesma firmeza. Arai respeitaria sua aliança, mas, se alguém tomasse o lugar dela, será que ele se absteria de guerrear? Kaede não deixaria seu povo ser devastado, não deixaria suas irmãs ser levadas como reféns.

A morte ainda lhe acenava, porém esse novo espírito não lhe permitira corresponder ao chamado. "Estou mesmo possuída", ela pensava, ao ir até a varanda para falar com os homens reunidos no jardim. "Como são poucos", pensou, lembrando-se do número de homens que o pai comandava quando ela era criança. Dez eram homens de Arai, que Kondo havia selecionado. Havia cerca de vinte que ainda serviam aos Shirakawa. Kaede conhecia todos pelo nome e, desde que chegara, vinha se empenhando em saber a função de cada um e algo sobre seu caráter.

Shoji fora um dos primeiros a chegar, prostrando-se diante do corpo de seu pai. Ainda trazia no rosto vestígios de lágrimas. Postara-se à direita de Kaede, e Kondo à esquerda. Ela sabia do respeito de Kondo pelo mais velho mas sabia também que era simulação, como quase tudo o que Kondo fazia. "No entanto, ele matou meu pai para mim", pensou. "Agora está ligado a mim. Mas qual será o preço que irá cobrar por isso?"

Os homens ajoelharam-se à sua frente, cabisbaixos, e, quando ela começou a falar, sentaram-se sobre os calcanhares.

- O Senhor Shirakawa deu fim à própria vida - ela disse. - Foi escolha dele, e, por maior que seja meu pesar, devo respeitá-la e honrá-la. A intenção de meu pai era fazer-me sua herdeira. Com esse fim passou a me instruir como se eu fosse seu filho. Pretendo cumprir seu desejo - fez uma pausa, ouvindo as últimas palavras que ele lhe dirigira, tão diferentes. "Fui completamente corrompido por você. Agora me mate."

Kaede não vacilou, e para os homens que a observavam ela parecia irradiar um intenso poder, que iluminava seus olhos e tornava sua voz irresistível.

- Peço aos homens de meu pai que jurem a mim a mesma lealdade que tinham a ele. Uma vez que o Senhor Arai e eu somos aliados, espero que os que servem a ele continuem a servir a mim. Em troca, ofereço-lhes proteção e progresso. Estou planejando consolidar Shirakawa, e no próximo ano tomar as terras que me foram legadas em Maruyama. Meu pai será enterrado amanhã.

Shoji foi o primeiro a se ajoelhar diante dela. Kondo o seguiu, embora mais uma vez Kaede captasse nele algo que a amedrontava. "Ele está representando", pensou. "Para ele, lealdade não significa nada. Ele é da Tribo. Que planos terão para mim, dos quais nada

sei? Será que posso confiar neles? Se eu descobrir que não posso confiar em Shizuka, o que farei?"

Seu coração estremeceu, contudo nenhum dos homens que se perfilavam diante dela teria adivinhado. Ela recebeu seu juramento de lealdade, notando cada um, captando suas características, seus trajes, armaduras e armas. De modo geral, seus equipamentos eram precários.

As articulações das armaduras estavam quebradas ou gastas, os elmos rachados, mas todos possuíam arcos e espadas e ela sabia que a maioria tinha cavalos.

Todos se ajoelharam diante dela, menos dois. Um deles, homem gigantesco, Hirogawa, falou em voz alta:

- Com todo o respeito à senhora, nunca servi a mulher nenhuma e estou velho demais para começar agora.

O homem fez uma ligeira reverência e saiu andando rumo ao portão, com uma insolência que a enfureceu. Um outro, mais baixo, Nakao, seguiu-o sem uma palavra e nem mesmo uma reverência.

Kondo olhou para ela.

- Senhora Otori?

- Mate-os - ela disse, sabendo que tinha que ser implacável e que devia começar desde já.

Kondo agiu mais depressa do que ela imaginava, apunhalando Nakao antes que o homem percebesse o que estava acontecendo. Hirogawa, já no portão, virou-se e desembainhou a espada.

- Você rompeu sua lealdade e deve morrer! - Kondo gritou.

O homenzarrão deu risada.

- Você nem é Shirakawa. Quem vai notar sua falta? -ele segurava a espada com as duas mãos, pronto para lutar.

Kondo deu um passo à frente, de modo que, quando o golpe do outro homem caiu, já o encontrou empunhando uma espada excepcionalmente comprida. Baixando-a como se fosse um machado, com uma força extraordinária, Kondo desviou a arma do outro. No movimento de volta, enfiou-a na barriga desprotegida de Hirogawa. Então, mais parecendo uma navalha do que um machado, a espada deslizou-lhe pela carne. Quando Hirogawa caiu para a frente, Kondo golpeou-o mais uma vez, por trás.

Ele nem olhou para o morto, mas voltou-se para encarar os outros.

- Sirvo à Senhora Otori Kaede, herdeira de Shirakawa e Maruyama. Há alguém mais aqui que não queira servir a ela com a mesma fidelidade que eu? - ele perguntou.

Ninguém se mexeu. Kaede teve a impressão de perceber raiva na expressão de Shoji, porém ele apenas apertou os lábios, sem dizer nada.

Em reconhecimento aos serviços que haviam prestado a seu pai, Kaede permitiu às famílias dos mortos que recolhessem os corpos e os enterrassem. No entanto, como os homens haviam desobedecido a ela, Kaede ordenou a Kondo que seus dependentes fossem expulsos de suas casas e suas terras, retomadas.

- Era a única coisa que podia ser feita - Shizuka lhe disse. - Se tivesse permitido que eles vivessem, teriam causado distúrbios ou

passado para o lado de seus inimigos.

- Quem são meus inimigos? - disse Kaede.

Era tarde da noite. Elas se sentaram na sala favorita de Kaede. As janelas e portas estavam fechadas, contudo os braseiros pouco aqueciam o ar gelado da noite. Ela se aconchegou mais sob as roupas acolchoadas. Da sala principal vinham os cantos dos sacerdotes, que faziam vigília junto do morto.

- A enteada da Senhora Maruyama é casada com um primo do Senhor Iida, Nariaki. Serão seus maiores rivais, na disputa pelo domínio.

- Mas a maioria dos Seishuu odeia os Tohan - replicou Kaede. - Creio que serei bem recebida por eles. Afinal, sou a herdeira de direito, como parenta mais próxima da Senhora Maruyama.

- Ninguém contesta seu direito legal - disse Shizuka -, mas a senhora terá que lutar para obter sua herança. Não lhe basta este seu domínio de Shirakawa?

- Os homens que tenho são muito poucos e mal equipados - disse Kaede, pensativa. - Só para manter Shirakawa precisarei de um pequeno exército. Não tenho condições de formá-lo apenas com o que temos. Vou precisar de recursos de Maruyama. Quando terminar o período de luto, você terá que mandar alguém falar com Sugita Harumi, chefe dos homens da Senhora Naomi. Você sabe quem ele é, nós o encontramos em nossa viagem a Tsuwano. Esperemos que ele ainda esteja no comando do domínio.

- Preciso mandar alguém?

- Você ou Kondo. Um de seus espiões.

- Quer usar os serviços da Tribo? - surpreendeu-se Shizuka.

- Já uso os seus - replicou Kaede. - Agora quero usar suas habilidades.

Ela gostaria de interrogar Shizuka sobre muitas coisas, mas estava exausta, com uma sensação de opressão no estômago e no útero. "Amanhã ou depois falarei com ela", prometeu a si mesma, "mas agora preciso me deitar."

Estava com dor nas costas e, quando finalmente foi para a cama, não conseguia se acomodar e o sono não vinha. Passara por aquele dia terrível e se mantivera viva. No entanto, agora que a casa estava em silêncio e os cantos tinham se calado, foi invadida por um profundo sentimento de apreensão. As palavras do pai lhe soavam nos ouvidos. Seu rosto, os rostos dos homens mortos avultavam-se diante de seus olhos. Temia que seus espíritos tentassem arrancar dela o filho de Takeo. Finalmente conseguiu dormir, com os braços envolvendo a barriga.

Sonhou que o pai a atacava. Tirou a adaga da cintura mas, em vez de enfiá-la em seu próprio ventre, aproximou-se dela, segurou-a por trás do pescoço e perfurou-a profundamente com a arma. Uma dor lancinante a percorreu, fazendo-a acordar com um grito. A dor se repetia cadenciada. Suas pernas estavam lavadas em sangue.

O enterro do pai realizou-se sem ela. A criança escorregou de seu útero como uma enguia, e depois dela o sangue vital. A febre a acometeu, avermelhando seus olhos e fazendo sua língua balbuciar, atormentando-a com visões horripilantes.

Shizuka e Ayame fizeram infusões com todas as ervas que conheciam. Então, desesperadas, queimaram incensos e tocaram gongos para expulsar os maus espíritos que a possuíam, chamaram sacerdotes e uma curandeira para conduzi-los para longe.

Depois de três dias parecia que nada a salvaria. Ai não saía do lado da irmã. Até Hana estava sempre em lágrimas. Por volta da

hora da Cabra, Shizuka saiu para buscar água fresca, quando um dos homens da guarita a chamou.

- Estão chegando visitas. Homens a cavalo e duas liteiras. Acho que é o Senhor Fujiwara.

- Não o deixe entrar - ela disse. - O sangue contamina, e também a morte.

Os carregadores depuseram a liteira fora do portão, e ela se ajoelhou quando Fujiwara olhou para fora.

- Desculpe, Senhor Fujiwara, mas não pode entrar.

- Soube que a Senhora Otori está gravemente doente - ele replicou. - Deixe-me falar com você no jardim.

Shizuka permaneceu ajoelhada enquanto o homem passava por ela, depois se levantou e o acompanhou até o pavilhão à beira do riacho. Ele fez um gesto para que seus criados se afastassem e dirigiu-se a Shizuka.

- É muito grave?

- Creio que ela não passa desta noite - Shizuka respondeu em voz baixa. - Já tentamos tudo.

- Eu trouxe meu médico - disse Fujiwara. - Mostre-lhe o caminho e volte para falar comigo.

Ela fez uma reverência e se encaminhou até a segunda liteira, da qual o médico já ia descendo. Era um homem de meia-idade, baixinho, expressão bondosa e inteligente. Shizuka levou-o até o quarto, com o coração despedaçado ao ver mais uma vez a palidez e o olhar vago de Kaede. A respiração da enferma era rápida e curta, e de vez em quando ela dava um grito, impossível dizer se de medo ou de pena.

Quando Shizuka voltou, o Senhor Fujiwara estava em pé, olhando para o fundo do jardim, onde o riacho terminava em queda, escorrendo entre as pedras. O ar esfriava e o ruído da cascata era sombrio e solitário. A moça ajoelhou-se de novo e esperou que ele falasse.

- Ishida é muito competente - ele disse. - Não perca a esperança.

- É extrema a bondade do Senhor Fujiwara - ela murmurou. Só conseguia pensar no rosto pálido de Kaede e em seu olhar vazio. Queria voltar para perto dela, mas não poderia se retirar sem a permissão do cavaleiro.

- Não sou um homem bondoso - ele replicou. - Sou motivado principalmente por meus desejos, pelo meu egoísmo - suspirou fundo e continuou, quase falando para si mesmo: - Sua pessoa, sua vida me despertam uma emoção que nunca senti antes. Não consigo explicá-la nem para mim mesmo. Sinto admiração e piedade em iguais e imensas proporções. Não diria que a amo, pois nunca desejei mulheres, no entanto quero... quero possuí-la de algum modo. Talvez queira ver-me refletido na mulher mais bonita e extraordinária que já conheci.

- Todos os que a vêem ficam encantados - sussurrou Shizuka -, porém o destino tem sido cruel com ela.

- Eu gostaria de conhecer a verdade de sua vida - ele disse. - Sei que ela tem muitos segredos. Suponho que a recente tragédia da morte do pai seja mais um. Espero que um dia você me conte, se ela não puder - sua voz se rompeu. - A idéia de que uma tal beleza deva perecer fere-me a alma - ele disse. Shizuka teve a impressão de distinguir um certo artificialismo na voz dele, no entanto seus olhos estavam cheios de lágrimas. - Se ela viver, irei casar-me com ela. Assim a terei junto de mim para sempre. Agora pode ir. Mas fale isso para ela.

- Senhor Fujiwara - Shizuka encostou a testa no chão e saiu rastejando de costas.

"Se ela viver..."

6.

Matsue era uma cidadezinha do norte, fria e austera. Chegamos em meados do outono, quando o vento do continente uivava atravessando o mar escuro como ferro. Quando começava a nevar, Matsue, como Hagi, ficava isolada do resto do país durante três meses. Era um lugar melhor do que qualquer outro para eu aprender o que tinha que aprender.

Durante uma semana tínhamos caminhado o dia todo, seguindo a estrada costeira. Não chovia, mas o céu estava quase sempre carregado e os dias eram cada vez mais curtos e frios. Paramos nos vários povoados, fazendo para as crianças malabarismos, jogos com piões e cordas, que Yuki e Keiko conheciam. À noite sempre encontrávamos abrigo com comerciantes que faziam parte da rede da Tribo. Eu ficava acordado até tarde, ouvindo conversas sussurradas, e minhas narinas se enchiam com os cheiros da cervejaria ou de produtos de soja. Sonhava com Kaede e

sentia saudade dela, e às vezes, quando estava sozinho, pegava a carta de Shigeru e lia suas últimas palavras, que me encarregavam de vingar sua morte e cuidar da Senhorita Shirakawa. Eu decidira conscientemente juntar-me à Tribo, no entanto, mesmo naqueles dias longínquos, antes de dormir vinham-me espontaneamente imagens de seus tios, que continuavam impunes em Hagi, e de sua espada, Jato, adormecida em Terayama.

Na época em que chegamos a Matsue, Yuki e eu éramos amantes. Foi inevitável que acontecesse, embora não por vontade minha. Estava sempre atento a ela, meus sentidos sintonizados com sua voz, com seu cheiro. No entanto, estava muito inseguro quanto a meu futuro, a minha posição no grupo, muito cauteloso e precavido para fazer qualquer movimento no sentido de me aproximar dela. Era óbvio que Akio também a achava atraente. Com Yuki ele ficava mais à vontade do que com ninguém, procurando sua companhia, andando a seu lado na estrada, sentando-se perto dela nas refeições. Eu não queria contrariá-lo ainda mais.

A posição de Yuki no grupo não era clara. Tinha consideração por Akio e tratava-o com respeito, embora aparentemente tivesse o mesmo *status que* ele e, conforme eu já constataria, suas habilidades fossem maiores. A posição de Keiko na hierarquia era evidentemente inferior, talvez por ser de uma família menos importante ou de um ramo colateral. Continuava a me ignorar, ao passo que demonstrava lealdade cega a Akio. Quanto ao velho, Kazuo, todos o tratavam

como um misto de criado e tio. Tinha muitas habilidades práticas, inclusive a de ladrão.

Akio era Kikuta por parte de pai e de mãe. Era uma espécie de primo de segundo grau meu e suas mãos tinham o mesmo formato das minhas. Suas habilidades físicas eram espantosas. Eu nunca tinha visto ninguém com reflexos tão rápidos quanto os seus, e ele dava saltos tão altos que parecia estar voando. No entanto, além de sua habilidade de perceber o uso da invisibilidade e do segundo eu, e da sua destreza de malabarista, não herdara nenhum dos dons mais extraordinários dos Kikuta. Yuki me contou isso um dia em que íamos andando um pouco adiante dos outros.

- Os mestres temem que os dons estejam desaparecendo. Cada geração parece tê-los em menor quantidade - ela me olhou de esguelha e acrescentou: - Por isso é tão importante para nós manter você.

Sua mãe dissera a mesma coisa e eu gostaria de ter ouvido mais, porém Akio me chamou, dizendo que era minha vez de puxar a carroça. Vi o ciúme em seu rosto e fui até ele. Eu o compreendi, assim como sua hostilidade a mim. Ele era fanaticamente leal à Tribo, fora educado dentro de seus princípios e do seu modo de

vida. Eu não podia deixar de entender que meu repentino surgimento provavelmente frustrara muitas de suas ambições e expectativas. No entanto, compreender sua antipatia não a tornava mais fácil de suportar nem me fazia gostar dele.

Tomei os varais da carroça de suas mãos, sem dizer nada. Ele se adiantou correndo, para caminhar ao lado de Yuki. Sussurrou para ela, esquecendo-se, como freqüentemente acontecia, de que eu era capaz de ouvir palavra por palavra. Ele cismara de me chamar de Cão, e o apelido continha uma dose de verdade suficiente para poder pegar. Como já disse antes, tenho muita afinidade com cães, sou capaz de ouvir as coisas que eles ouvem e já tinha passado pela experiência de perder a fala.

- O que estava falando para o Cão? - ele perguntou a Yuki.

- Estava ensinando, ensinando - ela respondeu, com despreocupação. - Há muita coisa que ele precisa aprender.

Mas Yuki acabou mostrando que o que ela melhor sabia ensinar era a arte do amor.

Muto Shizuka, minha prima, fora amante de Arai durante anos, e na nossa viagem tanto Yuki como Keiko desempenhavam o papel de prostitutas, quando necessário. O mesmo faziam muitos da Tribo, homens e mulheres, e ninguém pensava mal deles por isso. Era simplesmente mais um papel a ser assumido e depois descartado. Os clãs, é claro, tinham idéias muito diferentes a respeito da virgindade das noivas e da fidelidade das esposas. Os homens podiam fazer o que lhes agradasse; das mulheres, esperava-se que fossem castas. Os princípios dentro dos quais eu fora educado eram um meio-termo: os Ocultos devem ser puros em matéria de desejo físico, mas na prática desculpam as falhas uns dos outros, como fazem com tudo.

Passamos nossa quarta noite numa cidade grande, na casa de uma família rica. Apesar da escassez em toda a região, por causa das tempestades, eles tinham montes de suprimentos armazenados e eram anfitriões generosos. O comerciante nos ofereceu mulheres, criadas de sua casa, e Akio e Kazuo aceitaram. Dei uma desculpa qualquer, que provocou uma chuva de caçoadas, mas o assunto não foi adiante. Mais tarde, quando as moças chegaram ao quarto e se deitaram com os outros homens, levei meu colchão para a varanda e fiquei tremendo sob o cintilar gelado das estrelas. O desejo, o anseio por Kaede, naquele momento, para ser honesto, por qualquer mulher, me atormentavam. A porta se abriu e saiu uma das moças,

pelo menos foi o que pensei. Quando fechou a porta atrás de si, senti seu aroma e reconheci seu andar.

Yuki ajoelhou-se a meu lado. Estendi o braço e a puxei para mais perto de mim. Seu cinto já estava desatado, sua roupa solta. Lembro-me de ter sentido a mais imensa gratidão a ela. Yuki soltou minhas roupas, tornando as coisas mais fáceis para mim, fáceis demais - fui muito rápido. Ela me repreendeu por minha impaciência, prometendo que me ensinaria. E assim fez.

Na manhã seguinte, Akio me lançou um olhar perscrutador...

- Mudou de idéia ontem à noite?

Perguntei-me como ele ficara sabendo, se nos ouvira através das portas de papel ou se estava apenas desconfiado.

- Uma das meninas veio até mim. Achei que seria descortesia dispensá-la - repliquei.

Ele resmungou e não continuou o assunto, mas passou a observar Yuki e a mim detidamente, mesmo quando não dizíamos nada um ao outro, como se soubesse que alguma coisa mudara entre nós. Eu pensava nela com freqüência, oscilando entre entusiasmo e desespero, entusiasmo porque o ato de amor com ela era indescritivelmente maravilhoso, desespero porque ela não era Kaede e porque o que fazíamos me ligava cada vez mais intimamente à Tribo.

Não podia deixar de me lembrar do comentário de Kenji ao partir: "É bom que Yuki esteja por perto para ficar de olho em você." Ele sabia que isso ia acontecer. Será que tinha planejado tudo com ela, que tinha lhe dado instruções? Será que Akio sabia, que lhe tinham contado? Eu estava cheio de dúvidas e não confiava em Yuki, o que não impedia que a procurasse sempre que tinha oportunidade. Ela, muito mais esperta nesses assuntos, garantia que a oportunidade surgisse com freqüência. E o ciúme de Akio tornava-se a cada dia mais evidente.

Assim nosso pequeno grupo chegou a Matsue, aparentemente unido e em harmonia, mas na verdade afetado por intensas emoções que, como verdadeiros membros da Tribo, escondíamos dos estranhos e uns dos outros.

Ficamos na casa Kikuta, outra loja, que cheirava a soja fermentada, em pasta e molho. O dono, Gosaburo, era o irmão mais novo de Kotaro. Havia pouca necessidade de segredo. Agora estávamos bem além dos Três Países e do alcance de Arai e, em Matsue, o clã local, os Yoshida, não tinham rixas com a Tribo e até a achavam útil para emprestar dinheiro, espionar e assassinar. Lá tivemos notícias de Arai, que se ocupava em subjugar o leste e o País do Meio, fazer alianças, lutar contra escaramuças armadas nas fronteiras e instalar sua administração. Ouvimos os primeiros rumores de sua campanha contra a Tribo e sua intenção de expulsá-los de suas terras, rumores que deram margem a muita brincadeira e zombaria.

Não registrarei os detalhes de meu treinamento. Seu objetivo era endurecer-me o coração e tornar-me implacável. Mesmo agora, no entanto, depois de tantos anos, a lembrança de sua violência e crueldade me causa aversão e vontade de desviar os olhos. Foram tempos atroz; talvez o Céu estivesse enfurecido, talvez os homens estivessem tomados por demônios. Pode ser que, quando os poderes do bem se enfraquecem, a brutalidade, farejando a podridão, irrompa com toda a sua força. A Tribo prosperava em sua extrema crueldade.

Eu não era o único membro da Tribo que estava em treinamento. Havia muitos outros rapazes, todos eles nascidos Kikuta e criados na família. O mais próximo de mim em idade era um jovem de constituição sólida e expressão cordial, que freqüentemente fazia dupla comigo. Seu nome era Hajime, e, embora ele não interceptasse de forma clara a fúria que Akio dirigia contra mim, pois fazê-lo abertamente seria uma desobediência inconcebível, muitas vezes ele conseguia atenuá-la. Havia algo nele que eu apreciava, embora não chegue ao ponto de dizer que confiava nele. Era mais hábil no combate do que eu. Era um lutador e também tinha força suficiente para usar os arcos imensos dos mestres arqueiros; no entanto, nas habilidades que dependiam de dom e não de aprendizado, nem ele nem os outros sequer se aproximavam do que eu conseguia fazer. Eu era capaz de me tornar invisível por minutos a fio, até no salão de paredes inteiramente brancas; às vezes nem mesmo Akio me enxergava. Eu conseguia me cindir enquanto lutava e observar meu adversário se engalfinhar com meu segundo eu do outro lado da sala. Conseguia me mover sem um ruído, ao passo que minha audição se tornava cada vez mais aguçada, e os rapazes mais novos logo aprenderam a nunca me olhar diretamente nos olhos, pois, em um momento ou outro, eu já fizera todos adormecer. Lentamente eu aprendia a controlar essa habilidade, exercitando neles. Ao olhá-los nos olhos, eu via as fraquezas e medos que os tornavam vulneráveis a meu olhar: às vezes eram seus medos íntimos, outras vezes medo de mim e dos poderes estranhos que me tinham sido dados.

Todas as manhãs eu fazia com Akio exercícios para aumentar minha força e velocidade. Em quase todas as áreas eu era mais lento e mais fraco do que ele, cuja paciência não aumentara nem um pouco. Porém, para cumprir sua missão, empenhou-se em me ensinar algumas de suas habilidades em salto e vôo, e teve êxito. Em parte, eu já trazia em mim essa capacidade - afinal meu padrasto me chamava de macaco selvagem -, e suas lições brutais porém eficazes a trouxeram à tona e me ensinaram a controlá-la. Em poucas semanas percebi a diferença que fizera, o quanto me fortalecera física e mentalmente.

Sempre terminávamos com uma luta sem armas. Embora a Tribo não usasse muito essa arte, pois preferia o assassinio ao combate, todos nós éramos treinados nela. Depois sentávamos em meditação silenciosa, com uma túnica jogada em torno do corpo em repouso, mantendo a temperatura corporal pela força da vontade. Em geral, eu estava com a cabeça rodando por causa de algum golpe ou queda e não conseguia esvaziar a mente tal como deveria e, ao contrário, pensava selvagememente em como gostaria de ver Akio sofrer. Conferia a ele todo o tormento de Jo-An que ele me descrevera.

O objetivo de meu treinamento era estimular a crueldade, e na época eu aderiu a ele convictamente, satisfeito com as habilidades que me fazia adquirir, encantado por vê-las realçar as que eu aprendera com os filhos dos guerreiros Otori. O sangue Kikuta de meu pai revivia em mim. A compaixão de minha mãe se escoava,

com todos os princípios aprendidos em minha infância. Deixei de fazer minhas preces: o Deus Secreto, o Iluminado, os espíritos ancestrais já não significavam nada para mim. Eu não acreditava em sua existência e não via sinais de que favorecessem aos que acreditavam. Às vezes, à noite, acordava de repente, tinha um nítido vislumbre de mim mesmo e estremecia diante daquele em que eu estava me transformando. Então me levantava em silêncio e, quando podia, ia me deitar com Yuki para me aliviar dentro dela.

Nunca passamos a noite inteira juntos. Nossos encontros eram sempre breves e geralmente silenciosos. Uma tarde, no entanto, estávamos sozinhos na casa, os criados ocupados na loja. Akio e Hajime tinham saído para levar os rapazes mais novos ao santuário para uma cerimônia de devoção, deixando-me encarregado de copiar uns documentos para Gosaburo. Fiquei contente com a tarefa. Raramente tinha oportunidade de segurar um pincel e temia esquecer a escrita. O comerciante tinha alguns livros e, conforme Shigeru me ensinara, eu lia sempre que possível, mas tinha perdido minha tinta e meus pincéis em Inuyama e, desde então, quase nunca escrevera.

Copiei diligentemente os documentos, os registros da loja, as contas da quantidade de soja e arroz comprada dos lavradores locais, mas meus dedos ansiavam por desenhar. Aquilo me lembrava minha primeira visita a Terayama, o brilho daquele dia de verão, a beleza das pinturas, o pequeno pássaro da montanha que eu desenhara e oferecera a Kaede.

Como sempre acontecia quando pensava no passado, com o coração desarmado, ela veio até mim e mais uma vez tomou conta de todo o meu ser. Eu sentia sua presença, a fragrância de seu cabelo, ouvia sua voz. Estava tão intensamente junto de mim que por um momento cheguei a ter medo, como se seu fantasma tivesse se esgueirado para dentro da sala. Seu fantasma decerto se zangaria comigo, ressentido e enraivecido por eu a ter abandonado. As palavras dela ecoavam-me nos ouvidos: "Tenho medo de mim mesma, só me sinto segura com você."

Fazia frio no quarto e já estava escurecendo, prenunciando o inverno que chegava. Eu tremia, cheio de remorso e arrependimento. Minhas mãos estavam amortecidas de frio.

Ouvi os passos de Yuki se aproximarem, vindo dos fundos do estabelecimento. Recomecei a escrever. Ela atravessou o pátio e tirou as sandálias, subindo à varanda da sala que servia de escritório. Senti cheiro de carvão queimando. Ela trouxera um pequeno braseiro e o colocou no chão, perto de mim.

- Você parece estar com frio - disse-me. - Quer que eu traga chá?

- Depois, talvez - pousei o pincel e estendi as mãos para aquecê-las. Ela as tomou entre as suas e as esfregou.

- Vou fechar as janelas - disse.

- Então terá que trazer uma lanterna, pois não poderei enxergar para escrever.

Ela riu baixinho. As janelas de madeira correram, uma após a outra. A sala escureceu, iluminada apenas pelo brilho tênue do carvão. Yuki voltou para perto de mim com a túnica aberta. Logo estávamos ambos aquecidos. Mas depois do ato de amor, maravilhoso como sempre, meu mal-estar voltou. O espírito de Kaede estivera na sala comigo. Será que eu estava lhe causando ciúme e rancor?

Aconchegada a mim, irradiando calor, Yuki disse:

- Chegou uma mensagem de sua prima.

- Que prima?

- Muto Shizuka.

Desvencilhei-me de Yuki para que ela não ouvisse meu coração batendo acelerado.

- O que ela disse?

- A Senhorita Shirakawa está morrendo. Shizuka disse temer que o fim esteja muito próximo - Yuki acrescentou com voz indolente e enfasiada. - Pobre coitada.

Ela irradiava prazer e alegria. Mas a única coisa que eu percebia na sala era Kaede, sua fragilidade, sua intensidade, sua beleza sobrenatural. Chamei por ela dentro de minha alma: "Você não pode morrer. Preciso vê-la de novo. Irei buscá-la. Não morra antes que eu a veja!"

Seu espírito me fitava, com os olhos sombrios de reprovação e tristeza.

Yuki voltou-se para me olhar, surpresa com meu silêncio.

- Shizuka achou que você deveria saber. Havia alguma coisa entre vocês? Meu pai dava a entender, mas dizia que era apenas um amor imaturo. Dizia que todos os que a viam se encantavam por ela.

Não respondi. Yuki se sentou, enrolando-se mais na túnica.

- Era mais do que isso, não é mesmo? Você a amava - pegou-me as mãos e me virou para encará-la. - Você a amava - repetiu, o ciúme começando a transparecer-lhe na voz. - Acabou tudo?

- Não vai acabar nunca - eu disse. - Mesmo que ela morra, nunca poderei deixar de amá-la - então, porém, era tarde demais para dizer a Kaede que aquilo era verdade.

- Essa parte da sua vida terminou - Yuki disse baixinho mas com firmeza. - Toda ela terminou. Esqueça-a. Nunca mais irá vê-la - e havia mágoa e frustração em sua voz.

- Eu nunca lhe teria contado nada se você não a tivesse mencionado - afastei minhas mãos de perto dela e voltei a me vestir. O calor se fora de mim tão rapidamente quanto chegara. O braseiro estava se extinguindo.

- Traga mais carvão - pedi a Yuki. - E lanternas. Preciso *acabar* o trabalho.

- Takeo - ela começou, e depois se interrompeu abruptamente.
- Vou mandar a criada trazer - disse, virando as costas. Tocou-me a nuca ao sair, mas não reagi. Fisicamente, havíamos experimentado todos os tipos de envolvimento imagináveis: suas mãos tinham me massageado e esbofeteado, tínhamos matado lado a lado e feito amor. No entanto, ela mal roçara a superfície do meu coração, e naquele momento ambos entendemos isso.

Não manifestei minha tristeza, porém intimamente eu chorava por Kaede e pela vida que poderíamos ter tido juntos. Shizuka não mandou mais nenhum recado. Yuki não falou mais no assunto. Eu

não podia acreditar que Kaede estivesse morta e, durante o dia, apegava-me a essa crença. À noite, porém, era diferente.

Os últimos coloridos se esmaeceram quando as folhas caíram dos bordos e salgueiros. Fileiras de gansos selvagens cruzavam o céu sombrio, voando rumo ao sul. À medida que o povoado se isolava por causa do inverno, os mensageiros tornavam-se mais raros. Mas ainda apareciam de tempos em tempos, trazendo notícias das atividades da Tribo, dos combates nos Três Países e sempre trazendo novas ordens acerca de nossos negócios. Pois era assim que descrevíamos nosso trabalho de espionar e matar: negócios em que as vidas humanas eram quantificadas ao lado de outros itens. Eu copiava esses registros também, muitas vezes sentado até altas horas da noite com Gosaburo, o comerciante, passando das colheitas de soja para as outras mais mortíferas. Os dois itens apresentavam um ótimo lucro, embora a soja fosse afetada pelas tempestades e os homicídios não. Só que um candidato a ser assassinado caíra antes que a Tribo chegasse a ele, e estava em curso uma disputa a respeito do pagamento.

Os Kikuta, mais rudes, eram considerados mais competentes para assassinar do que os Muto, tradicionalmente melhores espiões. Essas duas famílias constituíam a aristocracia da Tribo. As outras três, Kuroda, Kudo e Imai, trabalhavam em tarefas secundárias e de rotina: seus membros eram criados, ladrões baratos, informantes e assim por diante. Pelo fato de as tarefas tradicionais serem tão valorizadas, havia muitos casamentos entre os Muto e os Kikuta, e

menos entre eles e outras famílias, embora as exceções muitas vezes resultassem em gênios, como o assassino Shintaro.

Depois de lidar com as contas, Kikuta Gosaburo me dava aulas de genealogia, explicando as relações intrincadas da Tribo, que se expandiam como teia de aranha no outono através dos Três Países, para o norte e ainda além. Ele era um homem gordo, de queixo duplo como as mulheres, e rosto liso e rechonchudo, de expressão enganadoramente gentil. Trazia o cheiro de soja fermentada impregnado nas roupas e na pele. Quando estava de bom humor, mandava trazerem vinho e passava da genealogia à história - a história da Tribo de meus ancestrais. Pouca coisa mudara ao longo dos séculos. Chefes guerreiros prosperavam e decaíam, clãs floresciam e desapareciam, mas os negócios da Tribo em todos os setores essenciais da vida continuavam sempre. Só que agora Arai queria promover mudanças. Todos os outros comandantes poderosos trabalhavam com a Tribo. Apenas Arai queria destruí-la.

Os queixos de Gosaburo chacoalhavam de rir, diante dessa idéia.

Inicialmente fui chamado apenas como espião, enviado para ouvir conversas nas tabernas, recebendo ordens de escalar muros e

telhados à noite para ouvir confidências dos homens às suas mulheres e seus filhos. Ouvi os segredos e medos dos aldeões, as estratégias do clã Yoshida para a primavera, as preocupações no castelo quanto às intenções de Arai além das fronteiras e aos levantes dos camponeses nas proximidades. Fui a povoados das montanhas, ouvi os camponeses e identifiquei seus líderes.

Certa noite Gosaburo estalou a língua, contrariado, diante de uma longa lista de atrasados. Além de não terem sido feitos pagamentos, mais mercadorias haviam sido encomendadas. O nome do homem era Furoda, um guerreiro de baixa categoria que se tornara lavrador para sustentar a família numerosa e seu gosto pelas coisas boas da vida. Debaixo de seu nome li os símbolos que indicavam o nível crescente de intimidação já exercido contra ele: um celeiro fora incendiado, uma de suas filhas raptada, um filho espancado, cães e cavalos mortos. Apesar disso, ele se afundava cada vez mais em dívidas com os Kikuta.

- Este poderia ser um para o Cão - ele disse para Arai, que se juntara a nós para tomar um copo de vinho. Como todos, com exceção de Yuki, ele me chamava pelo apelido que Akio me dera.

Akio pegou o rolo de papel e correu os olhos pela triste história de Furoda.

- Ele já protelou muito.

- É um bom sujeito. Conheço-o desde que éramos meninos. No entanto, não posso continuar fazendo concessões.

- Tio, se você não der um jeito nele, todos vão esperar a mesma tolerância - disse Akio.

- Esse é o problema. Neste momento, ninguém está pagando em dia. Todos acham que podem prolongar os prazos, como Furoda - Gosaburo suspirou fundo, e seus olhos quase sumiram entre as dobras de suas bochechas. - Eu sou muito coração-mole. Esse é meu problema. Meus irmãos sempre me dizem isso.

- O Cão também é coração-mole - disse Akio. - Mas está sendo treinado para deixar de ser e pode cuidar de Furoda para você. Vai fazer bem a ele.

- Se ele for morto não poderá pagar as dívidas - eu disse.

- Mas outros pagarão - Akio falou, como se estivesse explicando uma verdade óbvia a um tolo.

- Muitas vezes é mais fácil reclamar de um homem morto do que de um vivo - Gosaburo acrescentou, em tom de justificativa.

Eu não conhecia aquele homem displicente, amante dos prazeres e irresponsável, e não queria matá-lo. No entanto o matei. Alguns dias depois, fui à noite até sua casa, nos arredores da cidade. Silenciei os cães, tornei-me invisível e passei pelos guardas. A casa era bem protegida, mas esperei por ele fora do banheiro. Eu havia espionado a casa e sabia que ele sempre levantava de

madrugada para se aliviar. Era um homem alto e corpulento, que já não treinava havia muito tempo e que deixara o trabalho pesado da terra com os filhos. Estava gordo e fraco. Morreu sem emitir um som.

Quando afrouxei o garrote, começara a chover. Os tijolos dos muros estavam escorregadios. A noite estava muito escura. A chuva parecia de gelo. Voltei à casa dos Kikuta silenciado pela escuridão e pelo frio, como se tivessem rastejado para dentro de mim deixando uma sombra em minha alma.

Os filhos de Furoda pagaram suas dívidas e Gosaburo ficou satisfeito comigo. Não deixei ninguém perceber o quanto aquele assassinio me perturbara, mas o seguinte foi pior. Foi por ordem da família Yoshida. Decididos a deter as agitações entre os aldeões antes do inverno, solicitaram que seu líder fosse eliminado. Eu conhecia o homem, conhecia suas plantações secretas mas nunca as revelara a ninguém. Então contei a Gosaburo e Akio onde ele poderia ser encontrado sozinho, todas as tardes, e eles me mandaram pegá-lo.

Ele tinha arroz e batata escondidos numa pequena cova, no flanco de uma montanha, coberta de pedras e gravetos. Ele estava

trabalhando no campo quando subi a encosta silenciosamente. Eu o subestimara: era mais forte do que eu imaginava e reagiu, usando a enxada como arma. Quando estávamos lutando, meu capuz escorregou para trás e ele viu meu rosto. Em seu olhar, o reconhecimento misturou-se a uma espécie de horror. Naquele momento, usei meu segundo eu, aproximei-me por trás dele e cortei-lhe a garganta, mas ouvi-o gritar para minha imagem:

- Senhor Shigeru!

Eu estava coberto de sangue, dele e meu, e aturdido pelo golpe que não conseguira evitar. A enxada atingira-me a cabeça, que sangrava em abundância. Suas palavras me perturbaram profundamente. Será que pedira ajuda ao espírito de Shigeru ou, vendo minha semelhança, me confundira com ele? Quis perguntar, mas seu olhar vazio fitava o céu da hora do crepúsculo. Ele se fora e nunca mais poderia falar.

Tornei-me invisível e assim fiquei quase até chegar à casa dos Kikuta. Nunca usara esse recurso por um período tão longo, e teria ficado invisível para sempre, se pudesse. Não conseguia esquecer as últimas palavras do homem, e lembrei-me então do que Shigeru

dissera, havia tanto tempo, em Hagi: "Nunca matei um homem desarmado, nem matei por prazer."

Os senhores do clã ficaram muito satisfeitos. A morte daquele homem extirpara o núcleo das agitações. Os aldeões logo se tornaram dóceis e obedientes. Muitos deles iriam morrer de inanição antes do fim do inverno. Segundo Gosaburo, era um excelente resultado.

Passei a sonhar com Shigeru todas as noites. Ele entrava no quarto e postava-se na minha frente, como se acabasse de sair do rio. Vertia sangue e água, sem dizer nada, com os olhos fixos em mim, como que à minha espera, com a mesma paciência de garça que tivera ao esperar que eu voltasse a falar.

Lentamente tornava-se claro para mim que eu não poderia suportar a vida que estava levando, no entanto não sabia como fugir dela. Fizera um trato com os Kikuta que agora me era impossível manter. Fizera aquele acordo no calor dos sentimentos, quando não esperava viver para além daquela noite e sem compreender nada de mim mesmo. Imaginara que o mestre Kikuta, que parecia me conhecer, ajudaria a resolver as profundas divisões e contradições de minha natureza. Porém ele me mandara com Akio para Matsue,

onde minha vida com a Tribo decerto estava me ensinando a esconder essas contradições mas nada fazia para resolvê-las. Estavam apenas sendo enterradas mais profundamente.

Meu desalento piorou quando Yuki foi embora. Sem me dizer nada, um dia simplesmente desapareceu. De manhã ouvi sua voz e seu andar enquanto treinávamos. Ouvi-a ir até a porta e sair sem se despedir de ninguém. Durante todo o dia fiquei atento para ouvi-la voltar, porém isso não aconteceu. Tentei perguntar casualmente onde ela estava. As respostas eram evasivas e não quis interrogar Akio e Gosaburo diretamente. Sentia muita falta de Yuki, mas também estava aliviado por já não ter que enfrentar a dúvida sobre se iria ou não dormir com ela. Depois que me contara sobre Kaede, todos os dias eu resolvia que não voltaria para ela, mas todas as noites voltava.

Dois dias depois, estava pensando nela durante o período de meditação no final dos exercícios matinais, quando ouvi uma das criadas chegar à porta e chamar baixinho por Akio. Ele abriu os olhos lentamente e, com o ar de tranqüila compostura que sempre assumia depois de meditar (e que eu tinha certeza de que era apenas fingimento), levantou-se e foi até a porta.

- O mestre está aqui - a moça disse. - Está esperando por você.

- Ei, Cão - Akio me chamou.

Levantei-me, enquanto os outros continuavam sentados, sem mover um músculo, sem erguer os olhos. Akio fez um gesto com a cabeça e eu o acompanhei até a sala principal da casa, onde Kikuta Kotaro tomava chá com Gosaburo. Entramos na sala e nos inclinamos diante deles, até o chão.

- Sente-se - ele disse, examinando-me por alguns momentos. Então, dirigiu-se a Akio: - Houve algum problema?

- Problema, na verdade, não - disse Akio, dando a entender que houvera alguns.

- Quanto ao comportamento? Não tem queixas? Akio meneou a cabeça lentamente.

- No entanto, antes de saírem de Yamagata...

Senti que Kotaro queria me mostrar que sabia tudo a meu respeito.

- Foi superado - Akio replicou, simplesmente.

- Ele me foi muito útil - Gosaburo interveio.

- Fico contente em saber - Kotaro disse, com secura. Seu irmão ajoelhou-se a seus pés e pediu licença: a pressão dos negócios, a

necessidade de ficar na loja. Depois que ele saiu, o mestre falou:

- Falei com Yuki ontem à noite.

- Onde ela está?

- Não importa. Ela me contou uma coisa que está me perturbando um pouco. Não sabíamos que Shigeru tinha ido a Mino de propósito, para procurar você. Para Muto Kenji ele disse que o encontro fora casual.

Ele fez uma pausa, e eu não disse nada. Lembrei-me do dia em que Yuki ficara sabendo disso, enquanto me cortava o cabelo. Ela achara a informação importante, tão importante que a passara ao mestre. Sem dúvida havia contado tudo o que sabia de mim.

- Sou levado a suspeitar que Shigeru conhecesse a Tribo melhor do que imaginávamos - disse Kotaro. - Isso é verdade?

- É verdade que ele sabia quem eu era - repliquei. -Ele e o mestre Muto eram amigos havia muito tempo. Isso é tudo o que sei sobre sua relação com a Tribo.

- Ele nunca lhe falou mais nada?

- Não. Yuki me fez a mesma pergunta. Que importância tem isso agora?

- Pensávamos conhecer Shigeru, conhecer sua vida - respondeu Kotaro. - Continua nos surpreendendo, mesmo depois de morto. Escondia certas coisas até de Kenji, por exemplo o caso com Maruyama Naomi. O que mais estaria escondendo?

Encolhi ligeiramente os ombros. Pensei em Shigeru, cujo apelido era o Lavrador, com seu sorriso aberto, sua aparente franqueza e simplicidade. Todos se enganaram a seu respeito, inclusive a Tribo. Ele fora muito mais do que qualquer um deles suspeitava.

- Acha possível que ele tenha registrado o que sabia acerca da Tribo?

Então era isso que estava perturbando Kotaro!

- Ele tinha muitos registros, sobre todos os tipos de coisas - eu disse, simulando embaraço. - As estações do ano, suas experiências de cultivo, a terra e as plantações, seus vassalos. Ichiro, seu antigo professor, ajudava-o a fazer suas anotações, mas muitas vezes ele mesmo escrevia.

Eu o via, escrevendo até tarde da noite, a luz tremulando, o frio penetrante, o semblante alerta e inteligente, muito diferente de sua expressão em geral tão branda.

- Nas viagens que ele fazia, você o acompanhava?

- Não, com exceção da nossa fuga de Mino.

- Ele viajava com frequência?

- Não sei ao certo. Enquanto eu estava em Hagi, não saiu da cidade.

Kotaro resmungou. O silêncio rastejava pela sala. Eu ouvia apenas a respiração dos outros. De fora, vinham os sons do meio-

dia da loja e da casa, os estalos do ábaco, as vozes dos fregueses, mascates gritando na rua. O vento se tornava mais forte, assobiando sob os beirais, chacoalhando os painéis. Seu sopro já trazia os sinais da neve.

Finalmente o mestre falou.

- Tudo indica que ele tinha esses registros. Nesse caso, precisam ser recuperados. Se neste momento caíssem nas mãos de Arai, seria um desastre. Você terá que ir a Hagi. Descubra se as anotações existem e traga-as para cá.

Eu mal conseguia acreditar. Imaginara que nunca mais veria Hagi. Agora estavam me mandando voltar à casa que eu tanto amava.

- É uma questão de piso-rouxinol - Kotaro falou. -Parece-me que Shigeru o mandara construir em torno de sua casa e você conseguia transpô-lo.

Era como se eu estivesse lá. Senti o denso ar noturno do sexto mês, vi-me correndo silencioso como um fantasma, ouvi a voz de Shigeru dizendo: "Pode fazer de novo?"

Tentei manter a fisionomia impassível, mas senti um tremor nos músculos do sorriso.

- Você deve partir imediatamente - prosseguiu Kotaro -, precisa ir e voltar antes que a neve comece a cair. Estamos quase no fim do ano. Em meados do primeiro mês Hagi e Matsue estarão bloqueadas pela neve.

Antes ele não parecia zangado, agora senti que estava, e profundamente. Talvez tivesse percebido meu sorriso.

- Por que nunca falou disso a ninguém? - perguntou. - Por que escondeu de Kenji?

Senti minha própria raiva reagir.

- O Senhor Shigeru agiu assim e eu seguia seu comando. Devia lealdade antes de tudo a ele. Nunca teria revelado algo que ele desejava manter em segredo. Na época, afinal, eu era um dos Otori.

- E ainda acha que é - Akio interferiu. - É uma questão de fidelidade. Sempre estará dentro dele - e acrescentou num sussurro: - O cão só reconhece um dono.

Olhei-o, desejando que ele também me encarasse, para que eu pudesse apagá-lo, fazê-lo adormecer. No entanto, depois de uma olhadela fugaz e insolente, voltou a fitar o chão.

- Bem, isso se provará de um modo ou de outro - replicou Kotaro. - Creio que essa missão irá testar suas lealdades definitivamente. Se esse Ichiro sabe da existência e do conteúdo desses registros, é claro que deverá ser eliminado.

Fiz uma reverência, sem dizer nada, perguntando-me se meu coração teria endurecido a ponto de eu ser capaz de matar Ichiro, o velho homem que fora professor de Shigeru e depois meu. Lembrei que muitas vezes desejara fazê-lo, quando ele me castigava e me obrigava a aprender, mas ele era um homem dos Otori, prestava serviços a Shigeru. Estava ligado a ele por dever e lealdade; e, apesar de tudo, tinha-lhe respeito e, agora eu sabia, afeição.

Ao mesmo tempo, eu experimentava a ira do mestre, sentia-lhe o sabor em minha boca. Era de qualidade semelhante à raiva mais ou menos permanente que Akio tinha de mim, como se ao mesmo tempo eles me odiassem e me temessem. "A família Kikuta ficou encantada ao descobrir que Isamu deixara um filho", dissera a mulher de Kenji. Se estavam tão encantados, por que tinham tanta raiva de mim? E ela também dissera: "Todos nós ficamos." Então Yuki me contara dos sentimentos que outrora sua mãe tivera por Shintaro. Será que sua morte de fato a deixara feliz?

Naquele momento, ela me parecera uma velha tagarela e eu interpretara suas palavras ao pé da letra. No entanto, pouco depois me permitira vislumbrar suas habilidades. Ela me elogiara, massageando minha vaidade do mesmo modo como massageara minhas têmporas com suas mãos de fantasma. A reação dos Kikuta a meu súbito surgimento era mais obscura e complexa do que me queriam fazer acreditar. Talvez estivessem encantados com minhas habilidades, porém havia algo em mim que os alarmava, e eu ainda não entendia o que era.

A raiva que deveria ter me submetido à obediência tornou-me, ao contrário, mais teimoso, na verdade pondo fogo nessa teimosia e me dando energia. Senti um turbilhão dentro de mim ao me perguntar por que força do destino estava sendo mandado de volta a Hagi.

- Estamos iniciando um tempo difícil - disse o mestre, estudando-me como se pudesse ler meus pensamentos. - A casa Muto em Yamagata foi revistada e pilhada. Alguém suspeitou que você esteve ali. Contudo, agora Arai voltou para Inuyama, e Hagi fica longe de lá. É um risco você voltar, mas o risco de os registros caírem nas mãos de outras pessoas é maior.

- E se não estiverem na casa do Senhor Shigeru? Pode ser que estejam escondidos em outro lugar.

- Provavelmente Ichiro saberá. Interrogue-o e traga-os de volta, estejam onde estiverem.

- Devo partir imediatamente?

- Quanto antes melhor.

- Como ator?

- Nenhum ator viaja nesta época do ano - disse Akio, com escárnio. - Além do mais, vamos sozinhos.

Até então, eu rezava em silêncio para que ele não fosse comigo. O mestre falou:

- Akio irá acompanhá-lo. O avô dele... o avô de vocês morreu e vocês estão voltando a Hagi para a cerimônia fúnebre.

- Eu preferiria não viajar com Akio - eu disse. Akio respirou fundo.

- Você não tem que preferir. Só tem que obedecer -Kotaro replicou.

Senti a rebeldia se inflamar e o encarei. Ele me olhava dentro dos olhos, como em outra ocasião. Então, me fizera adormecer imediatamente. Agora, porém, eu conseguia sustentar seu olhar sem

me submeter a ele. Houve alguma coisa em seus olhos que o fizeram esquivar-se de mim. Busquei seu olhar e a suspeita irrompeu em minha mente. "Esse é o homem que matou meu pai."

Senti um momento de terror pelo que eu estava fazendo, depois meus olhos se imobilizaram e se fixaram. Mostrei os dentes, embora estivesse longe de sorrir. Vi o olhar de espanto do mestre e sua visão se anuviar. Akio levantou-se de um salto e me deu um tapa na cara, quase me derrubando.

- Como ousa fazer isso com o mestre? Você não tem respeito, é um canalha.

- Sente-se, Akio - disse o mestre.

Meus olhos voltaram a fitá-lo, mas ele não estava me olhando.

- Desculpe, mestre - eu disse, suavemente. - Perdão. Nós dois sabíamos que meu pedido de desculpas era vão. Ele se levantou prontamente, contendo sua ira.

- Desde que o localizamos tentamos protegê-lo de si mesmo - não levantou a voz, mas sua fúria era evidente. - Não só para seu bem, é claro. Sabe quais são seus talentos e o quanto poderiam nos ser úteis. Mas sua educação, a mistura de seu sangue, seu caráter, tudo isso atua contra você. Imaginei que o treino neste lugar poderia ajudar, mas não temos tempo de continuá-lo. Akio irá com você a Hagi, e você continuará obedecendo a ele em tudo. Ele é muito mais experiente do que você, sabe onde ficam as casas seguras, com quem entrar em contato e em quem confiar.

Fez uma pausa, enquanto eu me inclinava, em sinal de aceitação.

- Você e eu fizemos um trato em Inuyama. Na época você resolveu desobedecer às minhas ordens e voltar ao castelo. As conseqüências da morte de Iida não foram boas para nós. Estávamos muito melhor sob o comando dele do que sob o de Arai. Além das nossas leis de obediência, que toda criança aprende antes de completar sete anos, sua vida já está sujeita a mim pela promessa que fez.

Não repliquei. Senti que ele estava perto de desistir de mim, que sua paciência comigo, a compreensão de minha natureza que me acalmara e me abrandara, estava se esgotando. Minha confiança nele também estava se acabando. A terrível suspeita permanecia em minha mente; depois que surgira não havia como erradicá-la: meu pai morrera pelas mãos da Tribo, talvez até assassinado por Kotaro, porque tentara deixá-los. Mais tarde eu iria perceber que aquilo explicava muita coisa sobre a maneira como os Kikuta me tratavam, sua insistência em minha obediência, sua atitude ambivalente acerca de minhas habilidades, seu ódio de minha lealdade a Shigeru, mas na época só fez aumentar minha depressão. Akio me odiava, eu insultara e ofendera o mestre Kikuta, Yuki me deixara, Kaede provavelmente estava morta... Não queria prosseguir a lista. Baixei os olhos sem enxergar, enquanto Kotaro e Akio discutiam detalhes da viagem.

Partimos na manhã seguinte. Na estrada havia muitos viajantes, que, aproveitando as últimas semanas antes que a neve

caísse, voltavam para casa para a Festa do Ano Novo. Misturamos a eles, como dois irmãos voltando a seu povoado natal para assistir a um funeral. Não era difícil fingir que estávamos consternados e cobertos de luto. Aquele se tornara meu estado natural. A única coisa que iluminava a escuridão que me envolvia era a idéia de rever a casa de Hagi e ouvir pela última vez sua melodia de inverno.

Meu parceiro de treinamento, Hajime, viajou conosco no primeiro dia, para ficar numa academia de lutadores que se preparariam no inverno para os torneios de primavera. Passamos aquela noite com os lutadores e jantamos com eles. Consumiram guisado de legumes e galinha, carne que consideravam dar sorte porque as mãos da galinha não tocam o chão, com macarrão feito de arroz e trigo-sarraceno. Cada um deles comeu mais do que a maioria das famílias costuma comer em uma semana. Hajime, com seu corpanzil e seu rosto sereno, já se parecia com eles. Desde criança tinha ligações com essa academia, naturalmente dirigida pelos Kikuta, e os lutadores o tratavam com afeição zombeteira.

Antes da refeição, tomamos banho com eles na ampla e enfumaçada casa de banhos, construída sobre uma fonte de água quente sulfurosa. Massagistas e treinadores misturavam-se a todos, esfregando e friccionando os membros e troncos musculosos. Era como estar em meio a uma raça de gigantes. Todos conheciam Akio, é claro, e tratavam-no com uma mescla de irônica deferência, por fazer parte da chefia, e escárnio afável, por não ser lutador. Não

disseram nada a meu respeito, e ninguém me deu nenhuma atenção. Estavam todos absorvidos em seu próprio mundo. Era evidente que minha conexão com esse mundo era mínima, por isso não lhes interessava.

Assim, eu não dizia nada, mas ouvia. Ouvi planos para o torneio da primavera, esperanças e desejos dos lutadores, gracejos sussurrados pelos massagistas, propostas feitas, rejeitadas ou aceitas. E muito mais tarde, depois que Akio me ordenou que fosse dormir e eu já estava deitado numa esteira no dormitório comum, ouvi-o no quarto de baixo com Hajime. Os dois tinham resolvido sentar-se um pouco e beber juntos, antes de se separarem no dia seguinte.

Desliguei-me dos roncos dos lutadores e me concentrei nas vozes que vinham de baixo. Podia ouvi-los claramente através do piso. Sempre me intrigou o fato de Akio parecer esquecer-se do quanto minha audição era aguçada. Supunha que ele não quisesse reconhecer meus dons, e que isso o levasse a me subestimar. De início acreditei que fosse uma fraqueza dele, quase a única; mais tarde ocorreu-me que havia algumas coisas que talvez ele desejasse que eu ouvisse.

A conversa era sobre banalidades: o treinamento que Hajime faria, os amigos que tinham encontrado. Depois o vinho começou a soltar-lhes as línguas.

- Então vocês irão para Yamagata? - perguntou Hajime.

- Provavelmente não. O mestre Muto ainda está nas montanhas e a casa está vazia.

- Achei que Yuki tivesse voltado para junto de sua família.

- Não, ela foi para a aldeia Kikuta, ao norte de Matsue. Vai ficar lá até a criança nascer.

- A criança? - Hajime parecia tão estupefato quanto eu estava.

Houve um longo silêncio. Ouvei Akio beber e engolir. Quando voltou a falar, sua voz estava muito mais baixa.

- Está esperando um filho do Cão. Hajime assobiou entre os dentes.

- Desculpe, primo, não quero aborrecê-lo, mas isso fazia parte do plano?

- Por que não faria?

- Sempre pensei, você e ela... que acabariam se casando.

- Fomos prometidos um ao outro quando crianças -disse Akio. - E vamos nos casar. Os mestres quiseram que ela dormisse com ele para mantê-lo em silêncio, para distraí-lo, para ter um filho, se possível.

Se ele estava sofrendo, não demonstrava.

- Eu deveria fingir suspeita e ciúme - disse, sem se alterar. - Se o Cão soubesse que estava sendo manipulado, nunca teria ficado com ela. Bem, não precisei fingir. Não imaginava que ela fosse gostar tanto. Era incrível como o procurava dia e noite, como uma fêmea no cio... - sua voz se interrompeu. Ouvi-o tomar um copo de vinho num só gole e ouvi o barulho da garrafa quando ele voltou a se servir.

- Veja o lado bom de tudo isso - sugeriu Hajime, com a voz mais animada. - A criança vai herdar uma rara combinação de talentos.

- É o que acha o mestre Kikuta. E essa criança vai ser nossa desde que nascer. Vai ser educada de maneira adequada, sem nenhuma das deficiências do Cão.

- É uma notícia espantosa - disse Hajime. - Não admira que você estivesse preocupado.

- Tenho pensado o tempo todo numa maneira de matá-lo - Akio confessou, sorvendo o vinho de novo.

- Recebeu ordens de fazer isso?

- Tudo depende do que acontecer em Hagi. Digamos que esta é a última chance dele.

- E ele sabe disso? Sabe que está sendo testado?

- Se não sabe, logo vai descobrir - disse Akio. Depois de uma longa pausa, continuou: - Se os Kikuta soubessem de sua existência, já o teriam pego quando criança para educá-lo. Mas ele foi estragado por sua criação e, depois, pela associação com os Otori.

- O pai morreu antes de ele nascer. Sabe quem o matou?

- Eles sorteiam - Akio sussurrou. - Ninguém sabe de fato quem o matou, mas foi uma decisão da família toda. O mestre me contou isso em Inuyama.

- Que pena - murmurou Hajime -, tanto talento desperdiçado.

- É por causa da mistura de sangue - disse Akio. - É verdade que às vezes ela realça talentos raros, no entanto parece que eles vêm acompanhados de estupidez. E o único remédio contra estupidez é a morte.

Pouco depois eles vieram para a cama. Fiquei quieto, fingindo que dormia, até o amanhecer, ruminando em vão o que ouvira. Eu tinha certeza de que, quer eu conseguisse ou não alguma coisa em Hagi, Akio arranjará algum pretexto para me matar.

Na manhã seguinte, quando nos despedimos de Hajime, ele não me olhou nos olhos. Sua voz tinha um tom de falsa euforia, e, ao nos afastarmos, ele ficou nos observando, com expressão sombria. Creio que pensou que nunca mais iria me ver.

Viajamos durante três dias, quase sem nos falarmos, até chegarmos à barreira que marcava o limite do território Otori. Passamos sem problemas, uma vez que Akio trazia nossas tábulas de identificação. Ele tomava todas as decisões da viagem: onde parar para comer, onde passar a noite, que estrada seguir. Eu o seguia passivamente. Sabia que não me mataria antes de chegarmos a Hagi. Precisava que eu entrasse na casa de Shigeru,

atravessando o piso-rouxinol. Depois de algum tempo, comecei a sentir pena por não sermos bons amigos, viajando juntos. Parecia-me desperdício. Eu sentia falta de um companheiro, alguém como Makoto ou Fumio, meu antigo amigo de Hagi, com quem pudesse conversar ou compartilhar minha confusão de idéias.

Ao chegarmos ao território Otori, eu esperava encontrar as terras com aspecto próspero, como quando as atravessara pela primeira vez com Shigeru; no entanto, por todo lado havia sinais da devastação das tempestades e da escassez que se seguira a elas. Muitas aldeias pareciam ter sido abandonadas, casas danificadas não tinham sido consertadas, gente esfomeada mendigava à beira da estrada. Eu ouvia retalhos de conversa em que se dizia que agora os Otori estavam exigindo sessenta por cento da colheita de arroz, em vez dos quarenta de antes, para pagar pelo exército que estavam formando para lutar contra Arai, e que os homens preferiam se matar e matar seus filhos a morrer aos poucos, de fome, quando o inverno chegasse.

Mais no início do ano, poderíamos ter feito uma viagem mais rápida, de barco, mas os vendavais de inverno já atingiam a costa, lançando vagalhões cinzentos e enfurecidos sobre as praias escuras. Os barcos de pescadores eram atracados em lugares protegidos ou puxados para cima dos seixos, e neles as famílias habitavam até a primavera. Durante o inverno, as famílias de pescadores faziam fogueiras para extrair o sal da água do mar. Uma ou duas vezes, paramos para nos aquecer e comer com elas, e Akio lhes deu em

troca algumas moedas. A comida era escassa: peixe salgado, sopa de algas, ouriços e pequenos mariscos.

Um homem implorou que comprássemos sua filha e a levássemos conosco para Hagi, para nosso uso ou para vendê-la a algum bordel. Ela não devia ter mais de treze anos, talvez nem fosse ainda mulher. Não era bonita, mas ainda me lembro de seu semblante, seus olhos ao mesmo tempo assustados e suplicantes, suas lágrimas, a expressão de alívio quando Akio recusou, o desespero do pai quando a viu voltar.

Aquela noite Akio reclamou do frio, arrependido de sua decisão.

- Ela poderia me aquecer - ele disse, mais de uma vez.

Pensei nela, dormindo junto da mãe, tendo que escolher entre morrer de fome e o que não seria mais que pura escravidão. Pensei na família Furoda, expulsa de sua casa velha e confortável, e pensei

no homem que eu havia assassinado em sua plantação secreta, e na aldeia que morreria por minha causa.

Essas coisas não incomodavam mais ninguém, pois o mundo era assim, no entanto me atormentavam. E, é claro, todas as noites eu reavivava os pensamentos que se depositavam em mim ao longo do dia e os examinava.

Yuki estava esperando um filho meu que seria criado pela Tribo. Provavelmente eu nunca poria os olhos nele.

Os Kikuta tinham matado meu pai, porque ele quebrara as regras da Tribo, e não hesitariam em me matar.

Não tomava nenhuma decisão nem chegava a nenhuma conclusão. Simplesmente ficava acordado por longas horas, segurando os pensamentos como se segurasse pedras na mão, e ficava olhando para eles.

As montanhas em torno de Hagi desciam diretamente para o mar, e tínhamos que nos voltar para o interior e escalar uma encosta íngreme, antes de atravessar o último desfiladeiro e iniciar a descida rumo ao povoado.

Meu coração estava repleto de emoção, embora eu não dissesse nem demonstrasse nada. A cidadezinha ficava numa ilha, dentro de uma baía, cercada por dois rios e pelo mar. Era um fim de tarde no dia do solstício de inverno, e um sol pálido tentava atravessar as nuvens cinzentas. As árvores estavam nuas, e uma densa camada de folhas secas cobria o chão. A fumaça das queimadas das últimas hastes de arroz formava uma névoa azul que pairava sobre os rios, ao nível da ponte de pedra.

Já se faziam os preparativos para a Festa de Ano-Novo: havia cordas sagradas de palha penduradas por toda parte e nas portas tinham sido colocados pinheiros de folhas escuras; os santuários estavam cheios de visitantes. O rio ainda estava cheio, por causa da maré, que tinha chegado ao ponto mais alto e agora começava a baixar. Ele cantava sua melodia selvagem para mim, e por baixo de suas águas revoltas parecia-me ouvir a voz do construtor, que fora enterrado dentro de sua obra, em sua interminável conversa com o

rio. Uma garça levantou vôo do banco de areia, ao nos aproximarmos.

Ao atravessarmos a ponte, voltei a ler a inscrição que Shigeru lera para mim: "O clã Otori dá as boas-vindas aos justos e aos leais. Ai dos injustos e dos desleais."

Injusto e desleal. Senti que eu era as duas coisas. Desleal com Shigeru, que confiara suas terras a mim, e injusto como são os da Tribo, injustos e impiedosos.

Andei pelas ruas, cabeça baixa e olhos voltados para o chão, mudando minhas características tal como Kenji me ensinara. Achei que ninguém fosse me reconhecer. Havia crescido um pouco e, nos últimos meses, tornara-me mais magro e musculoso. Estava de cabelo curto e trajes de artesão. A linguagem de meu corpo, minha fala, meu andar, tudo em mim havia mudado desde a época em que eu andava por aquelas ruas como jovem senhor do clã Otori.

Fomos a uma cervejaria, nos limites da cidade. Em outros tempos, eu passara por ela dúzias de vezes, sem saber nada de suas reais atividades. "Mas Shigeru devia saber", pensei. Agradava-me a idéia de que ele acompanhasse as atividades da Tribo, de que conhecesse coisas que eles ignoravam, de que soubesse da minha existência.

Estavam todos ocupados com os preparativos para o trabalho de inverno. Faziam-se imensas pilhas de lenha para aquecer os tonéis, e o ar se enchia do cheiro de arroz fermentado. Fomos recebidos por um homem baixinho e confuso, que se parecia com Kenji. Era da família Muto; seu nome era Yuzuru. Não esperava visitantes naquela época tardia do ano. Minha presença e o que ouviu sobre nossa missão o perturbaram, e ele se apressou em nos levar a um quarto secreto.

- São tempos terríveis - ele disse. - Os Otori certamente entrarão em guerra contra Arai na primavera. Agora, só o inverno nos protege.

- Ouviu falar na campanha de Arai contra a Tribo?

- Todo o mundo anda falando nisso - replicou Yuzuru. -
Disseram-nos que por essa razão teremos que apoiar ao máximo os
Otori contra ele - lançou um olhar para mim e disse, ressentido: - A
situação era melhor nos tempos de Iida. Certamente é um erro
grave trazê-lo agora. Se alguém o reconhecer...

- Vamos embora amanhã - Akio replicou. - Ele só tem que
recuperar uma coisa que está em sua antiga casa.

- Do Senhor Shigeru? É uma loucura. Vão pegá-lo.

- Não creio. Ele é muito talentoso - tive a impressão de
perceber um tom de zombaria por trás do elogio e tomei-o como um
indício a mais de que ele pretendia me matar.

Yuzuru esticou o lábio inferior.

- Macaco também cai de árvore. O que pode ser tão importante?

- Acreditamos que Otori tenha registros extensos sobre as atividades da Tribo.

- Shigeru? O Lavrador? Impossível! A expressão de Akio endureceu.

- Por que acha isso?

- Todo o mundo sabe... bem, Shigeru era um bom homem. Todos gostavam dele. Sua morte foi uma tragédia terrível. Mas ele

morreu porque era... - Yuzuru piscou muito e olhou para mim como que pedindo desculpas. -Ele confiava demais nos outros. Era quase ingênuo. Nunca foi conspirador. Não sabia nada sobre a Tribo.

- Temos motivos para acreditar no contrário - disse Akio. - Saberemos quem está com a razão amanhã, antes do amanhecer.

- Vocês vão até lá esta noite?

- Precisamos estar de volta a Matsue antes de começar a nevar.

- Bem, este ano vai começar cedo. Talvez antes do fim do ano - Yuzuru parecia aliviado ao falar sobre algo banal como o tempo. - Tudo indica que será um inverno longo e rigoroso. E, se for para a primavera trazer guerra, desejo que não chegue nunca.

Eu estava congelado, naquele quarto pequeno e escuro, o terceiro em que eu ficava escondido. O próprio Yuzuru nos trouxe comida, chá, que já tinha esfriado quando o tomamos, e vinho. Akio tomou vinho, mas eu não, pois sentia que deveria manter os sentidos aguçados. Quando a noite caiu, estávamos sentados, sem falar.

À nossa volta, a cervejaria ia silenciando, embora o cheiro não diminuísse. Eu ouvia os sons da cidade, tão familiares para mim que eu tinha a impressão de que conseguia identificar a rua, a casa da qual provinha cada um. A familiaridade me fez relaxar e comecei a sair um pouco da depressão. O sino soou em Daishon, o templo mais próximo, para as preces noturnas. Eu desenhava mentalmente a construção desgastada, seu bosque verde-escuro, as lanternas verde-escuras que marcavam os túmulos dos Senhores Otori e de seus homens. Caí numa espécie de devaneio, em que andava no meio deles.

Então Shigeru me apareceu de novo, como que saindo de uma neblina branca, vertendo água e sangue, com os olhos pretos inflamados, segurando uma mensagem que certamente se destinava a mim. Despertei sobressaltado, tremendo de frio.

- Tome um pouco de vinho, é bom para acalmar os nervos - disse Akio.

Balancei a cabeça, fiquei em pé e comecei a fazer os exercícios de flexão usados pela Tribo, até me aquecer. Então sentei, em meditação, tentando reter o calor, concentrando a mente no trabalho que faria à noite, reunindo todos os meus poderes, sabendo agora fazer pela vontade o que antes fazia por instinto.

O sino de Daishon soou. Meia-noite.

Ouvi Yuzuru se aproximar. E a porta de correr se abriu. Acenou para nós e nos conduziu através da casa, até o portão. Alertou os guardas e pulamos o muro. Um cachorro latiu um pouco, mas foi silenciado com uma bofetada.

Estava escuro como breu, o ar era gelado, um vento cortante soprava do mar. Numa noite horrível como aquela, não havia

ninguém nas ruas. Fomos silenciosamente até a margem do rio e caminhamos para sudeste, rumo ao lugar em que os rios se juntavam. Com a maré baixa, a tapagem dos peixes, pela qual eu tantas vezes atravessara até a outra margem, ficava exposta. Logo além era a casa de Shigeru. Os barcos ficavam atracados na margem mais próxima. Com eles atravessávamos até o outro lado, onde havia as lavouras de arroz, e lá ele tentava me ensinar tudo sobre agricultura e irrigação, plantações e bosques. Também foram barcos que trouxeram a madeira para a sala de chá e o piso-rouxinol, adernando muito próximos da água, com as tábuas de cheiro doce, recém-cortadas das florestas que ficavam além das lavouras. Aquela noite estava escura demais até para distinguir as encostas das montanhas em que as árvores cresciam.

Agachamo-nos à beira da estradinha estreita e observamos a casa. Não se viam luzes, apenas o brilho tênue de um braseiro na guarita do portão. Eu ouvia a respiração de homens e cães profundamente adormecidos. Ocorreu-me o pensamento de que não estariam dormindo daquele jeito se Shigeru estivesse vivo. Fiquei aborrecido por ele, e também comigo.

- Você sabe o que tem que fazer? - sussurrou Akio. Confirmei, meneando a cabeça.

- Então vá.

Não fizemos mais planos. Ele simplesmente me mandou entrar em ação, como se eu fosse um falcão ou um cão de caça. Eu tinha uma idéia bastante clara de qual era seu plano: quando eu voltasse com os documentos, ele os pegaria... e relataria que, infelizmente, eu fora morto pelos guardas e meu corpo jogado no rio.

Atravessei a rua, tornei-me invisível, pulei o muro e fui dar no jardim. Imediatamente o som abafado da casa me envolveu: o suspiro do vento nas árvores, o murmúrio do riacho, o ruído da cascata, a ondulação do rio quando a maré começava a se escoar. Fui tomado de arrependimento. O que estava fazendo, voltando àquele lugar à noite, como um ladrão? Quase inconscientemente, deixei que meu rosto se transformasse, retomando a fisionomia Otori.

O piso-rouxinol cercava toda a casa, mas não era uma ameaça para mim. Até no escuro eu conseguia atravessá-lo sem que ele cantasse. Do outro lado, subi pela parede até a janela da sala do andar superior, o mesmo caminho que fizera Shintaro, o assassino da Tribo, mais de um ano antes. No alto, aguicei os ouvidos. A sala parecia vazia.

As janelas estavam fechadas, por causa do ar frio da noite, mas não estavam trancadas e foi fácil fazê-las correr o suficiente para poder passar por elas. Lá dentro não estava muito mais quente e a escuridão era maior. O recinto cheirava a mofo e azedo, como se estivesse fechado havia muito tempo, como se ninguém mais o ocupasse, a não ser fantasmas.

Eu ouvia os criados respirar e reconhecia o sono de cada um. No entanto, não conseguia localizar aquele que eu precisava encontrar: Ichiro. Desci pela escada estreita, conhecendo cada um de seus rangidos como a palma da mão. Chegando embaixo, percebi que a casa não estava completamente às escuras, como parecera da rua. No último quarto, o preferido de Ichiro, ardia uma lanterna. Caminhei para ele, sem um ruído. A porta de papel estava fechada e a lanterna projetava nela a sombra do velho homem. Abri a porta.

Ele levantou a cabeça e me olhou, surpreso. Sorriu tristemente e fez um leve aceno com a mão.

- O que posso fazer pelo senhor? Bem sabe que faria qualquer coisa para lhe dar paz, mas estou velho. Usei mais a pena do que a espada.

- Professor - sussurrei. - Sou eu, Takeo.

Entrei no quarto, fechei a porta atrás de mim e me ajoelhei diante dele.

Teve um sobressalto, como se tivesse despertado do sono ou como se o tivessem chamado do mundo dos mortos de volta para o dos vivos. Pegou-me pelos ombros e me puxou para perto dele, à luz da lanterna.

- Takeo? Será possível que é você mesmo?

Correu as mãos pela minha cabeça, por meus membros, como que temendo que eu fosse uma aparição. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Então me abraçou, embalando minha cabeça em seu ombro, como se eu fosse um filho perdido havia muito tempo. Eu sentia seu peito magro ofegar.

Recuou um pouco e fitou-me o rosto.

- Pensei que você fosse Shigeru. Muitas vezes ele vem me visitar à noite. Fica em pé ali, na soleira da porta. Eu sei o que ele quer, mas o que posso fazer? - enxugou as lágrimas com a manga. - Você ficou igual a ele. É estranho. Onde esteve todo esse tempo? Achávamos que também tivesse sido assassinado. Só que de tempos em tempos aparece alguém procurando por você, então imaginamos que ainda estivesse vivo.

- A Tribo me escondeu - eu disse, perguntando-me o quanto ele saberia sobre meu passado. - Primeiro em Yamagata, nos últimos dois meses em Matsue. Fiz um trato com eles. Raptaram-me em Inuyama e me soltaram para que eu entrasse no castelo e tirasse de lá o Senhor Shigeru. Em troca, concordei em servir a eles. Talvez o senhor não saiba que tenho laços de sangue com eles.

- Bem, eu supunha - disse Ichiro. - Por que outra razão Muto Kenji teria vindo até aqui? - ele tomou minha mão e a apertou com emoção. - Todo o mundo sabe que você resgatou Shigeru e matou Iida em vingança. Não vou negar que sempre achei que ele estivesse cometendo um grave erro ao adotá-lo, mas aquela noite você calou minhas apreensões e pagou tudo o que lhe devia.

- Tudo não. Os Senhores Otori o traíram por Iida e continuam impunes.

- Foi por isso que você veio? Isso traria repouso ao espírito dele.

- Não, fui enviado pela Tribo. Eles acreditam que o Senhor Shigeru tenha feito anotações a respeito deles e querem recuperar esses registros.

Ichiro esboçou um sorriso.

- Ele deixou registros de muitas coisas. Eu os repasso todas as noites. Os Senhores Otori alegam que sua adoção não foi legal e que, como de qualquer modo você deve estar morto, Shigeru não tem herdeiros e suas terras devem ser incorporadas ao castelo. Ando procurando mais provas para que você possa reaver o que é seu - seu tom de voz se elevou e tornou-se mais premente. - Volte, Takeo. A metade do clã o apoiará pelo que fez em Inuyama. Você precisa voltar e terminar sua vingança.

A presença de Shigeru nos rondava. Eu esperava que a qualquer momento ele entrasse no quarto com seus passos enérgicos, seu sorriso aberto e seus olhos escuros que pareciam tão francos e escondiam tanta coisa.

- Sinto que preciso - eu disse, lentamente. - Só assim poderei ter paz. Mas os da Tribo sem dúvida tentarão me matar se eu os deixar... aliás, não só tentarão como não terão sossego enquanto não o conseguirem.

Ichiro respirou fundo.

- Creio que não me enganei a seu respeito - ele disse. - Se me enganei, de qualquer modo você veio preparado para me matar. Sou velho, estou pronto para ir embora. Mas gostaria de ver terminado o trabalho de Shigeru. É verdade, ele tem registros a respeito da Tribo. Acreditava que ninguém conseguiria trazer paz ao País Central enquanto a Tribo fosse tão forte, então dedicou-se a descobrir o que fosse possível sobre ela e anotou tudo. Assegurou-se de que ninguém soubesse o que havia nesses registros, nem mesmo eu. Era extremamente reservado, muito mais do que qualquer pessoa pudesse imaginar. Tinha que ser: durante dez anos Iida e seus tios tentaram eliminá-lo.

- Você pode dá-los para mim?

- Não os entregarei à Tribo - ele disse. A lanterna tremulou, revelando de repente um olhar astuto que eu nunca havia percebido

nele. - Preciso de mais óleo, senão acabaremos ficando no escuro.
Vou acordar Chiyo.

- É melhor não - eu disse, embora desejasse muito rever a
velha mulher que cuidava da casa e me tratava como filho. - Não
posso ficar.

- Veio sozinho?

Balancei a cabeça.

- Kikuta Akio está me esperando lá fora.

- Ele é perigoso?

- Tenho quase certeza de que vai tentar me matar, especialmente se eu voltar de mãos vazias.

Eu me perguntava que horas seriam, o que Akio estaria fazendo. A melodia de inverno da casa me envolvia. Eu não queria ir embora. Minhas escolhas pareciam cada vez mais restritas. Ichiro nunca me daria as anotações sobre a Tribo; eu nunca seria capaz de matá-lo para pegá-las. Tirei o punhal da cintura, senti na mão seu peso tão conhecido.

- Eu deveria me matar agora.

- Bem, seria uma saída - Ichiro disse, fungando. - No entanto, não muito satisfatória. Eu passaria a ter dois fantasmas inquietos me visitando à noite. E os assassinos de Shigeru continuariam impunes.

A lanterna deu um estalo. Ichiro se levantou.

- Vou buscar mais óleo - murmurou.

Ouvi-o andar pela casa, arrastando os pés, e pensei em Shigeru. Quantas noites teria ficado até tarde naquele mesmo quarto? Caixas com rolos de papel me rodeavam. Olhando-as ao acaso, lembrei-me de repente, com toda a clareza, da caixa de madeira que eu carregara montanha acima para dá-la ao abade, no dia em que visitamos o templo para ver as pinturas Sesshu. Tive a impressão de que Shigeru sorria para mim.

Ichiro voltou, arrumou a lanterna e disse:

- Seja como for, não estão aqui.

- Eu sei - repliquei. - Estão em Terayama. Ichiro deu um risinho.

- Se quer meu conselho, mesmo que nunca tenha tomado conhecimento de nada no passado, vá até lá. Vá agora, esta noite. Eu lhe darei dinheiro para a viagem. Eles o esconderão durante o inverno. De lá poderá planejar sua vingança dos Senhores Otori. É esse o desejo de Shigeru.

- É meu desejo também. Mas fiz um trato com o mestre Kikuta. Agora estou ligado à Tribo por minha palavra.

- Creio que você fez voto de lealdade antes aos Otori - disse Ichiro. - Shigeru não salvou sua vida antes que a Tribo tivesse ouvido falar na sua existência?

Concordei, meneando a cabeça.

- E você não disse que Akio o mataria? Então eles já deixaram de lhe ser fiéis. Será que consegue passar por ele? Onde ele está?

- Deixei-o na estrada. Agora pode estar em qualquer lugar.

- Bem, antes você pode ouvi-lo, não pode? E aquelas peças que me pregava? Estava sempre em outro lugar, quando eu pensava que estivesse estudando.

- Professor - comecei. Ia pedir desculpas, mas ele fez sinal para que eu me calasse.

- Eu lhe perdôo tudo. Não foram meus ensinamentos que lhe possibilitaram tirar Shigeru de Inuyama.

Ichiro saiu de novo do quarto e voltou com uma bolsinha de moedas e alguns bolinhos de arroz enrolados em alga. Eu não tinha trouxa nem arca para carregá-los e teria que manter as mãos livres. Amarrei o dinheiro na tanga que trazia por baixo da roupa e os bolinhos no cinto.

- É capaz de achar o caminho? - perguntou, começando a se agitar, como sempre fazia no passado, antes de uma visita a um santuário ou alguma outra saída.

- Acho que sim.

- Vou escrever uma carta para o deixarem passar pela barreira. Você é um criado desta casa, e é o que está parecendo, que vai tomar providências para minha visita ao templo, no ano que vem. Vou encontrá-lo em Terayama quando a neve derreter. Espere por mim lá. Shigeru era aliado de Arai. Não sei como estão as coisas entre vocês, mas acho que deveria buscar a proteção de Arai. Ele será grato por qualquer informação que puder usar contra a Tribo.

Pegou o pincel e escreveu rapidamente.

- Ainda sabe escrever? - perguntou, sem levantar os olhos.

- Não muito bem.

- Tem o inverno todo para exercitar - lacrou a carta e se levantou. - A propósito, o que foi feito de Jato?

- Chegou a minhas mãos. Está guardada para mim em Terayama.

- Está na hora de voltar para ela - ele tornou a sorrir e resmungou: - Chiyo vai me matar por não a ter acordado.

Enfiei a carta por dentro da roupa e nos abraçamos.

- Algum estranho destino liga você a esta casa - ele disse. - Creio que é um laço do qual não poderá escapar - sua voz se interrompeu e vi que estava de novo à beira das lágrimas.

- Eu sei - sussurrei. - Farei tudo o que sugeriu.

Eu sabia que não podia desistir daquela casa e daquela herança. Eram minhas. Eu as reclamaria. Tudo o que Ichiro dissera fazia sentido. Eu tinha que me livrar da Tribo. Os registros de Shigeru me protegeriam dela e me dariam poder de negociar com Arai. Se pelo menos eu conseguisse chegar a Terayama...

7.

Saí da casa do mesmo modo como tinha entrado, pela janela do andar superior, descendo pela parede e atravessando o piso-rouxinol. Ele dormia sob meus pés, mas jurei que a próxima vez que o pisasse iria fazê-lo cantar. Não escalei o muro para voltar à estrada. Em vez disso, corri pelo jardim sem fazer barulho, tornei-me invisível e, agarrando-me às pedras como uma aranha, passei pela abertura por onde o riacho desaguava no rio. Saltei dentro do barco mais próximo, desamarrei-o, peguei o remo que estava na popa e saí navegando pelo rio.

O barco vergou ligeiramente sob meu peso e a correnteza o arrastava com mais força. Para meu desespero, o céu estava mais claro. Fazia mais frio e a lua brilhava mais. Ouvi ruído de passos na margem, projetei minha imagem no muro e me agachei no barco. Akio, porém, não se deixou enganar por meu segundo eu. Pulou do muro como se estivesse voando. Tornei-me invisível de novo, embora sabendo que contra ele talvez fosse inútil, saltei do meu

barco e, em vôo rasante, atravessei a superfície da água até outro barco atracado junto da parede do rio. Desatei com dificuldade o nó da corda que o amarrava e empurrei-o com o remo. Vi Akio aterrissar e se firmar, vencendo o balanço do barco. Depois pulou e voou de novo, enquanto eu me dividia, deixava o segundo eu num barco e saltava para o outro. Senti o ar se deslocar quando passamos um pelo outro. Controlando minha queda, pulei dentro do primeiro barco e comecei a remar com a maior rapidez de que já fora capaz em minha vida. Meu segundo eu se desvaneceu quando Akio o alcançou, e eu o vi preparar-se para mais um salto. Eu não tinha escapatória, a não ser que entrasse no rio. Tirei o punhal e, quando ele aterrissou, tentei golpeá-lo com uma mão. Ele se moveu com a rapidez de sempre e se desviou do punhal com facilidade. Eu previra seu movimento e acertei-o do lado da cabeça, com o remo. Ficou atordoado por um momento, enquanto eu, desequilibrado pelo balanço violento do barco, escapei por um triz de cair na água. Larguei o remo e bati no flanco de madeira. Não queria entrar naquela água gelada, a não ser que o levasse junto e o afogasse. Quando deslizei para o outro lado do barco, Akio se recuperou. Saltou para o alto e veio se jogar bem em cima de mim. Caímos juntos e ele me agarrou pela garganta.

Eu ainda estava invisível, mas sem defesa, encurralado por baixo dele como uma carpa na tábua do cozinheiro. Senti a vista escurecer. Então ele foi me soltando devagarinho.

- Seu traidor - ele disse. - Kenji bem que avisou que você acabaria voltando para os Otori. Estou feliz que isso tenha acontecido, pois queria vê-lo morto desde a primeira vez que nos encontramos. Agora você vai pagar, por sua insolência com os Kikuta, por minhas mãos e por Yuki.

- Mate-me então - eu disse -, como sua família matou meu pai. Vocês não escaparão de nossos fantasmas. Serão amaldiçoados e perseguidos até a morte. Vocês assassinaram seu próprio parente.

O barco se movia debaixo de nós, deslocando-se com a maré. Se então Akio tivesse usado suas mãos ou seu punhal, eu não estaria contando esta história. No entanto, ele não resistiu a um último insulto.

- Seu filho será meu. Vou criá-lo como se deve, como um verdadeiro Kikuta - e ele me chacoalhou violentamente. - Mostre-me sua cara - rosnou. - Quero ver seus olhos quando lhe contar como vou ensiná-lo a odiar sua memória. Quero ver você morrer.

Ele se inclinou para mim, com os olhos procurando meu rosto. O barco navegava na trilha da lua. Quando vi seu brilho, voltei a me tornar visível e olhei bem dentro de seus olhos. Vi o que queria: o ódio cheio de ciúme, que lhe toldava o juízo e o enfraquecia.

Ele percebeu numa fração de segundo e tentou desviar o olhar, mas a pancada do remo decerto afetara sua habitual rapidez, e era tarde demais. Já estava atordoado, tomado pelo sono Kikuta. Caiu de lado, com as pálpebras piscando desordenadamente na medida em que tentava resistir. O barco se inclinou e balançou. Seu próprio peso fez com que ele caísse de cabeça dentro do rio.

O barco continuou navegando, cada vez mais depressa, impelido pela maré que baixava. Na trilha de luar através da água, eu via a superfície de seu corpo, que flutuava suavemente. Eu não voltaria para acabar com ele de uma vez. Tinha esperança de que se afogasse ou morresse congelado, porém deixei-o por conta do destino. Peguei o remo e fui conduzindo o barco para a praia que ficava mais adiante.

Cheguei tremendo de frio. Os primeiros galos já cantavam e a lua baixava no céu. O capim da margem estava duro de gelo, seixos e pedras cobriam-se de branco cintilante. Atrapalhei o sono de uma

garça e perguntei-me se seria aquela que sempre ia pescar no jardim de Shigeru. Ela levantou vôo dos galhos mais altos do salgueiro com o familiar bater de asas.

Eu estava exausto, porém transtornado demais para pensar em dormir, e, de qualquer modo, precisava continuar andando para me aquecer. Forcei-me a apertar o passo, seguindo a estreita trilha da montanha rumo a sudeste. A lua brilhava e eu conhecia o caminho. Quando amanheceu, eu já passara pelo primeiro desfiladeiro e descia na direção de um povoado. Quase não havia movimento, mas uma velha senhora soprava as brasas de seu fogão e esquentou um pouco de sopa para mim, em troca de uma moeda. Queixei-me para ela de meu mestre velho e senil, que me metera naquela empreitada inútil e me fazia perder tempo num templo remoto nas montanhas. Com certeza o inverno acabaria com ele e eu ficaria isolado ali.

Ela gargalhou e disse:

- Então vai ter que virar monge!

- Eu não. Gosto demais de mulheres.

Ela achou muita graça e arranjou umas ameixas salgadas para acrescentar ao meu café da manhã. Quando viu minhas moedas, ofereceu-me alojamento também. Depois que comi, o demônio do sono se aproximou ainda mais, e fiquei morrendo de vontade de me deitar, mas tinha medo de ser reconhecido e já estava arrependido de ter falado tanto com ela. Eu deixara Akio no rio, no entanto sabia como o rio eliminava suas vítimas, as vivas e as mortas, e temia sua perseguição. Não me orgulhava de ter desertado da Tribo depois de jurar obediência, e na luz fria da manhã estava começando a me dar conta de como seria o resto de minha vida. Escolhera voltar para os Otori, e agora nunca mais me livraria do pavor de ser assassinado. Uma organização secreta inteira se levantaria contra mim para me punir por minha deslealdade. Para escapar das malhas de sua rede eu teria que me deslocar mais depressa do que seus mensageiros. E precisava chegar a Terayama antes que começasse a nevar.

O céu se tornara cor-de-chumbo quando cheguei a Tsuwano, na tarde do segundo dia. Meus pensamentos voltavam-se todos para o encontro com Kaede, naquele lugar, e a sessão de treinamento de esgrima, quando me apaixonara por ela. Será que seu nome já fora inscrito na lápide mortuária? Será que doravante eu teria que acender velas para ela, no Festival em Memória dos Mortos, até o fim de minha vida? Será que nos reuniríamos no além ou estaríamos condenados a nunca mais nos encontrar, nem vivos nem mortos? O pesar e a vergonha me corroíam. Ela dissera: "Só me sinto segura

com você", e eu a abandonara. Se o Destino fosse benevolente e eu a tivesse novamente nas mãos, nunca mais a deixaria ir embora.

Arrependia-me amargamente da decisão de ficar com a Tribo e com frequência voltei a refletir sobre as razões que me levaram àquela escolha. Acreditava ter feito um trato com eles, no entanto minha vida fora confiscada por eles: isso era uma coisa. Além disso, porém, eu culpava minha vaidade. Quisera conhecer e desenvolver o aspecto do caráter que me vinha de meu pai, dos Kikuta, da Tribo, a sombria herança que me conferia habilidades das quais me orgulhava. Eu reagira com ganância e avidez à sua sedução, à mescla de adulação, compreensão e brutalidade com que me haviam usado e manipulado. Perguntava a mim mesmo qual seria a possibilidade de me livrar deles.

Meus pensamentos giravam. Eu caminhava numa espécie de atordoamento. Tinha dormido um pouco durante o dia, num buraco à beira da estrada, mas o frio me despertara. O único jeito de me manter aquecido era andando. Contornei a cidade e, descendo pelo desfiladeiro, voltei a tomar a estrada perto do rio. A correnteza era mais fraca, já não havia a enchente causada pelas tempestades que nos haviam retido em Tsuwano, as margens tinham sido consertadas, porém a única ponte em muitas milhas, uma ponte de madeira, continuava em ruínas. Paguei um barqueiro para atravessar o rio. Ninguém mais viajava àquela hora tardia, fui seu último freguês. Senti que ele me observava com curiosidade, mas não falou comigo. Não podia afirmar que ele fosse da Tribo, mas me

incomodava. Deixou-me do outro lado e me afastei rapidamente. Quando cheguei à curva da estrada, o barqueiro ainda me observava. Fiz um gesto com a cabeça, mas ele não tomou conhecimento.

Fazia mais frio do que nunca, o ar era úmido e gelado. Eu já lamentava não ter buscado um abrigo para passar a noite. Se fosse pego por uma nevasca antes de chegar à próxima cidade, teria pouca possibilidade de sobreviver. Yamagata ainda estava a muitos dias de distância. Havia um posto na fronteira do feudo, porém, apesar da carta de Ichiro e de meu disfarce de criado, não queria passar a noite ali, pois havia muita gente curiosa, muitos guardas. Sem saber o que fazer, continuei andando.

A noite caiu. Mesmo com minha visão tão treinada, era difícil enxergar a trilha. Em duas ocasiões saí dela e tive que voltar para trás. Uma das vezes caí numa espécie de buraco ou vala, com água até a borda, e encharquei as pernas até a altura dos joelhos. O vento uivava e ruídos estranhos vinham dos bosques, fazendo-me lembrar lendas de monstros e duendes e achar que os mortos andavam atrás de mim.

Quando o céu começou a clarear, a leste, eu estava congelado até os ossos e tremia incontrolavelmente. Fiquei feliz em ver a aurora, no entanto ela não atenuou o frio terrível. Em vez disso, trouxe-me a consciência do quanto estava sozinho. Pela primeira vez, insinuou-se em minha mente a idéia de que, se a fronteira do feudo fosse controlada pelos homens de Arai, eu me entregaria. Eles me levariam até Arai, mas decerto antes me dariam alguma coisa quente para beber. Eu me sentaria lá dentro, me aqueceria e eles fariam chá para mim. A idéia daquele chá me obcecava. Sentia o vapor quente no rosto, o calor da chaleira nas mãos. Estava tão absorto que não notei que alguém andava atrás de mim.

De repente, percebi uma presença às minhas costas. Virei-me, espantado por não ter ouvido os passos na estrada e nem mesmo o ruído de respiração. Fiquei intrigado e até assustado com aquela aparente perda de audição. Era como se aquele viajante tivesse caído do céu ou pairasse acima do chão, como fazem os mortos. Então achei que ou a exaustão perturbara-me a mente ou, de fato, eu estava vendo um fantasma, pois o homem que caminhava atrás de mim era o pária, Jo-An, que eu acreditava ter sido torturado até morrer, pelos homens de Arai, em Yamagata.

O choque foi tão grande que achei que fosse desmaiar. O sangue fugiu-me da cabeça e eu cambaleei. Jo-An amparou-me, com suas mãos reais, fortes e sólidas, cheirando a couro. O céu e a terra giravam ao meu redor e manchas negras escureceram-me a visão. Ele me sentou no chão e pôs-me a cabeça entre os joelhos.

Um barulho nos ouvidos me ensurdeceu. Fiquei encolhido daquela maneira, suas mãos segurando-me a cabeça, até que o barulho diminuiu e minha visão começou a clarear. Eu olhava para o chão. O capim estava coberto de geada e partículas minúsculas de gelo acumulavam-se entre as pedras. O vento uivava nos cedros. Além disso, o único ruído era de meus dentes batendo.

Jo-An falou. Não havia dúvida, era a voz dele.

- Desculpe, senhor. Eu o assustei. Não queria alarmá-lo.

- Disseram-me que estava morto. Não sabia se era um ser vivo ou um fantasma.

- De fato houve um momento em que isso podia ter acontecido - ele sussurrou. - Os homens de Arai acharam que eu tivesse morrido e jogaram meu corpo no pântano. Mas o Deus Secreto tinha outros planos para mim e mandou-me de volta para este mundo. Meu trabalho aqui ainda não terminou.

Levantei a cabeça devagar e olhei para ele. Tinha uma cicatriz recente, do nariz à orelha, e faltavam-lhe vários dentes. Peguei-o pelo pulso e trouxe sua mão para perto de mim, para vê-la melhor. Tinham-lhe arrancado as unhas, e os dedos estavam machucados e retorcidos.

- Devo lhe pedir perdão - eu disse, condoído.

- Nada nos acontece sem que tenha sido planejado por Deus - ele replicou.

Perguntei-me por que havia planos de Deus que incluíam tortura, porém não disse nada a Jo-An.

- Como me encontrou? - perguntei.

- O barqueiro me contou que tinha levado ao outro lado do rio alguém que ele imaginava ser o senhor. Estava esperando notícias suas. Sabia que voltaria - pegou a trouxa que deixara à beira da estrada e começou a desatá-la. - Afinal, a profecia tem que se cumprir.

- Que profecia?

Lembrei que a mulher de Kenji chamara-o de maluco. Ele não respondeu. Tirou da trouxa dois bolinhos de painço, disse uma prece e me deu um.

- Sempre me dá alimento - eu disse. - Creio que não consigo comer.

- Então beba - disse Jo-An, entregando-me uma garrafa rústica de bambu.

Também não tinha certeza de que conseguiria beber, mas achei que aquilo me aqueceria. Assim que o líquido me caiu no estômago, a escuridão voltou-me à vista, vomitei várias vezes e fui tomado de tremores violentos.

Jo-An estalou a língua, como se faz para um cavalo ou um boi. Tinha a paciência característica de homem acostumado a lidar com animais, pois é óbvio que lidava com eles na hora de morrerem e, depois, esfolando seus cadáveres. Quando fui capaz de falar de novo, eu disse, entre meus dentes que batiam:

- Preciso seguir viagem.

- Para onde está indo? - ele perguntou.

- Terayama. Vou passar o inverno lá.

- Tudo bem - e ele caiu num de seus habituais silêncios. Estava fazendo uma prece, ouvindo alguma voz interior que lhe diria o que fazer. - Está bem - falou, finalmente. - Vamos pelo alto das montanhas. Se for pela estrada, eles o deterão na barreira e, de qualquer modo, será muito demorado. Vai nevar antes de chegar a Yamagata.

- Pelo alto das montanhas? - levantei os olhos para os cumes denteados que se estendiam infinitamente para o nordeste. A estrada de Tsuwano até Yamagata serpenteava em torno de seus sopés, mas Terayama mesmo ficava bem atrás deles. Em torno da cordilheira, as nuvens eram baixas e cinzentas, com o brilho opaco que pressagia neve.

- É uma subida íngreme - disse Jo-An. - Precisa descansar um pouco antes de iniciá-la.

Fiz menção de ficar em pé.

- Não tenho tempo. Preciso chegar ao templo antes de nevar.

Jo-An olhou para o céu e farejou o vento.

- Hoje a noite vai ser muito fria para nevar, mas pode ser que comece amanhã. Vamos pedir ao Ser Secreto que a detenha.

Levantou-se e me ajudou a ficar em pé.

- Consegue andar agora? O lugar em que moro não fica muito longe. O senhor pode ficar lá, depois o levarei até os homens que lhe mostrarão o caminho pelas montanhas.

Sentia-me muito fraco, como se meu corpo tivesse perdido a substância, como se eu tivesse me dividido e, de certo modo, desaparecido com minha imagem. O treinamento da Tribo me ensinara a encontrar as reservas de forças de que a maioria das pessoas não tem consciência. Lentamente, concentrando-me na minha respiração, senti voltar-me um pouco de energia e vigor. Jo-An decerto atribuía minha recuperação ao poder de suas preces. Fitou-me por alguns instantes com seus olhos fundos, depois se virou, esboçando um sorriso, e começou a andar de volta pelo mesmo caminho pelo qual tínhamos vindo.

Hesitei por um momento, em parte porque não me agradava a idéia de voltar sobre meus passos, desperdiçando a distância que tanto me custara percorrer, mas também porque me repugnava acompanhar o pária. Uma coisa era falar com ele à noite, outra bem diferente andar a seu lado, ser visto em sua companhia. Lembrei-me de que ainda não era um cavalheiro Otori e deixara de ser da Tribo, de que Jo-An estava me oferecendo ajuda e abrigo, mas minha pele formigava enquanto o seguia.

Depois de caminhar menos de uma hora, saímos da estrada por um caminho menor, que seguia a margem de um rio estreito, atravessando dois povoados. Crianças vinham correndo para pedir comida, mas recuavam ao reconhecer o pária. No segundo povoado, dois meninos maiores se atreveram a atirar pedras. Uma delas quase me acertou as costas. Ouvi-a em tempo de me desviar. Quis voltar para punir o garoto, mas Jo-An me deteve.

Muito antes de chegar ao curtume, consegui sentir seu cheiro. O rio se alargou e acabou por desaguar no canal principal. Na confluência ficavam as fileiras de armações de madeira com as peles estendidas nelas. Ali, naquele lugar enfumaçado, estavam protegidas do gelo, mas quando o inverno se tornasse mais rigoroso seriam retiradas e ficariam armazenadas até a primavera. Já havia homens trabalhando, todos párias, é claro, seminus, apesar do frio. Eram todos esqueléticos, como Jo-An, e tinham o mesmo olhar abatido de cão surrado. A névoa pairava sobre o rio, misturada com a fumaça de braseiros de carvão. Uma ponte flutuante fora construída através do rio, feita de juncos e bambus amarrados com cordas. Lembrei-me de Jo-An dizendo-me que fosse até a ponte dos párias se precisasse de ajuda. Agora o destino me levava até ali, decerto ele diria que era o poder do Deus Secreto.

Do outro lado das armações com as peles havia algumas pequenas choupanas de madeira. Era como se tivessem sido achatadas por um vento forte. Enquanto eu seguia Jo-An até a porta da mais próxima, os homens continuavam seu trabalho, mas eu

percebia que nos observavam. Olhavam-me com uma espécie de intensa súplica, como se eu significasse alguma coisa para eles e pudesse ajudá-los de algum modo.

Tentando disfarçar minha relutância, eu entrei, sem precisar tirar os sapatos, pois o chão era de terra. Uma pequena fogueira queimava na lareira. O ar estava enfumaçado e meus olhos ardiam. Havia uma pessoa encolhida num canto, debaixo de uma pilha de couros. Pensei que fosse a mulher de Jo-An, até que um homem avançou de joelhos e, diante de mim, inclinou a cabeça até o chão. Era o barqueiro com quem eu atravessara o rio.

- Ele andou a noite quase toda para me contar que tinha visto o senhor -Jo-An disse, como que pedindo desculpas. - Precisava descansar um pouco antes de voltar.

Eu sabia o sacrifício que aquilo representava, não só pela caminhada solitária em meio à escuridão povoada de duendes, como pelo perigo de salteadores e patrulhas e pela perda dos rendimentos de um dia.

- Por que ele fez isso por mim?

Então o homem se sentou, erguendo os olhos para mim por um breve instante. Não disse nada, mas sua expressão era a mesma que eu vira nos olhos dos trabalhadores do curtume, um olhar de anseio e fome. Já o vira alguns meses antes, nos semblantes das pessoas que passavam por nós quando voltávamos de Terayama para Yamagata, o olhar que lançavam como um apelo a Shigeru. Encontraram em Shigeru a promessa de alguma coisa - justiça, compaixão -, e agora aqueles homens buscavam o mesmo em mim. Jo-An lhes dissera alguma coisa sobre mim que me transformara em sua esperança.

E alguma coisa em mim respondia a isso, como respondera aos aldeões, aos lavradores com suas plantações secretas. Eram tratados como cães, espancados e deixados à míngua, no entanto eu os via como homens, com cérebros e corações de homens, como qualquer guerreiro ou comerciante. Eu fora criado entre pessoas como eles e aprendera que o Deus Secreto via a todos com os mesmos olhos. Independentemente do que eu tivesse me tornado, dos outros ensinamentos que tivesse recebido dos Otori ou da Tribo, apesar até de minha própria relutância, era impossível esquecê-lo.

- Agora ele é seu homem - disse Jo-An. - Tal como eu, tal como todos nós. É só nos convocar.

Ele sorriu, com os dentes quebrados brilhando sob a luz tênue. Ele tinha feito chá e me estendeu uma pequena tigela de madeira. Senti o vapor subir até meu rosto. O chá era feito de gravetos, como o que tomávamos em Mino.

- Por que eu os chamaria? Vou precisar é de um exército! - tomei o chá e senti o calor espalhar-se por mim.

- É, um exército - disse Jo-An. - O senhor tem muitas batalhas pela frente. A profecia diz isso.

- Então como podem me ajudar? Vocês são proibidos de matar!

- Guerreiros matarão - replicou Jo-An. - Mas há muitas coisas que eles não farão e que são igualmente necessárias. Coisas que consideram estar abaixo deles. Construir, abater animais, enterrar. O senhor vai perceber isso quando precisar de nós.

O chá acalmou meu estômago. Jo-An trouxe mais dois bolinhos de painço, mas eu estava sem apetite e fiz o barqueiro comer minha ração. Jo-An também não comeu, mas levou embora o segundo pãozinho. Vi os olhos do outro homem o acompanhar e lhe dei algumas moedas antes de ele ir embora. Ele não quis pegá-las, mas forcei-o a aceitar.

Jo-An murmurou a bênção da partida e empurrou os couros de lado para que eu pudesse tomar seu lugar debaixo deles. O calor do chá permaneceu em mim. Os couros cheiravam mal, mas protegiam do frio e abafavam os sons. Veio-me um breve pensamento de que qualquer um daqueles famintos poderia me trair por uma tigela de sopa, mas eu já não tinha alternativa: tinha que confiar em Jo-An. Deixei a escuridão cair sobre mim e mergulhei no sono.

Algumas horas depois ele me acordou. Já era de tarde. Deu-me chá, pouco mais do que uma água quente, e desculpou-se por não ter o que me oferecer para comer.

- Temos que ir agora - ele disse -, se quisermos pegar os carvoeiros antes de escurecer.

- Os carvoeiros? - geralmente eu acordava depressa, mas aquele dia estava tonto de sono.

- Ainda estão na montanha. Eles usam caminhos através da floresta que o levarão para o outro lado da fronteira. Mas irão embora com a primeira neve - fez uma pausa por um momento e disse: - Vamos ter que conversar com uma pessoa no caminho.

- Com quem?

- Não vai demorar - lançou-me um de seus ligeiros sorrisos.

Sáímos. Ajoelhei-me à beira do rio e joguei água no rosto. Estava gelada. Conforme Jo-An previra, a temperatura baixara muito e o ar estava mais seco. Estava frio e seco demais para nevar.

Sacudi a água das mãos enquanto ele falava com os homens. Seus olhos piscavam para mim. Quando partimos, eles pararam de trabalhar, se ajoelharam e inclinavam a cabeça à minha passagem.

- Eles sabem quem eu sou? - perguntei em voz baixa para Jo-An.

Mais uma vez, temi a traição daqueles homens que tinham tão pouco.

- Sabem que é Otori Takeo - ele respondeu. - O anjo de Yamagata que trará justiça e paz. É o que diz a profecia.

- Que profecia? - voltei a perguntar.

- O senhor mesmo vai ouvi-la.

Eu estava cheio de apreensão. O que estava fazendo, ao confiar minha vida àquele maluco? Sentia que cada momento desperdiçado poderia me impedir de chegar a Terayama antes que a neve ou a Tribo me alcançassem. No entanto, sabia que agora minha única esperança era passar pelo cume das montanhas. Tinha que seguir Jo-An.

Atravessamos o rio menor um pouco acima, por uma tapagem. Cruzamos com algumas pessoas, dois pescadores e umas meninas que iam levando comida para os homens que estavam queimando as hastes de arroz e espalhando esterco pelos campos vazios. As meninas subiram pela margem em vez de atravessar nosso caminho e um dos pescadores cuspiu em nós. O outro xingou Jo-Na por estar empestando a água. Mantive a cabeça baixa e o rosto virado, mas não me deram atenção. Na verdade, evitavam nos olhar diretamente, como se mesmo esse contato os contaminasse e lhes desse azar.

Jo-An parecia não notar a hostilidade, recolhendo-se em si mesmo como que num esconderijo escuro. No entanto, depois de passar por todos, ele disse:

- Eles não nos deixariam usar a ponte de madeira para atravessar os couros. Por isso tivemos que aprender a construir a nossa. Agora a outra ponte está destruída, e mesmo assim eles se recusam a usar a nossa - meneando a cabeça, e sussurrou: - Se pelo menos conhecessem o Ser Secreto.

Pela outra margem, seguimos o rio por mais uma milha e depois nos desviamos para nordeste e começamos a subir. Os

bordos e carvalhos ralos deram lugar a pinheiros e cedros. À medida que a floresta se aprofundava, o caminho se tornava mais escuro e íngreme até passarmos a escalar por pedras e rochedos, muitas vezes sendo obrigados a caminhar de quatro. O sono me havia revigorado e eu sentia as forças me voltarem. Jo-An escalava sem se cansar e quase nem ofegava. Era difícil adivinhar sua idade. A pobreza e o sofrimento o haviam consumido, de modo que sua aparência era a de um velho, no entanto não devia ter mais de trinta anos. Havia nele algo extraterreno, como se tivesse, de fato, retornado do mundo dos mortos.

Finalmente chegamos a um pico. Firmamo-nos num pequeno platô, sobre o qual havia uma pedra enorme, caída do penhasco acima. Abaixo de nós eu via a cintilação do rio, quase tão longe quanto Tsuwano. Fumaça e névoa pairavam sobre o vale. As nuvens estavam baixas e escondiam a cadeia de montanhas em frente. A escalada nos aquecera, até nos fizera transpirar, mas quando paramos nossa respiração saía branca no ar gelado. Algumas bagas vermelhas tardias brilhavam nos arbustos sem folhas; era o único colorido à nossa volta. Mesmo as árvores de folhas perenes tornaram-se quase pretas. Eu ouvia a água correr e dois corvos chamavam um ao outro no penhasco. Quando se calaram, ouvi alguém respirar. O som, lento e cadenciado, vinha da própria rocha. Passei a respirar mais devagar também, toquei no braço de Jo-An e fiz um gesto com a cabeça, mostrando de onde vinha o ruído. Ele sorriu e falou baixinho:

- Está tudo bem. É a pessoa que viemos encontrar.

Os corvos gritaram de novo, com suas vozes estridentes e sinistras. Comecei a tremer. Um calafrio me envolvia. Os temores da noite anterior voltaram a me assaltar. Queria continuar caminhando. Não queria encontrar quem quer que estivesse escondido atrás da rocha, respirando tão devagar que nem parecia humano.

- Venha - disse Jo-An, e eu o segui, beirando a rocha, evitando olhar para o precipício abaixo. Atrás, havia uma caverna escavada na montanha. A água gotejava de seu teto. Ao longo dos séculos, formara pontas, colunas e escavara no chão um canal que levava a um poço pequeno e fundo, de paredes regulares como as de uma cisterna e brancas, de calcário. A água, por sua vez, era escura.

O teto da caverna era inclinado, acompanhando a forma da montanha. Na parte mais alta e seca, estava sentada uma figura, que eu pensaria ser uma estátua se não ouvisse sua respiração. Era branca acinzentada, da cor do calcário, como se estivesse ali sentada havia tanto tempo que começara a calcificar. Era difícil dizer se era homem ou mulher. Reconheci-a como uma daquelas pessoas velhas, eremita, monge ou monja, que ultrapassara as fronteiras do sexo ou do gênero e se aproximara tanto do outro mundo que se

tornara quase puro espírito. Seus cabelos escorriam-lhe pelo ombro como um xale branco, suas mãos eram cinzentas como papel velho.

A personagem estava sentada em meditação, no chão da caverna, sem dar sinais de cansaço ou desconforto. À sua frente havia uma espécie de altar de pedra, com algumas flores murchas, os últimos lírios de outono, e outras oferendas: duas laranjas amargas com as cascas enrugadas, um pedaço de tecido e algumas moedas de pouco valor. Era como muitos outros santuários ao deus da montanha, só que escavado na pedra havia o sinal usado pelos Ocultos, igual ao que a Senhora Maruyama traçara em minha mão, em Chigawa, tanto tempo atrás.

Jo-An desatou sua trouxa e tirou dela o último bolinho de painço. Ajoelhou-se e colocou-o cuidadosamente no altar, depois inclinou a cabeça até o chão. A figura abriu os olhos e nos fitou, mas sem nos ver. Tinha o olhar enevoado pela cegueira. Sua expressão me fez cair de joelhos e fazer-lhe uma reverência: era um olhar de profunda ternura e compaixão, mesclada a completa sabedoria. Não tive dúvida de que estava diante de um ser sagrado.

- Tomasu - disse, e achei que fosse voz de mulher. Havia tanto tempo que ninguém me chamava pelo nome de batismo dado por

minha mãe, que os cabelos de minha nunca se arrepiaram e eu estremei, não apenas de frio.

- Sente-se - ela disse. - Tenho palavras a dizer que precisará ouvir. Você é Tomasu de Mino, mas tornou-se Otori e Kikuta. Três sangues se misturam em você. Nasceu entre os Ocultos, porém sua vida foi trazida a céu aberto e já não lhe pertence. A Terra realizará o que o Céu deseja.

Ela se calou. Os minutos se passavam. O frio penetrava-me nos ossos. Perguntava-me se ela diria mais alguma coisa. Primeiro admirei-me de que soubesse quem eu era, depois achei que Jo-An decerto lhe falara sobre mim. Se era aquela profecia, era tão obscura que não significava nada para mim. Temi que se continuasse ali ajoelhado acabaria morrendo congelado, mas a força dos olhos cegos daquela mulher me detinha.

Eu ouvia a respiração de nós três e os sons da montanha, os corvos ainda gritando com suas vozes estridentes, os cedros agitando-se ao vento nordeste, o gotejar da água, o gemido da própria montanha à medida que a temperatura baixava e as rochas se contraíam.

- Suas terras se estenderão de um mar a outro - ela disse, finalmente. - A paz, no entanto, virá ao preço de sangue derramado. Cinco batalhas lhe custará a paz, quatro para vencer e uma para perder. Muitos deverão morrer, mas você estará salvo da morte, exceto pelas mãos de seu próprio filho.

Seguiu-se mais um longo silêncio. A cada segundo, a luz se reduzia, rumo ao entardecer, e o ar esfriava. Meu olhar percorreu a caverna. Ao lado da mulher sagrada havia uma roda de preces, sobre um pequeno bloco de madeira com folhas de lótus entalhadas à sua volta. Fiquei intrigado. Sabia que muitos santuários nas montanhas eram proibidos para mulheres e nunca vira nenhum que contivesse tal mistura de símbolos, como se o Deus Secreto, o Iluminado e os espíritos da montanha estivessem todos reunidos.

Ela falou como se lesse meus pensamentos; sua voz continha uma espécie de riso mesclado com deslumbramento.

- É tudo um só. Guarde isto em seu coração. É tudo um só.

Ela tocou na roda de preces e a fez girar. Seu ritmo parecia introduzir-se em minhas veias e juntar-se a meu sangue. Ela começou a cantar suavemente, palavras que eu nunca ouvira antes e que não compreendia. Elas flutuavam sobre nós e à nossa volta, acabando por se apagar com o vento. Quando voltamos a ouvi-las, tinham se tornado a bênção de despedida dos Ocultos. Ela nos deu uma taça e mandou que bebêssemos água do poço antes de partirmos.

Uma fina camada de gelo se formara na superfície e a água estava tão gelada que me fez doer os dentes. Jo-An, sem perder tempo, levou-me embora rapidamente, olhando ansioso em direção ao norte. Antes de voltarmos ao pico em que estávamos, lancei um último olhar para a mulher sagrada. Estava sentada, imóvel; daquela distância, parecia fazer parte da rocha. Eu não podia acreditar que fosse ficar ali sozinha, a noite toda.

- Como ela sobrevive? - perguntei a Jo-An. - Vai morrer de frio!

Ele franziu o cenho.

- Quem a sustenta é Deus. Ela não se importa em morrer.

- Então ela é como você?

- É uma pessoa sagrada. Antes eu pensava que ela fosse um anjo, no entanto é um ser humano, transformado pelo poder de Deus.

Ela não quis falar mais. Parecia ter entendido minha pressa. Descemos rapidamente, até chegarmos a uma pequena pedra, que escalamos. Do outro lado, havia um caminho estreito, formado pelas pisadas dos homens que caminhavam em fila pela floresta escura. Por esse caminho, passamos a subir de novo.

Folhas caídas e agulhas de pinheiro abafavam o ruído de nossos passos. Debaixo das árvores, era quase noite. Jo-An começou a caminhar mais depressa ainda. A velocidade me aqueceu um pouco, no entanto meus pés e minhas pernas pareciam estar se transformando lentamente em pedra, como se a água calcária que tinha tomado estivesse me calcificando. E também trazia o coração sobressaltado pelas palavras assombrosas da mulher e por tudo o que implicavam para meu futuro. Nunca havia lutado numa batalha. Será que de fato teria que enfrentar cinco? Se o sangue derramado fosse o preço da paz, cinco batalhas seriam de fato um custo alto. E a idéia de que meu próprio filho, que nem nascera ainda, iria me matar provocava-me uma tristeza insuportável. Alcancei Jo-An e toquei em seu braço.

- O que significa tudo aquilo?

- Significa o que diz - ele replicou, andando um pouco mais devagar para recobrar o fôlego.

- Ela já lhe havia dito as mesmas palavras antes?

- As mesmas.

- Quando?

- Depois que morri e voltei à vida. Eu queria viver como ela, um eremita na montanha. Pensei em ser criado dela, seu discípulo. Mas ela disse que meu trabalho no mundo ainda não havia terminado e falou as palavras sobre o senhor.

- Contou a ela quem eu era, falou de minha vida passada e tudo o mais?

- Não - ele disse, paciente. - Não foi necessário, pois ela já sabia. Disse-me que eu deveria lhe servir, porque só o senhor trará paz.

- Paz? - repeti.

Seria aquilo que ela chamava de desejo do Céu? Eu nem sabia ao certo o que significava a palavra. A própria idéia de paz parecia-me uma das fantasias dos Ocultos, como as histórias do reinado que minha mãe sussurrava para mim, à noite. Seria possível fazer os clãs parar de lutar? Toda a classe de guerreiros lutava, todos eles tinham sido criados e treinados para isso, todos viviam para isso. Além de suas tradições e senso de honra, havia a necessidade constante de terras para manter exércitos, para conquistarem mais terras, havia os códigos militares e as redes mutáveis de alianças, a ambição presunçosa dos nobres guerreiros como Iida Sadamu e agora, pelo visto, Arai Daiichi.

- A paz pela guerra? - indaguei.

- Há outra maneira? - replicou Jo-An. - Haverá batalhas.

"Quatro para vencer e uma para perder."

- Para isso estamos nos preparando agora. O senhor viu os homens no curtume, observou seus olhos. Desde que entrou no castelo de Yamagata, o senhor se tornou um herói para essas pessoas. Depois o serviço que prestou ao Senhor Shigeru em Inuyama... mesmo sem a profecia eles estariam dispostos a lutar pelo senhor. Agora sabem que Deus está do seu lado.

- Ela está sentada num santuário da montanha e usa uma roda de preces - eu disse. - Até nos abençoou à maneira de sua gente.

- Nossa gente - ele me corrigiu.

- Deixei de seguir esses ensinamentos - eu disse, meneando a cabeça. - Matei muitas vezes. Acredita mesmo que ela fale as palavras do deus de vocês?

Pois os Ocultos ensinam que o Deus Secreto é o único verdadeiro e que os espíritos que os outros cultuam são delírios.

- Não sei por que Deus me ordena que a ouça - ele admitiu. - Mas ele ordena, e assim eu faço.

"Ele está louco", pensei, "a tortura e o medo fizeram-no perder o juízo."

- Ela disse: é tudo um só. Mas você decerto não acredita nisso, não é?

- Acredito em todos os ensinamentos do Ser Secreto - ele sussurrou. - Sigo-os desde criança. Sei que são verdadeiros. Mas tenho a impressão de que há algum lugar para além dos ensinamentos, para além das palavras, onde isso poderia ser verdade. Onde se considera que todas as crenças saem de uma fonte. Meu irmão era sacerdote; ele diria que isso é uma heresia. Não estive nesse lugar, mas é onde ela habita.

Fiquei calado, pensando em como suas palavras se aplicavam a mim. Podia sentir os três elementos que constituíam minha natureza, se enroscavam em mim como três serpentes diferentes, cada uma mortal para as outras, se lhes fosse permitido lutar. Eu nunca poderia viver uma vida sem negar dois terços de mim mesmo. A única maneira seria avançar, transcender as divisões e encontrar um meio de unir os três elementos.

- E o senhor também - acrescentou Jo-An, lendo meus pensamentos.

- Gostaria de acreditar nisso - eu disse, finalmente. - Contudo, enquanto para ela é um lugar de profunda espiritualidade, sou mais prático. Para mim só parece fazer sentido.

- Portanto, é aquele que trará a paz.

Eu não queria acreditar nessa profecia. Era, ao mesmo tempo, muito mais e muito menos do que eu queria para minha vida. Mas as palavras da velha mulher tinham caído no meu ser íntimo e eu não conseguia livrar-me delas.

- Os homens do curtume, seus homens, eles não lutarão, não é?

- Alguns lutarão - disse Jo-An.

- Mas eles sabem lutar?

- Podem aprender. E há muitas outras coisas que eles sabem fazer: construir, transportar, guiá-lo por caminhos secretos.

- Como este?

- É, os carvoeiros fizeram este. Eles dissimulam as entradas com pilhas de pedras. Têm caminhos por todas as montanhas.

Lavradores, párias, carvoeiros, nenhum deles devia pegar em armas ou participar das guerras entre os clãs. Perguntava a mim mesmo quantos mais seriam como o lavrador que eu matara em Matsue, ou como Jo-An. Que desperdício de coragem e inteligência deixar de usar homens como aqueles. Se eu pudesse treiná-los e armá-los, teria todos os homens de que precisava. Mas será que outros guerreiros lutariam ao lado deles? Ou iriam simplesmente considerar-me um pária também?

Estava ocupado com esses pensamentos quando captei um leve cheiro de queimado e, alguns momentos depois, ouvi o som distante de vozes e outros ruídos de atividade humana, como as batidas de um machado, o crepitar do fogo. Jo-An notou que meneei a cabeça.

- Já consegue ouvi-los?

Confirmei, ouvindo, contando quantos eram. Quatro pelas vozes, pensei, talvez mais um que não falava mas se distinguia pelo andar; nenhum cão, o que parecia pouco comum.

- Como sabe, sou meio Kikuta, da Tribo. Tenho muitos dos talentos deles.

Ele não pôde deixar de ter um leve sobressalto. Para os Ocultos, aqueles talentos eram como feitiçaria. Meu pai, mesmo, havia renunciado a todas as habilidades da Tribo ao se converter às

crenças dos Ocultos, e ele morrerá por ter aderido ao voto deles de nunca matar.

- Eu sei disso -Jo-An replicou.

- Vou precisar de todos eles se for para fazer o que vocês esperam de mim.

- Os da Tribo são filhos do diabo - ele murmurou, apressando-se em acrescentar: - Mas seu caso é diferente, cavalheiro.

Percebi o risco que ele estava correndo por mim, não só diante das forças humanas, mas também das sobrenaturais. Para ele, meu sangue da Tribo certamente me tornava tão perigoso quanto um duende ou um espírito do rio. Mais uma vez surpreendi-me ao constatar a força das convicções que o guiavam e ao perceber que se colocara inteiramente em minhas mãos.

O cheiro de queimado tornou-se mais forte. Fuligem caía-nos na pele e nas roupas, fazendo lembrar a neve. O chão se tornou cinzento. O caminho levava a uma clareira entre as árvores, onde havia vários fornos a carvão, tapados com barro molhado e turfa. Só um ainda queimava, com pontos vermelhos brilhando entre suas fendas. Três homens ocupavam-se em desmontar os fornos frios e amontoar o carvão. Outro estava ajoelhado junto de uma fogueira sobre a qual fervia uma chaleira, suspensa num tripé. Quatro, embora eu ainda tivesse a impressão de que eram cinco. Ouvi um passo pesado atrás de mim e a aspiração profunda que precede um ataque. Empurrei Jo-An para o lado e pulei, fazendo meia-volta, para ficar de frente para quem estivesse tentando nos emboscar.

Era o homem maior que eu já tinha visto, e já estava com os braços estendidos para nos agarrar. Uma das mãos era enorme, a outra mutilada. Por causa daquele toco de braço, hesitei em feri-lo mais. Deixando minha imagem no caminho, deslizei para trás dele e o chamei para que se virasse, segurando o punhal de modo que ele visse a lâmina claramente e ameaçando cortar-lhe a garganta.

Jo-An gritou:

- Sou eu, seu cabeça-de-vento! Jo-An!

O homem ao lado da fogueira soltou uma gargalhada e os carvoeiros vieram correndo.

- Não o machuque, senhor! - gritavam para mim. - Ele não quer lhe fazer mal. Vocês o surpreenderam, só isso.

O gigante baixara os braços e estava em pé, com a única mão estendida, num gesto de submissão.

- Ele é mudo - disse Jo-An. - Apesar de ter uma só mão, é forte como um touro e é um trabalhador eficaz.

Os carvoeiros estavam preocupados, temendo que eu fosse punir um de seus maiores trunfos. Jogaram-se a meus pés, pedindo clemência. Mandei que se levantassem e mantivessem seu gigante sob controle.

- Eu poderia tê-lo matado!

Todos se ergueram, disseram palavras de boas-vindas, deram tapinhas nos ombros de Jo-An, fizeram mais reverências a mim e me fizeram sentar perto da fogueira. Um deles serviu chá da chaleira. Eu não tinha idéia do que era feito aquele chá; seu sabor era diferente de tudo o que tomara até então, mas pelo menos estava quente. Jo-An chamou-os de lado e tiveram uma conversa secreta sussurrada da qual ouvi palavra por palavra.

Jo-An contou-lhes quem eu era, o que produziu exclamações e mais reverências, e disse que precisava chegar a Terayama o quanto antes. O grupo discutiu um pouco sobre o caminho mais seguro e se seria melhor partir imediatamente ou esperar até a manhã seguinte.

Depois voltaram até a fogueira, sentaram-se em círculo e ficaram me observando, com os olhos brilhando no meio do rosto escuro. Estavam cobertos de fuligem e cinza, com muito pouca roupa, contudo pareciam não notar o frio. Falavam como grupo, e assim também pareciam pensar e sentir. Imaginei que ali na floresta decerto seguiam suas próprias regras, vivendo como selvagens, quase como animais.

- Nunca falaram com um cavaleiro antes - disse Jo-An. - Um deles quer saber se o senhor é o herói Yoshitsune, de volta do continente. Disse-lhes que, embora esteja vagueando pelas montanhas como Yoshitsune, perseguido por todos, o senhor será um herói ainda maior, pois ele foi derrotado e o senhor terá sucesso, prometido por Deus.

- O cavaleiro vai nos permitir cortar lenha onde quisermos? - perguntou um dos mais velhos. Não se dirigiam diretamente a mim, falavam com Jo-An. - Há muitas partes da floresta a que não temos permissão de chegar. Se cortarmos uma árvore num desses lugares... - ele fez um gesto de cortar o próprio pescoço.

- Uma cabeça por uma árvore, uma mão por um galho - disse outro. Estendeu a mão para o gigante e levantou o braço mutilado.

Na ponta do toco havia uma cicatriz franzida, cor de chumbo, com linhas cinzentas subindo pelo braço, onde fora cauterizado. - Os oficiais do clã Tohan fizeram isso com ele há dois anos. Ele não entendeu, e mesmo assim cortaram-lhe a mão.

O gigante estendeu o braço para mim, meneando a cabeça, com a expressão atordoada e sofrida.

Eu sabia que o clã Otori também tinha leis que proibiam a derrubada indiscriminada de árvores, para proteger a floresta. No entanto, eu acreditava que não lançassem mão de punições tão severas. Perguntava-me por que aleijar alguém. Será que a vida de um homem, de fato, valia menos do que a de uma árvore?

- O Senhor Otori irá reivindicar todas estas terras -disse Jo-An.
- Governará de um mar a outro e nos trará justiça.

Fizeram reverências mais uma vez, jurando que me prestariam serviço. E eu prometi que faria por eles tudo o que pudesse, quando

chegasse a hora. Então nos deram carne para comer: passarinhos que haviam caçado e uma lebre. Comia carne tão raramente que nem me lembrava da última vez que isso tinha acontecido, a não ser por ocasião do guisado dos lutadores. No entanto, a carne de galinha era muito suave, comparada com a de lebre. Eles a tinham pegado havia uma semana e a guardaram para sua última noite na montanha, enterrando-a para escondê-la de algum oficial do clã que viesse fazer a ronda. Tinha gosto de terra e sangue.

Enquanto comíamos, eles discutiam os planos para o dia seguinte. Resolveram que um deles me guiaria até a fronteira. Não ousavam atravessá-la pessoalmente, mas achavam que o caminho que descia até Terayama era simples. Partiríamos assim que começasse a clarear e, se a neve não caísse, eu teria umas doze horas de caminhada. O vento se desviara ligeiramente para o norte e ainda era um pouco violento. Já tinham planejado desmanchar o último forno aquela noite e iniciar a descida da montanha no dia seguinte. Jo-An poderia ajudá-los se passasse a noite lá, substituindo o homem que me acompanharia.

- Eles não se recusam a trabalhar com o senhor? -perguntei mais tarde a Jo-An.

Aqueles carvoeiros me intrigavam. Comiam carne, portanto não seguiam os princípios do Iluminado. Não faziam suas preces na hora de comer, à maneira dos Ocultos. E aceitavam que o pária comesse e trabalhasse com eles, ao contrário dos aldeões.

- Eles também são párias - ele explicou. - Queimam cadáveres tanto quanto madeira. Mas não pertencem aos Ocultos. Cultuam os espíritos da floresta, especialmente o deus do fogo. Acreditam que ele amanhã descerá a montanha e habitará com eles por todo o inverno, mantendo suas casas aquecidas. Na primavera, ele os acompanhará de volta à montanha - a voz de Jo-An revelava uma ponta de reprovação. - Tento falar-lhes sobre o Deus Secreto, mas eles alegam que não podem abandonar o deus de seus ancestrais, pois quem, então, iria acender o fogo de seus fornos?

- Talvez seja tudo um só - eu disse, meio zombeteiro, pois a carne e o calor proporcionado pelo deus do fogo me animaram.

Ele deu um daqueles leves sorrisos e não falou mais no assunto. De repente pareceu exausto. A claridade já se fora quase totalmente e os carvoeiros nos convidaram para entrar em sua choupana. Era uma construção rústica, feita de galhos e coberta com couros, que eu imaginava que tivessem trocado por carvão com

os tanoeiros. Entramos com eles, rastejando, e nos encolhemos para nos proteger do frio. Minha cabeça, mais próxima do forno, se aqueceu, mas minhas costas continuavam geladas, e quando me virei achei que meus olhos fossem se fechar, congelados.

Não dormi muito, porém fiquei deitado ouvindo a respiração funda dos homens à minha volta e pensando em meu futuro. Acreditara-me condenado pela sentença de morte da Tribo, a cada dia esperando ainda estar vivo ao cair da noite, mas a profetisa devolvera-me a vida. Se meu filho nascesse no ano seguinte e começasse a desenvolver seus dons na mesma idade em que eu começara, eu morreria por suas mãos dali a quinze ou dezesseis anos. Era aproximadamente mais uma vez o tempo de vida que eu já tinha, o suficiente para fazer o que era meu dever. Esse cálculo simples me deu uma grande esperança.

Às vezes acreditava na profecia, às vezes não, e assim fora durante toda a minha vida.

No dia seguinte, estaria em Terayama. Pegaria as anotações de Shigeru sobre a Tribo, voltaria a ter Jato nas mãos. Na primavera, iria procurar Arai. Armado com minhas informações secretas sobre a Tribo, buscaria seu apoio contra os tios de Shigeru. Vingar a morte

de Shigeru e apropriar-me de minha herança me daria o que mais necessitava, uma base de poder na inexpugnável Hagi.

Jo-An dormia um sono agitado, debatendo-se e gemendo. Percebi que provavelmente ele estivesse sempre com dor, embora não demonstrasse nada quando acordado. Perto do amanhecer o frio diminuiu um pouco. Então dormi profundamente por cerca de uma hora, para acordar com um ruído leve e farfalhante me enchendo os ouvidos, o som que eu temia. Rastejei até a entrada da choupana. À luz da fogueira vi os flocos que começavam a cair e os ouvi chiar baixinho ao se derreterem sobre as brasas. Sacudi Jo-An e acordei os carvoeiros.

- Está nevando!

Ergueram-se de um salto, acenderam galhos à guisa de tochas e começaram a levantar acampamento. Tal como eu, não queriam ficar encurralados na montanha. O precioso carvão do último forno foi embrulhado nos couros e retirado da choupana. Fizeram rapidamente suas preces para as brasas da fogueira e as colocaram num pote de ferro, que carregariam com eles montanha abaixo.

A neve ainda estava fina e pulverizada, não muito sólida, e derretia assim que tocava o chão. No entanto, quando amanheceu, vimos que o céu estava cinzento e carregado, as nuvens anunciando que viria mais neve. O vento também se tornou mais forte. Quando a neve mais pesada começasse a cair de fato, seria uma nevasca.

Não houve tempo para comer, nem mesmo para o chá. O carvão estava todo pronto e os homens ansiosos para ir embora. Jo-An se ajoelhou diante de mim, eu o ergui e o abracei. Senti entre meus braços seu corpo esquelético e frágil como o de um velho.

- Vamos nos reencontrar na primavera - eu disse. - Mandarei notícias através da ponte dos párias.

Ele concordou, de repente vencido pela emoção, como se não suportasse perder-me de vista. Um dos homens ergueu um fardo e o colocou em seus ombros. Os outros já estavam descendo a encosta. Jo-An fez um gesto desajeitado para mim, uma cruz que era um

misto de despedida e bênção. Depois se virou e, cambaleando um pouco sob o peso de sua carga, saiu andando.

Observei-o por um momento, vendo-me repetir sob minha respiração as palavras que os Ocultos costumam dizer quando partem.

- Venha, senhor - meu guia chamava, ansioso. Voltei-me e o acompanhei montanha acima.

Subimos por cerca de três horas. Meu guia só parava para quebrar algumas hastes de vez em quando, a fim de marcar o caminho de volta. A neve continuava leve e seca, mas quanto mais subíamos mais ela se fixava no chão, e sobre todas as árvores já havia uma fina camada de pó branco. A subida rápida me aquecia, porém meu estômago roncava de fome. A carne da noite anterior despertara nele falsas expectativas. Era impossível adivinhar as horas. O céu tinha uma cor uniforme marrom-acinzentada e o chão começava a refletir a luz singular e desorientadora de uma paisagem com neve.

Quando meu guia parou, estávamos a meio caminho do pico principal da cadeia de montanhas. A trilha que tínhamos seguido até então agora descia serpenteando. Eu via o vale através do véu de flocos que caíam. Os galhos grossos das faias e dos cedros já se tingiam de branco.

- Impossível continuar avançando com o senhor - ele disse. - Se quer um conselho, volte comigo agora. Está vindo uma nevasca. Melhor andar de dia até o templo. Se continuar, vai morrer na neve.

- Não posso voltar - repliquei. - Venha um pouco mais adiante comigo, vou lhe pagar bem.

Mas não consegui convencê-lo, e na verdade nem desejava fazê-lo. Ele parecia pouco à vontade e sozinho sem seus companheiros. Dei-lhe a metade das moedas que lhe daria e em troca ele me deu um osso da coxa da lebre, com um pedaço razoável de carne ainda grudado a ela.

Descreveu o caminho que eu deveria tomar, apontando os pontos de referência através do vale, da melhor maneira possível sob aquela luz enevoada. Disse-me que um rio o atravessava, sem saber que eu já o ouvira muito antes. Esse rio marcava a fronteira do feudo. Não havia ponte, mas num determinado ponto era bastante estreito e dava para atravessá-lo pulando. Os poços que formavam tinham espíritos e a correnteza era forte, por isso era preciso tomar cuidado para não cair dentro dele. Além disso, sendo um lugar de travessia mais fácil, às vezes era patrulhado, embora ele achasse pouco provável, num dia como aquele.

Ao chegar ao feudo vizinho, eu deveria continuar rumo ao leste, descendo até um pequeno santuário. Ali havia uma bifurcação. Eu deveria tomar o caminho mais abaixo, da direita, e caminhar sempre para leste, caso contrário acabaria subindo a cadeia de montanhas. O vento agora soprava do nordeste, então deveria fazê-lo bater contra meu ombro esquerdo. Bateu duas vezes no meu ombro, para enfatizar o que dizia, perscrutando meu rosto com seus olhos estreitos.

- O senhor não parece um cavalheiro - ele disse, contorcendo as feições numa espécie de sorriso. - Mesmo assim, boa sorte.

Agradei e comecei a descer a encosta, roendo o osso enquanto andava, quebrando-o com os dentes para sugar o tutano. A neve tornava-se mais úmida e densa, derretendo mais lentamente em minha cabeça e minhas roupas. O homem tinha razão, eu não parecia um cavaleiro. Meu cabelo, que não era cortado desde que Yuki o penteava ao estilo de ator, pendia desganhado em torno das orelhas, e fazia dias que eu não me barbeava. Minhas roupas estavam encharcadas e imundas. Meu cheiro certamente não era o de um nobre cavaleiro. Tentei me lembrar da última vez que havia tomado banho, e de repente veio-me à memória o alojamento dos lutadores, a primeira noite que tínhamos passado fora de Matsue: o banheiro amplo, a conversa que ouvira entre Akio e Hajime.

Perguntei-me onde estaria Yuki agora, se já sabia de minha fuga. Mal suportava pensar na criança. À luz da profecia, a idéia de meu filho ser mantido longe de mim e aprender a me odiar tornara-se ainda mais penosa. Lembrei-me do sarcasmo de Akio. Pelo visto os Kikuta conheciam meu caráter melhor do que eu.

O barulho do rio aumentava, quase o único som no meio da paisagem tomada pela neve. Até os corvos estavam calados. Quando avistei o rio, a neve começava a encobrir as pedras da margem. Ele caía da montanha, em cascata, a uma certa distância, e depois se espalhava entre rochedos pontiagudos, passando aos trambolhões por cima das pedras, numa série de corredeiras, antes de se afunilar num canal estreito entre dois penhascos. Velhos

pinheiros retorcidos pendiam das paredes dos rochedos, e toda a paisagem, branqueada pela neve, parecia aguardar a chegada de Sesshu para pintá-la.

Agachei-me atrás de uma pedra na qual um pequeno pinheiro se agarrava precariamente ao minúsculo pedaço de chão. Era mais um arbusto do que uma árvore, e me ofereceu um pouco de abrigo. A neve cobria a trilha, mas não era difícil ver aonde ela ia dar e por onde era possível saltar para o outro lado do rio. Observei o lugar da travessia, com os ouvidos atentos.

O correr da água sobre as rochas não era constante. De vez em quando havia um hiato, provocando um silêncio estranho, como se eu não fosse a única criatura que estivesse ouvindo. Era de imaginar espíritos habitando sob as águas, detendo e desencadeando seu fluxo, espicaçando e provocando os seres humanos, atraindo-os para a margem.

Tinha até a impressão de ouvi-los. Então, justo quando eu conseguia discernir o som, o rio voltava a correr e borbulhar. Era exasperante. Eu sabia que estava perdendo tempo, agachado embaixo de um arbusto que se cobria cada vez mais de neve,

ouvindo os espíritos. No entanto, lentamente veio-me a convicção de que havia alguém respirando, não muito longe de mim.

Logo abaixo da estreita passagem, o rio caía por mais uns três metros, numa série de pequenos poços. Percebi um movimento súbito e vi que uma garça, quase totalmente branca, pescava num desses poços, ignorando a neve. Era como que um sinal, o emblema dos Otori na fronteira do feudo Otori, talvez um recado de Shigeru de que, afinal, eu fizera a escolha certa.

A garça estava na mesma margem que eu e atravessava o poço em minha direção. Perguntei-me o que ela acharia para comer no meio do inverno, época em que sapos e rãs se afastavam para esconder-se no meio da lama. Parecia tranqüila e sem medo, certa de que nada a ameaçava naquele lugar solitário. Enquanto eu a observava, sentindo-me igualmente seguro, pensando em andar até o rio, a qualquer momento, e pular para o outro lado, alguma coisa a assustou. Virou a cabeça para a margem e imediatamente levantou vôo. O estalar de suas asas soou uma vez sobre a água e logo ela desapareceu rio abaixo.

O que a garça teria visto? Olhei na mesma direção, forçando a vista. O rio silenciou por um instante, e ouvi uma respiração. Farejei

o ar, e no vento nordeste captei um leve cheiro humano. Não vi ninguém, no entanto soube que alguém estava ali, invisível, no meio da neve.

O indivíduo decerto estava num lugar do qual, se eu fosse direto para o ponto de travessia, ele facilmente poderia interceptar meu caminho. Se conseguia manter a invisibilidade por tanto tempo, com certeza era da Tribo e, então, seria capaz de me ver assim que eu me aproximasse do rio. Minha única esperança era pegá-lo de surpresa e atravessar mais adiante, onde o rio era mais largo.

Não adiantava esperar mais. Respirei profunda e silenciosamente e saí correndo de baixo do pinheiro, descendo pela trilha. Segui por ela o maior tempo possível, pois não tinha certeza de que o piso fosse firme sob a neve. Quando desviei na direção do rio, olhei para o lado e vi meu inimigo se erguer no meio da neve. Estava totalmente vestido de branco. Por um momento, fiquei aliviado por ele não estar invisível, apenas camuflado. Talvez não fosse da Tribo, talvez fosse apenas um guarda da fronteira. Então o abismo escuro surgiu embaixo de mim e eu pulei.

O rio rugiu e silenciou, e no silêncio ouvi algo rodopiando no ar, atrás de mim. Aterrissei e me joguei no chão, arrastando-me pela

rocha gelada, quase não conseguindo me segurar. O objeto voador assobiou acima da minha cabeça. Se eu estivesse em pé, teria me acertado na nuca. À minha frente, vi o buraco em forma de estrela que ele abriu na neve. Só os da Tribo usavam aqueles punhais de arremesso, e em geral lançavam vários, um após o outro.

Rolei, tentei me safar, sempre me mantendo junto do chão, e de repente me tornei invisível. Sabia que era capaz de me manter assim até chegar ao abrigo da floresta, mas não sabia se o outro poderia me enxergar ou não, esquecendo-me das pegadas que deixaria na neve. Para sorte minha, ele também havia escorregado ao pular sobre o rio, e, embora parecesse mais alto e mais pesado do que eu e provavelmente conseguisse correr mais, eu tinha tomado uma boa dianteira.

Sob a proteção das árvores, eu me dividi e enviei minha imagem para o lado, subindo a encosta, enquanto eu corria trilha abaixo, sabendo que não poderia enganá-lo por muito tempo. Minha única esperança era emboscá-lo de alguma maneira. Um pouco adiante, uma curva da trilha contornava um grande rochedo pontiagudo. Sobre ela, pendia o galho de uma árvore. Fiz a curva, voltei sobre minhas próprias pegadas e saltei, agarrando-me ao galho. Tomei um impulso, subi nele e saquei meu punhal, lamentando a falta de Jato. As outras armas que trazia comigo eram as que usaria para matar Ichiro, garrote e estilete. Os da Tribo, porém, são difíceis de matar com suas próprias armas, assim como são difíceis de enganar com seus próprios truques. Minha maior

esperança era o punhal. Silenciei a respiração, tornei-me invisível, ouvi-o vacilar quando viu meu segundo eu e depois voltar a correr.

Eu sabia que só teria uma chance. Joguei-me por cima dele. Meu peso o fez perder o equilíbrio e, quando ele tropeçou, encontrei uma falha em seu colarinho de proteção e cravei-lhe o punhal na garganta, atingindo a aorta e puxando-o de atravessado até a traquéia, conforme Kenji me ensinara. Ele deu um grunhido de espanto, igual ao que eu já ouvira de outros membros da Tribo que não esperavam ocupar a função de vítima, e o tro-peção se transformou em queda. Desvencilhei-me dele. Levou as mãos à garganta, de onde saíam estertores ruidosos e jorros de sangue. Então ele caiu de uma vez, de cara para o chão, o sangue tingindo a neve de vermelho.

Vasculhei suas roupas, peguei os punhais que restavam e sua adaga, que era particularmente boa. Tinha uma seleção de venenos, que também peguei, pois não levava nenhum comigo. Eu não tinha idéia de quem ele fosse. Tirei-lhe as luvas e examinei as palmas de suas mãos, que no entanto não traziam a linha reta característica dos Kikuta; e, tanto que eu visse, ele não tinha tatuagens.

Deixei seu corpo para os corvos e raposas, pensando que para eles seria uma bem-vinda refeição de inverno. Então saí correndo, no maior silêncio possível, temendo que aquele homem fizesse parte de um bando que estivesse observando o rio, esperando por mim. Meu sangue circulava acelerado, eu me aquecera com a travessia e a luta rápida. Sentia-me profunda e primitivamente satisfeito por não ser eu o homem que jazia morto na neve.

Estava um pouco alarmado pela rapidez com que a Tribo havia me alcançado e soubera para onde eu ia. Será que o corpo de Akio fora descoberto e que já tinham mandado mensagens, a cavalo, de Hagi para Yamagata? Ou será que Akio estava vivo? Maldisse a mim mesmo por não ter empregado o tempo necessário para acabar com ele. Talvez o encontro devesse ter me assustado mais, fazendo-me tomar consciência do que significaria ser caçado pela Tribo pelo resto da vida. Eu tinha consciência disso, no entanto, exasperado pela idéia de que eles pudessem tentar me matar como um cão na floresta, eu me animava com o fato de sua primeira tentativa ter falhado. A Tribo tinha conseguido matar meu pai, mas o próprio Kenji dissera que ninguém teria sido capaz de pegá-lo se ele não tivesse feito o juramento de nunca mais matar. Eu sabia que tinha seus talentos, talvez até mais. Não deixaria a Tribo me pegar. Levaria avante a obra de Shigeru e derrubaria o poder deles.

Todos esses pensamentos giravam em minha mente enquanto eu caminhava pela neve. Davam-me energia e reforçavam minha resolução de sobreviver. Da Tribo meus pensamentos se voltaram

para os Senhores Otori, cuja desonestidade me parecia até maior. Guerreiros diziam que honra e lealdade eram importantes para eles, contudo suas trapaças e traições eram tão profundas e interesseiras quanto as da Tribo. Os tios de Shigeru tinham provocado sua morte e agora tentavam me roubar. Não sabiam o que os aguardava.

Se pudessem me ver então, mergulhado na neve até os joelhos, vestido com precariedade, mal equipado, sem homens, dinheiro ou terras, certamente não perderiam o sono pela ameaça que eu pudesse representar para eles.

Eu não podia parar para descansar. Não tinha alternativa, continuaria andando até chegar a Terayama ou cairia de exaustão. De vez em quando eu parava um pouco de andar e aguçava os ouvidos para detectar se havia alguém me perseguindo. Não ouvia nada além do gemido do vento e do chiado suave dos flocos de neve que caíam. Ao entardecer, quando a claridade começava a diminuir, tive a impressão de ouvir fragmentos de sons vindos de baixo.

Era a última coisa que eu esperava ouvir ali na montanha, na floresta cheia de neve. Parecia música de flauta, tão solitária quanto o vento nos pinheiros, tão flutuante quanto os flocos de neve. Senti calafrios na espinha, que eram mais do que o efeito habitual que a

música tem sobre mim. Eram calafrios provocados por um medo intenso. Achei que havia me aproximado demais do fim do mundo e que estava ouvindo espíritos. Pensei nos duendes da montanha que seduzem os seres humanos e os mantêm prisioneiros sob o chão por milhares de anos. Desejei pronunciar as preces que minha mãe me ensinava, mas meus lábios estavam congelados e, de qualquer modo, já não acreditava no poder delas.

O volume da música aumentava. Eu me aproximava de sua fonte, mas não conseguia parar de andar, como se estivesse enfeitiçado e atraído por ela. Fiz uma curva e vi a bifurcação do caminho. Imediatamente me lembrei do que o guia me dissera e, de fato, lá estava o pequeno santuário, que mal se enxergava, com três laranjas colocadas à sua frente, brilhando sob a neve que as cobria. Atrás do santuário havia uma pequena choupana, com paredes de madeira e telhado de sapé. Meus temores se foram na mesma hora e quase ri alto. O que eu ouvira não era duende nenhum, decerto era algum monge ou eremita que se retirara para as montanhas em busca de iluminação.

Agora sentia cheiro de fumaça. O calor me atraiu irresistivelmente. Imaginava o braseiro secando meus pés encharcados, desfazendo o bloco de gelo em que se tinham transformado. Quase conseguia sentir o calor em meu rosto. A porta da choupana estava aberta, para deixar sair a fumaça e entrar a claridade. O flautista não me ouvira nem vira. Estava absorto na música triste e extraterrena.

Mesmo antes de vê-lo eu sabia quem era. Já ouvira a mesma música antes, noite após noite, ao velar o túmulo de Shigeru. Era Makoto, o jovem monge que me confortara. Estava sentado, de pernas cruzadas e olhos fechados. Tocava a flauta comprida de bambu, e numa almofada a seu lado havia uma flauta transversal, menor. Perto da porta, um braseiro queimava, soltando fumaça. Nos fundos da choupana havia uma parte mais alta, que servia de dormitório. Apoiado na parede havia um bastão de madeira, mas não se via nenhuma outra arma. Entrei. Apesar do braseiro, lá dentro estava muito pouco mais quente do que fora.

- Makoto? - eu disse, baixinho.

Ele não abriu os olhos nem parou de tocar. Repeti seu nome. A música parou e ele afastou a flauta dos lábios. Falou num sussurro, aborrecido:

- Deixe-me sozinho. Pare de me atormentar. Perdão. Perdão - ele não levantou os olhos.

Quando voltou a aproximar a flauta dos lábios, ajoelhei-me à sua frente e toquei em seu ombro. Ele abriu os olhos, fitou-me e, pegando-me de surpresa, levantou de um salto e jogou a flauta para o lado. Recuou, pegou o bastão e o apontou para mim, ameaçador. Sua expressão era de muito sofrimento, seu rosto estava macilento, como se ele tivesse feito jejum.

- Fique longe de mim - ele disse, em voz baixa e rouca.

Também fiquei em pé.

- Makoto - eu disse, gentilmente. - Não é nenhum inimigo. Sou eu, Otori Takeo.

Dei um passo em sua direção e imediatamente ele encostou o bastão em meu ombro. Por sorte, eu o vi avançar e me desviei um pouco. O espaço era pequeno e ele não conseguiu arremeter com muita força, senão teria quebrado minha clavícula. Assim, apenas me fez cair. A pancada deve ter repercutido em suas mãos, pois ele largou o bastão e olhou para elas, assombrado, e depois olhou para mim, que estava no chão.

- Takeo? - ele disse. - Você é real? Não é seu fantasma?

- Tão real que quase fui a nocaute - eu disse, levantando e flexionando o braço.

Depois de me certificar de que não havia fraturado nada, tirei o punhal de baixo da roupa. Com ele na mão, me senti mais seguro.

- Desculpe - ele disse -, jamais iria machucar você. É que vi sua aparição muitas vezes - ele avançou como se quisesse tocar em

mim, depois recuou. - Não posso acreditar que seja você. Que estranho destino o traz aqui a essa hora?

- Estou a caminho de Terayama. Lá me ofereceram refúgio duas vezes. Agora preciso aceitar a oferta, até a primavera.

- Não posso acreditar que seja você - ele repetiu. -Está encharcado. Deve estar gelado - ele correu os olhos pela choupana minúscula. - Tenho tão pouco a lhe oferecer.

Virou-se para a área do dormitório, tropeçou o bastão e se abaixou para pegá-lo. Voltou a encostá-lo na parede e tirou da cama um dos acolchoados de cânhamo.

- Tire suas roupas. Vamos secá-las. Embrulhe-se nisto.

- Preciso seguir caminho - eu disse. - Só vou me sentar um pouco perto do fogo.

- Não vai conseguir chegar a Terayama esta noite. Dentro de uma hora vai estar escuro e ainda são cinco horas de caminhada. Passe a noite aqui, de manhã iremos juntos.

- Até lá a neve terá bloqueado o caminho - eu disse. - Quero que a neve me obstrua dentro do templo, não fora.

- É a primeira nevada do ano - ele replicou. - É pesada na montanha, mas daqui para baixo é mais chuva do que neve - ele sorriu e citou o velho poema: - "Nas noites em que, misturada à chuva, cai a neve..." Infelizmente sou tão pobre quanto o poeta e sua família!

Era uma das primeiras obras que Ichiro me ensinara a escrever, e ela o trouxe à minha lembrança com clareza pungente. Estava começando a tremer. Agora, sem fazer movimento, eu estava de fato

congelando. Comecei a tirar as roupas molhadas. Makoto as estendeu diante do braseiro, colocando nele um pouco mais de lenha e soprando as brasas.

- Isso parece sangue - ele disse. - Está ferido?

- Não. Alguém tentou me matar na fronteira.

- Então o sangue é dessa pessoa?

Meneei a cabeça, confirmando, sem ter certeza do quanto deveria lhe contar, para sua segurança e para a minha.

- Alguém está seguindo você? - perguntou.

- Ou seguindo ou de tocaia, à minha espera. Vai ser assim pelo resto da minha vida.

- Não vai me contar por quê? - Makoto acendeu uma vela no fogo e a aproximou do pavio de um lampião a óleo. Relutante, o lampião foi dando sinal de vida. - O óleo não é muito - desculpou-se, e foi fechar as portas externas.

A noite se estendia diante de nós.

- Posso confiar em você? - eu disse. Ele riu ante a pergunta.

- Não tenho idéia do que andou fazendo depois da última vez em que nos vimos nem do que o traz a este lugar. E você não sabe nada de mim. Se soubesse, não precisaria perguntar. Vou lhe contar

tudo mais tarde. Enquanto isso, sim, pode confiar em mim. Se não confia em ninguém mais, confie em mim.

Uma nota de profunda emoção insinuara-se em sua voz. Ele se afastou.

- Vou esquentar um pouco de sopa - disse. - Sinto muito, mas não tenho vinho nem chá.

Lembrei-me de como ele me consolara no meu terrível pesar após a morte de Shigeru. Ele me tranqüilizara quando eu me corroía de remorso e me apoiara até o luto dar lugar ao desejo, e ambos foram aplacados.

- Não posso ficar com a Tribo - eu disse. - Deixei-os, e eles irão me perseguir até me executarem.

Makoto pegou uma panela num canto e colocou-a cuidadosamente sobre as brasas. Voltou a olhar para mim.

- Queriam que eu encontrasse os registros que Shigeru fez sobre eles - eu disse. - Mandaram-me para Hagi. Eu deveria matar Ichiro, meu professor, e entregar-lhes os documentos. No entanto, é claro que não estavam lá.

Makoto sorriu, mas continuou sem dizer nada.

- Essa é uma das razões pelas quais tenho que chegar a Terayama. Porque os registros estão lá. Você sabia, não é mesmo?

- Nós lhe teríamos contado, se você já não tivesse escolhido ir com a Tribo - ele disse. - Nossa dívida com o Senhor Shigeru, porém, não permitia que corrêssemos o risco. Ele nos confiou os registros pois sabia que nosso templo é um dos poucos dos Três Países em que não há membros da Tribo infiltrados.

Despejou a sopa numa tigela e me entregou.

- Só tenho uma tigela. Não esperava visitas. E a última pessoa que eu esperava era você.

- Por que está aqui? - perguntei. - Vai passar o inverno aqui?

Não expressei meu pensamento, mas na verdade eu duvidava que ele sobrevivesse. Talvez ele nem quisesse. Tomei um bocado de sopa. Estava quente e salgada, era só isso que se podia dizer dela. E tudo indicava que era o único alimento que ele tinha. O que fora feito do jovem enérgico que eu havia conhecido em Terayama? O que o levava àquele estado de resignação, de quase desespero?

Aconcheguei-me mais ao acolchoado e me aproximei do fogo. Como sempre, eu ouvia. O vento estava mais forte e assobiava atravessando o sapé. De vez em quando, uma rajada fazia a luz do lampião tremular, projetando sombras grotescas na parede oposta. O ruído do que caía lá fora não era o alento macio da neve, era mais duro e pesado.

Agora que as portas tinham sido fechadas, a choupa-na começava a se aquecer e minhas roupas a secar. Esvaziei a tigela e passei-a para ele. Ele a encheu, tomou um gole e a colocou no chão.

- O inverno, o resto da minha vida, o que for mais longo - ele disse, olhando para mim e depois para o chão. - Para mim é difícil falar com você, Takeo, pois muita coisa lhe diz respeito. No entanto, o Iluminado houve por bem trazê-lo até aqui, então preciso tentar. Sua presença muda tudo. Já disse que sua aparição tem me acompanhado constantemente, você me visita à noite, em sonhos. Tenho me esforçado para superar essa obsessão -ele sorriu, zombando de si mesmo. - Desde criança tento praticar o desapego do mundo dos sentidos. Meu único desejo sempre foi a iluminação. Ansiava pela santidade. Não estou dizendo que nunca tive apegos. Você sabe como é quando um homem vive sem mulher. Terayama não é exceção. Mas nunca me apaixonei por ninguém, nunca fui obcecado por ninguém como fui por você -mais uma vez um sorriso se esboçou em seus lábios. -Não vou entrar em considerações sobre o porquê. Não importa e, de qualquer modo, acho que eu mesmo não sei. Seja como for, depois da morte do Senhor Shigeru, você

ficou fora de si de tanto pesar. Fiquei comovido com seu sofrimento. Queria consolá-lo.

- E me consolou - eu disse, em voz baixa.

- Para mim, as coisas foram além do consolo. Não imaginei que fosse tão forte. Agradavam-me os meus sentimentos e estava satisfeito por experimentar o que nunca sentira antes, e também estava relutante. Aquilo fazia todo o meu empenho espiritual parecer uma hipocrisia. Fui ter com nosso abade, para dizer que eu achava conveniente deixar o templo e voltar ao mundo. Ele sugeriu que eu me afastasse por um tempo, para pensar melhor na minha decisão. Tenho um amigo de infância no oeste, que sempre me pedia que fosse visitá-lo. Você sabe, eu toco um pouco de flauta.

Ele se calou. O vento lançou uma lufada de neve contra a parede. O lampião tremulou com tanta força que quase se apagou. Eu não tinha idéia do que Makoto iria dizer em seguida, mas meu coração começou a bater mais depressa e eu sentia a pulsação acelerar-se em minha garganta. Não era desejo, no entanto a lembrança do desejo estava presente, junto com o medo de ouvir o que não queria.

- Meu amigo mora na casa do Senhor Fujiwara - disse Makoto.

Meneei a cabeça. Nunca ouvira falar nele.

- É um cavaleiro exilado da capital. Suas terras fazem limite com as de Shirakawa.

Ouvir seu nome pronunciado era como levar um soco na barriga.

- Você viu a Senhorita Shirakawa? Ele assentiu com a cabeça.

- Disseram-me que ela estava morrendo - meu coração martelava com tanta força que achei que fosse saltar-me pela boca.

- Esteve gravemente doente, mas se restabeleceu. O médico do Senhor Fujiwara salvou-lhe a vida.

- Ela está viva? - o brilho do lampião pareceu encher a choupana de luz. - Kaede está viva?

Com expressão dolorida, ele perscrutava meu rosto.

- Sim, e isso me deixa profundamente grato, pois se ela tivesse morrido teria sido eu o autor do golpe fatal.

Franzi o cenho, tentando desvendar o sentido de suas palavras.

- As pessoas da casa Fujiwara a conheciam como Senhora Otori. Acreditavam que o Senhor Otori tivesse se casado com ela secretamente, em Terayama, por ocasião da visita ao túmulo do irmão, quando nos encontramos. Eu não esperava vê-la na casa do Senhor Fujiwara, ninguém me falara do casamento. Fiquei completamente perplexo quando a apresentaram a mim. Supus que você tivesse se casado com ela e que também estivesse lá. Falei demais. Não só revelei a mim mesmo a força e a natureza de minha obsessão por você, que imaginava superada, como destruí a simulação dela em um segundo, na presença do pai.

- Mas por que ela diria uma coisa dessas?

- Por que uma mulher diz que se casou quando isso não aconteceu? Ela quase morreu porque abortou um filho.

Não consegui dizer uma palavra.

- O pai me interrogou sobre o casamento - Makoto prosseguiu.
- Eu sabia que não houvera casamento em Terayama. Tentei evitar responder diretamente, no entanto ele já tinha suas suspeitas e eu já dissera o suficiente para confirmá-las. O que eu não sabia era que sua mente era muito instável e que várias vezes já falara em se matar. Ele cortou a própria barriga na presença da filha e o choque deve ter causado o aborto.

- O filho era meu - eu disse. - Ela deveria ser minha esposa. Ela vai ser.

Diante de minhas próprias palavras, minha traição a Kaede pareceu-me ainda maior. Será que ela me perdoaria?

- Foi o que supus - ele disse. - Mas quando foi? O que imaginavam? Uma mulher daquela categoria, daquela família?

- Imaginávamos que fôssemos morrer. Foi na noite da morte de Shigeru e da queda de Inuyama. Não queríamos morrer sem... - não consegui continuar.

Depois de alguns momentos, Makoto prosseguiu:

- Já não conseguia conviver comigo mesmo. Minha paixão me fizera mergulhar profundamente no mundo do sofrimento, do qual imaginava poder escapar. Senti que tinha causado um mal irreparável a outro ser, embora se tratasse apenas de uma mulher. Ao mesmo tempo uma parte de mim, por ciúme, desejava que ela morresse. Eu sabia que você a amava e que ela certamente o amava. Como vê, não estou escondendo nada. Preciso lhe contar tudo sobre mim mesmo.

- Eu seria o último a condená-lo. Minha conduta teve efeitos muito mais cruéis.

- Mas você pertence a este mundo, Takeo, você vive nele. Eu queria ser diferente. Mesmo isso revelou-se a mim como uma odiosa presunção. Voltei a Terayama e pedi permissão ao abade para me recolher a esta chou-pana, onde dedicaria a música de minha flauta e toda a paixão que ainda restasse em mim a servir ao Iluminado, sem mais esperança de chegar à sua iluminação, pois não a mereço de modo nenhum.

- Todos nós vivemos neste mundo - eu disse. - Onde mais poderíamos viver? - ao falar, tive a impressão de ouvir a voz de Shigeru: "Assim como o rio está sempre à porta, o mundo está sempre lá fora. E é no mundo que precisamos viver."

Makoto me fitava, com o semblante se abrindo, os olhos brilhantes.

- Será essa a mensagem que devo ouvir? Por isso você me foi enviado?

- Não sei nem de meus planos para a minha vida -repliquei. - Como posso adivinhar os seus? Mas essa foi uma das primeiras coisas que aprendi com Shigeru. É no mundo que precisamos viver.

- Então vamos tomá-la como uma ordem para nós -disse Makoto, e vi a energia voltar a fluir dentro dele. Antes parecia resignado a morrer, agora voltava à vida, diante de meus olhos. - Pretende agora cumprir os desejos dele?

- Ichiro me disse que eu deveria vingar-me de seus tios e reclamar minha herança, e é essa a minha intenção. Mas não tenho idéia de como agir. E preciso me casar com a Senhorita Shirakawa. Esse também era um desejo de Shigeru.

- O Senhor Fujiwara quer se casar com ela - Makoto disse, cauteloso.

Tentei afastar essa idéia. Não podia aceitar que Kaede se casasse com ninguém. Suas últimas palavras tinham sido: "Nunca vou amar ninguém senão você." E, antes disso, ela dissera: "Só me sinto segura com você." Eu sabia que era voz corrente que todo homem que a tocava morria. Eu dormira com ela e estava vivo. Eu lhe dera um filho. E a abandonara, ela quase morrera, perdera nosso filho... Será que algum dia me perdoaria?

- Fujiwara prefere homens a mulheres - Makoto continuou -, mas parece que está obcecado pela Senhorita Shirakawa. Propõe-lhe casamento alegando que é apenas para protegê-la. Provavelmente também não é indiferente à sua herança. Shirakawa decaiu de maneira lastimável, no entanto sempre resta Maruyama.

Não fiz nenhum comentário, e ele murmurou:

- Fujiwara é um colecionador. Ela se tornará uma de suas peças. Sua coleção nunca vê a luz do dia. Ele só a mostra a alguns amigos privilegiados.

- Isso não pode acontecer com ela.

- Por acaso ela tem escolha? Tem sorte por não cair totalmente em desgraça. Sobreviver à morte de tantos homens vinculados a ela já é bastante vergonhoso. No entanto, há algo nela que não é normal. Dizem que mandou matar dois dos homens do pai que se negaram a lhe prestar serviço. Lê e escreve como um homem. E tudo indica que está formando um exército para, na primavera, tomar posse de Maruyama.

- Talvez ela mesma seja sua própria proteção - eu disse.

- Uma mulher? - Makoto replicou, com desdém. -Impossível.

Senti meu coração inflar de admiração por Kaede. Que aliado ela seria! Se nos casássemos, seríamos donos da metade do território de Seishuu. Maruyama me forneceria todos os recursos de que precisava para lutar contra os Senhores Otori. Uma vez derrotados, apenas o território central, anteriormente dos Tohan e agora pertencente a Arai, impediria nossas terras de se estenderem de um mar a outro.

Agora que as neves haviam começado, tudo teria que esperar a primavera. Eu estava exausto, embora ardendo de impaciência. Temia que Kaede tomasse alguma decisão irrevogável antes que eu voltasse a vê-la.

- Você disse que iria comigo até o templo? Makoto meneou a cabeça, confirmando.

- Vamos partir assim que clarear.

- Mas teria ficado aqui o inverno todo se eu não tivesse topado com você?

- Não tenho ilusões - ele replicou. - Provavelmente eu morreria aqui. Talvez você tenha salvado minha vida.

Conversamos até tarde da noite. Ele falava como se a presença de outro ser humano tivesse destravado anos de silêncio. Contou-me coisas de seu passado. Era quatro anos mais velho do que eu. Nascera numa família de guerreiros de classe baixa, que servira aos Otori até Yaegahara e, depois dessa derrota, fora obrigada a transferir sua vassalagem aos Tohan. Fora educado como guerreiro, era o quinto filho de uma família grande, que empobrecia cada vez mais. Desde muito pequeno, seu gosto por aprender e seu interesse pela religião foram muito estimulados e, quando a família começara a empobrecer, enviara-o para Terayama. Nessa época ele tinha onze anos. Seu irmão, com treze, também era noviço, mas fugira depois do primeiro inverno e desde então não se tinha notícia dele. O irmão mais velho fora morto em Yaegahara, o pai morrera pouco depois. As duas irmãs eram casadas com guerreiros Tohan, e havia muitos anos não ouvia falar delas. A mãe ainda vivia, na casa da família, se é que assim se podia dizer, com os dois irmãos sobreviventes e suas famílias. Eles mesmos já não se consideravam da classe guerreira. Makoto via a mãe uma ou duas vezes por ano.

Falávamos com descontração, como velhos amigos, e lembrei-me de como desejara um companheiro como aquele quando estava na estrada com Akio. Mais velho e muito mais educado do que eu, Makoto tinha uma seriedade e uma sensatez que contrastavam com minha natureza afoita. No entanto, como eu viria a descobrir mais tarde, era forte e corajoso, ainda um guerreiro, além de monge e erudito.

Em seguida contou-me sobre o horror e os abusos que assolavam Yamagata e Terayama depois da morte de Shigeru.

- Estávamos armados e preparados para uma rebelião. Por um tempo, Iida ameaçou destruir nosso templo, sabendo que a cada ano nos tornávamos mais ricos e poderosos. Ele sabia do ressentimento que crescia contra os Tohan e queria cortar qualquer rebelião pela raiz.

Você viu como as pessoas olhavam o Senhor Shigeru. Seu sentimento de perda e dor por ocasião de sua morte foi terrível. Nunca vi coisa igual. Os distúrbios na cidade, que os Tohan temiam enquanto ele estava vivo, irromperam com violência ainda maior com a notícia de sua morte. Houve um levante espontâneo, antigos

guerreiros Otori, pessoas armadas com estacas, até lavradores com foices e pedras avançaram sobre o castelo. Estávamos prestes a nos juntar aos atacantes quando recebemos a notícia da morte de Iida e da vitória de Arai em Inuyama. As forças Tohan bateram em retirada e começamos a procurar seus homens por Kushimoto. Encontramos você no caminho, com a cabeça de Iida. Então a história de que você resgatara Shigeru começava a se espalhar. E, aos poucos, as pessoas passaram a adivinhar a identidade daquele a quem chamavam Anjo de Yamagata. Ele suspirou e soprou as últimas brasas. O lampião já se apagara havia muito tempo.

- Quando voltamos a Terayama, você não parecia herói, de jeito nenhum. Estava perdido e pesaroso como ninguém, e enfrentava decisões de partir o coração. Você me interessou assim que o vi, porém o achei estranho: talentoso, talvez, mas fraco. Sua audição parecia aguçada, como a de um animal. De modo geral, considero-me com boa capacidade para julgar os homens. Fiquei surpreso quando o convidaram para voltar e estranhei a confiança que Shigeru depositava em você. Eu percebia que você não era o que parecia, via o quanto devia ser corajoso e vislumbrava a força de suas emoções. Apaixonei-me por você. Como já disse, isso nunca me havia acontecido antes. E disse a mim mesmo que jamais lhe diria por quê, mas agora eu disse - e, depois de um momento, ele acrescentou: - Não vou mais falar nisso.

- Não há mal nenhum - repliquei. - Pelo contrário, o que mais preciso no mundo é de amizade.

- Além de um exército?

- Isso vai ter que esperar até a primavera.

- Farei tudo o que puder para ajudá-lo.

- E sua vocação, sua busca de iluminação?

- Sua causa é minha vocação - ele disse. - Por que outra razão o Iluminado o traria até aqui para me lembrar que vivemos em meio ao mundo? Entre nós existe um vínculo muito forte. E agora vejo que não devo lutar contra ele.

O fogo estava quase apagado. Eu já não enxergava o rosto de Makoto. Por baixo do acolchoado fino, eu tremia. Perguntava-me se conseguiria dormir, se algum dia voltaria a dormir, se deixaria de ficar à escuta da respiração do assassino. Num mundo que parecia quase todo hostil, a devoção de Makoto me comoveu profundamente. Não sabia o que dizer. Apertei-lhe brevemente a mão, em sinal de gratidão.

- Poderia ficar de vigília por umas duas horas, para eu dormir um pouco?

- Claro.

- Acorde-me, para você também poder dormir antes de partirmos.

Ele meneou a cabeça. Embrulhei-me no segundo acolchoado e deitei. Do fogo, ainda vinha um brilho fraco e eu ouvia seus últimos

estertores. Lá fora, o vento diminuía um pouco. A água pingava do beirai do telhado. Algum animalzinho fazia o sapé farfalhar. Uma coruja piou e o camundongo parou de se mexer. Caí num sono inquieto e sonhei com crianças que se afogavam. Eu mergulhava repetidamente na água escura e gelada mas não conseguia salvá-las.

O frio me despertou. A aurora começava a clarear a choupana. Makoto estava sentado em posição de meditação. Sua respiração era tão lenta que eu mal conseguia ouvi-la, no entanto sabia que ele estava completamente alerta. Observei-o por alguns instantes. Quando abriu os olhos, desviei os meus.

- Devia ter me acordado.

- Sinto-me descansado. Preciso de muito pouco sono - e perguntou, curioso: - Por que nunca olha para mim?

- Porque poderia fazê-lo dormir. É um dos dons que herdei da Tribo. Talvez eu pudesse aprender a controlá-lo, mas já fiz algumas pessoas cair no sono sem eu querer. Por isso, não olho ninguém nos olhos.

- Quer dizer que há outras habilidades além da audição? O que mais?

- Posso tornar-me invisível, por tempo suficiente para confundir um adversário ou passar por um guarda. E também posso dar a impressão de estar num lugar depois de ter ido embora, ou de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Chamamos isso de "usar o segundo eu" - enquanto dizia isso, eu o observava disfarçadamente, pois estava interessado em ver sua reação. Ele não pôde deixar de se retrair levemente.

- Parece mais coisa de demônio do que de anjo -murmurou. - Toda essa gente, a Tribo, é capaz de fazer isso?

- Cada pessoa tem habilidades diferentes. Só que, ao que parece, eu herdei muito mais dons do que os outros.

- Eu não sabia nada sobre a Tribo, nem sequer sabia que existia, até que nosso abade falou em você e na sua ligação com ela. Isso foi depois de sua visita, no verão.

- Muita gente pensa que essas habilidades são feitiçaria - eu disse.

- E são?

- Não sei, pois não sei como consigo exercê-las. Simplesmente as recebi, não as procurei. Com treino, podem ser aprimoradas.

- Suponho que, como todos os dons, estes também possam ser usados para o bem ou para o mal - ele disse, em voz baixa.

- Pois é, os da Tribo querem usá-los apenas para seus propósitos - eu disse. - E por isso não querem que eu continue vivo. Se você vier comigo, correrá o mesmo perigo. Está preparado para isso?

Makoto meneou a cabeça.

- Estou preparado, sim. Mas isso não o apavora? A maioria das pessoas na sua situação se acovardaria.

Não soube o que responder. Muitas vezes descreveram-me como destemido, mas esta não é uma característica como a invisibilidade, um dom com o qual nasci. O destemor só me vem de tempos em tempos, e então adquiro energia para perdurar. Conheço o medo como qualquer outra pessoa. Não queria pensar nisso naquele momento. Levantei-me e peguei minhas roupas. Não

tinham secado totalmente, e ao vesti-las tive a sensação de estarem pegajosas. Saí para urinar. O ar era úmido e cortante, mas a neve já não caía e a do chão estava lamacenta. Não havia pegadas em torno da choupana e do santuário, exceto as minhas, já meio encobertas. A trilha desaparecia montanha abaixo. Na montanha e na floresta só se ouvia o barulho do vento. Muito ao longe, os corvos gritavam e, um pouco mais perto, alguns passarinhos piavam tristemente. Não ouvi nenhum som de vida humana, nenhum machado batendo em árvore, nenhum sino de templo, nenhum cão doméstico vindo da cidade. A fonte do santuário murmurava baixinho. Lavei o rosto e as mãos na água gelada e escura, e bebi à vontade. Foi nosso único café da manhã.

Makoto embalou seus poucos pertences, enfiou as flautas na cintura e pegou o bastão, sua única arma. Dei-lhe a adaga que pegara do meu atacante no dia anterior, e ele a enfiou na cintura, junto das flautas.

Quando saímos, alguns flocos de neve flutuavam no ar, e continuaram caindo a manhã toda. A trilha, no entanto, não estava muito encoberta, e Makoto, é claro, conhecia bem o caminho. De vez em quando eu escorregava num trecho de gelo ou pisava em algum buraco, afundando até os joelhos. Logo minhas roupas estavam tão encharcadas quanto na noite anterior. A trilha era estreita, caminhávamos um atrás do outro, em passo moderado, falando pouco. Makoto parecia não ter mais o que dizer, e eu me ocupava inteiramente em ficar na escuta, em detectar uma

respiração, o estalo de um graveto ou de um arco, o assobio de um punhal lançado. Sentia-me como um animal selvagem, sempre em perigo, sempre perseguido.

A luz empalideceu, fez-se cinza-pérola e assim permaneceu por cerca de três horas, depois escureceu mais. Os flocos de neve caíam mais intensamente, rodopiando e se solidificando. Por volta de meio-dia interrompemos a caminhada para tomar água num pequeno rio, mas assim que paramos o frio nos atacou, portanto não pudemos demorar-nos.

- Este é o rio do norte, que passa pelo templo - Makoto disse. - Seguimos seu curso todo o tempo. Agora faltam menos de duas horas.

Parecia tudo muito mais fácil do que minha viagem depois da partida de Hagi. Estava quase começando a relaxar. Terayama ficava a apenas duas horas. Eu tinha um companheiro. Íamos chegar ao templo e eu ficaria em segurança durante o inverno. Mas o borbulhar do rio encobria qualquer outro som, assim não detectei os homens que nos esperavam.

Eram dois, e saíram da floresta avançando sobre nós, como lobos. No entanto, esperavam encontrar um só homem, eu, e a presença de Makoto os surpreendeu. Ao verem que se tratava apenas de um monge, dirigiram-se primeiro a ele, acreditando que fosse sair correndo. Ele derrubou o primeiro com um soco que deve ter-lhe arrebatado o crânio. O segundo homem tinha uma espada comprida, que me pegou de surpresa, uma vez que a Tribo geralmente não as tinha daquele tipo. Tornei-me invisível quando ele investiu contra mim, agachei-me e apunhalei-lhe a mão que segurava a espada, tentando desarmá-lo. O punhal pegou em sua luva; arremeti de novo e deixei minha imagem aparecer a seus pés. O segundo golpe acertou e o sangue começou a pingar de seu pulso direito, quando ele brandiu a espada mais uma vez. Meu segundo eu se apagou e, ainda invisível, pulei por cima dele, tentando cortar-lhe a garganta, lamentando não ter Jato comigo para poder lutar direito contra ele. O homem não me via, mas agarrou meus braços e gritou horrorizado. Senti que me tornava visível e ele o percebeu ao mesmo tempo. Encarou-me como se estivesse diante de um fantasma, com os olhos arregalados de terror, e já começando a cambalear. Então Makoto avançou por trás, arremetendo o bastão contra seu pescoço. O homem caiu como um boi, fazendo-me tombar com ele.

Rastejando, saí de baixo de seu corpo e empurrei Makoto para trás das pedras, buscando proteção para o caso de haver mais homens na encosta. O que mais eu temia era que houvesse arqueiros que pudessem nos acertar de longe. Porém, a floresta ali

era muito densa para que se pudessem atirar setas a distância. E não havia sinal de mais gente.

Makoto ofegava, seus olhos brilhavam.

- Agora entendo o que você queria dizer.

- Você é bom na luta com o bastão. Obrigado.

- Quem são eles?

Fui até os dois corpos. O primeiro homem era Kikuta, identifiquei-o pelas mãos, mas o segundo tinha o emblema dos Otori sob a armadura.

- Este é um guerreiro - eu disse, observando a garça. - Isso explica a espada. O outro é Kikuta, da Tribo.

Eu não conhecia aquele homem, mas decerto éramos parentes, vinculados pelas linhas de nossas mãos.

O guerreiro Otori me deixou nervoso. Teria vindo de Hagi? O que estaria fazendo junto com um assassino da Tribo? Pelo visto era de conhecimento geral que eu estava me dirigindo a Terayama. Meu pensamento foi até Ichiro. Rezei para que não tivessem obtido a informação com ele. Ou teria sido Jo-An ou algum daqueles pobres miseráveis cuja traição eu chegara a temer? Talvez aqueles homens já tivessem estado no templo e lá houvesse outros à nossa espera.

- Você desapareceu completamente. Eu só via suas pegadas na neve. É extraordinário - Makoto sorriu para mim, com o semblante transformado. Era difícil acreditar que fosse o mesmo tocador de flauta desesperado da noite anterior. - Fazia tempo que eu não

travava uma luta decente. É incrível como um contato com a morte torna a vida tão bela.

A neve parecia mais branca e o frio mais penetrante. Eu estava com uma fome terrível, ansioso por dar conforto a meus sentidos: um banho quente, comida, vinho, o corpo nu de uma amante encostado ao meu.

Continuamos caminhando com energia renovada. Precisávamos disso. Na última hora ou pouco mais, o vento aumentou e a neve voltou a cair intensamente. Eu tinha razões para ser ainda mais grato a Makoto, pois no final caminhávamos às cegas; entretanto ele conhecia o caminho e não se desviou nem uma vez. Depois da última vez que eu estivera no templo, um muro de madeira fora erguido em torno das construções principais, e no portão os guardas nos interpelaram. Makoto respondeu e eles o acolheram, animados. Estavam preocupados, e ficaram aliviados por ele ter resolvido voltar.

Depois que voltaram a travar o portão e entramos na sala da guarda, eles me examinaram inquisidores, sem saber ao certo se me conheciam ou não.

- O Senhor Otori Takeo deseja refugiar-se aqui durante o inverno - disse Makoto. - Poderiam informar ao nosso abade de sua presença?

Um deles saiu correndo pelo pátio e, encurvado para se proteger do vento, ficou totalmente branco antes de chegar ao mosteiro. Os grandes telhados dos salões principais já estavam recobertos de neve, os galhos desfolhados das cerejeiras e ameixeiras arqueavam-se sob o peso da floração do inverno.

Os guardas nos acenaram para que sentássemos perto do fogo. Tal como Makoto, eram jovens monges, cujas armas eram arcos, setas e bastões. Ofereceram-nos chá. Eu nunca tomara nada que me parecesse tão saboroso. O vapor do chá e o de nossas roupas se juntavam, criando um calor reconfortante. Tentei resistir-lhe, ainda não queria relaxar.

- Alguém esteve aqui me procurando?

- Notamos a presença de estranhos na montanha, hoje de manhãzinha. Contornaram o templo e subiram para a floresta. Não tínhamos idéia de que estivessem procurando pelo senhor. Ficamos um pouco preocupados com Makoto, pois achamos que podiam ser bandidos, mas o tempo estava muito ruim para mandarmos alguém sair. O Senhor Otori chegou em boa hora. O caminho pelo qual passou já está intransitável. O templo ficará isolado até a primavera.

- É uma honra para nós o senhor ter voltado - disse um deles, timidamente, e os olhares que trocaram mostraram-me que tinham uma idéia bastante clara do que significava eu ter aparecido.

Depois de cerca de dez minutos, o monge voltou correndo.

- Nosso abade dá as boas-vindas ao Senhor Otori e convida-o a tomar um banho e comer. Deseja lhe falar quando as preces do entardecer tiverem terminado.

Makoto acabou seu chá, inclinou-se formalmente diante de mim e disse que precisava se preparar para as preces do entardecer, como se tivesse passado o dia todo no templo com os outros monges, e não se arrastando pela neve e matado dois homens. Eu sabia que sob aquela aparência havia o coração de um verdadeiro amigo. Ali, no entanto, ele era um dos monges e eu tinha que reaprender a ser um cavaleiro. O vento uivava em torno das cumeeiras, a neve caía sem trégua. Eu chegara são e salvo a Terayama. Tinha o inverno todo para reformular minha vida.

Fui levado a um dos quartos de hóspedes do templo pelo jovem que trouxera o recado do abade. Na primavera e no verão aqueles quartos decerto estiveram cheios de visitantes e peregrinos; agora, porém, estavam vazios. Apesar de as portas externas estarem fechadas por causa das tempestades, fazia um frio de rachar. O vento gemia através das frestas da parede, e por algumas maiores a neve entrava. O mesmo monge levou-me até a pequena casa de banhos, construída sobre a fonte de água quente. Tirei minhas roupas molhadas e imundas e esfreguei-me inteiro. Depois larguei o corpo dentro da água quente. Era até melhor do que eu imaginara. Pensei nos homens que haviam tentado me matar nos últimos dois dias e senti-me orgulhoso e feliz por estar vivo. A água fumegava e borbulhava ao meu redor. Senti uma onda de gratidão por ela, que brotava da montanha, banhava-me o corpo dolorido e degelava-me os membros. Pensei nas montanhas que cuspiam cinzas e fogo ou chacoalhavam suas encostas arrasando edificações como se fossem gravetos e homens como se fossem insetos. Aquela montanha

poderia ter me detido fazendo-me morrer congelado, no entanto me oferecia aquela água tão quente.

Eu tinha arranhões nos braços, provocados pelas mãos do guerreiro que me agarrara, e um corte não muito profundo no pescoço, onde sua espada decerto havia roçado. Meu pulso direito, que me incomodava desde que Akio o torcera em Inuyama, estirando-lhe os tendões, estava mais dolorido. Meu corpo parecia mais magro do que nunca; contudo, quanto ao mais, eu estava em boa forma, depois daquela longa viagem. E agora estava limpo também.

Ouvi passos no dormitório, e o monge gritou que trouxera roupas secas e também comida. Saí da água, com a pele avermelhada pelo calor, enxuguei-me nos panos deixados ali para isso, e atravessei correndo pela neve, até o quarto.

O quarto estava vazio. As roupas tinham sido colocadas no chão: uma tanga limpa, roupas de baixo acolchoadas, uma túnica de seda, também acolchoada, e um cinturão. A túnica era cor de ameixa mesclada com um tom de roxo mais escuro e tinha o emblema dos Otori nas costas, em prateado. Vesti-a lentamente, sentindo a maciez da seda. Fazia tempo que eu não vestia nada de

tão boa qualidade. Perguntei-me por que estaria no templo, quem a teria deixado ali. Teria pertencido a Shigeru? Senti sua presença me envolver. A primeira coisa que faria de manhã seria visitar seu túmulo. Ele me diria como cumprir a vingança.

O cheiro da comida me fez perceber o quanto estava faminto. Havia dias que não comia nada tão substancial, e devorei tudo em dois minutos. Então, sem querer perder o calor do banho nem adormecer, fiz alguns exercícios, concluindo-os com meditação.

Para além do vento e da neve, eu ouvia os cantos dos monges no salão principal do templo. A noite de neve, o quarto deserto com suas lembranças e fantasmas, as palavras serenas dos antigos sutras combinaram-se para produzir em mim uma estranha sensação agridoce. Senti um calafrio na espinha. Desejei expressá-la, lamentei não ter prestado mais atenção quando Ichiro tentara me ensinar poesia. Minha vontade era ter o pincel na mão: já que não conseguia expressar meus sentimentos por palavras, talvez pudesse pintá-los.

"Volte", dissera o velho sacerdote, "quando tudo isso tiver terminado..." Uma parte de mim desejava que eu pudesse fazer isso e passar o resto de meus dias naquele lugar tranqüilo. Mas lembrei-

me de que mesmo ali eu ouvira planos de guerra. Os monges tinham se armado, o templo fora fortificado. As coisas estavam longe de terminar. Aliás, estavam apenas começando.

Os cantos terminaram e ouvi as pisadas macias dos monges que saiam para comer. E depois dormir por algumas horas, até que o sino os acordasse, à meia-noite. Passos aproximaram-se do quarto, vindos do claustro, e o mesmo monge abriu a porta de correr. Fez uma reverência e disse:

- Senhor Otori, nosso abade deseja vê-lo. Levantei-me e o segui pelo claustro.

- Como é seu nome?

- Norio, senhor - ele respondeu, e acrescentou num sussurro: - Nasci em Hagi.

Não disse mais nada, pois a regra do templo era não falar desnecessariamente. Contornamos o pátio central, já cheio de neve, e passamos pelo refeitório, onde os monges estavam ajoelhados em fileiras silenciosas, cada um com uma tigela de comida à sua frente. Depois atravessamos o salão principal, que cheirava a incenso e cera de vela, onde a figura dourada sentava-se, brilhando na semi-escuridão, no terceiro canto do quadrado. Ali ficava uma série de pequenas salas, utilizadas como escritórios e estúdios. Saindo da última, eu ouvia o estalido de contas de rosário, o sussurro de um sutra. Paramos do lado de fora da primeira sala e Norio chamou em voz baixa:

- Senhor abade, seu visitante está aqui.

Fiquei envergonhado ao vê-lo, pois era o próprio velho sacerdote, vestindo as mesmas roupas gastas. Pensei que fosse um dos velhos do templo, não ele. Tão envolvido em minhas preocupações, eu não ficara sabendo quem ele era. Ajoelhei-me e encostei a testa na esteira. Informal como sempre, ele se aproximou de mim, fez-me sentar e me abraçou. Depois se sentou e me examinou, com o semblante iluminado por um sorriso. Sorri também, sentindo e correspondendo a seu prazer sincero.

- Senhor Otori - ele disse -, estou bastante feliz por ter voltado para nós são e salvo. Pensei muito no senhor. Passou por péssimos momentos.

- Que ainda não terminaram. Vim em busca de sua hospitalidade, para passar o inverno. Parece que estou sendo perseguido por todo o mundo e preciso de um lugar seguro, para que possa me preparar.

- Makoto falou-me um pouco de sua situação. Aqui o senhor será sempre bem-vindo.

- Preciso falar-lhe desde já de minhas intenções. Pretendo reclamar minha herança dos Otori e punir os responsáveis pela morte do Senhor Shigeru. O templo correrá algum perigo.

- Estamos preparados para isso - ele replicou, sereno.

- Está me fazendo um grande favor, que não mereço.

- Acho que irá descobrir que aqueles de nós que tiveram longas ligações com os Otori consideram-se em dívida com o senhor - ele replicou. - E, é claro, confiamos em seu futuro.

"Mais do que eu", pensei, calado. Senti-me corar. Era inconcebível que ele me elogiasse, depois de todos os erros que eu cometera. Senti-me um impostor, disfarçado sob a veste Otori, de cabelo curto, sem dinheiro, sem posses, sem homens, sem espada.

- Todos os empenhos começam com uma ação simples - ele disse, como se lesse meus pensamentos. - Sua primeira ação foi vir até aqui.

- Foi Ichiro, meu professor, quem me enviou. Virá encontrar-me na primavera. Aconselhou-me que procurasse a proteção do Senhor Arai. Eu deveria ter feito isso desde o início.

O abade deu uma piscadela e sorriu.

- Não, a Tribo não o deixaria vivo. Na época o senhor era muito mais vulnerável. Não conhecia seu inimigo. Agora tem uma idéia de seu poder.

- O que sabe a respeito deles?

- Shigeru me fazia confidências e pedia minha opinião com freqüência. Em sua última visita, falamos longamente no senhor.

- Eu não ouvi nada.

- Ele teve o cuidado de falar ao lado da cascata, para que não ouvisse. Mais tarde viemos para esta sala.

- Onde falaram sobre guerra.

- Ele precisava que eu garantisse que o templo e o povoado se insurgiriam quando Iida morresse. Ainda estava dividido quanto à tentativa de assassinato, temendo estar simplesmente mandando o senhor ao encontro da morte certa. Afinal foi a morte dele que detonou a rebelião, e não poderíamos tê-la evitado, mesmo que quiséssemos. No entanto, Arai era aliado de Shigeru, não do clã Otori, e fará o que puder para tomar seu território. Ele entrará em guerra na primavera.

Ele se calou por um momento, depois prosseguiu:

- Os Otori pretendem reclamar as terras de Shigeru e declarar sua adoção ilegal. Não satisfeitos em tramar sua morte, querem agora insultar sua memória. Por isso estou feliz em que o senhor pretenda se apossar de sua herança.

- No entanto, será que os Otori me aceitarão? - estendi minhas mãos, com as palmas para cima. - Tenho a marca dos Kikuta.

- Vamos falar sobre isso mais tarde. Ficaré surpreso ao constatar quanta gente aguardava sua volta. O senhor verá isso na primavera. Seus homens o encontrarão.

- Um guerreiro Otori tentou me matar - eu disse, sem convicção.

- Makoto me contou. O clã irá se dividir, Shigeru sabia disso e o aceitava. Não era por sua causa, as sementes foram plantadas quando o usurparam após a morte de seu pai.

- Acredito que os tios de Shigeru tenham sido responsáveis por sua morte - eu disse. - Mas, quanto mais fico sabendo das coisas, mais me surpreende que o tenham deixado viver por tanto tempo.

- O destino decreta a duração de nossas vidas - ele replicou. - Os Senhores Otori temem sua própria gente. Seus lavradores são insubmissos por natureza e tradição. Nunca foram completamente subjugados, como os camponeses dos Tohan. Shigeru os conhecia e os respeitava, em compensação conquistou o respeito e a afeição deles. Isso o protegia contra seus tios e será transferido para o senhor.

- Pode ser - eu disse -, mas um problema mais sério é que agora estou condenado à morte pela Tribo.

Seu rosto estava calmo, cor de marfim sob a luz da lanterna.

- Suponho que essa seja mais uma das razões por que veio até aqui.

Pensei que fosse continuar, no entanto ele se calou. Observava-me com um olhar de expectativa.

- O Senhor Shigeru tinha registros - eu falei, usando de cautela dentro daquela sala silenciosa -, documentos sobre a Tribo e suas atividades. Espero que o senhor me permita ter acesso a eles.

- Foram guardados aqui para o senhor - ele confirmou. - Vou mandar buscá-los já. E é claro que guardei mais uma coisa para o senhor.

- Jato! - exclamei.

- Vai precisar dela - ele disse, meneando a cabeça.

Chamou Norio e pediu-lhe que fosse até o depósito e trouxesse a caixa e a espada.

- Shigeru não queria influenciar nenhuma decisão que o senhor viesse a tomar - ele disse, enquanto eu ouvia os passos de Norio ecoando lá fora. - Sabia que sua herança causaria divisões entre suas lealdades. Estava preparado para o caso de o senhor escolher seu lado Kikuta. Se isso acontecesse, ninguém além de mim teria acesso a esses registros. No entanto, como escolheu seu lado Otori, os documentos são seus.

- Consegui para mim alguns meses a mais de vida -eu disse, num tom de desdém. - Não há nobreza alguma em minha escolha, apenas estou, finalmente, fazendo o que o Senhor Shigeru queria. Não se pode nem mesmo dizer que seja uma escolha, já que minha

vida com a Tribo estava chegando a um impasse. Quanto ao meu lado Otori, só o é por adoção e será questionado por todos.

Mais uma vez um sorriso iluminou-lhe o rosto e em seus olhos surgiu um brilho de conhecimento e sabedoria.

- A vontade de Shigeru é uma razão tão boa quanto qualquer outra.

Percebi que ele sabia mais alguma coisa, que mais tarde compartilharia comigo. Ouvei passos voltando e não pude deixar de ficar tenso, até reconhecer que eram de Norio, agora bem mais pesados, pois vinha carregando a caixa e a espada. Ele abriu a porta de correr, entrou e se ajoelhou. Colocou a caixa e a espada na esteira. Não me virei, mas ouvi seu ruído suave. Meu pulso se acelerou, num misto de alegria e temor diante da perspectiva de ter Jato novamente nas mãos.

Norio fechou a porta e, ajoelhando-se de novo, colocou os objetos preciosos diante do abade, onde eu também podia vê-los. Estavam embrulhados em panos velhos, para dissimular sua importância. O abade desembrulhou Jato e a estendeu para mim, segurando-a com as duas mãos. Peguei-a do mesmo modo, erguia por sobre minha cabeça e inclinei-me diante dele numa reverência, sentindo o peso familiar e alentador da bainha. Ansiava por desembainhar a espada e despertar seu som de aço, mas não o faria na presença do abade. Pousei-a respeitosamente no chão, perto de mim, enquanto ele desembrulhava a caixa.

Um cheiro de arruda desprendeuse dela. Reconheci-o imediatamente. Na verdade, era a caixa que eu carregara montanha acima, pensando tratar-se de alguma dádiva para o templo, debaixo dos olhos de Kenji. Será que ele tinha idéia de seu conteúdo?

A caixa não estava trancada. O abade abriu sua tampa e o cheiro de arruda se intensificou. Ele ergueu um dos rolos de papel e o entregou para mim.

- Leia primeiro este. Foi a instrução que Shigeru me deu - e, quando o peguei, ele acrescentou com profunda emoção: - Não pensei que este momento fosse chegar.

Olhei-o bem dentro dos olhos. Incrustados no fundo de seu rosto, tinham o brilho e a vivacidade de um homem de vinte anos. Sustentou meu olhar e percebi que ele jamais sucumbiria ao sono Kikuta. Ao longe, um dos sinos menores tocou três vezes. Com os olhos de minha mente, vi os monges fazendo suas preces, em meditação. Senti a força espiritual daquele lugar sagrado, concentrado e refletido na pessoa do velho homem que estava diante de mim. Mais uma vez invadiu-me uma onda de gratidão, a ele, à crença que o sustentava, ao Céu e aos diversos deuses que, a despeito de minha descrença, pareciam ter-se encarregado de cuidar da minha vida.

- Leia - ele insistiu. - Os outros poderão ser examinados depois, mas leia esse agora.

Desenrolei-o, franzindo o cenho diante do que lia. Reconheci o traço de Shigeru e vi os caracteres, meu nome entre eles, mas as palavras me pareciam não fazer sentido. Meus olhos percorriam as colunas de alto a baixo. Abri um pouco mais o rolo e me vi num mar de nomes. Parecia uma árvore genealógica, como as que Gosaburo me mostrara em Matsue. Tentei decifrá-la. Voltei ao início do texto e o li de novo, detidamente. Depois de ler pela terceira vez, levantei os olhos para o abade.

- É verdade?

Ele deu uma risadinha.

- Parece que é. Como o senhor não vê seu próprio rosto, não pode enxergar nele a prova de tudo. Suas mãos podem ser Kikuta, mas suas feições são totalmente Otori. A mãe de seu pai trabalhava como espiã para a Tribo. Era empregada dos Tohan e foi mandada para Hagi quando o pai de Shigeru, Shigemori, era pouco mais do que um menino. Tiveram uma ligação, ao que tudo indica não sancionada pela Tribo. Dela resultou seu pai. Sua avó deve ter sido uma mulher engenhosa: não contou nada a ninguém. Era casada com um primo, e a criança foi criada como Kikuta.

- Shigeru e meu pai eram irmãos? Ele era meu tio?

- Seria difícil negar, vendo sua fisionomia. A primeira vez que Shigeru o viu, ficou impressionado com a semelhança entre o senhor e Takeshi, irmão mais novo dele. Os dois irmãos se pareciam muito. Agora, se tivesse o cabelo mais comprido, o senhor seria a própria imagem de Shigeru quando jovem.

- Como ele descobriu tudo isso?

- Uma parte, a partir de informações da família. Seu pai sempre suspeitara que aquela mulher concebera um filho, e confiou isso a Shigeru ao morrer. O resto Shigeru descobriu sozinho. Seguiu a pista de seu pai até Hagi e soube que um filho dele havia nascido depois de sua morte. Seu pai certamente padeceu do mesmo conflito que o senhor. Apesar de ter sido educado como Kikuta e apesar de seus dons, excepcionais mesmo para os padrões da Tribo, tentou escapar dela. Isso já mostra que, talvez pela mescla de sangue, não tinha o fanatismo dos membros da Tribo. Shigeru iniciara suas anotações sobre a Tribo já ao ficar conhecendo Muto Kenji. Na época ambos eram muito jovens e tinham muito afeto um pelo outro. Kenji foi preso na luta em Yaegahara e presenciou a morte de Shigemori - ele baixou os olhos para Jato. -Resgatou essa espada e a entregou para Shigeru. Decerto lhe contaram essa história.

- Kenji, uma ocasião, a mencionou - eu disse.

- Além da afeição, eles eram muito úteis um ao outro. Ao longo dos anos, trocavam informações sobre muita coisa, muitas vezes, é preciso dizer, sem querer. Não acredito que Kenji percebesse o quanto o Senhor Shigeru era capaz de dissimular, às vezes até de enganar.

Fiquei calado. A revelação me surpreendeu, embora, pensando bem, fizesse sentido, perfeitamente. Meu sangue Otori é que me fizera desejar tanto aprender as lições de vingança ao ver minha família massacrada em Mino, o mesmo sangue que me vinculara a Shigeru. Voltei a lamentar sua falta, desejei tê-lo conhecido antes, embora me alegrasse por sermos da mesma linhagem, por pertencer de fato aos Otori.

- Isso confirma que fiz a escolha certa - eu disse, finalmente, com a voz alterada pela emoção. - Mas, para ser um Otori, um guerreiro, tenho muito a aprender - e aponte para os rolos de papel na caixa. - Até minha leitura é precária!

- Tem o inverno todo pela frente - replicou o abade. - Makoto o ajudará com a leitura e a escrita. Na primavera vá ter com Arai para aprender a prática da guerra. Enquanto isso, estude a teoria e continue treinando o manejo da espada.

Fez uma pausa e sorriu de novo. Adivinhei que tinha mais uma de suas surpresas guardadas para mim.

- Serei seu professor. Antes de ser chamado a servir ao Iluminado, eu era considerado perito nesses assuntos. Meu nome no mundo era Matsuda Shingen.

Até eu já ouvira aquele nome. Matsuda era um dos mais ilustres guerreiros Otori da geração anterior, um herói dos jovens de Hagi. O abade deu uma risadinha diante de minha expressão de assombro.

- Acho que vamos aproveitar bem o inverno. Faremos muitos exercícios para nos aquecer. Prepare-se, Senhor Otori. Vamos começar pela manhã. Quando não estiver estudando, irá acompanhar os monges em suas meditações. Makoto o despertará na hora do Tigre.

Fiz uma reverência, pleno de gratidão. Ele me dispensou com um aceno.

- Estamos apenas pagando nossa dívida para com o senhor.

- Não - repliquei -, quem lhe deve sou eu. Farei tudo o que ordenar. Estou inteiramente ao seu dispor.

Eu já estava na porta quando ele acrescentou:

- Só mais uma coisa. Voltei-me e me ajoelhei:

- Às suas ordens.

- Deixe o cabelo crescer! - ele disse, rindo.

Ainda ouvia sua risada ao acompanhar Norio de volta ao quarto de hóspedes. Ele carregava a caixa, mas eu segurava Jato. O vento amainara um pouco, a neve tornara-se mais úmida e pesada. Acumulava-se, cobrindo a montanha, isolando o templo do resto do mundo.

No quarto, as camas estavam arrumadas. Agradei a Norio e lhe desejei boa noite. Duas lanternas iluminavam o aposento. Tirei Jato da bainha e examinei a lâmina, pensando no fogo que a forjara com aquela combinação de delicadeza e força, aliadas a seu gume mortal. A curva do aço conferia-lhe uma bela forma ondulada. Fora um presente de Shigeru para mim, juntamente com meu nome e

minha vida. Segurei a espada com as duas mãos e repeti os antigos movimentos que ele me ensinara em Hagi.

Jato cantou para mim uma canção de sangue e guerra.

8.

Kaede voltou de longe, de uma paisagem vermelha, envolvida em fogo e sangue. No período de febre, vira imagens terríveis; agora abria os olhos para as luzes e sombras conhecidas, da casa dos pais. Quando era refém dos Noguchi, muitas vezes sonhava que despeitava em casa, e alguns momentos depois acordava de fato, para a realidade da vida no castelo. Agora, deitada sem se mover, de olhos fechados, esperava o segundo despertar, sentindo uma pontada na parte baixa da barriga e perguntando-se por que estaria sonhando com cheiro de moxa.

- Ela voltou para nós! - a voz de homem, de um estranho, a surpreendeu.

Kaede sentiu uma mão na testa e percebeu que era de Shizuka. Lembrou-se de que muitas vezes sentira seu toque firme e caloroso, a única coisa que, em sua mente, intervinha nos terrores que a assaltavam. Tinha a impressão de não se lembrar de mais nada. Alguma coisa lhe acontecera, mas sua mente evitava pensar no que fora. Lembrava-se de uma queda. Provavelmente caíra de Raku, o pequeno cavalo cinzento que Takeo lhe dera. Sim, ela caíra, e perdera seu filho.

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Seus pensamentos não eram claros, mas sabia que seu filho se fora. Sentiu a mão de Shizuka se afastar e voltar com um pano, ligeiramente morno, para lhe enxugar o rosto.

- Senhorita! - disse Shizuka. - Senhorita Kaede. Kaede tentou mexer a mão, mas percebeu que estava imobilizada e sentiu uma pontada nela também.

- Não tente se mexer - disse Shizuka. - O médico do Senhor Fujiwara, doutor Ishida, está tratando da senhorita. Agora vai ficar boa. Não chore!

- É normal - ela ouviu o médico dizer. - As pessoas que chegam perto da morte sempre choram ao voltar a si. Nunca consegui saber se é de alegria ou de tristeza.

Kaede também não sabia. As lágrimas fluíam e, quando finalmente cessaram, ela adormeceu.

Durante muitos dias, Kaede dormia, acordava, comia um pouco e adormecia de novo. Depois passou a dormir menos, porém ficava deitada, de olhos fechados, ouvindo o movimento das pessoas à sua volta. Percebia a voz de Hana mais confiante, a voz suave de Ai, Shizuka cantando e embalando Hana, que dera de segui-la como uma sombra, tentando agradá-la. Os homens mantinham-se afastados. Era uma casa de mulheres, conscientes de que tinham chegado à beira do desastre, que ainda não estavam fora de perigo mas até então sobreviviam. Lentamente o outono deu lugar ao inverno.

O único homem na casa era o médico, que ficava no pavilhão de hóspedes e a visitava todos os dias. Era baixinho e jeitoso, tinha dedos longos e voz tranqüila. Kaede adquiriu confiança nele, sentindo que não a julgava. Ele não a achava boa nem má, de fato não pensava nesses termos. Queria apenas que ela se recuperasse.

Usava técnicas que aprendera no continente, agulhas de ouro e prata, uma pasta de folhas de artemisia que era queimada sobre a pele, e chás de casca de salgueiro. Era a primeira vez que Kaede encontrava alguém que tinha estado no continente. Às vezes ficava ouvindo a voz dele contando a Hana histórias dos animais que vira, baleias enormes no mar, ursos e tigres em terra.

Quando ela pôde se levantar e começar a sair, o doutor Ishida sugeriu que fizessem uma cerimônia pelo filho perdido. Kaede foi levada ao templo numa liteira e ficou longo tempo ajoelhada diante do santuário de Jizo, o deus que cuida das crianças que morrem antes de nascer. Chorou pelo filho que tivera um tempo de vida tão breve, concebido e perdido em meio a tanta violência. Apesar disso, fora uma criança iniciada com amor.

"Nunca o esquecerei", ela prometeu intimamente, e rezou para que a próxima vez tivesse um percurso mais seguro. Sentiu então

que seu espírito estava a salvo, até que recomeçasse sua trajetória de vida. Fez as mesmas preces para o filho de Shigeru, sabendo que ela era a única pessoa, além de Shizuka, que soubera de sua breve existência. As lágrimas lhe voltaram, mas, ao retornar para casa, sentia que, de fato, se aliviara de um peso.

- Agora precisa retomar sua vida - disse-lhe o doutor Ishida. - É jovem, irá se casar e ter outros filhos.

- Creio que estou destinada a não me casar - Kaede replicou.

Ele sorriu, achando que a moça estivesse brincando. "É claro", Kaede pensou, "ele só poderia achar que fosse brincadeira. Mulheres de sua posição, de sua categoria, sempre se casavam, ou eram casadas pelos outros com quem parecesse oferecer a aliança mais vantajosa." No entanto, eram casamentos arranjados por pais ou líderes de clãs, ou outros suseranos, e ela estava livre disso. O pai morrera, assim como todos os seus vassalos mais velhos.

O clã Seishuu, ao qual pertenciam as famílias Maruyama e Shirakawa, estava inteiramente ocupado com o turbilhão que se seguira à queda dos Tohan e a súbita ascensão de Arai Daiichi. Quem iria comandá-la? Seria Arai? Será que ela deveria aliar-se formalmente a ele, reconhecendo-o como seu suserano? Quais seriam as vantagens ou desvantagens desse gesto?

- Ficou tão séria... - observou o doutor Ishida. - Posso saber o que está ocupando sua mente?

- Tenho que decidir o que fazer - ela disse.

- Sugiro que não faça nada enquanto não se fortalecer. O inverno está chegando. Precisa descansar, comer bem e tomar muito cuidado para não se resfriar.

"E preciso consolidar meu território, entrar em contato com Sugita Hiroki em Maruyama para dizer que pretendo me apossar de

minha herança, e arranjar dinheiro e alimento para meus homens", ela pensou, mas não falou nada.

Sentindo-se mais fortalecida, Kaede iniciou a restauração da casa, antes que a neve começasse a cair. Tudo foi lavado, as esteiras foram trocadas, os biombos consertados, as telhas e os sarrafos recolocados. Voltaram a cuidar do jardim. O dinheiro não dava para pagar tudo, mas houve homens que aceitaram trabalhar mediante a promessa de pagamento na primavera. Aos poucos ela ia aprendendo que um olhar ou um tom de voz podiam conquistar a boa-vontade e a dedicação das pessoas.

Instalou-se no quarto do pai, onde, finalmente, tinha livre acesso aos livros. Lia e exercitava a escrita durante horas, até que Shizuka, temendo por sua saúde, trazia Hana para distraí-la. Kaede brincava com a irmã, ensinava-a a ler e a usar o pincel como um homem. Sob os cuidados de Shizuka, Hana perdera um pouco de sua agressividade. Tinha sede de aprender, como Kaede.

- Nós duas devíamos ter nascido meninos - Kaede suspirou, certo dia.

- Papai, então, teria orgulho de nós - Hana disse.

Kaede não respondeu. Nunca falava no pai e tentava não pensar nele. Na verdade, já não conseguia distinguir claramente o que de fato acontecera quando ele havia morrido das imagens provocadas pela febre, durante sua doença. Não perguntava nada a Shizuka e Kondo, temendo a resposta. Ela fora ao templo, cumprira os rituais do luto e mandara talhar uma lápide para o túmulo dele, no entanto continuava temendo seu fantasma, que a rondara no ardor de sua febre. "Não fiz nada errado." Embora se agarrasse a esse pensamento, não conseguia lembrar-se dele sem uma ponta de vergonha, disfarçado pela raiva.

"Ele me será mais útil morto do que vivo", Kaede concluiu, resoluta. Assim, anunciou que voltaria a usar o nome Shirakawa, uma vez que era vontade do pai que ela se tornasse sua herdeira e permanecesse na casa da família. Quando Shoji voltou para casa, depois do período de luto, e passou a rever com ela os registros e anotações, Kaede detectou uma certa desaprovação em sua atitude. No entanto, as contas mostravam que a situação era péssima, e ela usou sua raiva para repreendê-lo. Era difícil acreditar que tivessem deixado os negócios se deteriorarem tanto. Parecia impossível conseguir alimentar os homens que ainda lhe restavam e suas

famílias, sem falar nos que ela ainda esperava contratar. Era isso que mais a angustiava.

Com a ajuda de Kondo, ela examinou as armaduras e armas e deu instruções para fazer os consertos e substituições necessários. Passou a se apoiar cada vez mais em sua experiência e em suas opiniões. Ele sugeriu que se patrulhassem as fronteiras de seu território, para evitar as invasões e manter em forma as habilidades de luta dos guerreiros. Kaede concordou, sabendo instintivamente que deveria manter os homens ocupados e interessados. Pela primeira vez, sentiu-se grata pelos anos que passara no castelo, percebendo o quanto aprendera sobre guerreiros e armas. A partir de então, freqüentemente Kondo saía com cinco ou seis homens, utilizando essas expedições também para trazer informações.

Ela pedia a Kondo e Shizuka que semeassem alguns rumores entre os homens: uma aliança com Arai, a campanha pela posse de Maruyama na primavera, a possibilidade de ampliação e riqueza.

Não via o Senhor Fujiwara, embora ele lhe mandasse presentes, como codornas, caquis secos, vinho e roupas de inverno acolchoadas. Ishida voltara à residência do nobre cavaleiro e ela sabia que o médico o informaria sobre seu estado e certamente não

manteria nada em segredo. Kaede não queria encontrar Fujiwara. Era constrangedor tê-lo decepcionado e ela lamentava perder seus cuidados, mas também sentia-se aliviada por não tê-lo frente a frente. Seu interesse intenso a enervava e repelia, assim como sua pele branca e seus olhos de ave de rapina.

- Ele é um aliado útil - Shizuka lhe dizia.

As duas estavam no jardim, supervisionando a restauração da lanterna de pedra que se quebrara. Era um raro dia de sol, claro e agradável.

Kaede observava um casal de íbis, no campo de arroz, do outro lado do portão. Sua plumagem rósea de inverno se destacava contra a terra nua.

- Foi muito bom comigo - ela disse. - Sei que lhe devo a vida, através do doutor Ishida. Mas não me incomodaria em não o ver nunca mais. Não quero fazer parte de sua coleção.

Os íbis seguiam um ao outro através das poças que se haviam formado nos sulcos dos campos, com os bicos encurvados remexendo a água lamacenta.

- Seja como for - Kaede continuou -, agora o decepcionei. Deve estar me desprezando mais do que nunca.

Shizuka não dissera nada sobre o desejo do nobre cavaleiro de se casar com Kaede, e ainda agora não tocou no assunto.

- A senhorita precisa tomar algumas decisões - ela disse -, senão vamos acabar morrendo de fome, antes da primavera.

- Estou relutando em procurar quem quer que seja -Kaede falou. - Não quero parecer suplicante, desesperada e necessitada. Sei que acabarei tendo que ir atrás de Arai, porém acho que dá para esperar até o fim do inverno.

- Acho que os passarinhos começarão a se reunir antes disso - disse Shizuka. - Imagino que Arai mandará alguém procurá-la.

- E você, Shizuka? - perguntou Kaede. O pilar já estava em pé e a nova lanterna instalada. À noite, iluminada, ficaria bonita, no jardim coberto de gelo, sob o céu claro. - O que vai fazer? Suponho que não vá ficar comigo para sempre, não é? Deve ter outros interesses. E seus filhos? Deve estar com saudade deles. Quais são as instruções da Tribo para você?

- Por enquanto, apenas a de continuar zelando pelos interesses da senhorita - Shizuka respondeu.

- Será que teriam levado meu filho como levaram Takeo? - Kaede indagou, logo acrescentando: - Ah, não precisa responder, agora já não importa. Sentiu-se à beira das lágrimas e apertou os lábios. Ficou em silêncio por um momento e continuou: - Suponho que você os mantenha informados sobre minhas ações e decisões também, não é?

- De tempos em tempos mando recados a meu tio. Foi o que fiz quando senti que a senhorita estava prestes a morrer. E devo lhe comunicar qualquer novidade: por exemplo, se a senhorita decidir se casar, esse tipo de coisa.

- Não farei isso.

Com a luz do entardecer, a plumagem cor-de-rosa dos íbis tinha um brilho mais escuro. Estava tudo tranquilo. Os trabalhadores tinham terminado sua tarefa, o jardim estava mais silencioso do que nunca. E, em meio ao silêncio, ela ouviu as palavras da Deusa Branca: "Tenha paciência."

"Não me casarei com ninguém que não seja ele", voltou a jurar. "Terei paciência."

Foi o último dia de sol. O tempo se tornou cinzento e úmido. Alguns dias depois, Kondo voltou de uma de suas patrulhas, em meio a uma tempestade. Desmontando rapidamente do cavalo, chamou as mulheres da casa.

- Há estranhos na estrada. São homens de Arai, cinco ou seis, e cavalos.

Kaede mandou-o reunir o maior número possível de homens e dar a impressão de que muitos outros poderiam ser convocados.

- Diga às mulheres que preparem comida - ela disse a Shizuka.
- Tudo o que tivermos, em abundância. Precisamos fingir prosperidade. Ajude-me a trocar de roupa e traga minhas irmãs. Depois não deixe que a vejam.

Ela vestiu o traje mais elegante que Fujiwara lhe dera, lembrando-se, como sempre, do dia em que o prometera a Hana.

"Hana o terá quando ele lhe servir", pensou, "e juro que estarei presente para vê-la vestida com ele."

Hana e Ai entraram no quarto. Hana tagarelava, agitada, pulando para se aquecer. Ayame entrou atrás, trazendo um braseiro. Kaede se assustou ao vê-lo tão cheio de carvão. Passariam mais frio ainda depois que os homens de Arai fossem embora.

- Quem vai chegar? - perguntou Ai, nervosa. Depois da morte do pai e da doença de Kaede ela se tornara mais frágil, como se os dois choques juntos a tivessem enfraquecido.

- Os homens de Arai. Temos que dar boa impressão. Por isso peguei o traje de Hana emprestado, de novo.

- Não o suje, irmã mais velha - disse Hana, reclamando quando Ayame começou a lhe pentear o cabelo. Geralmente ela o usava preso. Quando solto, era mais comprido do que a altura dela.

- O que eles querem? - Ai empalidecera.

- Espero que nos digam - respondeu Kaede.

- Tenho que estar presente? - Ai perguntou, em tom suplicante.

- Sim, vista o outro traje que o Senhor Fujiwara mandou e ajude Hana a se vestir. Quando chegarem, devemos estar todas juntas.

- Por quê? - perguntou Hana.

Kaede não respondeu. Ela mesma não sabia muito bem a razão. Teve um lampejo da imagem das três na casa solitária. As três filhas do Senhor Shirakawa, isoladas, bonitas... era essa a imagem que os guerreiros de Arai deviam ter delas.

"Kannon, toda-misericordiosa e compassiva, ajude-me", ela pedia, enquanto Shizuka amarrava-lhe a faixa e penteava-lhe o cabelo.

Ouviu os passos dos cavalos chegando ao portão, ouviu Kondo dar-lhes as boas-vindas. Sua voz tinha o tom exato de cortesia e confiança, e ela agradeceu ao céu pela habilidade com que agiam os da Tribo ao lidarem com os outros, esperando que as dela fossem igualmente grandes.

- Ayame, acompanhe nossos visitantes ao pavilhão de hóspedes - ela disse. - Ofereça-lhes chá e alimento, o melhor chá e a melhor louça. Quando tiverem terminado de comer, peça que seu chefe venha falar comigo. Hana, se já está pronta, venha sentar-se a meu lado.

Shizuka ajudou Ai a se vestir e a penteou rapidamente.

- Vou me esconder num lugar de onde possa ouvir tudo - ela sussurrou.

- Abra os postigos antes de sair - disse Kaede. - Vamos deixar entrar esse restinho de sol.

A chuva havia cessado e o sol lançava uma luz prateada sobre o jardim e dentro do aposento.

- O que tenho que fazer? - Hana perguntou, ajoelhando-se ao lado de Kaede.

- Quando os homens entrarem, faça uma reverência, exatamente na mesma hora que eu. Depois faça uma carinha bem bonita e fique sentada quietinha, sem se mexer, enquanto eu falo.

- Só isso? - Hana se desapontou.

- Observe os homens. Examine-os, sem que eles percebam. Você também, Ai. Não deixe transparecer nada, não reaja a nada. Fiquem como estátuas.

Ai veio ajoelhar-se do outro lado de Kaede. Estava trêmula, porém conseguiu se conter.

Os últimos raios de sol lançavam-se no recinto, tornando visíveis os fragmentos de poeira que dançavam e iluminando as três moças. Vindo do jardim, ouvia-se o barulho da cascata recentemente desobstruída, avolumada pela chuva. Houve um lampejo de azul quando um martim-pescador mergulhou de uma pedra.

Do quarto de hóspedes vinha o murmúrio de vozes de homens. Kaede teve a impressão de captar seu cheiro estranho. Sentiu-se tensa. Enrijeceu as costas e sua mente se congelou. Enfrentaria a força deles com a sua. Teria em mente o quanto era fácil morrerem.

Cerca de vinte minutos depois, ouviu a voz de Ayame, dizendo-lhes que Kaede os receberia. Em seguida, o chefe deles e um de seus companheiros subiram à varanda da casa principal. Ayame ajoelhou-se no limiar da sala, e o criado também se ajoelhou, do

lado de fora. Quando o outro homem entrou, Kaede esperou um instante para que ele visse as três, depois fez uma reverência, encostando a testa no chão. Hana e Ai fizeram o mesmo, e as três voltaram a sentar-se também ao mesmo tempo. O guerreiro se ajoelhou e declarou:

- Sou Akita Tsutomu, de Inuyama. Fui enviado à Senhorita Shirakawa pelo Senhor Arai.

Ele se inclinou e permaneceu abaixado.

- Seja bem-vindo, Senhor Akita - disse Kaede. - Sou-lhe grata por ter feito uma viagem tão árdua e ao Senhor Arai por enviá-lo. Estou ansiosa por saber em que posso servi-lo - e acrescentou: - Erga-se e sente-se.

Assim ele fez, e Kaede olhou-o de frente. Ela sabia que, na presença de homens, as mulheres deveriam manter os olhos baixos, porém quase já não se sentia mulher. Perguntava-se até se algum

dia voltaria a ser uma mulher como as outras. Percebeu que Hana e Ai olhavam para Akita do mesmo modo, com olhos opacos e indecifráveis.

Ele se aproximava da meia-idade, seus cabelos ainda eram pretos mas começavam a rarear. Tinha nariz pequeno, levemente aquilino, como de pássaro, o que lhe dava um ar de ave de rapina. Sua boca era bem formada, com lábios um tanto grossos. As roupas estavam desalinhadas por causa da viagem, mas eram de boa qualidade. Tinha as mãos quadradas, os dedos curtos, os polegares fortes e largos. Kaede adivinhou que ele devia ter espírito prático, mas era também um conspirador, dado a trapaças. Nada tinha de confiável.

- O Senhor Arai mandou perguntar por sua saúde -ele disse, olhando para cada uma das irmãs, depois voltando-se para Kaede. - Ficou sabendo que não estava bem.

- Já me recuperei - ela respondeu. - Agradeça o Senhor Arai pelo interesse.

Ele inclinou de leve a cabeça. Parecia desconcertado, provavelmente sentia-se mais à vontade entre homens do que entre mulheres, não sabendo muito bem como dirigir-se a ela. Kaede perguntava-se o que ele ouvira sobre sua situação, se sabia a causa de sua doença.

- Soubemos, com grande pesar, da morte do Senhor Shirakawa - o homem prosseguiu. - O Senhor Arai ficou preocupado por estar desprotegida e deseja esclarecer que a considera uma forte aliada, como se fizesse parte de sua família.

Hana e Ai entreolharam-se e voltaram a assumir sua expressão tranqüila, o que parecia deixar Akita mais nervoso ainda. Ele limpou a garganta.

- Sendo assim, o Senhor Arai deseja recebê-la em Inuyama, junto com suas irmãs, para discutir sua aliança e o futuro da Senhorita Shirakawa.

"Impossível", ela pensou, mas por uns momentos não disse nada. Então falou, com um leve sorriso:

- Nada me daria maior prazer. No entanto, meu estado de saúde ainda não me permite viajar. Além do mais, ainda estamos de luto pela morte de meu pai e não ficaria bem sairmos de casa. O ano está chegando ao fim. Marcaremos uma visita a Inuyama na primavera. Diga ao Senhor Arai que nossa aliança continua em vigor e agradeço-lhe a proteção. Irei consultá-lo assim que possível e o manterei informado das minhas decisões.

Mais uma vez, os olhares trocados por Hana e Ai lampejaram através da sala, como um raio.

"É extraordinário, mesmo", Kaede pensou, com vontade de rir.

- Devo insistir para que a Senhorita Shirakawa volte comigo - disse Akita.

- É absolutamente impossível - ela disse, encarando-o e acrescentando: - Não lhe cabe insistir comigo para fazer coisa nenhuma.

A reação o surpreendeu. Um rubor intenso subiu-lhe pelo pescoço até a face.

Hana e Ai inclinaram-se levemente e sua expressão se intensificou. O sol escondeu-se atrás das nuvens, escurecendo o recinto, e uma súbita rajada de chuva bateu no telhado. Os sinos de bambu soaram num tom abafado.

- Desculpe. Naturalmente a senhorita deve fazer o que lhe convém - replicou Akita.

- Irei a Inuyama na primavera - ela repetiu. - Diga isso ao Senhor Arai. O senhor está convidado a passar a noite aqui, mas imagino que deverá partir amanhã de manhã para estar de volta antes da neve.

- Senhorita Shirakawa - ele inclinou-se até o chão. Quando o homem se dispôs a sair, arrastando-se de costas, Kaede perguntou:

- Quem são seus companheiros?

Ela falou de forma abrupta, deixando transparecer impaciência em sua voz, sabendo instintivamente que o dominara. Alguma coisa em toda aquela cena, no comportamento de suas irmãs e dela mesma o assustara. Era quase palpável.

- O filho de minha irmã, Sonoda Mitsuru, e três dos meus homens.

- Deixe seu sobrinho aqui. Ele ficará a meu serviço até a primavera e nos escoltará a Inuyama. Será uma garantia de sua boa-fé.

Ele olhou para o chão, surpreso com o pedido. No entanto, conforme Kaede pensou, irritada, qualquer homem em seu lugar teria feito a mesma exigência. Se o rapaz ficasse em sua casa, seria menos provável que o tio deturpasse suas palavras ou levasse a Arai algum tipo de denúncia falsa contra ela.

- É claro que a confiança entre nós é um símbolo de minha confiança no Senhor Arai - disse Kaede, mais impaciente ainda diante da hesitação do homem.

- Não vejo razão para que ele não permaneça aqui - consentiu Akita.

"Tenho um refém", ela pensou, deleitando-se com a sensação de poder que aquilo lhe dava.

Fez uma reverência para Akita, Hana e Ai a imitaram, enquanto ele se prosternava diante delas. Quando ele se foi, a chuva diminuía e o sol conseguira vencer de novo, transformando em arco-íris fragmentados os pingos de água pendurados nos galhos de árvore e nas últimas folhas de outono. Kaede fez um sinal para as irmãs não se moverem.

Antes de entrar no quarto de hóspedes, Akita voltou-se para olhá-las. Ficaram sentadas, imóveis, até ele sumir de vista. O sol desapareceu e a chuva voltou a cair torrencialmente.

Ayame, até então ajoelhada nas sombras, levantou-se para fechar as portas e janelas. Kaede se virou e abraçou Hana.

- Fiz tudo certo? - perguntou Hana, com os olhos cheios de emoção.

- Foi brilhante, parecia mágica. Mas que olhares foram aqueles entre vocês?

- Não deveríamos ter feito aquilo - disse Ai, envergonhada. - Foi uma infantilidade. Olhávamo-nos assim quando mamãe ou Ayame nos davam lições. Hana começava. Elas nunca sabiam se estavam imaginando ou não. Nunca ousávamos fazê-lo na frente do papai. Ou diante de um nobre...

- Aconteceu sem querer - Hana disse, rindo. - Ele não gostou, não é mesmo? Seus olhos se agitaram e ele começou a transpirar.

- Ele não é um nobre - disse Kaede. - Arai deveria ter enviado alguém de mais alta categoria.

- Então você atenderia ao pedido dele? Teríamos voltado com ele para Inuyama?

- Isso não, nem que Arai viesse pessoalmente - Kaede replicou.
- Sempre os farei esperar por mim.

- Sabe o que mais eu notei? - falou Hana.

- Diga.

- O Senhor Arai está com medo de você, irmã mais velha.

- Você enxerga longe - disse Kaede, rindo.

- Não quero ir embora daqui - disse Ai. - Não quero nunca sair de casa.

Kaede olhou para a irmã, com pena.

- Algum dia terá que se casar. O ano que vem terá que ir para Inuyama e ficar lá por algum tempo.

- Vamos ter que ir, mesmo? - perguntou Hana.

- Talvez - disse Kaede. - Muitos homens vão querer se casar com vocês.

"Para obter uma aliança comigo", ela pensou, triste por ter que usar as irmãs daquela maneira.

- Só vou se Shizuka for conosco - Hana declarou. Kaede sorriu e a abraçou de novo. Não havia por que dizer a ela que Shizuka nunca poderia ir em segurança a Inuyama enquanto Arai estivesse lá.

- Vá dizer a Shizuka que preciso falar com ela. Ayame, veja que refeição poderemos dar a esses homens hoje à noite.

- Foi bom a senhora ter dito que eles devem ir embora amanhã - disse Ayame. - Creio que não poderíamos alimentá-los por mais tempo. Estão acostumados a comer bem demais - e ela meneou a cabeça. - Mas uma coisa eu tenho que dizer, Senhorita Kaede, acho que seu pai não aprovaria sua conduta.

- Você não tem que dizer nada - Kaede retrucou, prontamente.
- E, se deseja continuar nesta casa, nunca mais fale comigo dessa maneira.

Ayame se retraiu.

- Senhorita Shirakawa - ela disse, mansamente. Depois se ajoelhou e saiu de costas.

Shizuka entrou pouco depois, trazendo uma lanterna, pois a escuridão aumentava. Kaede ordenou que as irmãs fossem trocar de roupa.

- O que você conseguiu ouvir? - Kaede perguntou, depois que elas saíram.

- O suficiente. E Kondo me contou o que o Senhor Akita disse quando voltou ao pavilhão. Ele acha que há algum poder sobrenatural agindo nesta casa. A senhora o apavorou. Disse que é como a aranha do outono, dourada e mortal, que tece sua rede de beleza para cativar os homens.

- Muito poético - observou Kaede.

- É, Kondo também achou.

Kaede imaginou o brilho irônico do olhar de Kondo. Prometeu a si mesma que um dia ele olharia para ela sem ironia. Um dia seria levada a sério por ele e por todos aqueles homens que se achavam muito poderosos.

- E meu refém, Sonoda Mitsuru, também está apavorado?

- Seu refém! - Shizuka riu. - Como ousou sugerir isso?

- Estou errada?

- Não, pelo contrário. A senhorita os fez acreditar que é mais forte do que imaginavam. O rapaz está um pouco apreensivo por ser deixado aqui. Onde pretende colocá-lo?

- Shoji poderá levá-lo para casa e cuidar dele. O certo é que não o quero aqui - depois de uma pausa, Kaede acrescentou, com uma ponta de amargura: - Ele será mais bem tratado do que eu fui. Mas, e para você, ele representa algum perigo?

- Arai deve saber que ainda estou com a senhorita -disse Shizuka. - Não vejo perigo nesse rapaz. Seu tio, Senhor Akita, terá o cuidado de não a contrariar por enquanto. Sua força me protegerá... protegerá todos nós. Arai, provavelmente, esperava encontrá-la atrapalhada e desesperada por sua ajuda. No entanto, vai ouvir uma história bem diferente. Eu lhe disse que os pássaros começariam a se reunir.

- Quem devemos esperar que seja o próximo, então?

- Creio que alguém virá de Maruyama, antes do início do inverno, em resposta aos mensageiros enviados por Kondo.

Kaede tinha a mesma esperança, pois freqüentemente sua mente se voltava para o último encontro com sua parenta e a promessa que então fora feita. Seu pai dissera que ela teria que lutar por sua herança, no entanto Kaede mal sabia quem eram seus adversários ou como se preparar para a guerra. Quem a ensinaria a fazê-lo? Quem comandaria um exército para lutar por ela?

No dia seguinte, despediu-se de Akita e seus homens, satisfeita por sua permanência ter sido tão breve, e deu as boas-vindas a seu sobrinho, convocando Shoji e encarregando-o do rapaz. Percebeu a impressão que causara ao jovem. Não tirava os olhos de cima dela e tremia em sua presença, porém ele não lhe interessava nem um pouco, a não ser como refém.

- Mantenha-o ocupado - Kaede disse a Shoji. - Trate-o bem e com respeito, mas não lhe fale muito sobre nossos negócios.

Nas semanas seguintes, homens começaram a se apresentar no portão. Espalhará-se uma mensagem secreta dizendo que ela estava contratando guerreiros. Eles chegavam sozinhos ou em grupos de dois ou três, nunca em grupos grandes. Eram homens cujos chefes haviam morrido ou empobrecido, remanescentes errantes de anos de guerra. Kaede e Kondo elaboraram testes para eles, pois ela não queria patifes nem loucos. Não eram muitos os dispensados, pois eram em sua maioria combatentes experimentados, que formariam o núcleo de seu exército quando a primavera chegasse. No entanto, Kaede não sabia como alimentar e manter todos eles durante o longo inverno.

Alguns dias antes do solstício, Kondo veio lhe trazer as notícias que ela esperava.

- O Senhor Sugita, de Maruyama, está aqui com vários de seus homens.

Kaede os recebeu com prazer. Reverenciavam a memória de sua senhora e estavam acostumados a ver uma mulher chefiá-los. Ficou especialmente feliz em ver Sugita, lembrando-lhe a viagem a Tsuwano. Ele as deixara lá para voltar para casa e evitar que o domínio fosse atacado e tomado durante a ausência da Senhora Maruyama. Pesaroso com a morte dela, estava disposto a fazer com que seus desejos se cumprissem. Homem prático, também trouxera arroz e outras provisões.

- Não quero aumentar ainda mais os seus encargos -ele disse a Kaede.

- Não é tão pesado assim que eu não possa alimentar velhos amigos - ela mentiu.

- Todos nós vamos sofrer neste inverno - ele replicou, sombrio.
- As tempestades, a morte de Iida, as campanhas de Arai. A colheita caiu pela metade.

Kaede o convidou a comer com ela, algo que não fez com nenhum dos outros, que entregava aos cuidados de Shoji e Kondo. Conversaram brevemente sobre os acontecimentos em Inuyama, sobre a herança de Maruyama. Sugita tratou Kaede com respeito, mesclado de carinhosa familiaridade, como se fosse um tio ou um primo. Ela sentiu-se à vontade. Não o ameaçou, pois ele a levava a sério.

Quando terminaram a refeição e a louça foi retirada, ele disse:

- Era desejo de minha senhora ver seu domínio sob seus cuidados. Fiquei contente em receber sua mensagem, dizendo que

pretende assumir sua herança. Vim imediatamente para lhe dizer que irei ajudá-la, que muitos de nós o farão. Devemos começar a planejar nossas ações antes da primavera.

- Essa é minha intenção, e preciso de toda a ajuda possível - Kaede respondeu. - Não tenho idéia do que fazer. Serei capaz de simplesmente tomar as terras? A quem elas pertencem agora?

- Pertencem à senhorita - ele disse. - A senhorita é a próxima herdeira mulher, e era desejo da Senhora Maruyama que o domínio lhe pertencesse. Mas muitas outras pessoas o reivindicarão. A principal adversária é a enteada da Senhora Maruyama, casada com um primo do Senhor Iida. Arai não foi capaz de expulsá-lo e ele tem uma força razoável: uma mistura de Tohan, dos que fugiram do castelo Noguchi quando foi derrubado, e desafetos dos Seishuu, que não vêm razão para se submeter a Arai. Estão vagueando pelo extremo oeste mas marcharão sobre Maruyama na primavera. Se a senhorita não agir rapidamente e com energia, o domínio será atacado e destruído.

- Prometi à Senhora Naomi impedir que isso acontecesse - disse Kaede -, porém não sabia o que significava minha promessa nem como cumpri-la.

- Há muita gente querendo ajudá-la - ele disse, inclinando-se para a frente e sussurrando. - Fui enviado por nosso conselho de anciãos para pedir-lhe que venha até nós, e logo. O domínio prosperou sob o comando da Senhora Naomi. Todos nós tínhamos o que comer e até as famílias mais pobres eram capazes de alimentar suas crianças. Comerciávamos com o continente, exploramos prata e cobre, instalamos muitas pequenas indústrias. A aliança entre o Senhor Arai, o Senhor Otori Shigeru e os Maruyama deveria estender essa prosperidade a todo o País Central. Queremos preservar ao máximo essa aliança.

- Tenho planos de visitar o Senhor Arai na primavera - disse Kaede. - Nessa ocasião irei formalizar nossa aliança.

- Então uma de suas condições deverá ser que ele a apóie em sua reivindicação por Maruyama. Só Arai tem força para dissuadir a enteada e o marido a se retirarem sem luta. E, se o combate acontecer, só seu exército será suficientemente grande para vencê-los. Precisa agir depressa. Assim que as estradas se abrirem novamente, vá a Inuyama e depois até nós, com a cobertura de Arai. Ele olhou para Kaede e disse, com um leve sorriso:

- Desculpe, não quero que pareça que estou querendo comandá-la. Mas espero que aceite minha opinião.

- Farei isso - ela disse. - Aliás, era o que já estava pensando em fazer, e seu apoio me dá coragem.

Continuaram conversando sobre quantos homens de Sugita poderia conseguir, e ele jurou que só entregaria o domínio a ela. Disse que partiria no dia seguinte, pois desejava estar de volta a Maruyama antes do ano novo. Depois disse, como que por acaso:

- É uma pena Otori Takeo estar morto. Se tivesse se casado com ele, seu nome e a ligação com os Otori a tornariam mais forte ainda.

O coração de Kaede parecia ter parado de bater, caindo do peito para o estômago.

- Não tive notícia de sua morte - ela disse, tentando manter a voz inalterada.

- Bem, é o que andam dizendo. Não sei de detalhes. Parece-me uma explicação óbvia para seu desaparecimento. Pode ser apenas um boato.

- Pode ser - disse Kaede, pensando em silêncio: "Ou talvez tenha morrido em campo aberto ou na montanha, e nunca ficarei sabendo." - Estou cansada, Senhor Sugita, me desculpe.

- Senhorita Shirakawa - ele fez uma reverência e se levantou. - Vamos entrar em contato assim que o tempo permitir. Espero-a em Maruyama na primavera; as forças do clã Ihe darão apoio. Se alguma coisa mudar, darei um jeito de Ihe mandar um recado.

Ela prometeu fazer o mesmo, impaciente para que ele saísse. Depois que Sugita se foi para o pavilhão de hóspedes, ela chamou por Shizuka, que a encontrou ansiosa e andando de um lado para o outro. Kaede pegou-lhe as duas mãos.

- Você está escondendo alguma coisa de mim?

- Senhorita? - Shizuka olhou-a, surpresa. - O que está querendo dizer? O que aconteceu?

- Sugita disse que ficou sabendo que Takeo está morto.

- É apenas um boato.

- Mas você ouviu falar?

- Sim, mas não acredito. Se estivesse morto, teríamos recebido a notícia. Como está pálida! Sente-se. Precisa se poupar, senão vai ficar doente de novo. Vou preparar as camas.

Shizuka a conduziu da sala principal para o quarto de dormir. Kaede despencou no chão, com o coração aos pulos.

- Tenho tanto medo de que ele morra antes que eu o veja de novo.

Shizuka ajoelhou-se a seu lado, desatou-lhe o cinto e ajudou-a a tirar os trajes formais.

- Vou massagear-lhe a cabeça. Fique quietinha. Kaede estava agitada. Virava a cabeça de um lado para o outro, puxava os próprios cabelos, apertava os pulsos. As mãos de Shizuka em sua cabeça não a aliviavam, pelo contrário, apenas lhe traziam a lembrança da tarde insuportável em Inuyama e dos acontecimentos que se seguiram. Ela tremia.

- Você tem que descobrir, Shizuka, preciso ter certeza. Mande uma mensagem a seu tio. Faça Kondo partir imediatamente.

- Pensei que estivesse começando a esquecê-lo -Shizuka murmurou, com as mãos massageando-lhe o couro cabeludo.

- Não consigo esquecê-lo. Tentei, mas assim que ouço seu nome tudo volta. Lembra-se do dia em que o vi pela primeira vez, em Tsuwano? Apaixonei-me por ele na mesma hora. Uma febre me invadiu. Foi... é como um encantamento, uma doença da qual nunca poderei me curar. Você disse que ia passar, mas não vai passar nunca.

Sua testa queimava sob os dedos de Shizuka. Alarmada, a moça perguntou:

- Quer que chame o doutor Ishida?

- Estou atormentada de desejo - Kaede falou, em voz baixa. - O doutor Ishida não poderá fazer nada contra isso.

- Desejo é coisa fácil de aliviar - Shizuka replicou, tranqüilamente.

- Meu desejo é só por ele. Nada, ninguém mais poderá aliviá-lo. Sei que tenho que tentar viver sem ele. Tenho deveres para com minha família que preciso cumprir, que vou cumprir. Mas, se ele morreu, vocês têm que me contar.

- Vou escrever a Kenji - Shizuka prometeu. - Vou mandar Kondo amanhã, embora ele nos seja indispensável...

- Mande-o - disse Kaede.

Shizuka fez uma infusão com as hastes de salgueiro que Ishida havia deixado e convenceu Kaede a tomá-la, no entanto ela teve um sono agitado e amanheceu abatida e febril.

Ishida veio, aplicou-lhe moxa e suas agulhas, repreendendo-a suavemente por não cuidar melhor de si mesma.

- Não é nada grave - ele disse a Shizuka, quando saíram do quarto. - Deve passar em um ou dois dias. Ela é muito sensível e exige muito de si mesma. Deveria se casar.

- Só há um homem com quem aceitará se casar, mas isso é impossível - disse Shizuka.

- O pai da criança? Shizuka meneou a cabeça.

- Ontem ela ouviu um boato de que ele morreu, e foi então que a febre começou - ela disse.

- Ah! - o olhar do médico tornou-se distante e pensativo. Shizuka imaginou que ele estivesse recordando alguma coisa ou alguém de sua juventude.

- Tenho receio dos próximos meses - ela disse. -Quando ficarmos isoladas pela neve, tenho medo de que ela fique deprimida.

- Trouxe uma carta do Senhor Fujiwara para ela. É um convite para que vá visitá-lo e fique por alguns dias. A mudança de ares poderá animá-la e distraí-la.

- O Senhor Fujiwara é muito bom para esta casa e nos dá muita atenção - Shizuka proferiu as palavras de agradecimento, automaticamente, e pegou a carta. Sentiu-se muito próxima daquele homem, quando suas mãos se tocaram brevemente. Seu olhar distante acendera alguma coisa dentro dela. Durante a doença de Kaede tinham passado muitas horas juntos, e ela admirara sua serenidade e competência. Ele era terno, diferente da maioria dos homens que conhecera.

- O senhor virá amanhã outra vez? - perguntou, olhando-o através dos cílios.

- Claro. E você me dirá qual foi a resposta dela à carta. Irá acompanhá-la à casa do Senhor Fujiwara?

- Claro! - ela ecoou, jovial.

Ele sorriu e tocou-lhe o braço, deliberadamente. A pressão de seus dedos causou-lhe um arrepio. Fazia muito tempo que não dormia com um homem. Teve um desejo súbito de sentir suas mãos tocarem-lhe o corpo todo. Queria deitar-se com ele e abraçá-lo. Ele o merecia, por sua ternura.

- Até amanhã - ele disse, com olhar caloroso, como se reconhecesse os sentimentos dela e os compartilhasse.

Ela enfiou as sandálias e correu para pedir aos criados que trouxessem a liteira.

A febre de Kaede cedeu e, ao entardecer, ela recuperara um pouco as energias. Ficara deitada o dia todo, debaixo de um monte de acolchoados, perto do braseiro que Ayame insistira em acender, apesar da resistência de Kaede, que pensava no futuro. Takeo talvez estivesse morto, seu filho estava, com certeza. Seu coração só pensava em acompanhá-los ao outro mundo, no entanto a razão lhe dizia que seria fraqueza jogar sua vida fora e abandonar os que dependiam dela. Uma mulher até poderia ter essa atitude, um homem nunca o faria.

"Shizuka tem razão", ela pensou. "Só conheço uma pessoa que pode me ajudar agora. Preciso fazer algum acordo com o Senhor Fujiwara."

Shizuka entregou-lhe a carta que Ishida trouxera de manhã. Fujiwara também lhe enviara presentes pelo ano novo, especialmente bolinhos de arroz, sardinhas secas e castanhas salgadas, rolinhos de algas e saque. Hana e Ai estavam ocupadas na cozinha, ajudando nos preparativos do festival.

- Sinto-me lisonjeada, ele me escreve em linguagem de homem dizendo que sabe que o entenderei - disse Kaede. - Mas há

muitos caracteres que não conheço -ela suspirou. - Ainda preciso aprender muita coisa. Será que um inverno vai ser suficiente?

- Vai aceitar o convite do Senhor Fujiwara?

- Acho que sim. Ele poderia me ensinar. Acha que ele aceitaria?

- Não há nada que ele deseje mais - Shizuka disse, decidida.

- Pensei que não quisesse mais saber de mim, mas ele diz que estava esperando meu restabelecimento. Estou melhor, como estarei sempre - a voz de Kaede revelava dúvida. - Preciso ficar bem. Tenho que cuidar de minhas irmãs, de minhas terras, de meus homens.

- Como já lhe disse muitas vezes, Fujiwara é seu melhor aliado para isso.

- Talvez não o melhor, mas o único. No entanto, não confio plenamente nele. O que quer de mim?

- O que a senhorita quer dele? - Shizuka replicou.

- É simples. Por um lado, que ele me ensine; por outro, dinheiro e comida para formar um exército e alimentá-lo. Mas o que posso lhe oferecer em troca?

Shizuka perguntou a si mesma se deveria lhe falar que Fujiwara desejava casar-se com ela, porém resolveu não dizer nada, pois aquilo poderia perturbar Kaede e fazer a febre voltar. Seria melhor ele mesmo lhe falar. E certamente falaria.

- Ele me chama de Senhorita Shirakawa. Tenho vergonha de encará-lo, depois de o ter decepcionado - disse Kaede.

- Deve saber do desejo de seu pai com relação a seu nome - disse Shizuka. - Todos sabem que seu pai, antes de morrer, a designou sua herdeira. Disso temos certeza.

Kaede olhou para ela, pensando que estivesse zombando, mas Shizuka estava séria.

- Claro, eu tinha que cumprir o desejo do meu pai -ela concordou.

- Então não há nada mais que o Senhor Fujiwara tenha que saber. A obediência filial está acima de tudo.

- É o que diz Kung Fu Tzu - disse Kaede. - Ele não precisa saber de mais nada, no entanto suponho que queira saber de muita coisa mais. Isto é, se ainda está interessado em mim.

- Com certeza está - Shizuka assegurou, observando que Kaede estava mais linda do que nunca. A doença e o luto haviam eliminado as últimas marcas da infância de seu rosto, conferindo-lhe uma expressão de profundidade e mistério.

Festejaram o ano novo com os presentes de Fujiwara, e comeram o macarrão de trigo-sarraceno e o feijão-preto que Ayame havia guardado no final do verão. A meia-noite foram para o templo, onde ouviram os cantos dos sacerdotes e o dobrar dos sinos pela extinção das' paixões humanas. Kaede sabia que devia rezar para se livrar de todas elas e se purificar, mas viu-se pedindo o que mais desejava, ou seja, que Takeo estivesse vivo e, depois, dinheiro e poder.

No dia seguinte, as mulheres da casa, carregando velas, incenso e lampiões, tangerinas secas, castanhas doces e caquis secos, foram até as grutas onde o rio Shirakawa emergia de uma série de cavernas subterrâneas. Lá realizaram suas cerimônias diante da rocha em que a água esculpira a forma da Deusa Branca. Nenhum homem podia entrar naquele lugar; se isso acontecesse, a montanha desmoronaria e o Shirakawa se extinguiria. Um casal de velhos morava atrás de um santuário que havia na entrada da gruta, e só a mulher entrava para levar as oferendas à deusa. Kaede se ajoelhou na pedra úmida ouvindo as antigas palavras murmuradas, cujo sentido ela pouco entendeu. Pensou em sua mãe e na Senhora Maruyama, pedindo que a ajudassem e intercedessem por ela. Aquele lugar sagrado significava muito para Kaede e ela sentiu que a deusa a estava protegendo.

No dia seguinte foi ter com o Senhor Fujiwara. Hana estava decepcionada por não ir junto e chorou ao se despedir de Kaede e Shizuka.

- É só por alguns dias - disse Kaede.

- Por que não posso ir com vocês?

- O Senhor Fujiwara não a convidou. Além disso, você iria detestar a visita. Teria que se comportar, conversar formalmente e ficar quase o tempo todo sentada, quietinha.

- Você vai detestar?

- Acho que sim - Kaede suspirou.

- Pelo menos vai comer coisas deliciosas - Hana disse, acrescentando, contrariada: - Droga!

- Enquanto estivermos comendo as iguarias dele, aqui vai sobrar mais para vocês - Kaede replicou. De fato, essa era uma das razões por que ela estava satisfeita por se afastar durante alguns dias. Cada vez que examinava e calculava os estoques de alimento,

mais óbvio se tornava que lhes faltaria o que comer antes da primavera.

- E alguém tem que distrair o menino Mitsuru - Shizuka disse. -
Você precisa fazer tudo para ele não sentir saudade de casa.

- Ai que faça - Hana retrucou. - Ele gosta de Ai.

Kaede tinha notado a mesma coisa. A irmã não demonstrava corresponder à afeição, mas ela era tímida quanto a essas questões. E, de qualquer modo, Kaede se perguntava que diferença fariam seus sentimentos. Logo Ai teria que ficar noiva. No ano novo fizera quatorze anos. Talvez aquele Sonoda Mitsuru, se o tio o adotasse, fosse um bom candidato, no entanto ela não entregaria a irmã por um preço qualquer.

"Dentro de um ano, vai haver fila para conseguir um casamento com as Shirakawa", ela refletiu.

Ai corou um pouco diante da observação de Hana.

- Cuide-se, irmã mais velha - ela disse, abraçando Kaede. - Não se preocupe conosco. Vou tomar conta de tudo por aqui.

- Não estaremos longe. Mande me chamar, se for preciso - Kaede respondeu, e não pôde deixar de acrescentar: - E, se chegar alguma mensagem para mim, se Kondo voltar, mande me avisar imediatamente.

Chegaram à casa do Senhor Fujiwara no começo da tarde. O dia começara ameno e encoberto. Ainda durante a viagem, no entanto, o vento virou para o nordeste e a temperatura baixou.

Mamoru veio ao encontro delas, transmitiu os cumprimentos do nobre cavaleiro e as conduziu, não ao quarto de hóspedes que haviam ocupado anteriormente, mas a outro pavilhão menor, menos decorado, porém, para o gosto de Kaede, mais bonito ainda, com uma elegante simplicidade e cores neutras. Sentiu-se agradecida por aquela consideração, pois temera encontrar o fantasma enfurecido do pai no quarto em que seu segredo lhe fora revelado.

- O Senhor Fujiwara imagina que a Senhorita Shirakawa prefira descansar esta noite - disse Mamoru, em voz baixa. - Amanhã ele a receberá, se for de seu agrado.

- Obrigada - disse Kaede. - Por favor, diga ao Senhor Fujiwara que estou inteiramente a seu dispor. Farei o que ele desejar.

Ela já percebera uma certa tensão. Mamoru usara seu nome sem hesitar, examinara-a de soslaio à chegada, como se tentasse discernir qualquer mudança nela, mas depois não a olhara, nem de relance. No entanto, sabia o quanto o rapaz captara dela, sem deixar transparecer nada. Kaede se empertigou e olhou-o com uma expressão de desdém. Ele que a examinasse à vontade, para compor os papéis que desempenhava no palco. Nunca seria mais do que uma imitação. Kaede não se importava com o que ele pudesse

pensar dela. "Deve me desprezar", disse a si mesma, "porém, se o demonstrar pelo mais leve pestanejar, irei embora e nunca mais o verei, seja o que for que faça por mim."

Estava aliviada com o adiamento do encontro. Ishida lhes fez uma visita, tomando-lhe o pulso e examinando-lhe os olhos. Disse-lhe que prepararia um tipo de chá diferente, para lhe purificar o sangue e fortalecer o estômago. Pediu que mandasse Shizuka a seus aposentos no dia seguinte para buscá-lo.

Um banho fora preparado para Kaede, e ela se aqueceu não só pela água mas também de inveja pela quantidade de madeira usada para esquentá-lo. Depois, a comida lhes foi trazida por algumas criadas que mal abriram a boca.

- É a refeição de inverno tradicional das senhoras! -Shizuka exclamou, ao ver as iguarias da estação: brema e lulas cruas, enguia grelhada com perila verde e raiz-forte, raros cogumelos pretos e bardana, tudo arrumado em travessas de laca.

- Isso é o que se come na capital. Eu me pergunto quantas outras mulheres nos Três Países estarão comendo iguarias tão maravilhosas esta noite!

- Tudo aqui é maravilhoso - replicou Kaede. "Como é fácil ter luxo e bom gosto quando se tem dinheiro", ela pensou.

Tinham terminado de comer e já estavam pensando em se recolher quando alguém bateu à porta.

- As criadas vieram arrumar as camas - disse Shizuka, levantando-se para atender.

Ao abrir a porta, lá estava Mamoru, com neve nos cabelos.

- Peço desculpas - ele disse -, mas a primeira neve do ano começou a cair. O Senhor Fujiwara deseja fazer uma visita à Senhorita Shirakawa. A vista deste pavilhão é particularmente bonita.

- Esta é a casa do Senhor Fujiwara - disse Kaede. -Sou sua hóspede. O que for de seu agrado será do meu também.

Mamoru virou as costas e ela o ouviu falar com as criadas. Alguns momentos depois, duas delas entraram no aposento trazendo roupas quentes acolchoadas, que vestiram nela. Acompanhadas por Shizuka, saíram à varanda. Peles de animais foram dispostas sobre as almofadas, para elas se sentarem. Lanternas penduradas nas árvores iluminavam os flocos de neve. O chão já estava branco. Um jardim de pedras estendia-se sob dois pinheiros não muito altos, que formavam belos padrões, emoldurando a cena. Por trás deles, avistava-se vagamente, através da neve, o vulto maciço da montanha. Kaede ficou em silêncio, fascinada pela beleza do cenário, por sua pureza tranqüila.

O Senhor Fujiwara aproximou-se tão silenciosamente que elas mal o ouviram. Ambas se ajoelharam diante dele.

- Senhorita Shirakawa - ele disse -, sou-lhe muito grato. Em primeiro lugar, por consentir em visitar este lar humilde, em segundo lugar por atender a meu desejo caprichoso de compartilhar a visão da primeira neve com a senhorita - e acrescentou: - Por favor, agora sente-se. Agasalhe-se, não pode se resfriar.

Criados enfileiravam-se atrás dele trazendo braseiros, garrafas de vinho, taças e peles. Mamoru pegou uma das peles e colocou-a nos ombros de Kaede, depois envolveu Fujiwara em outra, quando ele se sentou ao lado da moça. Kaede afagou a pele com um misto de deleite e irritação.

- Vêm do continente - disse Fujiwara, depois de trocarem os cumprimentos formais. - Ishida as traz quando faz suas expedições.

- São de que animal?

- Creio que de um tipo de urso.

Ela não conseguia conceber um urso tão grande. Imaginou-o em sua terra nativa, tão distante e estranha. Devia ser um animal forte, de movimentos lentos, feroz, e mesmo assim fora morto e esfolado pelos homens. Perguntava-se se seu espírito ainda estaria de algum modo naquela pele e se a sentiria desfrutar de seu calor. Estremeceu.

- O doutor Ishida além de inteligente é corajoso, para se lançar em aventuras tão perigosas.

- Parece-me que ele tem uma sede insaciável de saber. Claro que se sentiu recompensado pela recuperação da Senhorita Shirakawa.

- Devo-lhe minha vida - ela disse, em voz baixa.

- Então, para mim ele é mais precioso ainda do que já era.

Ela percebeu sua ironia de sempre, no entanto sem nenhum desrespeito. Na verdade, não poderia ter sido mais lisonjeira.

- Como é linda a primeira neve - ela disse -, embora no final do inverno fiquemos ansiosos para que se derreta.

- A neve me agrada - ele disse. - Gosto de sua brancura e da maneira como envolve o mundo. Debaixo dela, tudo se torna limpo.

Mamoru serviu-lhe vinho. Depois desapareceu nas sombras. As criadas se retiraram. Na verdade, eles não estavam sozinhos, embora a impressão fosse de solidão, como se apenas houvesse os dois, os braseiros brilhantes, as peles pesadas e a neve.

Depois de observarem em silêncio por alguns momentos, Fujiwara chamou as criadas para que trouxessem mais lanternas.

- Quero ver seu rosto - ele disse, inclinando-se e estudando-a do mesmo modo ávido pelo qual ela examinara seus tesouros. Kaede levantou os olhos para pousá-los além dele, na neve, que agora caía mais intensamente, rodopiando à luz das lanternas, delineando as montanhas, branqueando o mundo lá fora.

- Talvez mais linda do que nunca - ele disse, calmamente.

Ela teve a impressão de notar-lhe um tom de alívio na voz. Sabia que, se a doença a tivesse prejudicado de algum modo, ele se retiraria educadamente, para nunca mais vê-la. Todos morreriam de fome em Shirakawa, sem que ele esboçasse nenhum gesto de ajuda ou compaixão. "Como é frio", ela pensou, sentindo seu próprio corpo reagir com um calafrio, sem no entanto o demonstrar. Continuou olhando como que através dele, deixando a neve encher seus olhos

e ofuscá-la. Iria manter-se fria como gelo, como *céladon*. Se Fujiwara quisesse possuí-la, teria que pagar caro.

Ele bebeu, encheu o copo e bebeu de novo, sem tirar os olhos do rosto de Kaede. Por fim disse, abruptamente:

- Claro que a senhorita deverá se casar.

- Não tenho nenhuma intenção de me casar - Kaede replicou, depois temendo ter sido muito rude.

- Imaginei que fosse dizer isso, pois sempre sustenta opiniões diferentes diante do mundo. Mas, na prática, precisa se casar. Não tem alternativa.

- Minha reputação é muito desfavorável - disse Kaede.

- Muitos homens ligados a mim acabaram morrendo. Não quero ser causa de outras mortes.

Sentiu que o interesse dele aumentava, notou que a curva de sua boca se pronunciara levemente. Mas sabia que não era de desejo por ela. Era a mesma emoção fugaz que captara antes, uma curiosidade intensa, embora cuidadosamente controlada, de conhecer todos os seus segredos.

Chamou Mamoru, pedindo-lhe que mandasse as criadas se retirarem e fizesse o mesmo.

- Onde está sua acompanhante? - perguntou a Kaede.

- Peça-lhe que a espere lá dentro. Quero lhe falar em particular.

Kaede falou com Shizuka. Depois de uma pausa, Fujiwara prosseguiu.

- Está agasalhada? Não quero que fique doente outra vez. Ishida me disse que a senhorita é propensa a ter febres súbitas.

"É claro que Ishida deve ter-lhe falado tudo a meu respeito", Kaede pensou, ao responder:

- Obrigada, por enquanto não estou com frio. Mas o Senhor Fujiwara deverá me desculpar se não ficar acordada por muito tempo. Tenho me cansado muito depressa.

- Conversaremos só mais um pouco - ele disse. -Temos muitas semanas pela frente, na verdade o inverno todo, espero. Mas há algo nesta noite, sua presença em minha casa... é uma lembrança que guardaremos por toda a vida.

"Ele quer se casar comigo", Kaede pensou, sentindo um choque e, logo depois, um profundo desconforto. Se Fujiwara lhe oferecesse casamento, como ela poderia recusar? Usando suas próprias palavras, "na prática" fazia sentido, perfeitamente. Era uma honra muito maior do que ela merecia, resolveria seus problemas de dinheiro e alimento, era uma aliança altamente desejável. Kaede sabia, no entanto, que ele tinha preferência por homens, que não a amava nem a desejava. Queria possuí-la. Rezou para que ele não falasse, pois não via como recusá-lo. Temia a força de sua vontade, que sempre conseguia o que queria e fazia tudo à sua maneira. Duvidava de sua própria força para contrariá-lo. Além de ser um insulto inconcebível para alguém de sua categoria, Fujiwara exercia um fascínio sobre Kaede, um poder que ela mesma não compreendia.

- Nunca vi um urso - ela disse, querendo mudar de assunto, envolvendo-se mais na pele pesada.

- Aqui nas montanhas temos ursos menores. Certa vez um deles até chegou ao jardim, depois de um inverno especialmente longo. Capturei-o e coloquei-o numa jaula por um tempo, até que ele definhou e morreu. Mas não tinha nem de longe esse tamanho. Algum dia Ishida nos contará sobre suas viagens. Gostaria de ouvir?

- Muito. É a única pessoa que conheço que já esteve no continente.

- É uma viagem perigosa. Além das tempestades, sempre há o risco de um encontro com piratas.

Kaede sentiu que preferia enfrentar uma dúzia de ursos ou vinte piratas a ficar ao lado daquele homem enervante. Não tinha mais o que dizer. Sentia-se incapaz de fazer o que quer que fosse.

- Mamoru e Ishida me disseram o que as pessoas andam dizendo, que o desejo pela senhorita acarreta a morte.

Kaede não disse nada. "Não me intimidarei", pensou. "Não fiz nada de errado." Levantou os olhos e o encarou, com expressão calma e inalterada.

- No entanto, Ishida me contou que houve um homem que a desejou e escapou da morte.

Ela sentiu o coração se contorcer e pular, como um peixe cortado pela faca do cozinheiro. Seus olhos piscaram, um pequeno músculo de sua face se contraiu. Ele desviou os olhos e fitou a neve. "Está perguntando o que não deveria", ela pensou, "vou responder, mas ele há de pagar caro." Percebendo o ponto fraco de Fujiwara, Kaede teve consciência do próprio poder e começou a recuperar a coragem.

- Quem foi? - ele sussurrou.

Só o cair suave da neve, o vento nos pinheiros e o murmúrio da água quebravam o silêncio da noite.

- O Senhor Otori Takeo - ela disse.

- Só podia ser ele - replicou Fujiwara, fazendo-a perguntar-se o que teria dito antes e o que ele saberia sobre Takeo. Ele se inclinou, fazendo a luz da lanterna iluminar-lhe o rosto. - Fale-me sobre isso.

- Eu poderia lhe contar muita coisa - ela foi dizendo, lentamente. - Sobre a traição e a morte do Senhor Shigeru, sobre a vingança do Senhor Takeo, sobre o que aconteceu na noite em que Iida morreu e Inuyama foi derrubado. Porém, cada história tem um preço. O que me dará em troca?

Ele sorriu e disse, em tom cúmplice:

- O que a Senhorita Shirakawa quer?

- Preciso de dinheiro para contratar homens, equipá-los e alimentá-los.

Quase gargalhando, ele replicou:

- A maioria das mulheres da sua idade pediria um leque ou um vestido novo. Mas a senhorita sempre consegue me surpreender.

- Aceita meu preço? - ela sentiu que nada tinha a perder em ousadia.

- Aceito. Por Iida, dinheiro; por Shigeru, arroz. E pelo sobrevivente, pois suponho que ainda esteja vivo... O que deseja receber pela história de Takeo?

Sua voz se alterou ao pronunciar o nome, como se sentisse seu gosto na boca, e ela voltou a se perguntar o que ele saberia sobre Takeo.

- Ensine-me - ela disse. - Há muita coisa que preciso saber. Ensine-me como se eu fosse um rapaz.

Ele inclinou a cabeça, concordando.

- Será um prazer dar continuidade aos ensinamentos de seu pai.

- Porém, tudo o que for dito entre nós deverá ser mantido em segredo. Como os tesouros de sua coleção. Nada deverá ser exposto. Só direi essas coisas para o senhor. Ninguém mais deverá saber delas.

- Isso as torna ainda mais preciosas, mais desejáveis.

- Ninguém mais jamais as ouviu - Kaede sussurrou. - E, depois de contá-las ao senhor, nunca mais falarei delas.

O vento aumentou um pouco, uma lufada de neve entrou na varanda e os flocos chiavam ao cair nas lanternas e nos braseiros. Kaede sentia o frio subir-lhe pelos ossos, juntando-se ao frio de seu coração e de seu espírito. Teve vontade de deixá-lo, embora soubesse que não poderia sair dali enquanto ele não a liberasse.

- Está com frio - ele disse, batendo palmas.

As criadas surgiram das sombras e ajudaram Kaede a se levantar, erguendo a pele enorme de seus ombros.

- Estou ansioso por ouvir suas histórias - ele disse, desejando-lhe boa noite com excepcional amabilidade.

Kaede, no entanto, perguntava-se se não teria feito um pacto com um demônio infernal. Rezava para que ele não a pedisse em casamento. Não conseguia imaginar tormento maior do que se encerrar para sempre naquela casa bonita e luxuosa, ficar escondida como um tesouro, para ser contemplada apenas por ele.

No final da semana, ela voltou para casa. A primeira neve derreteria e se congelara, a estrada estava coberta de gelo mas continuava transitável. Dos beirais dos telhado, pingentes de gelo gotejavam sob o sol, cintilando e brilhando. Fujiwara cumprira sua palavra. Era um professor rigoroso e exigente, e passara-lhe tarefas

que deveriam ser realizadas antes que ela voltasse à casa dele. Já enviara alimentos para suas criadas e seus homens.

Os dias tinham sido dedicados a estudar e as noites a contar histórias. Kaede sabia, instintivamente, o que ele queria ouvir e contava-lhe detalhes que ela mesma não imaginara lembrar: a cor das flores, o cantar dos pássaros, a condição exata do tempo, o toque de uma mão, o cheiro de um traje, a luz de uma lanterna sobre um rosto. E as forças ocultas de desejo e conspiração de que ela ao mesmo tempo sabia e não sabia tornavam-se claras à medida que falava. Contou-lhe tudo, com voz clara e melodiosa, sem mostrar vergonha, pesar nem arrependimento.

Ele relutou em deixá-la voltar para casa, mas Kaede usou as irmãs como pretexto. Sabia que Fujiwara queria que ficasse para sempre, e silenciosamente ela se contrapôs a esse desejo. No entanto, todos pareciam compartilhá-lo. As criadas esperavam por isso e passaram a tratá-la de modo diferente. Tinham-lhe uma deferência como se ela fosse mais do que uma hóspede privilegiada. Pediam-lhe autorização, opiniões, e ela sabia que só agiam assim porque ele havia ordenado.

Sentiu-se profundamente aliviada quando o deixou e apavorava-se diante da idéia de ter que voltar àquela casa. No entanto, ao chegar em casa e ver os alimentos, a lenha e o dinheiro que ele mandara, agradeceu-lhe por ter salvo sua família da fome. Aquela noite, deitou-se pensando: "Estou encurralada. Nunca escaparei dele. O que posso fazer?"

Demorou muito para adormecer e, na manhã seguinte, dormiu até tarde. Quando ela acordou, Shizuka não estava no quarto. Chamou-a, e foi Ayame que surgiu, trazendo o chá. Serviu uma *xícara* para Kaede.

- Shizuka está com Kondo - ela disse. - Ontem ele chegou tarde da noite.

- Diga-lhe que quero falar com ela - disse Kaede, olhando para o chá como se não soubesse o que fazer com ele. Tomou um gole, colocou a *xícara* na bandeja, depois a ergueu de novo. Segurou a *xícara* com as duas mãos, que estavam geladas, tentando aquecê-las.

- Foi o Senhor Fujiwara que mandou esse chá - falou Ayame. - Mandou uma caixa inteira. Não é delicioso?

- Vá chamar Shizuka! - Kaede gritou, zangada. - Diga-lhe que venha imediatamente.

Alguns minutos depois, Shizuka entrou no quarto e ajoelhou-se diante de Kaede. Sua expressão era sombria.

- O que foi? - perguntou Kaede. - Está morto? - a xícara começou a tremer em suas mãos, derramando chá.

Shizuka tirou-lhe a xícara das mãos e segurou-as entre as suas.

- Não precisa se afligir. Não precisa ficar doente. Ele não está morto. Mas deixou a Tribo e eles soltaram um manifesto contra ele.

- O que isso significa?

- Lembra-se do que ele lhe disse em Terayama? Que se não fosse com eles não o deixariam viver? É isso.

- Por quê? - disse Kaede. - Por quê? Não consigo entender.

- Os da Tribo são assim. Para eles, obediência é tudo.

- Então por que ele os deixou?

- Não está muito claro. Houve algumas altercações, algumas discordâncias. Foi mandado para uma missão e nunca mais voltou - Shizuka fez uma pausa. - Kondo acha que ele está em Terayama. Se isso for verdade, estará a salvo até o final do inverno.

Kaede soltou suas mãos das de Shizuka e se pôs de pé.

- Preciso ir até lá!

- Impossível - disse Shizuka. - Já está isolado pela neve.

- Preciso vê-lo - disse Kaede, com os olhos em chamas no rosto pálido. - Se saiu da Tribo, voltou a ser um Otori. Se ele é Otori, podemos nos casar!

- Senhorita! - Shizuka pôs-se de pé também. - Que loucura é essa? Não pode simplesmente sair correndo atrás dele! Mesmo que as estradas estivessem desimpedidas, seria inconcebível. É muito melhor, se a senhorita realmente quer o que diz querer, casar-se com o Senhor Fujiwara. É o que ele deseja.

Kaede fez força para se controlar.

- Nada me impedirá de ir a Terayama. Poderia ir... em peregrinação... para agradecer à toda-misericordiosa por me salvar a vida. Prometi ir a Inuyama, para encontrar Arai, assim que a neve derreter. No caminho, irei até o templo. Mesmo que o Senhor Fujiwara queira se casar comigo, não posso fazer nada sem consultar o Senhor Arai. Oh, Shizuka, quanto tempo falta para chegar a primavera?

9.

Os dias de inverno se arrastavam. Todos os meses, Kaede ia à residência do Senhor Fujiwara, onde permanecia por uma semana e recontava a história de sua vida, à noite, enquanto a neve caía ou a lua brilhava, fria, no jardim congelado. Ele perguntava muita coisa e fazia-a repetir muitas passagens.

- Poderia ser o tema de uma peça de teatro - ele costumava dizer. - Talvez eu tente escrevê-la.

- Nunca poderia mostrá-la a ninguém - ela replicava.

- Não, o prazer estaria em escrever. Iria compartilhá-lo com a senhorita, é claro. Poderíamos encená-la uma só vez, para nosso deleite, e depois matar os atores.

Com freqüência ele fazia comentários desse tipo, sem nenhum toque de emoção, alarmando-a cada vez mais, embora ela ocultasse seus temores. Quanto mais ela repetia a história, mais sua expressão adquiria as características de uma máscara e mais seus gestos se tornavam estudados, como se estivesse eternamente encenando sua vida num palco que ele tivesse criado tão cuidadosamente quanto o teatro de construção perfeita em que Mamoru e os outros rapazes interpretavam seus papéis.

Durante o dia, ele cumpria sua promessa de ensiná-la como se ela fosse um homem. Falava-lhe na linguagem dos homens e a fazia usá-la também. Divertia-se em vê-la vestida com as roupas de Mamoru, com os cabelos presos para trás. Aquele desempenho a exauria, mas ela aprendia.

Fujiwara manteve suas outras promessas, mandando alimentos para sua casa e entregando dinheiro a Shizuka ao final de cada visita. Kaede o contava com a mesma avidez com que estudava. Considerava ambas as coisas igualmente importantes para seu futuro, pois lhe proporcionariam liberdade e poder.

No início da primavera, houve um amargo período de tempo frio que congelou os botões de flor nos galhos das ameixeiras. A impaciência de Kaede aumentava com o prolongamento dos dias. O frio mais intenso e rigoroso, seguido de neve, quase a enlouquecia. Sentia sua mente agitada como um pássaro preso dentro de casa, porém não ousava compartilhar seus sentimentos com ninguém, nem mesmo com Shizuka.

Nos dias ensolarados, ia ao estábulo e observava Raku, quando Amano soltava os cavalos para que galopassem pelos campos. O animal parecia olhar indagador para o nordeste, farejando o vento cortante.

- Logo mais - ela lhe prometia. - Logo mais partiremos.

Finalmente chegou a lua cheia do terceiro mês, trazendo do sul um vento quente. Kaede acordou com o som da água gotejando dos beirais, escorrendo pelo jardim, caindo pelas cascatas. Em três dias a neve se fora. O mundo, desnudo e lamacento, aguardava encher-se novamente de sons e cores.

- Terei de me afastar por algum tempo - ela disse a Fujiwara, em sua última visita. - O Senhor Arai mandou me chamar a Inuyama.

- Pedirá permissão dele para se casar? - ele já mencionara o assunto antes e agora o tratava como se fosse um fato já aceito pelos dois.

- É uma coisa que preciso discutir com ele antes de tomar qualquer decisão - ela murmurou.

- Então a deixarei partir - seus lábios curvaram-se ligeiramente, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

Ela passara o último mês fazendo os preparativos, esperando o degelo, grata pelo dinheiro de Fujiwara. Uma semana depois, Kaede partiu, numa manhã fria, em que o sol surgia e desaparecia por trás de nuvens que corriam levadas pelo vento leste, forte e constante. Hana suplicara para ir junto, e de início Kaede pensara em levá-la. No entanto, veio-lhe o temor de que, ao chegarem a Inuyama, Arai quisesse manter a irmã como refém. Não admitia, nem para si mesma, que se Takeo estivesse em Terayama ela talvez nunca fosse até a capital. Ai não quis ir junto, e, para sua própria segurança, Kaede deixou seu refém, Mitsuru, com Shoji.

Ela levou Kondo, Amano e mais seis homens. Queria caminhar rápido, sempre consciente do quanto uma vida pode ser curta e do quanto cada hora era preciosa. Vestiu roupas de homem e montou Raku. O animal suportara bem o inverno, quase não perdera peso e saiu numa avidez quase igual à dela. Já estava perdendo o pelame de inverno e os pêlos cinzentos grudavam-se à roupa dela.

Shizuka a acompanhava, junto com uma criada da casa, Manami. Shizuka decidira chegar pelo menos até Terayama e,

enquanto Kaede fosse à capital, iria à casa de seus avós, nas montanhas que ficavam atrás de Yamagata, para ver seus filhos. Manami era uma mulher sensível e prática, que logo se encarregou de supervisionar as refeições e o alojamento nas estalagens ao longo da estrada, pedindo água e alimentos quentes, discutindo preços, interpelando os donos e sempre conseguindo o que queria.

- Não preciso me preocupar com quem vai cuidar da senhorita quando eu a deixar - Shizuka disse, na terceira noite, ao ouvir Manami exigindo que o dono da estalagem arranjasse camas baixas e sem pulgas. - Acho que a língua de Manami deteria até os passos de um bicho-papão.

- Vou sentir sua falta - disse Kaede. - Tenho a impressão de que você é minha coragem. Não sei se terei força sem você. Quem me dirá o que está acontecendo por baixo de todas as mentiras e simulações?

- A senhorita conseguirá percebê-lo sozinha - replicou Shizuka. - Além disso, Kondo estará a seu lado. Sem mim, causará melhor impressão sobre Arai!

- O que posso esperar de Arai?

- Ele sempre tomou seu partido. Continuará a defendê-la. É generoso e leal, a não ser quando julga que foi desconsiderado ou enganado.

- Eu o achava impulsivo - disse Kaede.

- A ponto de ser cruel. É inflamado em todos os sentidos da palavra, apaixonado e inflexível.

- Você o amou muito? - perguntou Kaede.

- Eu era apenas uma menina. Foi meu primeiro amante. Amei-o profundamente, e ele deve ter me amado à sua maneira. Ficou comigo por dez anos.

- Pedirei a ele que a perdoe! - exclamou Kaede.

- Não sei o que me apavora mais, seu perdão ou sua fúria - confessou Shizuka, pensando no doutor Ishida e no caso discreto e inteiramente sereno que tiveram durante o inverno.

- Então talvez eu nem a mencione.

- É melhor, mesmo, não dizer nada - concordou Shizuka. - De qualquer modo, a maior preocupação de Arai será seu casamento e as alianças que poderão ser feitas através dele.

- Não me casarei enquanto não tiver garantido Maruyama - replicou Kaede. - Primeiro ele terá que me ajudar nisso.

"Mas primeiro preciso ver Takeo", ela pensou. "Se ele não estiver em Terayama, irei esquecê-lo. Será sinal de que não está destinado a mim. Ah, Céu misericordioso, faça com que esteja lá!"

À medida que a estrada subia, avançando pela cadeia de montanhas, o degelo era menos visível. Em alguns lugares, camadas de neve não derretida cobriam os caminhos e, muitas vezes, pisava-se no gelo. As patas dos cavalos tinham sido envolvidas em palha, porém eles caminhavam lentamente e a impaciência de Kaede aumentava.

Finalmente, num entardecer, chegaram à estalagem que ficava ao pé da montanha sagrada, onde Kaede descansara quando visitara o templo pela primeira vez, com a Senhora Maruyama. Lá passariam a noite, antes de empreenderem a escalada final, no dia seguinte.

Kaede teve um sono inquieto, com a mente tomada pelos companheiros de sua viagem anterior, cujos nomes agora estavam inscritos nas lápides da morte. Relembrou o dia em que tinham se afastado juntos, cavalgando, todos animados, planejando assassinatos e guerras. Na época ela nada sabia de tudo aquilo; era uma adolescente imatura, que embalava um amor secreto. Sentiu uma onda de piedade zombeteira pela criatura inocente e ingênua que fora. Transformara-se completamente, mas seu amor permanecia inalterado.

A luz empalidecia por trás das janelas e os pássaros cantavam. O quarto parecia insuportavelmente abafado.

Manami roncava levemente. Kaede se levantou em silêncio, vestiu um roupão acolchoado e abriu a porta que dava para o pátio. Atrás dos muros, ouvia os cavalos batendo as patas no chão. Um deles relinchou, como que reconhecendo alguém. "Os homens já devem ter acordado", pensou, e ouviu passos atravessar o portão. Ela voltou para trás da porta.

Tudo estava enevoadado e indistinto à luz da aurora. Um vulto entrou no pátio. Kaede pensou: "É ele." E pensou: "Não pode ser."

Takeo surgiu da névoa, caminhando na direção dela.

Kaede foi até a varanda e, quando ele a reconheceu, a moça viu o olhar que perpassou seu rosto. Com gratidão e alívio, ela pensou: "Está tudo bem. Ele está vivo. Ele me ama."

Takeo subiu até a varanda silenciosamente e ajoelhou-se diante dela. Ela se ajoelhou também.

- Sente-se - Kaede sussurrou.

Assim ele fez, e os dois ficaram se olhando por um longo instante, ela como se quisesse tragá-lo, ele de lado, sem a encarar. Sentaram-se desajeitados, com tanta coisa entre eles, tanta saudade profunda.

Finalmente, Takeo disse:

- Vi meu cavalo. Soube que você devia estar aqui, mas não pude acreditar.

- Ouvi que você estava aqui. Correndo muito perigo, mas vivo.

- O perigo não é tão grande assim - ele disse. - O maior perigo é você não me perdoar.

- Não posso deixar de perdoá-lo - ela replicou, simplesmente. -
Desde que não volte a se afastar de mim.

- Ouvi dizer que estava para se casar. Senti medo, durante
todo o inverno.

- Há uma pessoa que quer se casar comigo: o Senhor Fujiwara.
Mas ainda não nos casamos, nem sequer estamos noivos.

- Então, precisamos nos casar imediatamente. Você veio visitar
o templo?

- Era essa minha intenção. Depois iria a Inuyama.

Ela examinava seu rosto. Parecia mais velho, os ossos eram mais pronunciados, a boca mais marcada. O cabelo, mais curto do que antes, não era puxado para trás, à maneira dos guerreiros, mas caía-lhe na testa, denso e lustroso.

- Vou mandar alguns homens para escoltá-la na subida da montanha. Esta noite, no templo, irei até o alojamento das mulheres. Temos muita coisa para planejar. Não olhe dentro dos meus olhos - acrescentou. - Não quero que adormeça.

- Não importa - ela respondeu. - Raramente adormeço. Faça-me dormir até a noite, assim as horas passarão mais depressa. Quando adormeci, da outra vez, a Deusa Branca me apareceu numa visão. Disse-me que tivesse paciência, que esperasse por você. Estou aqui para agradecer a ela e para salvar minha vida.

- Disseram-me que você estava morrendo - ele disse, e não pôde continuar. Depois de alguns momentos, fez um esforço e falou:
- Muto Shizuka está com você?

- Está.

- E também um homem da Tribo, Kondo Koichi?

Ela confirmou.

- Deve mandá-los embora. Por enquanto, deixe seus outros homens aqui. Tem outra mulher para acompanhá-la?

- Sim - disse Kaede. - Mas acho que Shizuka não faria nada para prejudicá-lo.

No entanto, ao mesmo tempo que dizia isso, Kaede pensava: "Como posso saber? Será que posso confiar em Shizuka? Ou em Kondo? Já assisti à sua crueza."

- Estou condenado à morte pela Tribo - disse Takeo. - Por isso, qualquer um deles é um perigo para mim.

- E não é perigoso você se afastar assim? Ele sorriu:

- Nunca permiti que ninguém me restringisse. Gosto de explorar as redondezas, à noite. Preciso conhecer a área e saber se os Otori estão planejando me atacar, atravessando a fronteira. Estava voltando quando vi Raku. Ele me reconheceu. Você ouviu?

- Ele também estava esperando por você - ela disse, sentindo o sofrimento em suas entranhas. - Todo o mundo quer sua morte?

- Não vão conseguir. Ainda não. À noite vou lhe contar por quê.

Kaede desejou que ele a abraçasse. Seu corpo inclinava-se para ele. Takeo correspondeu no mesmo instante e a estreitou em seus braços. Ela sentiu seu coração bater, seus lábios beijar-lhe o pescoço. Então Takeo sussurrou:

- Alguém acordou. Preciso ir embora.

Ela não ouviu. Takeo a afastou delicadamente.

- Até a noite - ele disse.

Kaede procurou seus olhos, quase desejando mergulhar no sono, mas ele se fora. Ela gritou, alarmada. Não havia sinal de Takeo no pátio nem nas proximidades. Os sininhos de vento soavam estridentes, como se alguém tivesse passado debaixo deles. O

coração de Kaede batia furiosamente. Teria sido o espírito de Takeo que viera até ela? Estaria sonhando? O que encontraria ao acordar?

- O que está fazendo aqui fora, senhorita? - a voz de Manami se aguçara de preocupação. - Vai acabar morrendo de frio.

Kaede aconchegou-se ao roupão. Estava tremendo.

- Não conseguia dormir - ela disse, lentamente. -Tive um sonho...

- Entre. Vou buscar um chá - Manami calçou as sandálias e atravessou o pátio, correndo.

Andorinhas cortavam o ar, como setas. Kaede sentia o cheiro de fumaça dos fogões que se acendiam. Os cavalos relinchavam ao receber alimento. Ela ouvia a voz de Raku, tal como alguns momentos antes. O ar estava frio, mas ela sentia o aroma dos botões de flor. Seu coração suspirava de esperança. Não fora um sonho. Ele estava ali. Dentro de algumas horas, estariam juntos. Kaede não queria entrar. Queria ficar onde estava, lembrando seu olhar, seu toque, seu cheiro.

Manami voltou, trazendo uma bandeja com o chá e as xícaras. Repreendeu Kaede novamente e a fez voltar para o quarto. Shizuka estava se vestindo. Olhou para Kaede e exclamou:

- A senhorita viu Takeo?

Kaede não respondeu de imediato. Pegou uma xícara de chá das mãos de Manami e o tomou lentamente. Sabia que precisava ter cuidado com o que diria. Shizuka era da Tribo, que condenara Takeo à morte. Garantira a Takeo que Shizuka não o prejudicaria, mas como poderia ter certeza disso? No entanto, não conseguiu controlar sua expressão, não pôde deixar de sorrir, como se tivesse deixado cair a máscara.

- Vou até o templo - ela disse. - Preciso me arrumar. Manami irá comigo. Agora vá, Shizuka, vá ver seus filhos e pode levar Kondo com você.

- Pensei que Kondo fosse com a senhorita até Inuyama - disse Shizuka.

- Mudei de idéia. Ele deve ir com você. E vocês dois devem ir agora, imediatamente.

- Suponho que sejam ordens de Takeo - disse Shizuka. - Não adianta querer fingir para mim. Sei que o viu.

- Disse-lhe que você não o prejudicaria - disse Kaede. - Não mesmo, não é?

Shizuka disse, bruscamente:

- É melhor não perguntar. Se eu não o vir, não poderei prejudicá-lo. Mas quanto tempo pretende ficar no templo? Não se esqueça de que Arai está à sua espera em Inuyama.

- Não sei. Tudo depende de Takeo - Kaede não conseguiu deixar de dizer: - Ele disse que precisamos nos casar. Precisamos, vamos nos casar.

- Não deve fazer nada antes de encontrar Arai - disse Shizuka, afobada. - Será um insulto a senhorita se casar sem a aprovação dele. Certamente ficará ofendido. Não deve incitar sua inimizade. É seu mais forte aliado. E o Senhor Fujiwara? Está praticamente noiva dele. Irá ofendê-lo também?

- Não posso me casar com Fujiwara! - Kaede exclamou. - Ele sabe, como todo o mundo, que só posso me casar com Takeo. Levo a morte a todos os outros homens. No entanto, sou a vida de Takeo e ele é a minha.

- O mundo não funciona assim - disse Shizuka. - Lembre-se de que a Senhora Maruyama lhe falou do quanto é fácil esses senhores e guerreiros esmagarem uma mulher quando acham que seu poder sobre ela está sendo contestado. Fujiwara espera casar-se com a senhorita e já deve ter consultado Arai. É um acordo ao qual Arai só pode ser favorável. Além disso, Takeo tem a Tribo toda contra ele e não conseguirá sobreviver. Não me olhe dessa maneira, pois me aflige machucá-la. É porque me preocupo tanto com a senhorita que preciso lhe dizer isso. Posso até jurar que nunca irei prejudicá-lo, no entanto isso não faz nenhuma diferença. Há centenas de outros que tentarão atingi-lo. Cedo ou tarde um deles conseguirá. Ninguém escapa da Tribo para sempre. Deve aceitar que esse é o destino dele. O que a senhorita fará depois que ele morrer, se tiver insultado todos os que tomam seu partido? Não restará esperança de obter Maruyama e perderá Shirakawa. Suas irmãs também estarão arruinadas. Arai é seu chefe. Precisa ir a Inuyama e aceitar a decisão dele sobre seu casamento. Caso contrário, provocará sua fúria. Acredite. Sei como funciona a mente dele.

- Arai pode impedir a chegada da primavera? - replicou Kaede.
- Pode ordenar que não haja degelo?

- Todos os homens gostam de acreditar que são capazes disso. As mulheres conseguem vencer aceitando essa crença, não se opondo a ela.

- O Senhor Arai aprenderá de maneira diferente - disse Kaede, em voz baixa. - Apronte-se. Você e Kondo deverão partir em menos de uma hora.

E ela virou as costas. Seu coração batia furiosamente, a ansiedade subia-lhe pelo ventre, pelo peito, pela garganta. Não conseguia pensar em nada que não fosse seu encontro com ele. A visão de Takeo, sua proximidade voltaram a despertar a febre de Kaede.

- Está louca - disse Shizuka. - A senhorita perdeu a razão. Está lançando uma catástrofe sobre si mesma e toda a sua família.

Como que para confirmar os temores de Shizuka, ouviu-se um súbito estrondo. A casa gemeu, as janelas e portas estalaram, os sinos de vento tocavam furiosamente, como se houvesse um terremoto.

10.

Assim que a neve começou a derreter e chegou o degelo, espalhou-se como água corrente a notícia de que eu estava em Terayama e desafiaria os Senhores Otori a me entregar minha herança. E, como água corrente, primeiro aos pingos, depois numa torrente, os guerreiros foram chegando ao templo da montanha. Alguns vinham sem chefe, mas em sua maioria eram Otoris que reconheciam minha legitimidade como herdeiro de Shigeru. Minha história já se transformara em lenda e eu parecia ter-me tornado um herói, não apenas para os jovens da classe guerreira como também para os lavradores e aldeões do domínio Otori, que haviam chegado a uma condição desesperadora depois do inverno rigoroso, do aumento das taxas e das leis cada vez mais duras impostas por Shoichi e Masahiro, tios de Shigeru.

O ar se enchia com os sons da primavera. Os salgueiros vestiam sua folhagem verde-dourada. Andorinhas cruzavam o céu

sobre os campos ondulantes e construía seus ninhos sob os beirais dos telhados do templo. A cada noite o ruído das rãs aumentava, desde o chamado alto das rãs do rio, o estalido das pererecas e o tilintar da rã-sininho. As flores desabrochavam desordenadas ao longo dos canais, entre agriões, copos-de-leite e ervilhacas rosadas. Garças, cegonhas, íbis e groux voltavam aos rios e laguinhos.

O abade, Matsuda Shingen, colocou à minha disposição a considerável riqueza do templo, e com sua ajuda passei as primeiras semanas da primavera organizando os homens que chegavam, dando-lhes equipamentos e armas. Ferreiros e armeiros vinham de Yamagata e outras cidades e estabeleciam suas oficinas ao pé da montanha sagrada. Todos os dias chegavam comerciantes de cavalos, na esperança de fazer uma boa venda, e geralmente faziam, pois eu comprava todos os cavalos que podia. Independentemente da quantidade de homens que eu tivesse e de estarem bem armados ou não, minha principal arma eram a velocidade e a surpresa. Não tinha tempo nem recursos para reunir um imenso exército de soldados a pé, como Arai. Precisava me apoiar num grupo de homens a cavalo, pequeno mas veloz.

Entre os primeiros a chegar estavam os irmãos Miyoshi, Kahei e Gamba, com quem eu treinara em Hagi. Aqueles dias, em que lutávamos com espadas de madeira, pareciam agora incrivelmente distantes. O surgimento deles significou muito para mim, muito mais do que imaginavam ao se ajoelharem e pedirem que os aceitasse para lutar a meu lado. Significava que os melhores dos Otori não

havam esquecido Shigeru. Trouxeram com eles trinta homens e, igualmente bem-vindas, notícias de Hagi.

- Shoichi e Masahiro ficaram sabendo de seu retorno - disse-me Kahei. Era muitos anos mais velho do que eu e tinha alguma experiência em guerra, pois já lutara em Yaegahara aos quatorze anos. - Porém não o levaram muito a sério. Acreditam que basta uma rápida escaramuça para afugentá-lo - ele sorriu: - Não quero insultá-lo, mas eles têm a impressão de que é um fracote.

- Eles só me viram assim - repliquei. Lembrei-me do homem de Iida, Abe, que pensara o mesmo e aprendera uma lição por meio de Jato. - De certa forma têm razão. É verdade que sou jovem e só conheço a guerra na teoria, não na prática. No entanto, o direito está do meu lado e estou cumprindo a vontade de Shigeru.

- Dizem que o senhor tem um toque divino - disse Gemba -, que tem poderes que não são deste mundo.

- Nós é que sabemos! - disse Kahei. - Lembra-se da luta com Yoshitomi? No entanto, ele considerava que esses poderes fossem diabólicos, não divinos.

Eu havia lutado esgrima com o filho de Masahiro com espadas de madeira. Ele era melhor esgrimista, mas eu tinha outras habilidades consideradas fraudulentas e usei-as para evitar que me matasse.

- Eles tomaram minha casa e minhas terras? - perguntei. - Ouvi dizer que tinham essa intenção.

- Ainda não, principalmente porque nosso velho professor, Ichiro, recusou-se a entregá-las. Deixou claro que não o faria sem lutar. Os senhores relutaram em iniciar uma rixa com ele e os homens de Shigeru, agora seus, que restaram.

Fiquei aliviado em saber que Ichiro ainda estava vivo. Minha esperança era que ele partisse logo e fosse para o templo, onde eu

poderia protegê-lo. Desde o degelo, eu o aguardava diariamente.

- Eles também não têm certeza quanto aos aldeões - Gamba acrescentou. - Não querem provocar ninguém. Têm medo de uma rebelião.

- Sempre preferiram tramar em segredo - eu disse.

- Chamam isso de negociações - Kahei disse, com secura. - Tentaram negociar com você?

- Não ouvi nada sobre eles. Além disso, não há o que negociar. Foram responsáveis pela morte de Shigeru. Tentaram matá-lo em sua própria casa e, como não conseguiram, entregaram-no para Iida. Não posso fazer nenhum acordo com eles, mesmo que ofereçam.

- Qual será sua estratégia? - perguntou Kahei, apertando os olhos.

- Não há como eu possa atacar os Otori em Hagi. Precisaria de muito mais recursos do que tenho. Estou pensando em me aproximar de Arai... mas não farei nada enquanto Ichiro não chegar aqui. Ele disse que viria assim que a estrada estivesse desbloqueada.

- Deixe-nos ir a Inuyama - disse Kahei. - A irmã de nossa mãe é casada com um vassalo de Arai. Poderemos saber se o inverno mudou a atitude de Arai com relação a você.

- Deixarei vocês irem no momento certo - prometi, satisfeito por ter uma maneira indireta de me aproximar de Arai. Não disse a eles, nem a ninguém, o que eu já havia decidido: iria primeiro ter com Kaede, onde quer que ela estivesse, para nos casarmos e depois tomarmos juntos as terras de Shirakawa e Maruyama, se ela ainda me quisesse, se ainda não estivesse casada...

A cada dia de primavera minha inquietação aumentava. O tempo estava instável, um dia era de sol, o outro de ventos gelados. As ameixeiras floriram numa tempestade de granizo. Mesmo quando os botões de cerejeira começaram a se inchar, ainda fazia frio. A vida disciplinada do inverno que terminava deixara-me mais em forma do que nunca, física e mentalmente. As aulas de Matsuda, sua afeição infalível por mim, o conhecimento de meu sangue Otori me deram autoconfiança. Sentia-me menos dominado por minha natureza dividida, menos perturbado por conflitos de lealdade. Não dava demonstrações da agitação que me atormentava. Estava aprendendo a não mostrar nada aos outros. À noite, porém, meu pensamento voltava-se para Kaede e meu desejo aumentava. Tinha saudade dela, temendo que se tivesse casado com outro e que eu a tivesse perdido para sempre. Quando não conseguia dormir, levantava-me e saía do templo para explorar as redondezas, às vezes chegando até Yamagata. Os momentos de meditação, estudo e treinamento haviam aprimorado minhas habilidades e eu não temia ser detectado.

Makoto e eu nos encontrávamos todos os dias para estudar juntos, mas por um acordo tácito não tocávamos um no outro. Nossa amizade se deslocara para outro plano, e eu sentia que perduraria para sempre. Eu também não dormia com mulher nenhuma. A entrada de estranhos no templo era proibida, o medo de ser assassinado mantinha-me afastado dos bordéis e eu não queria engravidar mais ninguém. Muitas vezes pensava em Yuki. Não consegui evitar passar na frente da casa de seus pais numa noite

sem lua, no fim do segundo mês. As flores brancas da ameixeira brilhavam na escuridão; no interior não havia luz, apenas um guarda no portão. Eu ouvira dizer que os homens de Arai tinham pilhado a casa no outono. Agora parecia estar deserta. Até o cheiro da soja fermentada havia desaparecido.

Pensei em nosso filho. Tinha certeza de que era um menino, educado pela Tribo para me odiar e provavelmente destinado a cumprir a profecia da mulher cega. Conhecer o futuro não significava que eu pudesse lhe escapar: fazia parte da amarga tristeza da vida humana.

Perguntava a mim mesmo onde estaria Yuki: talvez em algum povoado distante e secreto ao norte de Matsue, e com freqüência pensava em seu pai, Kenji. Provavelmente não estava longe, em algum povoado Muto das montanhas, sem saber que a rede secreta dos esconderijos da Tribo me fora revelada pelos registros que Shigeru deixara e que eu decorara durante o inverno. Ainda não tinha certeza sobre o que fazer com aqueles conhecimentos, se tiraria vantagem deles para comprar o perdão e a amizade de Arai ou se os usaria para erradicar a organização secreta que me condenara à morte.

Havia muito tempo Kenji jurara me proteger enquanto eu vivesse. Eu encarava essa promessa como parte de sua natureza desonesta e não lhe perdoara a participação na traição a Shigeru. Mas também sabia que sem ele não teria sido capaz de cumprir a obra de vingança e não podia esquecer que aquela noite ele me acompanhara até o castelo. Se eu pudesse escolher a ajuda de alguém, seria a dele, porém não achava que ele fosse contrariar as regras da Tribo. Se nos encontrássemos, seria como inimigos, um tentando matar o outro.

Certa vez, ao voltar para casa ao amanhecer, ouvi um animal ofegar ruidosamente e surpreendi um lobo no caminho. Ele me farejava mas não conseguia me enxergar. Aproximei-me a ponto de ver os pêlos avermelhados e brilhantes atrás de suas orelhas, a ponto de sentir o cheiro de sua respiração. Ele rosnou de medo, recuou, se virou e embrenhou-se no mato. Ouvi-o parar e farejar de novo; seu olfato era tão aguçado quanto minha audição. Os mundos de nossos sentidos se sobrepunham, o meu dominado pelo ouvido, o dele pelo faro. Perguntei a mim mesmo como seria entrar no reino selvagem e solitário do lobo. Na Tribo, chamavam-me de Cão, porém eu preferia pensar em mim como sendo aquele lobo, que não pertencia a ninguém.

Então a manhã clareou e eu vi meu cavalo, Raku. Era o final do terceiro mês, quando as cerejeiras estavam prestes a florescer. O céu brilhava, eu ia subindo a encosta íngreme de olho nos picos das montanhas, ainda cobertos de neve, tornando-se rosados sob o sol.

Vi os cavalos desconhecidos, amarrados do lado de fora da estalagem. Ninguém parecia estar acordado, mas ouvi uma porta correr do outro lado do pátio. Meu olhar passou sobre os cavalos, como sempre, e na mesma hora reconheci a pelagem cinzenta e a crina preta de Raku. O cavalo virou a cabeça, me viu e relinchou de felicidade.

Ele fora meu presente para Kaede. Fora o único bem que me restara depois da queda de Inuyama. Será que ela o tinha vendido ou dado para alguém? Ou será que ele a levava até ali para mim?

Entre o estábulo e os quartos dos hóspedes da estalagem havia um pequeno pátio, com pinheiros e lanternas de pedra. Entrei nele. Sabia que alguém havia acordado, ouvia uma respiração por trás da porta. Caminhei até a varanda, ansioso para saber se era ela e, ao mesmo tempo, certo de que no momento seguinte a veria.

Estava mais bonita ainda do que eu lembrava. A doença a tornara mais magra e frágil, mas destacara-lhe a beleza dos ossos, a esbeltez dos pulsos e do pescoço. As batidas do meu coração silenciaram o mundo à minha volta. Então, percebendo que estaríamos sozinhos por alguns momentos, antes que a estalagem despertasse, fui ajoelhar-me diante dela.

Logo ouvi as mulheres acordar dentro do quarto. Tornei-me invisível e fui embora. Kaede sufocou um grito de pavor e lembrei-me de que ainda não lhe falara sobre minhas habilidades da Tribo. Tínhamos muita coisa a dizer um ao outro. Será que algum dia teríamos tempo suficiente? Os sinos de vento tocaram quando passei debaixo deles. Vi meu cavalo me procurando, mas ele não me viu. Então readquirit minha forma. Voltei a subir a montanha, cheio de energia e júbilo, como se eu tivesse tomado alguma poção mágica. Kaede estava ali. Não tinha se casado. Seria minha.

Como fazia todos os dias, fui até o cemitério e ajoelhei-me diante do túmulo de Shigeru. Era cedo, o lugar estava deserto e a claridade era tênue sob os cedros, que recebiam o sol em seus cumes. Do outro lado do vale, a neblina pairava ao longo das encostas, de modo que os picos pareciam flutuar em vapor.

A cascata mantinha seu murmúrio contínuo, ecoado pelo gotejar mais leve da água que escorria pelas bicas e canos para dentro dos laguinhas e tanques do jardim. Eu ouvia as preces dos monges, o sobe-e-desce dos sutras, o súbito repicar de um sino. Senti-me feliz por Shigeru estar morando naquele lugar cheio de paz. Falei com seu espírito, pedindo-lhe que sua força e sabedoria se transmitissem para mim. Falei-lhe, o que sem dúvida ele sabia, que

iria cumprir os últimos pedidos que me fizera. E, antes de tudo, iria me casar com Shirakawa Kaede.

De repente, senti um súbito abalo, como se a terra estivesse tremendo. Fui tomado pela certeza de que estava fazendo a coisa certa e por uma sensação de urgência. Precisávamos nos casar imediatamente.

Uma mudança do som da água me fez voltar a cabeça. No lago maior, as carpas se agitavam e rodopiavam perto da superfície da água, num emaranhado cintilante de vermelho e dourado. Makoto as alimentava, observando-as com expressão calma e serena.

Meus olhos se encheram de vermelho e dourado, as cores da sorte, as cores do casamento.

Ele me viu e gritou:

- Onde estava? Perdeu o café da manhã.

- Vou comer mais tarde - levantei-me e caminhei até ele. Não podia conter meu entusiasmo. - A Senhorita Shirakawa está aqui. Pode ir a seu encontro com Kahei, para escoltá-la até o alojamento das mulheres?

Ele jogou o resto da comida na água.

- Vou falar com Kahei. Prefiro não ir. Não quero lembrar a ela o sofrimento que lhe causei.

- Talvez você tenha razão. Fale com Kahei, então. Peça que a traga até aqui antes do meio-dia.

- Por que ela está aqui? - perguntou Makoto, olhando-me de soslaio.

- Veio em peregrinação, para agradecer seu restabelecimento. Mas, agora que está aqui, pretendo casar-me com ela.

- Assim, sem mais nem menos? - ele deu um riso forçado.

- Por que não?

- Minha experiência em casamentos é muito limitada, no entanto acho que no caso de grandes famílias, como os Shirakawa ou, no caso, os Otori, é preciso ter um consentimento, os senhores do clã devem concordar.

- Sou o senhor do meu clã e dou meu consentimento - repliquei depressa, sentindo que ele estava levantando problemas desnecessários.

- Seu caso é um pouco diferente. Mas a quem obedece a Senhorita Shirakawa? Talvez a família tenha outros planos para ela.

- Ela não tem família - eu percebia que sua raiva começava a fervilhar.

- Não seja louco, Takeo. Todo o mundo tem família, principalmente moças solteiras que são herdeiras de grandes domínios.

- Tenho direito legal e dever moral de me casar com ela, uma vez que foi noiva de meu pai adotivo - eu disse, elevando a voz. - Foi vontade expressa de Shigeru que eu assim fizesse.

- Não se zangue comigo - ele disse, depois de uma pausa. - Sei o que sente por ela. Só estou dizendo o que todos lhe dirão.

- Ela também me ama!

- Amor não tem nada a ver com casamento - ele balançou a cabeça, olhando-me como se eu fosse uma criança.

- Nada poderá me deter! Ela está aqui. Não a deixarei escapar de novo. Vamos nos casar esta semana.

O sino repicou no templo. Um dos monges mais velhos atravessou o jardim, lançando-nos um olhar reprovador. Durante nossa conversa, Makoto mantinha a voz baixa ao passo que eu falava alto e com veemência.

- Preciso ir à meditação - ele disse. - Talvez fosse bom você ir também. Antes de agir, pense no que vai fazer.

- Já estou decidido. Vá meditar! Falarei com Kahei e depois irei ter com o abade.

Já passara a hora em que eu costumava ir até o abade, todas as manhãs, para duas horas de esgrima. Corri atrás dos irmãos Miyoshi e alcancei-os quando desciam a montanha, para ir conversar com um armeiro.

- A Senhorita Shirakawa? - perguntou Kahei. - Será que é seguro aproximar-se dela?

- Por que está dizendo isso? - indaguei.

- Não se ofenda, Takeo, mas todo o mundo sabe. Ela traz a morte aos homens.

- Basta desejá-la - acrescentou Gamba. E, lançando-me uma olhada, continuou: - É o que as pessoas dizem!

- E também dizem que é tão linda que, ao olhar para ela, é impossível deixar de desejá-la - Kahei estava sombrio. - Está nos mandando para a morte certa.

Meu humor não estava para ouvir bobagens, mas aquelas palavras tornaram ainda mais claro o quanto era essencial que nos casássemos. Kaede dissera que só estaria segura comigo, e então

entendi por quê. Só o casamento comigo a salvaria da maldição que pesava sobre ela. Sabia que para mim não representava perigo nenhum. Outros homens que a haviam desejado morreram, no entanto eu juntara meu corpo ao dela e estava vivo.

Não podia explicar tudo aquilo aos irmãos Miyoshi.

- Tragam-na até o alojamento das mulheres o mais rápido possível - eu disse, secamente. - Não deixem que nenhum de seus homens venha junto e façam com que Kondo Koichi e Muto Shizuka partam hoje mesmo. Uma acompanhante virá com ela. Tratem as duas com a maior cortesia. Digam-lhe que irei ao encontro dela por volta da hora do Macaco.

- Takeo é corajoso mesmo - Gemba resmungou.

- A Senhorita Shirakawa será minha esposa.

Os dois levaram um susto. Viram que eu estava falando sério e se calaram. Inclinarão-se numa reverência e saíram caminhando em silêncio rumo à casa da guarda, onde reuniram cinco ou seis homens. Depois de saírem pelo portão, zombaram de mim, sem se darem conta de que eu era capaz de ouvi-los, lembrando a fêmea do louva-a-deus que devora o macho. Pensei em ir atrás deles para lhes dar uma lição, mas já estava atrasado para o encontro com o abade.

Ouvindo suas risadas que se distanciavam montanha abaixo, corri para o galpão em que nossas sessões se realizavam. Ele já estava lá, envergando seus trajes de sacerdote. Eu ainda estava com a roupa rústica de minha escapada noturna, uma espécie de adaptação do uniforme preto da Tribo: calças até os joelhos, perneiras e botas macias, que serviam tanto para lutar esgrima como para escalar muros e correr sobre telhados.

Matsuda parecia não se deixar atrapalhar por suas saias longas e mangas largas. Geralmente eu terminava as sessões ofegante e suando em bicas. Ele continuava tranquilo e com a respiração inalterada, como se tivesse passado duas horas fazendo suas preces.

Ajoelhei-me diante dele, pedindo desculpas pelo atraso. Ele me examinou de alto a baixo, com expressão irônica, mas não disse nada, indicando o bastão de madeira com a cabeça.

Peguei-o do suporte. Era de cor escura, quase preta, mais longo do que Jato e muito mais pesado. Desde que eu começara aquele treinamento, meus pulsos e braços haviam se tornado mais fortes e flexíveis; e, finalmente, parecia superada a lesão que Akio provocara em minha mão direita, em Inuyama. De início, o bastão era como um cavalo teimoso, que mordia o freio desobedecendo ao meu comando. Aos poucos, eu aprendera a controlá-lo e acabara por manejá-lo com a mesma habilidade com que manejava os pauzinhos na hora da refeição.

Na prática, essa precisão era tão necessária quanto numa luta real, pois um movimento em falso poderia arrebentar um crânio ou um osso esterno. Não tínhamos homens em número suficiente para correr o risco de matar ou ferir uns aos outros no treinamento.

Uma onda de cansaço me invadiu quando ergui o bastão, em posição de desafio. Mal tinha dormido à noite e não havia comido nada desde o jantar do dia anterior. Então pensei em Kaede,

enxerguei seu vulto conforme a vira um pouco antes, sentada na varanda. A energia voltou a fluir em mim. Percebi naquela fração de segundo o quanto tinha necessidade dela. Kaede era minha vida, fazia com que me sentisse inteiro.

Geralmente eu não era páreo para Matsuda. Mas alguma coisa me transformara, captara todos os elementos do treino e os fundira num todo: um espírito firme e indestrutível brotou no centro de meu ser e fluiu para o braço que manejava o bastão. Pela primeira vez compreendi que era quarenta anos mais novo do que Matsuda. Enxerguei sua idade e sua vulnerabilidade. Vi que o tinha à minha mercê.

Detive meu ataque e deixei o bastão cair. Naquele momento seu bastão encontrou o espaço desprotegido, atingindo-me do lado do pescoço, com um golpe que me estonteou. Felizmente, ele não havia batido com toda a força.

Seu olhar, normalmente sereno, inflamava-se com verdadeira cólera.

- É para lhe dar uma lição - ele rosnou. - Primeiro, não se atrase; segundo, não deixe seu coração mole se manifestar na hora da luta.

Abri a boca para falar mas ele me interrompeu.

- Não discuta. Primeiro me faz acreditar que não estou perdendo tempo com o senhor, depois estraga tudo. Por quê? Espero que não seja porque sentiu pena de mim!

Balancei a cabeça. Ele suspirou.

- Não tente me enganar. Vi em seus olhos. Vi o menino que chegou aqui o ano passado e se comoveu com Sesshu. É isso que deseja ser? Um artista? Eu disse que nesse caso poderia voltar aqui para estudar e desenhar. É isso que deseja?

Pensei em não dizer nada, mas ele esperou até eu responder:

- Uma parte de mim talvez até queira, mas não agora. Primeiro tenho que cumprir as ordens de Shigeru.

- Tem certeza? Vai assumir esse compromisso de todo coração?

Percebi a profunda seriedade do seu tom de voz e respondi do mesmo modo:

- Vou, sim.

- Conduzirá muitos homens, alguns para a morte. Sente-se bastante seguro para isso? Se há uma fraqueza que tem, Takeo, é a de sentir pena demais. Um guerreiro precisa de muita crueza, muito sangue-frio. Muitos dos seus seguidores irão morrer, e o senhor mesmo matará muita gente. Uma vez que enveredar por esse caminho, será obrigado a segui-lo até o fim. Não poderá deter nenhum ataque nem deixar cair a guarda por sentir pena do adversário.

Senti-me corar.

- Não farei isso de novo. Não quis insultá-lo. Peço que me perdoe.

- Terá o meu perdão se conseguir repetir o mesmo movimento e levá-lo avante.

Ele assumiu a posição de desafio, com os olhos fixos nos meus. Não tive escrúpulos em encará-lo: Matsuda nunca sucumbira ao

sono Kikuta e eu nunca tentara impô-lo a ele. Tampouco usei intencionalmente a invisibilidade ou o segundo eu, embora às vezes, no calor da luta, eu sentisse minha imagem começar a se esvaír.

Seu bastão se movia como um fecho de luz no ar. Então deixei de pensar em outra coisa que não fossem o adversário que tinha à frente, a investida do bastão e o chão debaixo de nossos pés, o espaço à nossa volta, que preenchíamos quase como numa dança.

Ao terminarmos, até Matsuda estava levemente corado, talvez por causa do clima de primavera. Enquanto enxugávamos o suor do rosto com umas toalhas trazidas por Norio, ele disse:

- Nunca pensei que fosse tornar-se um espadachim, mas saiu-se melhor do que eu esperava. Quando se concentra, não é ruim, de modo nenhum.

Fiquei sem fala diante daquele elogio. Ele riu:

- Não deixe que isso lhe suba à cabeça. Quero encontrá-lo de novo no fim da tarde. Espero que tenha preparado suas lições sobre estratégia.

- Sim, senhor, mas há outra coisa sobre a qual desejo lhe falar.

- Algo que tem a ver com a Senhorita Shirakawa?

- Como sabe?

- Já ouvi dizer que ela está a caminho do templo. Foram tomadas providências para que ficasse no alojamento de hóspedes das mulheres. É uma grande honra para nós. Mais tarde irei ter com ela.

Tudo foi dito como se se tratasse de uma conversa casual sobre uma hóspede comum, no entanto eu conhecia Matsuda e sabia que ele não fazia nada por acaso.

Temia que fizesse as mesmas objeções que Makoto ao meu casamento com Kaede, mas cedo ou tarde teria que lhe falar sobre minhas intenções. Tudo isso me passou pela cabeça num lampejo, então me ocorreu que, se era preciso ter a permissão de alguém, deveria ser a dele. Ajoelhei-me e disse:

- Quero me casar com a Senhorita Shirakawa. Pode me dar sua aprovação e, também, a permissão para que a cerimônia se realize aqui?

- Foi por isso que ela veio até aqui? Veio com a permissão de sua família ou de seu clã?

- Não, ela veio por outra razão: para agradecer por ter se restabelecido de sua doença. Mas uma das últimas ordens que recebi do Senhor Shigeru foi a de que me casasse com ela, e agora o destino parece tê-la trazido para mim... - percebi um tom de súplica em minha voz.

O abade também o sentiu.

- Para o senhor não haverá problema, Takeo. É a coisa certa a fazer. Para ela, no entanto, casar-se sem a aprovação do clã, do Senhor Arai... Seja paciente, obtenha antes sua permissão. O ano passado ele estava a favor do casamento. Há todas as razões para imaginar que ainda esteja.

- Posso ser morto a qualquer momento! - exclamei. - Não tenho tempo para ser paciente! E há outra pessoa que deseja casar-se com ela.

- Eles estão noivos?

- Nada foi oficializado, mas pelo visto ele está esperando que aconteça. É um nobre, seu território faz fronteira com o dela.

- Fujiwara - disse Matsuda.

- Conhece-o?

- Sei quem ele é. Todo o mundo sabe, a não ser os mal informados, como o senhor. É uma aliança muito conveniente. Os territórios se unirão, o filho de Fujiwara herdará os dois e, o que é mais importante, como Fujiwara certamente logo voltará à capital, Arai terá um amigo na corte.

- Não terá, não, pois ela não se casará com Fujiwara. Vai se casar comigo, antes do fim da semana.

- Os dois acabarão com o senhor - seus olhos me fixaram.

- Não, se Arai achar que posso ajudá-lo a destruir a Tribo. E, quando nos casarmos, nos mudaremos imediatamente para Maruyama. A Senhorita Shirakawa é a herdeira legal daquele domínio, assim como do domínio de seu pai. Isso me dará os recursos para desafiar os Otori.

- Como estratégia, nada mal - ele disse. - No entanto, há riscos graves: talvez se oponha frontalmente a Arai. Acho que seria melhor colocar-se a serviço dele durante algum tempo, para aprender a arte da guerra. E não queira ser inimigo de um homem como Fujiwara. Essa ousadia poderia destruir totalmente suas esperanças. Não quero que isso aconteça. Quero ver cumpridos todos os desejos de Shigeru. Vale a pena arriscar?

- Nada impedirá que eu me case com ela - eu disse, em voz baixa.

- Está apaixonado por ela. Não deixe que isso afete seu juízo.

- É mais do que paixão. Ela é minha vida, eu sou a dela.

Ele suspirou.

- Numa certa idade, todos nós pensamos isso a respeito de uma ou outra mulher. Acredite-me, não é duradouro.

- O Senhor Shigeru e a Senhora Maruyama amaram-se profundamente durante anos - eu disse.

- É, bem, pode ser alguma loucura do sangue Otori - ele retrucou, mas sua expressão se suavizou e seu olhar tornou-se contemplativo. - É verdade - disse, finalmente. - O amor deles durou, e iluminou todos os planos e esperanças que tinham. Se tivessem se casado e realizado a aliança que sonhavam, entre o País Central e o oeste, quem sabe o que não teriam conseguido? - ele me deu um tapinha no ombro. - É como se os espíritos deles buscassem uma segunda chance no senhor e na Senhorita Shirakawa. E, isso é inegável, fazer de Maruyama a sua base tem sentido. Por essa razão, tanto quanto em nome dos mortos, concordo com esse casamento. Podem dar início aos preparativos.

- Nunca assisti a esse tipo de núpcias - confessei, depois de me inclinar até o chão, em sinal de gratidão. -O que é preciso fazer?

- A mulher que veio com ela deve saber. Pergunte a ela. Espero que eu não esteja cometendo uma caduquice - acrescentou, antes de me dispensar.

Era quase hora do almoço. Fui me lavar e trocar de roupa. Vesti outra túnica de seda, com o emblema dos Otori nas costas, que me deram quando cheguei a Terayama depois da longa caminhada pela neve. Comi distraído, quase não sentindo o sabor da comida, o tempo todo com os ouvidos atentos à chegada dela.

Finalmente ouvi lá fora a voz de Kahei. Chamei-o e ele entrou no refeitório.

- A Senhorita Kaede está no alojamento de hóspedes - ele disse. - Mais cinquenta homens chegaram de Hagi. Vamos alojá-los no povoado. Gamba está tomando as providências.

- Vou vê-los à noite - eu disse, com o coração exaltado pelas duas notícias.

Deixei-o comendo e fui para meu quarto, onde ajoelhei perto da escrivaninha e peguei os rolos de papel que o abade ordenara que eu lesse. Achei que fosse morrer de impaciência antes de rever

Kaede, mas aos poucos fui me concentrando na arte da guerra: os relatos de batalhas ganhas e perdidas, de estratégias e táticas, o papel desempenhado pelo Céu e pela Terra. O problema que ele me colocara era o de como tomar a cidade de Yamagata. Na época, achávamos que essa seria nossa primeira ação na campanha que estava por vir. Certamente seria uma ação bem recebida pelos habitantes da cidade e pelos lavradores das redondezas. Minha única preocupação era que isso me colocaria em conflito imediato com o clã dos Otori e com Shoichi e Masahiro, antes de ter a força suficiente para derrotá-los definitivamente.

Eu conhecia bem a cidade, havia explorado todas as ruas e subido ao castelo. E conhecia as terras dos arredores, suas montanhas, vales, colinas e rios. Minha principal dificuldade era ter tão poucos homens sob meu comando: mil, no máximo. Yamagata era uma cidade próspera, no entanto o inverno atingira duramente a todos. Se eu atacasse no início da primavera, será que o castelo resistiria a um cerco prolongado? Será que a diplomacia poderia resultar numa rendição se a força não a conseguisse? Que vantagens eu tinha sobre os defensores?

Enquanto refletia sobre esses problemas, meus pensamentos voltaram-se para Jo-An, o pária. Eu dissera que mandaria chamá-lo na primavera, mas não tinha certeza de querê-lo. Nunca me esqueceria da fome, do ardor que se viam em seus olhos, nos olhos do barqueiro e dos outros párias. "Agora ele é seu homem", dissera Jo-An sobre o barqueiro. "Tal como todos nós." Será que poderia

juntar párias ao meu exército, ou os lavradores que vinham diariamente fazer suas preces e trazer oferendas ao túmulo de Shigeru? Não tinha dúvida de que poderia contar com aqueles homens, se os quisesse. No entanto, será que era isso que a classe dos guerreiros fazia? Nunca lera sobre batalhas em que lutassem lavradores. Geralmente, mantinham-se afastados dos combates, odiando os dois lados da mesma forma e, depois, despojando os mortos imparcialmente.

Como freqüentemente acontecia, o rosto do lavrador que eu assassinara em sua plantação secreta nas montanhas atrás de Matsue flutuava diante do olho de minha mente. Ouvi sua voz chamar de novo: "Senhor Shigeru!" Mais do que tudo, eu queria que seu fantasma descansasse. Mas ele também me trouxe à mente a coragem e determinação de seus companheiros, naquele momento desperdiçados. Se os utilizasse, será que ele deixaria de me assombrar?

Os lavradores das terras dos Otori, tanto nas que havia em torno de Hagi como nas que foram cedidas aos Tohan, inclusive Yamagata, adoravam Shigeru. Depois de sua morte, todos se encheram de revolta. Eu acreditava que também me apoiariam, no entanto temia que, se os utilizasse, a lealdade de meus guerreiros se enfraquecesse.

Voltando ao problema teórico de Yamagata: se conseguisse me livrar do comandante interino que Arai colocara no castelo, aumentaria a possibilidade de rendê-lo sem um cerco muito longo. Eu precisava de um assassino em quem pudesse confiar. A Tribo admitira que só eu teria sido capaz de escalar o castelo de Yamagata e entrar sozinho, no entanto não me parecia um bom esquema a ser adotado pelo comandante-em-chefe. Meus pensamentos começaram a vagar um pouco e lembrei-me de que mal havia dormido a noite anterior. Perguntei-me se seria capaz de treinar moças e rapazes da maneira como a Tribo os treinava. Por mais que não tivessem habilidades inatas, muita coisa dependia apenas de aprendizado. Percebia as vantagens de uma rede de espionagem. Talvez houvesse membros desafetos da Tribo que pudessem ser persuadidos a servir a mim. Naquele momento, afastei a idéia, mas ela me voltaria.

À medida que o dia esquentava, o tempo demorava ainda mais a passar. Moscas, despertadas de seu sono de inverno, zumbiam contra as janelas. Ouvi o primeiro passarinho cantar na floresta, o bater das asas das andorinhas e seus bicos que se fechavam abocanhando os insetos. Os sons do templo murmuravam à minha volta: passos, o farfalhar das túnicas, a ondulação dos cantos, o súbito soar de um sino.

Uma leve brisa soprava do sul, trazendo a fragrância da primavera. Em uma semana Kaede e eu estaríamos casados. A vida

parecia despertar ao meu redor, envolvendo-me em seu vigor e energia. Eu continuava ajoelhado, absorto no estudo da guerra.

Aquela noite, quando Kaede e eu nos encontramos, não falamos em amor, mas em estratégia. Não precisávamos falar em amor; logo estaríamos casados, seríamos marido e mulher. No entanto, se quiséssemos viver bastante tempo para ter filhos, precisávamos agir depressa para consolidar nosso poder.

Minha intuição fora correta, quando Makoto me dissera pela primeira vez que ela estava organizando um exército, que Kaede seria uma ótima aliada. Ela concordou que deveríamos seguir direto para Maruyama. Falou-me de seu encontro com Sugita Haruki, no outono. Ele esperava notícias suas e ela sugeriu mandar algum de seus homens até lá para avisá-lo de nossas intenções. Concordei, e achei que Gemba, o mais novo dos irmãos Miyoshi, poderia ir com eles. Não mandamos recado a Inuyama: quanto menos Arai soubesse de nossos planos, melhor seria.

- Shizuka disse que nosso casamento o deixará furioso - disse Kaede.

Eu imaginava que fosse isso mesmo. Deveríamos ter tido paciência, para saber melhor. Talvez se tivéssemos nos aproximado de Arai pelos canais corretos, pela tia de Kahei ou por Sugita, ele tivesse se colocado a nosso favor. No entanto, nós dois estávamos tomados por uma sensação desesperada de urgência, conscientes do quanto nossa vida poderia ser breve. Assim, casamo-nos alguns dias depois, diante do santuário, à sombra das árvores que rodeavam o túmulo de Shigeru, de acordo com sua vontade mas contrariando todas as normas de nossa classe. Talvez eu possa dizer em nossa defesa que nenhum de nós tivera uma educação típica. Ambos tínhamos escapado, por diferentes razões, ao treinamento rígido de obediência da maioria dos filhos de guerreiros. Isso nos deu liberdade de agir conforme nossa vontade, porém os mais velhos de nossa classe nos fariam pagar por isso.

O clima continuava quente, sob o vento sul. No dia do nosso casamento, os botões das flores de cerejeira tinham desabrochado, numa profusão de cor-de-rosa e branco. Amano Tenzo falou por Kaede, como seu parente mais próximo. Ao ser conduzida pelas moças do santuário, com os trajes em vermelho e branco que Manami arranjara para ela, estava linda como se fosse um ser sagrado. Denominei a mim mesmo Otori Takeo e falei em Shigeru e no clã Otori como sendo meus ancestrais. Trocamos as taças de vinho rituais, três vezes por três, e quando os ramos sagrados foram oferecidos uma súbita lufada de vento soprou sobre nós uma tempestade de pétalas brancas como neve.

Talvez fosse como que um presságio, mas aquela noite, depois do banquete e das celebrações, quando finalmente nos vimos sozinhos, não havia lugar para pensarmos em presságios. Em Inuyama, tínhamos feito amor numa espécie de furor desesperado, esperando morrer antes do amanhecer. Mas agora, na segurança de Terayama, tínhamos tempo para explorar o corpo um do outro, de dar e receber prazer lentamente. Além do mais, Yuki havia me ensinado algo mais sobre a arte do amor.

Falamos de nossas vidas depois de nos termos separado, principalmente sobre nosso filho. Pensamos em sua alma, lançada novamente no ciclo de nascimento e morte, e rezamos por ela. Falei a Kaede sobre minha visita a Hagi e minha caminhada pela neve. Não lhe contei sobre Yuki e ela também guardou alguns segredos, pois, embora tenha falado um pouco do Senhor Fujiwara, não entrou em detalhes sobre o pacto que fizeram. Eu sabia que ele lhe dera grande quantidade de dinheiro e alimentos, e isso me preocupava, pois fazia-me acreditar que ele visava ao casamento mais do que ela. Senti um leve calafrio, que pode ter sido uma premonição, mas afastei aquele pensamento, pois não queria que nada estragasse minha alegria.

Acordei perto do amanhecer, com ela dormindo em meus braços. Sua pele era branca, sedosa, quente e viçosa ao mesmo tempo. Seu cabelo, tão comprido e denso que nos cobria como um manto, cheirava a jasmim. Ela me fazia lembrar a flor do alto da montanha, completamente fora de meu alcance; no entanto ela estava ali, era minha. O mundo não se movia, no silêncio da noite, quando me veio a consciência. O fundo dos olhos me ardia e as lágrimas brotaram. O céu era bondoso. Os deuses me amavam. Tinham me dado Kaede.

Por alguns dias, o céu continuou a nos sorrir, dando-nos um clima suave de primavera, dias ensolarados. Todos no templo pareciam alegrar-se por nós, desde Manami, que sorria com deleite ao nos levar o chá na primeira manhã, até o abade, que resumia minhas lições, zombando de mim implacavelmente quando me pegava bocejando. Muita gente subia a montanha para nos levar presentes e desejar felicidade, exatamente como teriam feito as pessoas de Mino.

Só Makoto destoava.

- Aproveite bem sua felicidade - ele dizia. - Estou feliz por vocês, acredite, mas temo que não vá durar.

Eu sabia disso. Tinha aprendido com Shigeru. "A morte vem de repente, e a vida é frágil e curta", ele me dissera, um dia depois de me salvar em Mino. "Ninguém pode alterar isso, nem com orações nem com encantamentos." Era a fragilidade da vida que a tornava tão preciosa. Nossa felicidade era tão maior quanto mais profunda nossa consciência do quanto ela podia ser breve.

As flores de cerejeira já estavam caindo, os dias se alongavam à medida que mudávamos de estação. O inverno de preparativos terminara: a primavera dava lugar ao verão, e o verão era a estação da guerra. Tínhamos cinco batalhas pela frente, quatro para vencer, uma para perder.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Asialink Foundation e a todos os meus amigos no Japão e na Austrália que me ajudaram nas pesquisas e na redação de *A saga Otori*.

Em *A relva por travesseiro*, quero agradecer especialmente à sra. Sugiyama Kazuko sua caligrafia e a Simon Higgins as consultas sobre artes marciais.